COLLECTION: RATT • BACKGROUND: GOLPE DE ESTADO (PARTE 1)

ROADIE CREW

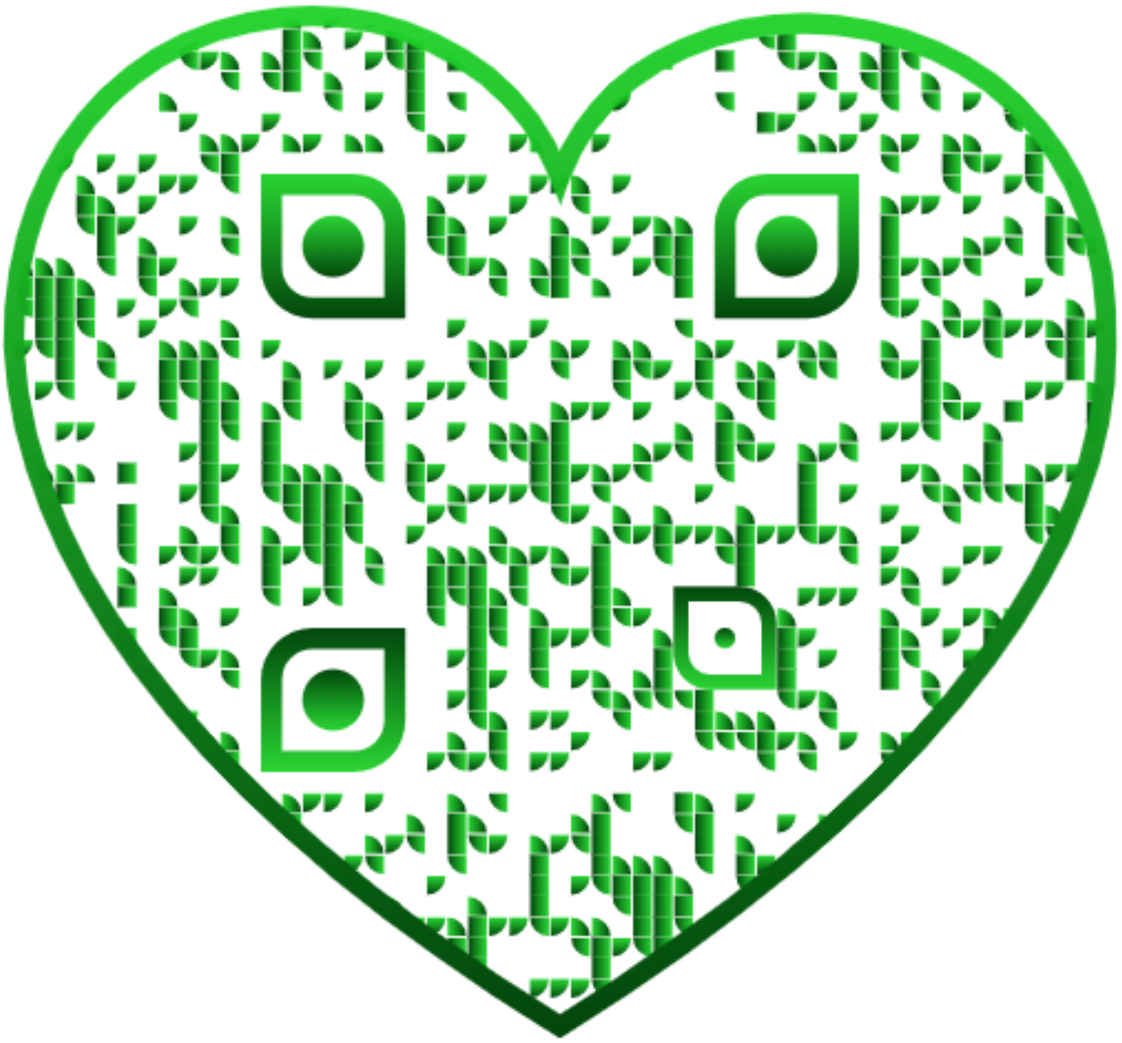
Heavy Me & Classic Rock

KISS CREATURES OF THE NIGHT REVENGE

AS HISTÓRIAS DE DOIS CLÁSSICOS ANIVERSARIANTES

ENTREVISTAS:

DEEP PURPLE • DEATH ANGEL • MARILLION • AMORPHIS • JOE SATRIANI • TARJA
SONATA ARCTICA • UNLEASHED • ANGELUS APATRIDA • THE MIST • POWER PALADIAN
BULLET FOR MY VALENTINE • WHILE SHE SLEEPS • CRIPPLED BLACK PHOENIX



BLACK PANTERA

AS(ENSÃO

O NOVO ÁLBUM

INCLUINDO

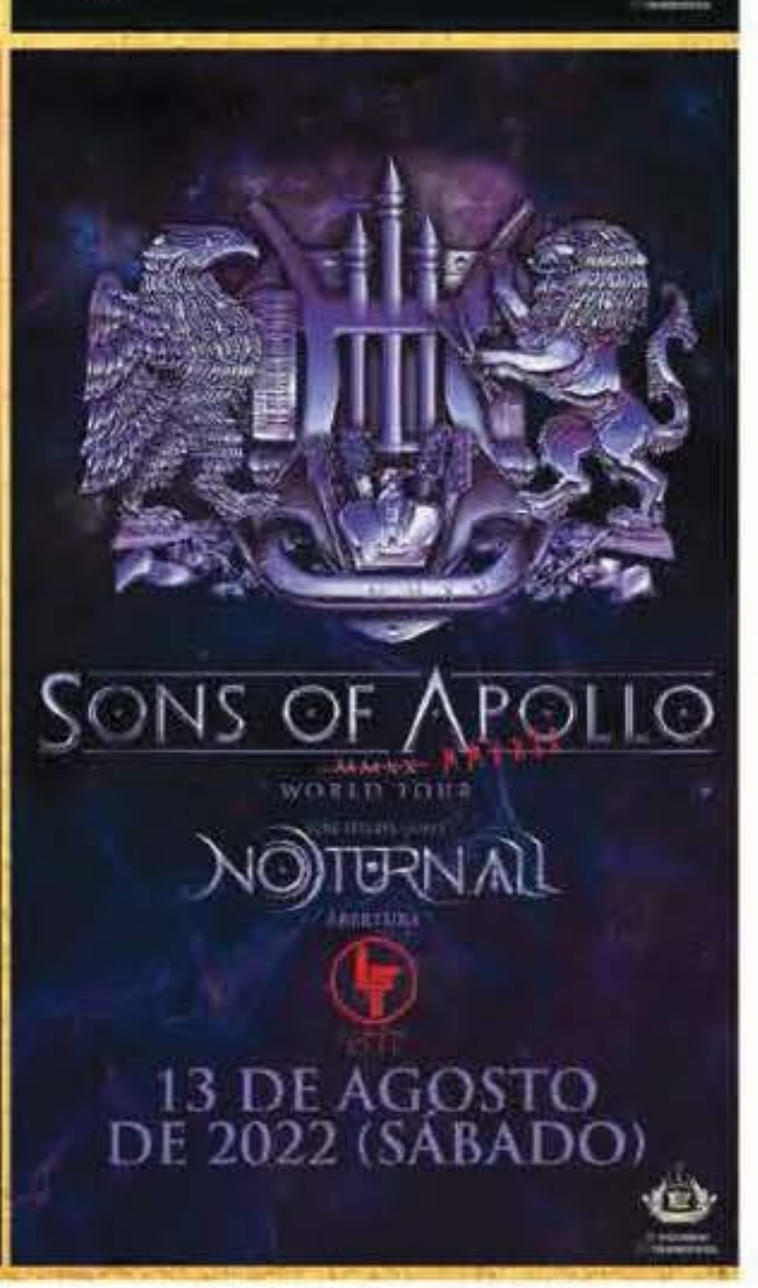
FOGO NOS RACISTAS E PADRÃO É O CARALHO

BANDA CONFIRMADA NO ROCK IN RIO 2022

TOKIO MARINE HALL

PRA ONDE VOCÊ RESOLVER IR
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR



Patrocínio: Da Magrinha 100% INTEGRAL | Programa: TudoAzul | Apoio: ESTANPLAZA HOTELS, shift, CONSIGAZ | Realização e Vendas: grupo Tom

CLIENTES TOKIO MARINE TÊM BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada e não são cumulativos. Pré-venda exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral). Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. O desconto não se aplica aos segurados com apólices em grupo/coletivas e microsseguros.
Consulte www.tokiomarine.com.br/afinidades para mais informações. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.000 pessoas | Protocolo de Vistoria nº 251233-2/2021. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

ÍNDICE

06 **CENÁRIO**
18 **PORTAL RC**
20 **KISS 1982 X 1992**
30 **HIDDEN TRACKS**
McAuley Schenker Group
32 **DEEP PURPLE**
36 **PLAYLIST**
Pavilvs Movra (Morcrof)
38 **DEATH ANGEL**
42 **COLLECTION**
Ratt
44 **MARILLION**
48 **SONATA ARCTICA**
50 **RELEASES**
53 **FRONT COVER (MARCELO VASCO)**
ELP - Brain Salad Surgery
55 **ROCK AVERAGE**
Rush - Counterparts
60 **UNLEASHED**
62 **ANGELUS APATRIDA**
64 **THE MIST**
66 **ETERNAL IDOLS**
Meat Loaf
68 **CRIPPLED BLACK PHOENIX**
70 **POWER PALADIAN**
72 **AMORPHIS**
76 **JOE SATRIANI**
80 **CLASSICREW**
Status Quo, Tygers of Pan Tang, Darkthrone e Killswitch Engage
82 **BACKGROUND**
Golpe de Estado (Parte 1)
86 **HEADPHONES IN FURY**
Bento Mello (Nite Stinger, Sioux 66)
88 **TARJA**
90 **BULLET FOR MY VALENTINE**
94 **WHILE SHE SLEEPS**
96 **COLUNISTAS**
It's Only Rock'n'Roll / Brotherhood
98 **PROFILE**
Felipe Andreoli (Solo, Angra)

ILUSTRAÇÃO:
Jean Michel (DSNS Art.)

BEHIND THE STAGE

Mais do que simplesmente indagar: '*Creatures of the Night* ou *Revenge?*', você certamente tem alguma história sobre o Kiss. Assim, com uma arte de capa criada por Jean Michel (DSNS Art.) especialmente para a ROADIE CREW, a matéria principal desta edição traz dois momentos distintos da carreira do grupo, ambos importantes e com forte ligação com o Brasil.

Quarenta anos atrás, *Creatures of the Night*, décimo disco de estúdio da carreira da banda americana, se tornou a porta de entrada para muitos jovens brasileiros na música pesada. Mais que isso, foi durante a sua turnê de promoção, já com a presença de Vinnie Vincent ao lado de Gene Simmons, Paul Stanley e Eric Carr, que o grupo veio ao nosso país pela primeira vez em junho de 1983 – este foi, aliás, meu primeiro megashow em um estádio. Não é difícil ouvir histórias de fãs, músicos e profissionais de imprensa acerca do show, do disco e do impacto do videoclipe da faixa *I Love it Loud*, que foi tocada duas vezes na apresentação realizada no estádio do Morumbi, em São Paulo.

Avançando dez anos, o Kiss soltou *Revenge* que, assim como *Creatures of the Night*, mostrou uma sonoridade mais pesada – o disco também traz a participação de Vinnie Vincent na coautoria de algumas faixas. Àquela altura, os programas específicos de videoclipes dos anos 1980, como Som Pop, Realce e Super Special, já tinham dado lugar à MTV Brasil, que entrou no país em 20 de outubro de 1990. Assim, os fãs tomaram conhecimento de vídeos como *God Gave Rock 'N' Roll to You II* (último com o saudoso Eric Carr), *Unholy*, *I Just Wanna* e *Domino*. Da turnê promocional de *Revenge*, tivemos *Alive III* (1993), que serviu de base para mais um show no Brasil, desta vez no festival "Monsters of Rock", realizado em agosto de 1994 no estádio do Pacaembu, em São Paulo. Mais uma vez, é comum ouvirmos histórias sobre o nosso primeiro Monsters e o segundo show do Kiss por aqui, então com Bruce Kulick na guitarra solo e Eric Singer na bateria – para mim, teve um gosto especial, porque foi o primeiro grande evento após me recuperar de um acidente automobilístico ocorrido naquele ano.

Além de Kiss e das tradicionais seções, a ROADIE CREW traz entrevistas com Deep Purple, Joe Satriani, Death Angel, Marillion, Sonata Arctica, Unleashed, Angelus Apatrida, The Mist, Crippled Black Phoenix, Power Paladian, Amorphis, Cadaver, Bullet for My Valentine e While She Sleeps. Boa leitura.

Ricardo Batalha

ROADIE CREW
Heavy Metal & Classic Rock

EDIÇÃO: 267
MAR-ABR/2022
ANO 24

EDITORES:
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

DIRETORIA ADMINISTRATIVA:
Vera Diniz - vera@roadiecrew.com
Cintia Diniz - cintia@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE (REDAÇÃO):
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

REDATOR:
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com

DIRETOR DE ARTE:
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

COLABORADORES:
Alessandro Bonassoli, Daniel Dutra, Écio Souza Diniz, Guilherme Spiazzi, Heverton Souza, Ivanei Salgado, João Messias Jr., Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Luiz Cesar Pimentel, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Paulo César Teixeira Júnior, Paulo Pontes, Sergiomar Menezes, Thiago Prata e Valtemir Amler

Fotógrafos: Carlos Delagusta, Renan Facciolo e Roberto Sant'Anna

Traduções: Carlo Antico

COLABORADORES NO EXTERIOR:
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon e Steven Rosen

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES:
Maria José Diniz - zeze@roadiecrew.com
ou assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

PUBLICIDADE:
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 5058-0447

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL:
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS:
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO:
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação
da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
F.: (0xx11) 5058-0447
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com

Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: roadiecrewmag

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 5058-0447

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

BRASIL TOUR 2022

05/05 LIMEIRA @ MIRAGE
06/05 BRASÍLIA @ TOINHA
07/05 VITÓRIA @ ESPAÇO PATRICK RIBEIRO 1
08/05 FORTALEZA @ ARMAZÉM
10/05 PORTO ALEGRE @ OPINIÃO
11/05 CURITIBA @ TORK AND ROLL
13/05 BELO HORIZONTE @ MISTER ROCK
14/05 SÃO PAULO @ CARIOCA CLUB
15/05 RIO DE JANEIRO @ CIRCO VOADOR

LIBERATION

WWW.LIBERATIONMC.COM

art by: www.jduartedesign.com

POWERWOLF

CALL OF THE WILD

EDIÇÃO NACIONAL LIMITADA EM DIGIPACK, COM CD DUPLO E LIVRETO DE 40 PÁGINAS!

JINJER

WALLFLOWERS

A MAIS EXPLOSIVA BANDA DO METAL MODERNO MUNDIAL! WALLFLOWERS CONSOLIDA O IRREFREÁVEL CAMINHO AO TOPO!

A HISTÓRICA EXPERIÊNCIA CINEMATOGRÁFICA FILMADA EM 2021. EDIÇÃO NACIONAL LIMITADA: DIGIPACK COM 2 CDS DE ÁUDIO E 1 DVD.

A ESSÊNCIA DO

EPICA

O LIVRO OFICIAL EM PORTUGUÊS

A HISTÓRIA DA MAIOR BANDA DO METAL SINFÔNICO A EMERGIR DA HOLANDA, EDIÇÃO LUXUOSA, COM CAPA DURA, 205 PÁGINAS EM PAPEL ESPECIAL, MAIS DE 200 IMAGENS RARAS E ICÔNICAS.

Tarja

CANTAR ESTÁ NO MEU SANGUE

LIVRO OFICIAL, TARJA CONTA A HISTÓRIA DE SUA CARREIRA, ILUSTRADA COM FOTOGRAFIAS RARAS E INÉDITAS.

LOJA: WWW.LIBTOURS.COM

COSMIC ROVER
ANOS 70 NA VEIA

Banca do Antfer
Telegram: https://t.me/bancadoantfer
Issuhub : https://issuhub.com/user/book/1712
Issuhub : https://issuhub.com/user/book/41484

O título do novo disco do power trio Cosmic Rover, *Heavy*, traz uma ideia geral do que o ouvinte vai ouvir neste segundo trabalho da banda. Por que não se trata de um disco de heavy metal. Claro que o metal está lá, mas tem muito mais: stoner, hard rock, classic rock, até blues rock você vai perceber no trabalho de Edson Graseffi (bateria e vocal), Rodrigo Felix (baixo) e do estreante na banda Xande Saraiva (guitarra, Baranga). Além disso, referências aos anos 70 surgem na forma de gravação e até na capa do disco. Edson, Rodrigo e Xande explicaram isso e muito mais para nós.

Edson Graseffi, Rodrigo Felix e Xande Saraiva fincam o pé nos anos 70 em *Heavy*

O Cosmic Rover está estreando o novo guitarrista, Xande Saraiva (Baranga). Por que houve essa troca?

Edson Graseffi: Quando o antigo guitarrista se desligou da banda, começamos a procurar por alguém. Certa noite, eu estava no SESC Belenzinho assistindo um show e encontrei o Xande. Comentei que precisava de um novo guitarrista e ele disse: 'Eu!' Foi bem simples... (risos)

Xande Saraiva: Nós já tínhamos feito o programa Kiss Club juntos e eu tinha pirado no som do Cosmic Rover. Numa dessas noites de rock no SESC, perguntei ao Edson sobre a banda e ele disse que o guitar tinha saído. Me ofereci na hora! (risos) O Édao até perguntou: 'Sério?' (mais risos)

Edson, uma das características mais marcantes no Cosmic Rover é o fato de você também ser o vocalista. Não é muito complicado desempenhar essas duas funções ao vivo, principalmente numa banda de rock pesado, em que ambas exigem muito fisicamente do músico?

Edson: Sim, é algo muito complicado de se fazer e é preciso se preparar fisicamente para a coisa toda acontecer no nível em que eu faço. Os vocais do Cosmic Rover são bem difíceis de executar, por isso mantenho uma rotina de exercícios diários para me manter tocando e cantando simultaneamente e também usando dois bumbos. Eu costumo brincar dizendo que, além de tudo, você precisa de dois cérebros para fazer isso. E seu corpo tem que estar apto para aguentar uma missão tão pesada. É tarefa para poucos.

Vocês gravaram *Heavy* no esquema 'ao vivo no estúdio'. Além de ser uma forma bem setentista de gravação, ela exige que a banda esteja muito afinada, já que um pequeno erro de qualquer dos músicos faz com que todo o take seja perdido. Como foi a preparação para gravar nesse formato?

Rodrigo Felix: A preparação foi bem intensa, sempre que a gente podia se reunir, dentro das limitações devido à pandemia, a gente ficava o máximo de tempo tocando as músicas. Foram horas exaustivas de trabalho porque sabíamos que, por conta do momento, ensaios e reuniões estavam mais espaçados. Era como se a gente estivesse fazendo um último ensaio pra algum mega evento.

Edson: Gravar dessa forma, sem milhares de truques de estúdio, é algo pelo qual venho brigando há anos com os produtores. Felizmente o Henrique Baboom (N.R.: produtor de *Heavy*) compreendeu minha proposta e está aí o resultado.

O título do disco, *Heavy*, seria para o ouvinte não ter dúvida do que vai escutar ou para confundir mesmo, já que, apesar de calcado no heavy metal, dá pra identificar diversos outros estilos nele?

Rodrigo: Tem muitos outros estilos envolvidos, sim. Heavy metal é a base pra tudo e é a influência de muitos anos de cada um, então é algo natural nosso e a gente tenta fazer de uma forma mais descontraída, apesar de ser pesado.

***Heavy* está saindo apenas em versão digital. Por que essa opção?**

Edson: Porque infelizmente é a opção mais fácil de lançar hoje em dia. Muita gente diz que gostaria de ter um CD ou vinil. Mas, pensando de forma independente, hoje é economicamente inviável fazer material físico sem o suporte de um selo. Infelizmente, as fábricas ainda trabalham com o mínimo de mil cópias, mas as bandas não vendem mais mil cópias. Então, somos muito gratos ao selo Abraxas, que sempre esteve de portas abertas para nosso trabalho, eles são os maiores nesse segmento e lançar por eles é de grande valia para nós.

Xande: Gostaria muito de lançar em CD e em vinil, quem sabe alguém aí não topa fazer uma parceria. Por mim, todos meus discos eu lançaria em LP também, mas sei que é bem difícil.

Chama a atenção uma citação ao tema de Batman em *Catch Me*. Algum motivo especial para ela estar ali?

Rodrigo: Tudo começou com a forma como Edson encaixou o vocal no refrão. Como a letra tem tudo a ver, a brincadeira acabou ficando e gostamos do resultado. É um dos detalhes de que mais gosto no disco.

Edson: Exatamente, eu trouxe a ideia do refrão totalmente baseado no Batman, da fase do Adam West. Acabamos curtindo aquilo porque era louco e o Rodrigo encaixou a frase. Acabou ficando perfeito e divertido de tocar.

Já em *Just Let Me Free* tem um trecho em português cantado pelo Xande. Por que decidiram incluir esse trecho?

Xande: A pandemia atrapalhou muita coisa. Eu e o Edson tínhamos pensado em compor algo em espanhol também, mas acabou não dando tempo e como as músicas foram rolando numa naturalidade bacana deixamos pro próximo álbum. Acho legal 'o diferente', por exemplo, numa música do Thin Lizzy ele canta uma palavra em português, 'amigo'. Então achamos que ia ficar bacana acrescentar uma frase como essa na música.

Edson: Eu sou fã do Baranga e do Xande, então propus que ele cantasse algo que remetesse à banda. É a participação do vocalista do Baranga no álbum do Cosmic. Ficou sensacional!

Edson, você, que é tatuador e artista plástico, desenhou a capa de *Heavy*. Há algum significado especial por trás dela?

Edson: Eu quis trazer várias referências visuais dos anos 70 nessa arte. Se em *Spitting Fire* eu viajei no space rock, em *Heavy* trouxe referências da 'kustom kulture', que foi um movimento de customização de muscle cars e motos e que tem no personagem Rat Fink seu maior representante. Sou fã do ilustrador Ed Roth desde criança e quis trazer essa referência para a arte da capa. Isso é uma marca registrada daquela década. Nada pode ser mais rock'n'roll!

O exterior é uma meta do Cosmic Rover?

Edson: A gente vem mantendo uma relação no exterior desde o primeiro disco. Nós lançamos o álbum de estreia no Uruguai, para uma casa sold out, tivemos esse mesmo disco eleito um dos melhores álbuns de 2019 em um importante site da América Latina e estamos na coletânea de cinquenta anos de heavy metal da Classic Rock UK, que é a maior publicação de rock da Europa. Alguns dias atrás, a banda estreou no playlist da rádio americana Metal Messiah. Do material que enviamos para fora, estamos tendo uma resposta incrível do pessoal que curte stoner rock e metal.

Antonio Carlos Monteiro

MEDJAY
A MÁSCARA DE ANÚBIS

Divulgação
Riccardo Linassi, Phil Lima, Freddy Daniels e Samuka, prontos para o lançamento de Cleopatra VII

"Sou formado em História e professor há VINTE anos", nos conta Samuka, baixista e fundador da Medjay. "A História do Egito sempre esteve presente na minha vida e na minha profissão e sou encantado por mitologias. Assim, já conhecia a história dos medjay's que viveram no Egito Antigo e foram famosos por serem um povo guerreiro, tornando-se mais tarde a guarda real dos faraós e protetores das pirâmides". Percebendo que o conceito é interessante, ele prossegue na sua explanação: "Todo conceito da Medjay gira em torno do conflito entre a natureza selvagem e a natureza civilizada. O Medjay é um guerreiro que, após ir à guerra, se torna agressivo, viciado na morte e no derramamento de sangue, porém os deuses tentam regenerá-lo e trazê-lo novamente à sua natureza civilizada". Para complementar tudo isso, eles ainda usam a música e a imagem da banda, ambas trabalhadas com o mesmo zelo: "Visualmente, o conceito é todo egípcio, pois as histórias se passam no Egito Antigo e medieval. Para trazer a sonoridade étnica, usamos instrumentos e melodias árabes." Certo, são muitos detalhes e histórias, então vamos direto a essa interessante entrevista!

Quando pensamos em temática egípcia e música pesada, logo lembramos de Iron Maiden e, principalmente, de bandas de death metal como Nile, Maat e Primordium, entre outras. Essas bandas garantiram um novo nível de interesse na cultura/história egípcia entre os fãs de metal.

Samuka: Iron Maiden com certeza sempre nos influenciou, principalmente com *Powerslave* (1984). Essa temática é muito rica, a Medjay escolheu aprofundar nos mitos como pano de fundo para trazer algum tema importante do comportamento humano e, no nosso caso, todas as músicas retratam isso. São séculos e séculos de História de um povo muito à frente do seu tempo, é só olharmos para as pirâmides, o processo de mumificação, a agricultura às margens do rio Nilo. São alguns aspectos dessa civilização africana que encanta o mundo.

Outros grandes promotores desse renovado interesse da cultura pop em temas relacionados ao Egito foram os livros do escritor/egiptólogo Christian Jacq, ambientados no Antigo Egito.

Samuka: Christian Jacq é fantástico, aliás foi o ganhador do prêmio da Academia Francesa com o livro O Egito dos Grandes Faraós. Ele consegue trazer para o público não acadêmico o trabalho denso de pesquisa, é fenomenal como transforma História numa linguagem de fácil compreensão. Penso que a humanidade precisa conhecer a sua História, é assim que construímos o presente e nos projetamos para o futuro. Importante observar os jogos de videogames ambientados na antiguidade, os filmes, as novelas. Então a música não pode ficar de fora, nesse aspecto acho importante que o grande público desperte para entender a história humana, suas contradições e criações.

Talvez até mais do que nas bandas anteriormente citadas, percebemos já no primeiro álbum de vocês, *Sandstorm* (2020), muitos elementos de música árabe. A primeira banda realmente bem-sucedida com a mistura de música árabe e rock, ao que me lembro, foi a alemã Dissidenten, que conseguiu um sucesso estrondoso com o seu *Sahara Elektrik* (1984, aquele com *Fata Morgana*).

Samuka: Aquele movimento abriu as portas para que as bandas tivessem mais liberdade de fazer músicas étnicas. Percebemos que durante vários anos muitos fãs de metal não estavam interessados em bandas étnicas, tudo era muito eurocêntrico. O metal estava engaiolado numa receita de fazer música. Mas a Dissidenten ajudou a abrir as portas, exemplo disso no Brasil foram as bandas que misturaram heavy metal e musicalidade brasileira. Hoje temos várias bandas, como Myrath, Vikram, Bloodywood e tantas outras, que fazem essa mistura com oriental.

Falemos agora sobre novidades: o que pode nos contar sobre o conceito lírico em *Cleopatra VII*?

Samuka: *Cleopatra VII* foi criado em meio a pandemia que mudou a drasticamente o mundo de maneira geral. Não podíamos fazer shows, isso no primeiro momento foi uma frustação por não poder mostrar nosso primeiro álbum *(Sandstorm*, 2020). Porém, vimos uma oportunidade de produzir um novo trabalho. Procuramos um produtor, Thiago Dela Veja e Guilherme de Siervi do estúdio Shokran e o trabalho fluiu. Nesse álbum procuramos proporcionar aos fãs uma imersão na cultura egípcia. Então vocês ouvirão músicas com orquestrações que lembram os imponentes faraós e filmes como Cleópatra, A Múmia e Príncipe da Pérsia, entre outros. A faixa-título do álbum apresenta uma perspectiva não-hollywoodiana de Cleópatra. Historicamente, Cleópatra VII passou sua infância entre os livros da biblioteca de Alexandria, falava mais de seis idiomas e tinha um poder de governar estupendo. Os filmes de alguma maneira tentam ofuscar Cleópatra, colocando-a como uma mulher sedutora e objeto de desejo masculino. Para nós, Cleópatra VII representa o espírito da mulher empoderada, livre e dona do seu próprio destino.

Se no primeiro álbum tínhamos a canção *Medjay*, com um riff de abertura bem pesado e bem thrash, no novo álbum temos a canção *Return of the Medjay*. Suponho que exista uma conexão entre ambas, certo?

Samuka: Nossas influências musicais passam pelo heavy metal tradicional, power metal e thrash metal. Conceitualmente, *Return of the Medjay* é uma volta à saga do guerreiro que aparece bem mais consciente de sua natureza. Ela inicia com um misto de vozes de Phil Lima e traz um power metal rápido e melódico além do riff à la Slayer muito bem executado pelo guitarrista Freddy Daniels.

Também não poderíamos deixar de falar *Magic of Isis*, que foge um pouco do padrão mais pesado e que conta com bastante trabalho na linha de voz.

Samuka: Essa música é a balada do álbum, além de ter uma melodia de fácil assimilação, e propõe uma reflexão muito importante para os dias de hoje. A situação de refugiados no mundo é um dos principais males do século. Compusemos essa música com o coração doído e lágrimas nos olhos, e é justamente isso que gostaríamos que as pessoas sentissem. Convidamos a cantora Oula Al Saghir, que é sírio/palestina e que foi acolhida no Brasil como refugiada há alguns anos. Além do talento incrível, tem sido uma batalhadora em São Paulo mostrando suas músicas em vários espaços da cidade. Para a tour *Cleopatra VII*, além da companhia de dança do ventre Tribo de Dannan, que irá trazer uma performance especial, anunciamos em primeira mão a participação do tecladista Rafael Agostinho, que ficou eternizado nos grandes álbuns da banda Eterna e em vários trabalhos por onde passou. Podem esperar shows de muita qualidade visual e sonora!

Valtemir Amler

SUCK THIS PUNCH
O METAL EM TODOS NÓS

Giacomo Bianchi, Matheus Bonon, Phil Seven (todos atrás) e Tadeu Bon Scott (à frente) destilam evolução no segundo álbum do Suck this Punch

Em seis anos, muita coisa pode mudar dentro de uma banda, desde sua formação até a sonoridade. E os resultados podem ser os mais distintos, culminando em fiascos musicais ou, em outro extremo, em álbuns de muita qualidade – quiçá clássicos. No caso do Suck this Punch, as mudanças ocorridas desde o debut *Fire, Cold and Steel* (2015) apontaram para uma evolução em sua proposta, cujo resultado é um segundo disco muito acima da média chamado *The Evil on All of Us* (2021), tema principal desta conversa com o vocalista Tadeu Bon Scott – também integram a banda de Limeira (SP) Phil Seven (guitarra), Matheus Bonon (baixo) e Giacomo Bianchi (bateria).

Há seis anos, o Suck this Punch fazia sua estreia com *Fire, Cold and Steel*. De que forma vocês resumiriam aquele primeiro momento enquanto banda? E passado todo esse tempo, o quão representativo o debut foi e é para o grupo?

Tadeu Bon Scott: Na época de *Fire, Cold and Steel*, eu diria que éramos uma banda que queria fazer rock'n'roll simples e direto, do jeito que ele é. O objetivo foi trazer um pouco das influências de cada integrante e misturá-las ao nosso som. *Fire, Cold and Steel* foi fácil de se fazer. Ele mostra nossas origens, nosso começo e onde devemos voltar se algum dia nos perdemos nesta estrada.

Qual o maior aprendizado no intervalo de um disco para o outro em termos de estrada, de composição e de química entre os integrantes? E o que foi crucial para os resultados apresentados no segundo álbum, *The Evil on All of Us*?

Tadeu: O Suck this Punch passou por alguns momentos difíceis entre um álbum e outro, porém o tempo de turbulência serviu para mostrar o quanto precisávamos e precisamos evoluir como músicos e pessoas. Estamos aprendendo a respeitar opiniões e a ouvir melhor. E isso em uma banda muitas vezes é impossível. Uma banda vai além de um grupo, ela tem que trabalhar e pensar como um todo. Não existe a opinião de um indivíduo ou de outro, nem a música de um ou de outro; a partir do momento em que você traz sua arte e sua verdade para aquela banda, aquela arte deixa de ser sua e passa a ser da banda, pois há opiniões e ações de todos para que uma composição seja criada. *The Evil on All of Us* é a prova viva disso. Temos um álbum do qual todos participaram ativamente, com criatividade, vontade e respeito e sem julgar as composições. É um disco que já definiram como sendo metal, hard rock, rock'n'roll, thrash metal... Enfim, achamos demais cada definição que dão para o disco, isso faz dele um grande álbum, ao nosso ver. Neste disco também não tivemos medo de criar e experimentar, nem nos apegar a gêneros ou tempo das músicas. A música tem que ser o que ela é e pronto.

E de que forma vocês apresentariam o som do novo álbum para alguém que ainda não conhece o Suck this Punch e para alguém que adorou o debut e ainda não conferiu *The Evil on All of Us*? Pergunto isso porque, ao meu ver, os dois discos possuem sonoridades diferentes, sendo um mais rock'n'roll/hard e o outro mais heavy metal com nuances thrash.

Tadeu: Para as pessoas que ainda não conhecem a banda, apresentamos da seguinte forma: esqueça que somos uma banda de 2015, escute nosso álbum como se você estivesse ouvindo o *Sabbath Bloody Sabbath* pela primeira vez e depois conte para a gente o que te lembrou, o que os riffs de guitarra lhe trouxeram, o quão grave o baixo chegou em sua cabeça, o quão impactante as letras e os vocais fizeram abrir sua mente. É isso que gostamos de compartilhar com as pessoas que escutam nosso álbum pela primeira vez. Cada disco escutado pela primeira vez é único. Você nunca mais vai escutar um *Reign in Blood*, um *Balls to the Wall*, um *Sad Wings of Destiny*, um *Dehumanizer* como da primeira vez, isso é um momento único. Agora, para a galera que conhece *Fire, Cold and Steel* e ainda não ouviu *The Evil on All of Us*, o que temos a dizer é que são duas criações fabulosas com inspirações e ideias totalmente diferentes, tipo *Let there Be Rock* e *Back in Black*, ou *Master of Reality* e *Mob Rules*. É a mesma banda, porém com composições diferentes, com outros músicos com trabalhos diferentes e ideias diferentes. Esta seria a definição.

Com relação ao conteúdo lírico do segundo play, vi que as letras são calcadas numa dualidade na qual o ser humano é agente e vítima do mal. Fale mais a respeito dessa temática.

Tadeu: *The Evil on All of Us* explora os temores e males do ser humano sob diferentes camadas. Um exemplo é *Machines*, que trabalha com a ideia do homem que vira máquina e se perde em meio ao seu trabalho, que em 90% dos casos não é aquilo que ele busca para sua vida. Ele busca um emprego ou um cargo medíocre que não mostra sua verdade para comprar um carro que ele não precisa, para ter uma vida que ele não quer, sendo que a verdade dele é outra, mas ele precisa virar máquina, uma engrenagem de um sistema falho no qual vai ajudar outra pessoa e não a si mesmo. Outro exemplo é *Blindman*, que reflete sobre a ideia das pessoas de verdade absoluta, que não olham mais nada do que está à sua volta. São consumidas pela ganância e querem tudo muito rápido a todo momento, são donas da verdade e cheias de opiniões vazias, 'os corredores cegos', pessoas que vemos muito nos tempos atuais. Temos também *Alone*, que mostra a realidade da depressão, da ansiedade e dos males que vêm de dentro de nós, aquelas pessoas que você acredita que estão bem, porém, que estão destruídas por dentro, cansadas, tristes e tomadas por problemas. Por conta disso, a pessoa cria um pesadelo dentro da sua cabeça e se tranca dentro de uma casca da qual ela acredita que não vai afetá-la, nem afetar mais o mundo à sua volta, um quarto escuro em sua mente onde ela prefere ficar sozinha.

Um dos destaques do disco para mim é a segunda faixa, *You Are the Best Gun (Against the System)*. Ela começa com um momento 'à la Van Halen', por assim dizer, e descamba para uma avalanche de peso e melodias bem encaixadas. Como foi o processo de composição dela e o que acharam do resultado final?

Tadeu: Realmente, *You Are the Best Gun* é uma grande música. Sua letra fala sobre os caminhos insanos que a humanidade já passou e passa, como guerras, ganância e poder. O Phil nos apresentou este começo surpreendente de guitarra, porém não havia a estrutura da música ainda. Assim que ele leu a letra, criou o riff marcante, seguido de um refrão, como se soasse como um tiro, sem contar as pausas no fim do solo à la Led Zeppelin, deixando o som fantástico. Ficamos mesmo muito felizes com o resultado desse som.

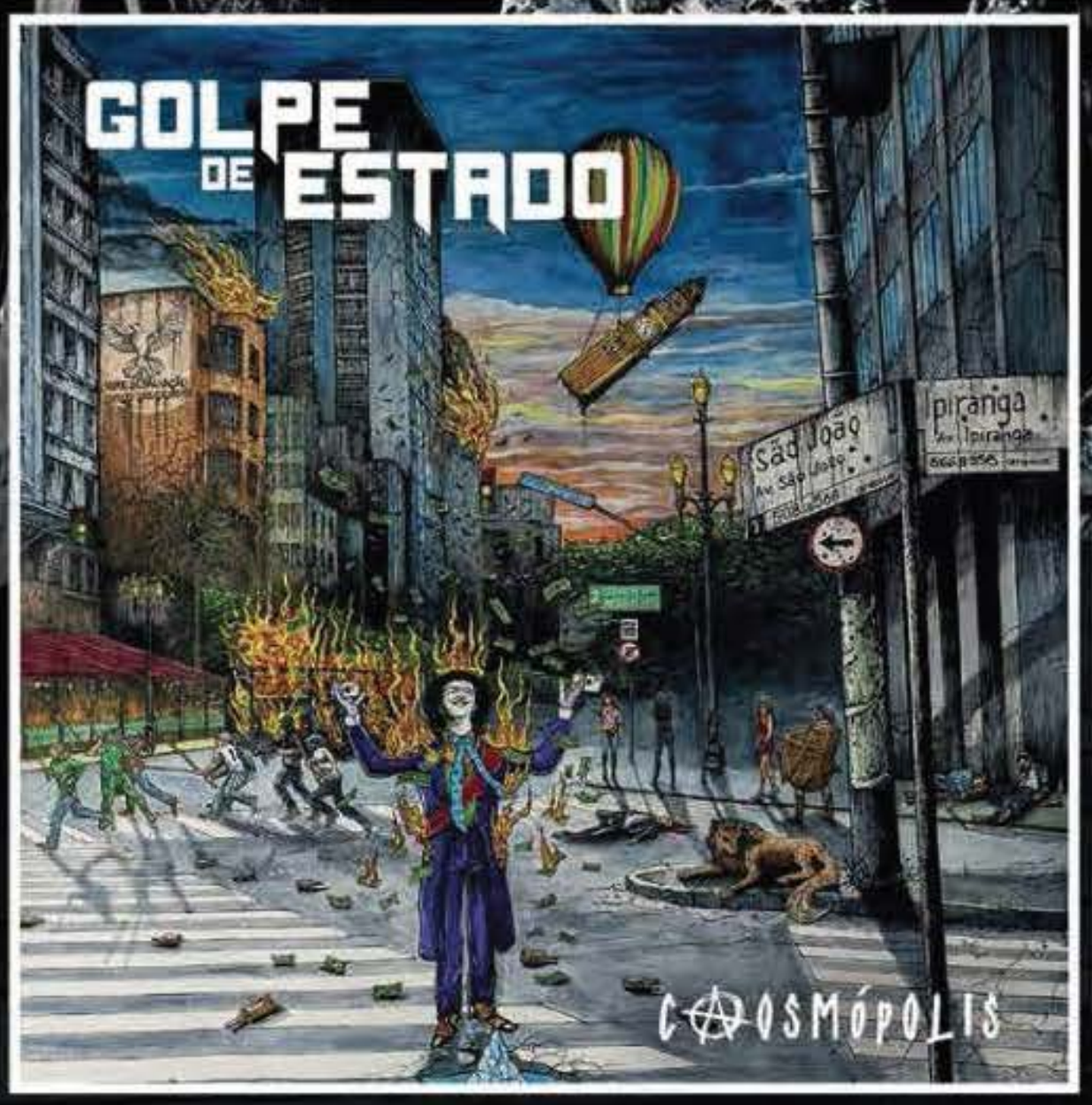
Thiago Prata

A LENDA DO ROCK NACIONAL LANÇA SEU NOVO ÁLBUM APÓS 10 ANOS

foto: Rapha Castejon
anúncio: www.jduartedesign.com

Assista ao videoclipe
CAOSMÓPOLIS
YouTube

Capa por
CHICO GUERREIRO



Show de lançamento em São Paulo

10/04
Carioca Club

GOLPE DE ESTADO **CAOSMÓPOLIS**

Gravado no ORRA MEU ESTÚDIOS Produzido por MARCELLO SCHEVANO
DIREÇÃO GERAL: NELSON BRITO

LANÇAMENTO EM CD:
ORRA MEU! DISCOS
11 97076-5011
www.orrameudiscos.com.br

ORRA MEU! EDIFIER Tagima ORION

www.bandagolpedeestado.com.br

SHOWS:
TC7 produções
11 99653-9014
tc7producoes@gmail.com
www.tc7producoes.com

ANDERUVIUS
MERCADORES DA LOUCURA

Ter uma ideia original, expor essa ideia à apreciação dos seus pares, assimilar as críticas, lapidar a ideia, retomar o trabalho e enfim mostrar o produto final ao mundo. Esse é o trabalho que a maior parte das bandas costuma fazer e uma rotina para o pessoal da Anderuvius. Com o seu álbum de estreia baseado numa obra do seu vocalista Adrian Blakk (mais detalhes nessa conversa), eles precisaram elaborar, transformar, reorganizar e até cortar ideias para chegar ao resultado final, e foi isso que fizeram, sem crises de ego e tudo em nome de uma completa exploração do conceito, lírica, musical e visualmente falando. A forma como isso foi feito desde o início, você confere aqui.

Fotos: Divulgação

Daniel Chan, Adrian Blakk, Victor Moraes e Fábio Vilela, heavy com referências prog no álbum de estreia

A Anderuvius surgiu originalmente como trio, e, ao que sabemos, foi apenas após um longo tempo que se firmou como quarteto.

Adrian Blakk: Foi um período extenso de experimentação musical, na qual todos apresentavam ideias e trabalhávamos com o propósito de descobrir como a banda iria soar, como seria a identidade que o público poderia encontrar em nosso som. Metade das músicas do CD foram criadas nessa fase. *Stains in the Shadows*, *All in Vain*, *Core of Creation*, *Painter of the Universe* e *Elliot in the Dust* começaram ali.

Fabio Vilela foi a peça que completou o quebra cabeça, e divide-se entre o baixo e o teclado. Ele já auxiliou no processo de composição do primeiro disco?

Adrian: Conheci Fábio ao acaso nas redes sociais e o convidei para a banda. Fizemos uma primeira reunião e logo ficou claro que ele tinha tudo a ver com a gente. Ele com certeza auxiliou nas composições. *Chariots of Destiny* é de autoria 100% dele. Ele também colaborou com ideias para o solo de *Expendable*, *Merchants* e *Stains*, além é claro da criação de baixo e teclado para a maioria das músicas.

Falando no primeiro disco, *Painter of the Universe* foi lançado no ano passado e destaca uma belíssima capa, conectada ao tema central do álbum, que versa sobre o ciclo eterno de Criação, Destruição e Renovação do universo, mas aqui com uma abordagem bem diferente do usual. Gostaria que comentasse essa temática e como chegaram a ela.

Adrian: O nome *Painter of the Universe* se refere a um personagem cósmico homônimo da série de livros Não Haverá Lembrança, escrita por mim. A história desse álbum conceitual foi escrita pelo Daniel e por mim, inspirada na série mencionada. A trama foge do usual exatamente pela inspiração na mitologia tupi-guarani e no mundo da literatura fantástica criado nos livros de NHL. Fazer uso da cultura tupi-guarani foi uma maneira de homenagear nossa terra. A capa é uma obra de arte à parte, feita pelo incrível Aurélio da Designlara Artwork, que capturou completamente a intenção que queríamos passar.

Como estruturaram esse tema ao longo do álbum para manter tanto a parte musical quanto a lírica fluindo bem e em sincronia?

Adrian: Essa parte foi um desafio, uma vez que muitas das músicas que faziam parte do conceito e, assim, da linearidade da história, acabaram por não entrar para o álbum. Isso acabou exigindo algumas adaptações, mas Daniel fez um excelente trabalho com a organização temática nas músicas e eu acabei por adaptar e reescrever letras. Após isso, com base nas letras e na ordem escolhida, escrevemos o conto *Painter of the Universe*, que está disponível para leitura gratuita no Wattpad, e há uma série no nosso canal no YouTube comentando cada música.

Claro que gostaria de destacar algumas músicas, e sinto que a faixa de abertura, *1000 Lights in the Sky*, se coloca obrigatoriamente entre os destaques. Fale-nos mais sobre essa música.

Adrian: *1000 Lights* é um diálogo entre a sanidade e a insanidade, a discrepância de visões e interpretações diante de um mesmo fenômeno. É a eterna luta entre o ceticismo e o espiritual. Sentimos que essa música exigia um dueto intenso e acredito que conseguimos alcançar isso quando convidamos o grande Leandro Caçoilo para o papel.

Com seu trabalho vocal intenso e instrumental inspirado, *Where I Am* se destaca já na primeira audição, mas vai crescendo a cada nova audição. Sempre parece existir um novo detalhe para ser observado nessa música, portanto, gostaria que comentassem o processo que culminou nela.

Daniel Chan: Na verdade, eu rearranjei os acordes de outra composição não utilizada e escrevi uma base melódica para essa música. A partir dos acordes simples, resolvi compor uma linha de bateria tercinada, para fugir do 4/4, com frases interessantes no bumbo, que me agradam bastante. Após isso, fomos ajustando e lapidando coletivamente as linhas de guitarra e baixo. Depois que as linhas instrumentais foram acertadas, fizemos as letras e a melodia do verso, mas sentimos que o refrão não encaixava. Tentamos algumas melodias diferentes e só fechamos o refrão durante a gravação, com as sugestões do Tito Falaschi.

***Merchants of Madness* é outra que se destaca nesse caldeirão musical, já que ela nunca caminha para onde o ouvinte espera, com movimentos constantes e inteligentes. Também acredito que ela merece uma explanação.**

Adrian: Tínhamos uma ideia totalmente diferente para ela, mas não estava conectando totalmente com o que queríamos. Rafael Galli, que integrou a banda por alguns meses, se inspirou na ideia original e trouxe essa linha mais pesada e melódica, com influências no metalcore. Como todas as outras músicas, tínhamos a introdução, versos e refrão, mas ainda precisávamos de um solo. O Victor teve a ideia de fugir do óbvio, quebrar o clima para o solo fazendo-o melódico em vez de virtuoso, mas ao mesmo tempo ele precisaria conectar com o refrão e por isso ele vem numa crescente, nos levando de volta ao lugar de onde paramos.

Para encerrar esta parte, gostaria que falassem sobre uma música bem diferente das anteriores, talvez muito mais simples, mas tão bela quanto: *All in Vain*.

Adrian: *All in Vain* é uma música acústica que eu já havia feito há muito tempo e estava engavetada. Quando começamos o álbum, percebemos que, mesmo sem nenhum ajuste na letra, ela era totalmente compatível com a temática. Essa música sempre foi muito importante para mim, uma vez que escrevi em um dos momentos mais tristes e solitários de minha vida. Foi uma sensação única vê-la tomar a forma que tomou com meus amigos de banda.

Com a diminuição das restrições e o retorno dos shows, como estão os planos da Anderuvius para os palcos?

Adrian: Retomamos os ensaios assim que todos tomaram com a segunda dose da vacina e desde então seguimos nos reunindo semanalmente para lapidar os detalhes. No momento, Fábio está ausente para concluir uma pós-graduação, mas estamos contando temporariamente com a ajuda do nosso amigo Mauricio Pomar para preparar os sons e estrear a banda nos palcos.

Valtemir Amler

MACUMBAZILLA
ENCRUZILHADA METAL!

Abençoados pela teimosia, Andre Nisgoski (vocal e guitarra), Julio Goss (bateria) e Carlos Schner (baixo) finalmente puderam celebrar o lançamento de seu álbum de estreia, ... *At a Crossroads*. Abençoados pela teimosia deles também são os fãs, pois parecia "trabalho feito": por mais que eles insistissem, o disco nunca saía do forno. Mas o fato é que o trio paranaense finalmente colocou seu álbum no mercado, apostando ainda mais firme do que nunca naquela mistura intensa de thrash, blues, stoner, desert rock ou simplesmente "encruzilhada metal", para os íntimos. Andre nos ofereceu um pequeno panorama de como as coisas entraram nos rumos e falou sobre o primeiro e ótimo álbum do grupo.

Depois de anos de espera, finalmente foi lançada a estreia de Carlos Schner, Andre Nisgoski e Julio Goss

Quando conversamos em 2019, vocês já estavam trabalhando em seu primeiro álbum completo, que veio a ser lançado recentemente. Lembro que, em dado momento da conversa, mencionaram que os trabalhos para o álbum já haviam iniciado, mas que foram interrompidos e depois retomados.

Andre Nisgoski: Isso! Já estávamos em produção da segunda versão do disco... (risos) Começamos a gravação da primeira versão, que seria intitulada *Colossus* (nome da faixa que abre o disco), em 2015 se não me engano. Posso dizer que essa primeira tentativa de realizar o trabalho poderia ser considerada como um roteiro da franquia de filmes 'Férias Frustradas': engraçado para quem ouve a história, mas não para quem viveu a experiência! Hoje em dia, conseguimos falar sobre o assunto e rir, mas na época foi muito frustrante e desgastante, ao ponto de reavaliarmos o que faríamos em relação à banda. Imagine que você tem um trabalho de oito ou nove faixas completamente engatilhado, em andamento, e de repente tudo que estava combinado e certo começa a surgir todo tipo de empecilho assim que sai da sua mão! Não existe um único fator que nos fez desistir daquela gravação, foi uma soma de vários fatores alheios ao nosso esforço. E esperamos um bom tempo tentando resolver essas questões que envolviam terceiros, até o momento em que vimos que o tempo tinha passado e chegamos à conclusão de que o certo a se fazer era resetar as coisas! Quando chegamos a essa conclusão, nosso amigo Eigon, que trabalha conosco como stage manager em alguns eventos, indicou o Tiago Brandão. Após conversar com ele, decidimos que ele assinaria a produção do novo trabalho conosco e que gravaríamos no estúdio dele, o Vox Dei. Foi uma decisão acertada, e depois disso o disco desenrolou super bem até a pandemia! E mesmo assim conseguimos gerenciar uma maneira de trabalhar e ainda assim lançar o álbum em 2021.

Vocês haviam também dito que a música *Ladies from Mars*, primeira composição da banda, estrearia oficialmente no álbum, o que de fato aconteceu em ... *At a Crossroads*. O que mudou da versão original até a que ouvimos no disco?

Andre: A letra! E uns arranjos de teclado que são um easter egg, eles foram criados no fim da produção, o que, para ouvidos treinados em filmes de ficção cientifica, são uma alusão a uma das maiores obras do gênero. *Ladies from Mars* é o começo de tudo e não teve a chance de entrar no EP, talvez ela estivesse destinada a este álbum. Foi a última música a ter algo gravada no disco também. A última sessão de gravação foi dessa música. O ciclo se encerrando!

Fale sobre a escolha do título do álbum e a arte da capa que o apresenta aos seus seguidores.

Andre: O título é uma homenagem ao período que passamos lá atrás, quando tivemos uma avalanche de adversidades, e ao mesmo tempo ao momento que o mundo inteiro está passando. Estamos todos numa encruza né? (risos) O Macumbazilla, além de não negar sua brasilidade, retrata em suas músicas algo da condição humana, as letras falam em sua maioria sobre emoções que todos já tiveram, pensamentos que já incomodaram a qualquer pessoa. Ser um humano é estar em uma encruzilhada todo dia, a única certeza é a dúvida do que está por vir! Sempre trazemos elementos da umbanda e de outras crenças populares para nossas capas. O primeiro EP contou com um exu meia noite esplendorosamente ilustrado pelo Marco Donida. Dessa vez não seria diferente, o Vinícius Melo, excelente ilustrador curitibano e guitarrista da banda Válvula Vapor, mergulhou fundo na história e nos elementos para criar essa capa. Fomos de exu da encruza anabolizado dessa vez! O Vini conseguiu pegar muito bem a essência da coisa toda, a paleta de cores escolhida foi providencial e retratou muito bem a ideia do disco, letras e figura escolhida para ilustrar, além de alguns elementos especiais que ele colocou e que deram todo o clima. E a Renata Arins, designer que fez a parte interna e adequação da arte para impressão, fez um excelente trabalho. Ilustrador e designer trabalharam em simbiose e isso trouxe o resultado impactante da parte gráfica.

Gostaria agora de abordar algumas músicas em especial. A primeira é *Zombie*, que soa como uma mistura de blues rock, southern e tem até algo de stoner/sludge na voz e na guitarra.

Andre: Agradeço o comentário! *Zombie* é uma música ímpar mesmo, mais cadenciada e com um beat mais pra trás. Creio que você mencionou bem as influências. Nós temos essa característica de mistura de gêneros no som, crescemos ouvindo vários tipos de estilos diferentes e o resultado dessa mistura acaba aparecendo. Além dessas características que você mencionou, temos um pedaço no meio que têm uma pegada mais 'groovy', com piano bem despretensioso que foi muito bem feito pelo nosso amigo Danilo Cardozo, do Zethae, que também é responsável pelo Hammond em *The Ritual*, além da participação da Mizuho Lin, do Semblant, que dispensa comentários.

Para finalizar esta parte, gostaria que falassem da minha favorita no álbum, *Slow*.

Andre: *Slow* é uma das mais antigas, durante anos foi nossa abertura de shows, foi feita logo após a gravação do EP. É atípica, tenho que admitir, sabe aquela música que você começa a fazer e ela vai se desenrolando sozinha? Então, é *Slow* (risos). Eu não consigo nem te dizer as influências dela, já ouvimos que tem a ver com thrash metal, heavy metal (creio que pelas frases do final), já comentaram sobre os 'crowd singing' do refrão que lembram o metal mais urbano tipo Biohazard, enfim, essa salada nem eu sei dizer de onde veio. Mas o espírito dela é o de passar por cima das dificuldades, é impressionante como às vezes tropeçamos em pequenas pedras e deixamos as coisas mais tolas nos atrasarem. Essa música é sobre deixar essas pequenas coisas de lado! Ademais, estamos tentando armar shows. No momento ainda anda tudo muito instável, mas creio que para o segundo semestre teremos a possibilidade de rodar por algumas cidades do Brasil. No entanto, continuaremos trabalhando na divulgação individual das faixas do disco.

Valtemir Amler

INVENTTOR
SINOS NEGROS DO DOOM

Para muitos, foi como se a banda mineira Inventtor tivesse surgido durante a pandemia, um novo projeto musical que estava sendo apresentado ao público durante o Roadie Crew Online Festival. Confesso, foi exatamente assim comigo, e não foi sem grande surpresa que descobri que o grupo existe desde 2008. Porém, os motivos para essa confusão são explicados nesta entrevista pelo baterista fundador Alan Souza. Aqui ele fala sobre tudo o que a banda fez até o momento, além de nos deixar na expectativa pelo primeiro álbum.

O death/doom metal de R. Amon, Alan Souza e Tony Lessa

Embora criada em 2008, demorou um bom tempo até a banda ganhar projeção nacional, e são poucas as informações que dispomos sobre os primeiros anos. Como a banda funcionou em seu início?

Alan: Nós formamos a banda ainda adolescentes em transição para a fase adulta e isso trouxe todas as responsabilidades de trabalho e estudos. Após meados de 2012, optamos por deixar o Inventtor como um hobby esporádico, para nos divertirmos quando houvesse tempo disponível. Entre 2012 e 2019, fizemos pouquíssimos ensaios e criamos poucas ideias. Temos algumas canções que foram gravadas em meados de 2010, e que um dia iremos regravar e apresentar ao público.

No ano passado, alguns temas começaram a ser mostrados para o público. De certa forma, a pandemia contribuiu para que a banda subisse ao próximo nível? O que fez de 2021 o momento propício para de fato conhecermos a sua música?

Alan: Nós havíamos voltado a tocar e compor antes mesmo da pandemia, porém fomos forçados a paralisar os ensaios e composições devido ao isolamento social. Eu já havia composto três ou quatro canções que viriam a ser nosso primeiro álbum, no entanto, optamos por lançar os singles com intervalos curtos para mostrar nosso som ao maior número de pessoas possível. Tivemos tempo para divulgar sem pressa e para voltar aos ensaios visando as apresentações. Nesse aspecto, o isolamento social nos favoreceu.

Como ainda são poucas canções da banda que ouvimos, gostaria de aprofundar cada uma delas. A primeira que queria que comentassem é *Ventos Úmidos de Sangue*, que conferimos em uma das edições do Roadie Crew Online Festival. Primeiro, gostaria que comentassem a temática dessa música e alguns detalhes de sua gravação.

Alan: Ela conta a história de uma embarcação de guerra e são narrados detalhes dos sentimentos da tripulação. Essa canção conta com a participação do guitarrista mineiro Alan Wallace (Eminence) e foi gravada no estúdio Maçonaria do Áudio, em Nova Lima/MG, por André Carvalho (Paradise in Flames).

Qual foi a razão dela ter sido a escolhida para apresentar a banda no Roadie Crew Online Festival? Era a única pronta para tal naquela época? Como sentiram a recepção daquele material e como foi a gravação do vídeo?

Alan: *Ventos Úmidos de Sangue* foi nossa porta de entrada para o público nos conhecer melhor. Tivemos uma aceitação impressionante em nossa cidade natal e a escolhemos para nos apresentar no Roadie Crew Online Festival por este motivo. Já tínhamos seis singles prontos, mas não gravados, e gostaríamos que essa canção fosse propagada em território nacional.

Vamos agora para *Medo em Seu Rosto*: simplesmente adoro esse riff e a forma como ele é complementado pelas linhas de baixo e bateria.

Alan: Primeiramente, obrigado pelas palavras. *Medo em Seu Rosto* foi uma grata surpresa para nós, pois conseguimos ainda mais admiradores com essa canção. Ela expressa o medo em seus diferentes aspectos. Ao compor, pensei no medo da morte, que é algo comum entre nós, e se tornou ainda mais após o início da pandemia do coronavírus.

Falemos agora de *Sino Negro*, que tem nome de conto clássico de horror e clima de canção clássica de death/doom.

Alan: *Sino Negro* recebeu um videoclipe e nela falamos um pouco sobre a depressão. Adicionamos teclados na introdução pela primeira vez, mas não será a última (risos). Adoramos essa canção, ela mostra outra face da banda.

Por fim, *Traído pela Intuição* segue a tradição death/doom do Inventtor, ao mesmo tempo em que traz mudanças. Apresentada em 2022, ela é a primeira com a nova formação, agora um trio. Fale-nos um pouco sobre a composição em si e também sobre a nova formação.

Alan: Sou um amante do death/doom metal e isso sempre vai estar presente no som do Inventtor. *Traído pela Intuição* marca um novo ciclo na carreira da banda e eu queria muito registrar esse momento e compartilhá-lo com nosso público. Rolou uma química ótima com a chegada de R. Amon (Mortifer Rage) e Tony Lessa (Old Audrey's Funeral). Nessa canção voltamos a narrar um conto, dessa vez sobre uma pessoa enterrada que ainda consegue sentir os sentimentos carnais.

A banda parece estar continuamente trabalhando em novas canções. Existe um plano de compilar todas em um álbum ou a estratégia permanecerá esta, de lançamento de singles individuais? Podemos esperar por material físico do Inventtor no futuro?

Alan: Verdade, estamos trabalhando muito nesses últimos tempos, e estou muito feliz com isso. Bom, estamos divulgando um split junto com banda mineira de heavy/doom Old Audrey's Funeral, lançado em CD pelo selo Fallenin77. Esse foi nosso primeiro lançamento em formato físico. Sobre o álbum, a intenção é fazer um apenas de inéditas ou no máximo com um ou dois singles já lançados. Estamos estudando essa ideia. As faixas estão em processo final de composição e em breve começaremos a pré-produção, porém sem data definida para lançamento.

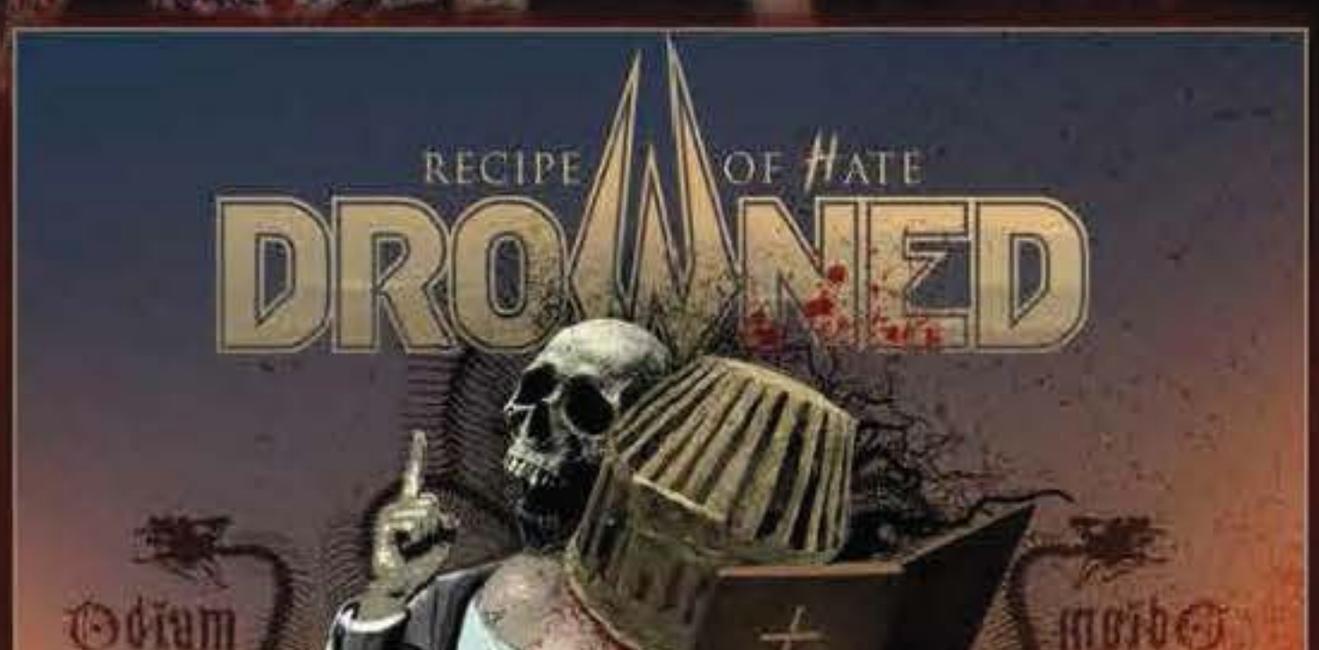
Se a música de vocês apresenta qualidade sempre constante, o mesmo pode ser dito sobre a capa dos singles. Como têm trabalhado esse aspecto da sua arte?

Alan: Muito obrigado. Trabalhamos com Fernando Lima (Drowned), artista mineiro talentoso e que está sempre inspirado, todo o mérito das artes é dele. Geralmente, entregamos a letra e um esboço da música e o deixamos livre para criar, e sempre somos surpreendidos com um trabalho incrível.

Parabéns pelas ótimas composições e muito obrigado pela entrevista.

Alan: Muito obrigado pelas palavras e pelo espaço. Aproveito para agradecer por todo o carinho que estamos recebendo, ficamos felizes por levar um pouco de entretenimento nesse período tão difícil. Vacinem-se e cuidem dos seus.

Valtemir Amler



"RECIPE OF HATE"
NOVO ÁLBUM DO DROWNED
COM A MESMA FORMAÇÃO QUE GRAVOU O "BONEGRINDER"!

DISPONÍVEL APENAS 500 CÓPIAS EM CD
COM BONUS, SLIPCASE E POSTER

CONTATO PARA SHOWS: RAFAEL - (31) 98899-2364 | booking@drowned.com.br

FACEBOOK: drownedmetal | INSTAGRAM: drowned_band

VENDAS: COGUMELORECORDS.LOJA2.COM.BR OU FACEBOOK.COM/COGUMELORECOFICIAL

AETHEREA
ATRAVÉS DE INFINITAS POSSIBILIDADES

"Hoje em dia, montar uma banda com músicos 100% focados na mesma meta é um grande desafio", nos conta o guitarrista Fábio Matos, que vinha há anos tentando reunir os parceiros certos para trabalhar e abrilhantar sua visão musical. "Mesmo durante as gravações, tivemos três trocas nos vocais, fato que nos atrasou em três anos, além de outro perdido para a covid-19. A banda se consolidou quando Rodrigo Mello (teclado) e Jessica Sirius (voz) abraçaram a causa." Com o time completado pelo baterista Paulo Lima e a baixista Vitória Bicaglio Marinho, finalmente chegou a hora de ouvirmos *Through Infinity Dimensions*, álbum de estreia da Aetherea. Veja o que mais Fábio nos contou sobre essa estreia.

Foto: Divulgação

Vitória Bicaglio Marinho, Paulo Lima, Jessica Sirius, Fabio Matos e Rodrigo Mello, apostando suas fichas no metal sinfônico

A Aetherea que conhecemos hoje surgiu do encontro da antiga Aetherea com a banda Sky Sent. Poderia nos explicar melhor como isso aconteceu e como ambas as bandas estabeleceram essa relação?

Fábio Matos: Por volta de 2004, eu conheci um pessoal de Carapicuíba/SP que estava montando um Epica cover. Acabei ingressando nesta banda, mas não fiquei muito tempo, pois sempre quis trabalhar com som autoral. O projeto Sky Sent veio pouco depois, quando conheci Everton Coro, guitarrista e compositor. Iniciamos então as composições focadas num power metal bem ao estilo Angra e Helloween. O encontro das duas bandas se deu por conta da vocalista do tributo ao Epica, aquele em que toquei lá trás, agora já nomeado Aetherea, ter nos convidado para completar a banda, que precisava de dois guitarristas. Isso foi em meados de 2009. Sugerimos trabalhar nas músicas autorais já compostas por mim e pelo Everton, o que foi aceito pela Aetherea. Mas este período foi curto, pois a Aetherea nesta época queria se manter apenas tocando os covers de Epica, então, Everton e eu deixamos a banda para prosseguir com a composição do trabalho autoral.

Foi em 2016 que a banda começou a mirar o trabalho autoral?

Fábio: Em 2016, após ter me formado como engenheiro eletricista, pude voltar com foco total na ideia de tirar as músicas da gaveta e colocá-las num CD. Na verdade, de minha parte sempre mirei no trabalho autoral, e desde o início do projeto Sky Sent até o momento em que decidi gravar sempre fui trabalhando nas composições, o que fez com que finalmente chegasse na sonoridade mais sinfônica que você encontra no material lançado recentemente. Claro que nesse período houve uma migração daquele metal melódico de Angra, Stratovarius e Helloween para um metal sinfônico, mais próximo de After Forever, Epica, Nightwish etc. Em relação à formação, sempre tive dificuldades em completar um line-up que estivesse em sintonia com este estilo e com a meta do projeto, e o pessoal da Aetherea de 2009 não tinha muito interesse em seguir com o autoral, portanto, este processo de completar a banda não foi fácil. Foi então que em 2016 decidi iniciar as gravações, mesmo com faltando integrantes. Nesta fase, convidei Nathália Zukkas, que era integrante e fundadora da Aetherea do passado, para gravar o material, por isso o nome Aetherea voltou para este projeto, substituindo assim o Sky Sent.

Após o EP que carrega o nome da banda, vocês se entregaram a um projeto ousado: o álbum *Through Infinite Dimensions*, com mais de uma hora de música. Embora não seja algo inédito, tampouco é comum um álbum de estreia tão longo. O que os levou nessa direção, já que não se trata de um álbum conceitual?

Fábio: Devido à quantidade de músicas prontas para serem gravadas que eu tinha na gaveta, o processo de escolha das faixas foi muito difícil, pois se dependesse de mim, lançaria um álbum duplo (risos). Para chegar à seleção das músicas, tive que estudar os temas, o conceito das letras, a dosagem de músicas mais lentas e mais rápidas. Ficamos com doze faixas que passaram de setenta minutos de áudio, mas na verdade fui me preocupar com isso quando estávamos entrando na fase de fabricação, pois somente neste momento percebi que uma mídia física teria um limite apertado para este álbum. Por sorte, couberam todas as faixas. No fundo, queria apresentar a maior variedade de composições que a banda podia apresentar em um primeiro trabalho, não me importando muito com a duração do álbum.

Embora não seja conceitual, existe uma temática que permeia várias composições no disco e que ganha grande importância no seu universo musical. Você poderia nos falar mais sobre ele?

Fábio: Bom, este é um assunto vasto para mim, pois a temática envolve diversos assuntos atuais, mas com uma visão mais espiritualizada dos fatos. A ideia foi exatamente esta: Não ser conceitual, mas ter uma coesão geral nos temas abordados. Em resumo, busquei apresentar uma consequência geral sobre a humanidade, oriunda de seus atos contra seu próximo e o mundo que a abriga. Há críticas a pessoas que se beneficiam da fé alheia, a pessoas que usam seu poder político para seus próprios interesses, além de alusões a uma hipótese de um estado de guerra mundial nuclear, com suas consequências para a humanidade e a destruição do planeta. Por fim, sempre há uma mensagem intrínseca convidando as pessoas a buscarem sua evolução espiritual e mental, para que possamos alcançar um mundo mais harmonioso, tendo a caridade como principal conceito, pois todos somos filhos deste planeta azul.

Para o futuro, vocês já anunciaram dois novos projetos. Fale-nos primeiro sobre o EP *Heal Me*.

Fábio: Ele abre a nova fase da banda, em que tenho dividido todas as composições, tanto de letras como de músicas, com o tecladista Rodrigo Mello. Este será um material praticamente conceitual, no qual abordaremos a covid-19 e suas consequências tão devastadoras nas vidas de tantas pessoas pelo mundo. Será uma reflexão respeitosa do momento tão triste que vivemos. Quanto à sonoridade, estamos experimentando um metal sinfônico com mais influências de death metal, aos moldes da banda Mayan e semelhantes.

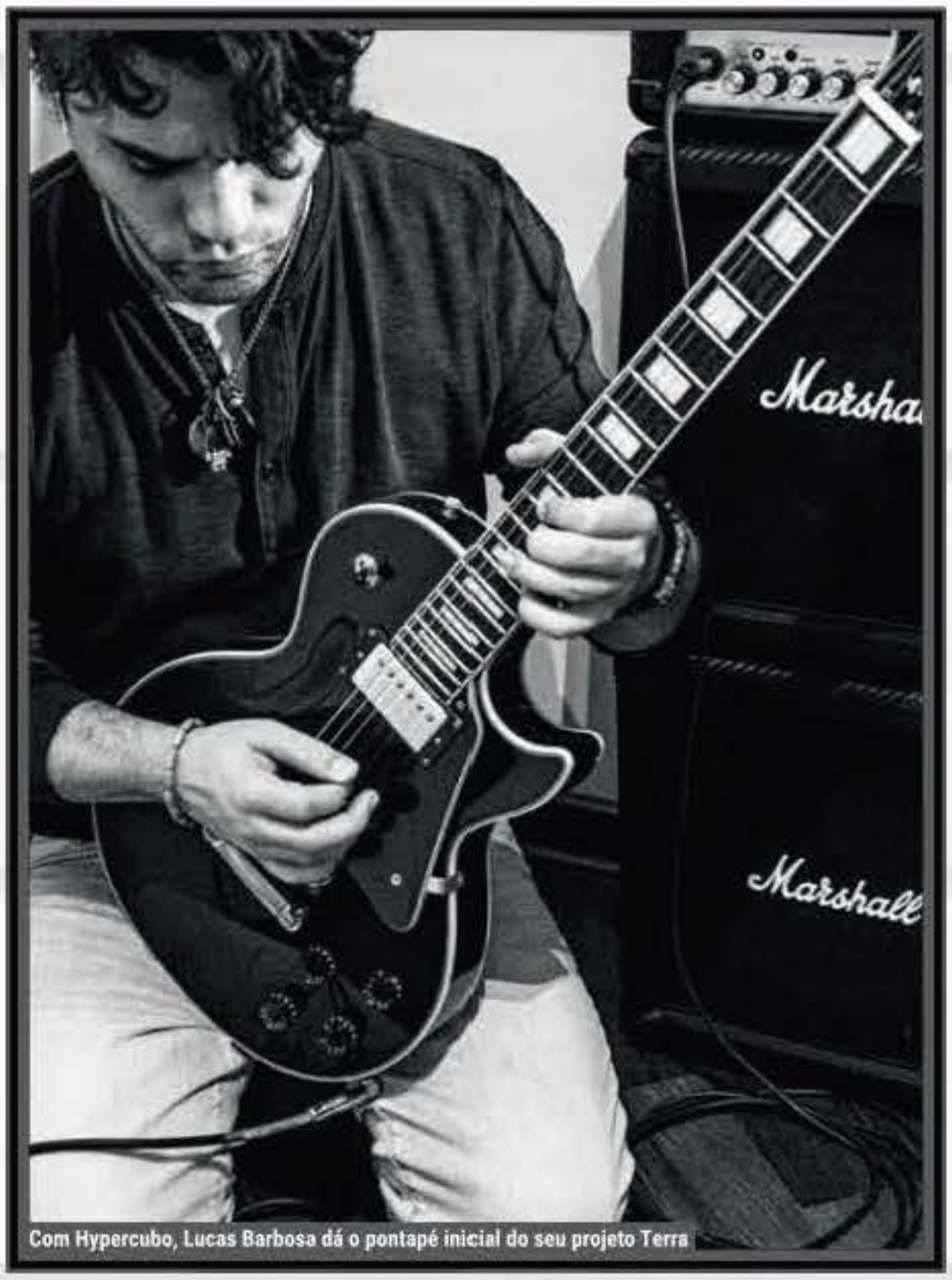
Além dele, existe também o esperado segundo álbum.

Fábio: Nosso segundo álbum já está 50% pré-produzido. Sobraram muitas músicas de *Through Infinite Dimensions*, além de somarmos vários temas do Rodrigo. A previsão é que esteja pronto para o fim do ano ou no início de 2023. Este álbum seguirá a sonoridade experimentada no EP *Heal Me*, sendo um metal sinfônico mais pesado, diminuindo um pouco o power metal encontrado no primeiro trabalho. Valtemir, registro aqui meu profundo agradecimento pela oportunidade e gostaria de dizer que foi um grande prazer responder a esta entrevista. Deixo o convite a todos que nos busquem em suas plataformas digitais preferidas e confiram o material que abordamos aqui. Grande abraço a todos!

Valtemir Amler

TERRA
A HORA É AGORA!

Movido por interesse e paixão profundos, Lucas Barbosa muito cedo percebeu que jamais conseguiria ser somente um fã de música: ele precisava compor, como nos contou nesta conversa: "Eu sempre tentei compor. Acho que sempre quis reunir todos os elementos musicais com os quais eu mais me identificava em busca da música perfeita pra mim." Porém, este era um universo muito amplo, mas guiado por um sentimento: "A música tem que ser sentida, quem toca tem que estar se emocionando." O fato é que levou algum tempo até ele conseguir se libertar das amarras e rumar para o seu ideal máximo, como nos explica: "Eu não tinha delimitado a minha identidade ainda, até sentia vergonha dos meus gostos musicais por conta daquela velha visão de que quem curte hard rock e metal não pode escutar qualquer outra coisa. Quando eu consegui me livrar disso por completo, minha identidade musical floresceu naturalmente". Assim chegamos ao Terra, expressão musical máxima de Lucas Barbosa.


Com Hypercubo, Lucas Barbosa dá o pontapé inicial do seu projeto Terra

Mergulhando já no álbum de estreia, *Hypercube*, gosto da maneira como você mantém o metal em evidência, mas sempre buscando referência e refúgio em outros estilos musicais.

Lucas Barbosa: Na verdade, o metal é apenas uma forma que eu uso para estruturar as músicas. A maioria nasce no violão, no piano, na percussão, pensando em como aquela peça pode transmitir a mensagem que quero passar. Daí, é uma questão de procurar os elementos musicais que me darão subsídio pra contar essa história. Lógico que para fazer essa relação as minhas experiências de vida pesam muito: eu associo nostalgia a música mineira (Milton Nascimento, Flavio Venturini, até Roupa Nova), por que eu fui criado lá. Eu associo fazer trilha a momentos de reflexão, de meditação, daí minha relação com folk e bluegrass. A lista vai longe.

Uma das canções que mostra esse pluralismo estilístico é *Always Resist*.

Lucas: Cara, essa música fala sobre seguir em frente mesmo quando estamos derrubados, quase derrotados. Ela precisava passar a violência de ser derrotado, de apanhar, mas também tinha que transmitir a firmeza de quem enfrenta isso e continua seguindo em frente. Isso ressoa com a história de muitos brasileiros, inclusive minha família, que saem do nordeste, por exemplo, procurando por uma vida melhor e aguentam de tudo até chegar lá. Aí era uma questão de achar elementos pra contar essa história. Na época em que eu concebi a música, estava escutando muito Clara Nunes e ela tem uma música chamada *Feira de Mangaio* que é um primor no que tange aos elementos de música nordestina. Então eu estudei a música, as partes harmônica e rítmica, e apliquei os mesmos princípios. Aí eu também quis fazer alguns experimentos rítmicos, aplicando o princípio de tensão-resolução ao tempo. Daí vem aquela parte mais baião do meio, no qual a tensão vem da mudança de um 4/4 para um 5/8. Aí alivia a tensão um pouco num 7/8, até voltar e resolver por completo num 4/4. E nessa parte a resiliência tinha que sobressair acima do sofrimento, daí os solos agressivos e diretos.

Logo na sequência, vem outra das que chamaram a minha atenção instantaneamente, *Sign My Name*. Nela, ouvimos claramente os elementos de MPB e até algo de samba de raiz explorados sob o prisma do rock, evidenciado não só pela guitarra elétrica, mas também pelas inteligentes linhas de voz.

Lucas: Essa música é uma das que mais tenho orgulho do resultado final. Ela fala sobre encontrar sua identidade, aceitar quem somos, em todas as formas. Para começar qualquer jornada de mudança precisamos conhecer o ponto de partida. E eu aproveitei para falar de origens em vários sentidos, inclusive étnico e racial. Eu venho de uma família extremamente miscigenada e nem sempre tive orgulho disso. E essa é a origem da grande maioria dos brasileiros. Então, pra passar essa mensagem de autoconhecimento, aceitação e orgulho, eu quis usar elementos que mostrassem essa miscigenação. Daí a introdução remetendo à bossa nova, que é um mix de jazz e samba, e a música descendo para uma batida de escola de samba, como que um momento de aceitação completa, de imersão na identidade. As vozes foram pensadas também para remeter a cantos de samba, em que os versos são repetidos por corais de fundo. Tudo isso com a intenção de mostrar todo o espectro de cores da diversidade ética e cultural que eu trago comigo e que pode ser encontrada na maioria dos brasileiros.

Da forma como você aborda os elementos de fora da música pesada – você não quebra a seção pesada para inserir um verso MPB, samba etc., mas insere de fato na trama musical –, entendo que isso exige um cuidado maior tanto na composição quanto na produção.

Lucas: Com certeza! Mas o principal aspecto disso é que as músicas nascem de formatos não metal. *Sign My Name* era um sambinha com elementos de Andy McKee. Depois vem o processo de estruturar a música e pôr a camada de heavy metal. Então, na verdade, o que precisa ser adaptado é a parte pesada, porque o protagonismo mesmo está nos outros elementos. Tirando isso, tomei muito xingo do Thiago Bianchi na hora de produzir *Always Resist* e *Sign My Name* por que tinha faixa de percussão demais (risos).

Sou fã declarado de música caipira, e se precisasse escolher uma música para mostrar o seu trabalho para um novo fã, eu certamente escolheria *Montaria*. Fale-nos sobre essa canção.

Lucas: Cara, essa música foi feita toda na viola caipira. Eu tenho minha violinha e fico pirando nela, escutando Almir Sater, explorando as possibilidades. A ideia de fazer um tema instrumental veio de um show do Almir Sater, no qual ele disse que não gravaria um DVD por que a música dele era para ouvir de olhos fechados, e que quando a música é perfeita, não tem letra que transmita melhor a mensagem que a própria melodia. *Montaria* é uma narração musical da curva de aprendizado que é uma jornada de autoconhecimento: você acha que sabe, tenta explorar mais, quebra a cara, levanta, pensa no aprendizado da queda, absorve e tenta de novo, só que agora mais sábio e mais experiente. Você pode notar que certas sessões da música se repetem exatamente nessa ordem. Andar a cavalo é algo que faz parte da minha vida, Almir Sater e música pantaneira fazem parte da minha playlist diária, então foi fácil unir esses pontos. Depois foi reunir elementos de outros grandes artistas instrumentais, principalmente Metallica, para pôr essa estrutura de uma forma mais coesa. Muito obrigado pela oportunidade de falar sobre o meu primeiro disco aqui na ROADIE CREW. Eu realmente espero que possam curtir *Hypercube* o tanto que eu curti fazê-lo.

Valtemir Amler

GENTLE SAVAGE
CONEXÃO FINLANDESA COM O MUNDO

Sem você está acostumado ao moderno hard rock europeu, aquele dos anos 2000 para cá e muito bem representado por bandas suecas, especialmente, abra espaço para algo completamente diferente. Oriundo da Finlândia, o Gentle Savage mostra em seu disco de estreia, *Midnight Waylay* (2021), que é possível trazer novos ares para o estilo e, também fazer algo que ninguém mais está fazendo no Velho Continente. A mistura feita por Tornado Bearstone (vocal e guitarra), Tim O'Shore (guitarra, recém-substituído por Henri Sun), Vance Bead (baixo), Theo van Boom (teclados) e Jay B (bateria) merece uma audição atenta. Entenda nesta entrevista por quê.

Divulgação

Theo van Boom, Tim O'Shore, Tornado Bearstone, Vance Bead e Jay B: fora das convenções do hard rock europeu

Como você tem passado essa interminável pandemia?

Tornado Bearstone: Tudo isso tem sido muito difícil para músicos e bandas no mundo todo, mas na Finlândia... Somos um país pequeno, e as casas de shows e restaurantes que costumam ceder seus espaços para shows se deram muito mal. Com isso, tem sido difícil de conseguir datas. Agora que as coisas estão lentamente reabrindo na Europa, bandas grandes têm conseguido shows e lugares para tocar, mas muitos lugares menores fecharam. Assim como todo mundo, estamos na esperança de ultrapassar essa fase. E na torcida para que fique tudo bem.

Vamos falar de *Midnight Waylay*, e gostaria de começar com a declaração de Kimmo Kuusniemi de que o álbum o fez lembrar de Deep Purple e Black Sabbath...

Tornado: Ah, Kimmo foi um dos primeiros caras na Finlândia a gravar heavy metal e hard rock nos anos 1970, quando ninguém estava fazendo nada semelhante por aqui. Atualmente, ele é empresário de artistas, e a responsável por relações com a mídia mandou nosso disco. Quando soubemos desse feedback... Cara, achamos muito legal! (risos) Quando eu penso sobre a nossa música, acho que consigo ouvir o Deep Purple ali, mas isso não fica tão óbvio por causa dos outros caras da banda e as cores e modernidade que eles adicionam às músicas. Se fosse eu fazendo tudo sozinho, certamente soaria muito mais como Deep Purple e Black Sabbath.

Minha música favorita no disco, *After All*, reforça o que chama a atenção durante toda a audição: não se trata do típico hard rock europeu, especialmente dos anos 2000 para cá. Neste caso, a sua voz é bem peculiar, então adiciona um novo sabor à canção.

Tornado: Eu estava tocando minha guitarra sem pensar muito, apenas tocando um ritmo meio latino. Mostrei para os caras, e eles perguntaram: 'Ok, vamos tocar bossa nova agora?' (risos). E eu disse: 'Não sei, mas vamos tentar!', porque eles conseguem tocar isso! Assim, tocamos numa pegada meio brasileira e experimentamos alguns estilos. Quando eu componho uma música e começo os arranjos, gosto de dar liberdade ao momento para tentarmos coisas diferentes. Nos ensaios seguintes, fui com a ideia de tentar um estilo rocksteady (N.R.: surgido na Jamaica na década de 1960, é um gênero próximo ao ska) e manter o groove que se ouve na versão final de *After All*. Quanto aos vocais, não sei dizer por que fiz dessa forma, porque nunca tinha feito algo parecido. Lembro-me dos caras dizendo 'Isso vai mesmo entrar no disco?' (risos), mas o toque final foi na mixagem, porque até então tinham escutado apenas como tocamos nos ensaios. Quando ouviram a mixagem final, eles descobriram a guitarra que eu coloquei, mais pesada, o que mudou o estado de espírito da música e, estranhamente, criou um equilíbrio entre os demais elementos. Por causa dessa liberdade, é uma das minhas favoritas do disco, também! Sei que os fãs mais fervorosos de heavy metal não gostarão dela, mas que se dane! (risos) Nem todo mundo se liga nessa música, só quem realmente conhece rock percebe as nuances, como foi o seu caso. Fiquei muito feliz com a sua observação, e *After All* é o que explica o nosso nome, uma combinação da gentileza com o selvagem. São pequenos detalhes aqui e ali.

Exatamente. É natural que as pessoas esperem algo como o moderno hard rock europeu, apesar de o Gentle Savage ser finlandês, e não sueco (risos), mas é uma agradável surpresa observar influências rock'n'roll de bandas como Black Sabbath, The Who e Aerosmith.

Tornado: Sim, é isso mesmo! Somos finlandeses, conhecemos nossa história e amamos nosso país, mas não somos uma banda folclórica. Dizemos que não somos sequer uma banda europeia, porque queremos ser globais. Eu nasci na Áustria e atualmente moro na Finlândia, enquanto Vance mora na Holanda e por aí vai. Estamos por aí, e essa é a ideia. Sobre o som, obrigado por notar as influências, porque nem todo mundo percebe. Isso é a coisa mais importante, porque é possível ter boas músicas e ter um bom grupo de músicos, mas se você perde ou não adquire uma sonoridade, não se chega ao nível desejado. E isso é algo que eu sou grato ao meu amigo e nosso produtor, Timo Kämäräinen, que me ajudou com as duas primeiras músicas e nos colocou em contato com o brilhante Jesse Vaino, engenheiro de mixagem que nos deu o toque final na sonoridade que você ouve no disco. Tudo está interligado. As músicas parecem simples, mas não são. Uma banda qualquer não as executaria com os detalhes que estão ali, porque está tudo ligado: o conceito, a sonoridade... E a sonoridade plástica do hard rock de sempre é tão entediante! Já temos muito disso, então buscamos algo orgânico, com músicos tocando de verdade. Muitos dos solos do Tim foram gravados de primeira! Ele até queria alterar algumas coisas, mas eu achei que estava excelente como estava. E as músicas ficam melhores a cada audição, porque são orgânicas.

E há outra entre as minhas favoritas, que é *Personal Hades*, especialmente por causa da mensagem. Você poderia explicar a história por trás da letra?

Tornado: O título já entrega que é algo pessoal. Eu passei por maus bocados, não nasci num berço de ouro e sofri bastante. E o sofrimento traz outros elementos para a sua vida. Traz azar, porque você passa a acreditar nessas coisas, começa a tomar decisões erradas com facilidade, e finalmente as coisas chegam a um ponto em que você está num estado emocional tão restrito que parece não haver saída. Se isso se prolongar, o que acontece? A pessoa comete suicídio. Eu nunca fui tão longe, mas foi por pouco. E na letra tem essa parte que diz "Someone save me", e eu não estou buscando salvação divina, de anjos ou de Jesus Cristo, mas salvadores reais, pessoas que podem fisicamente me ouvir e me compreender. São as pessoas que o salvam. Essa história é real, assim como em cada música há algo ligado à minha vida ou à de alguém que eu conheço. Quanto à presença de Hades, é uma figura mitológica conhecida, e era a imagem perfeita para o que eu tinha em mente, uma expressão para quando se está verdadeiramente depressivo, num estado muito negativo dentro de si mesmo, sentindo-se preso e sem saída. Hoje eu sei que sempre há uma saída, mas na época eu não sentia isso.

Daniel Dutra

In Nomine Belialis

"Banishment" é o novo álbum do In Nomine Belialis!

Uma jornada rumo ao caos materializada em hinos de ódio, blasfêmias e profanação!!!

Ave Belial!!!

VOICE MUSIC
vendas@voicemusic.com.br

Distribuído nos EUA por GREYHAZE RECORDS
GREYHAZE RECORDS
www.greyhazerecords.com

COGUMELO RECORDS
www.cogumelo.com

VENDAS:
cogumelorecords.loja2.com.br
facebook.com/cogumelorecoficial

PORTAL ROADIE CREW DESTAQUES ONLINE

FILME
ANDRE MATOS
O Maestro do Rock

A primeira das quatro partes de "Andre Matos, o Maestro do Rock", que conta a história de vida do saudoso vocalista, pianista, compositor e maestro, está disponível no streaming em uma parceria com a ROADIE CREW. Além de imagens do arquivo pessoal e entrevistas com amigos, familiares e músicos, o filme emociona o público não só em fatos da carreira, mas ao abordar a personalidade de Matos, que integrou as bandas Viper, Angra, Shaman, além da carreira solo e diversos projetos, fora dos palcos. Com conteúdos e descontos exclusivos, a primeira das quatro partes do filme está disponível para aluguel através da plataforma Vimeo. Pela parceria, assinantes do canal Roadie Crew no YouTube, da revista Roadie Crew e os fãs que contribuíram com a Vakinha para a produção do documentário, poderão solicitar cupons de desconto exclusivos.

YOUTUBE
DR. SIN
Especial

Fotos: Divulgação

Ricardo Batalha conversou com Andria Busic (vocal e baixo), Ivan Busic (bateria e vocal) e Thiago Melo (guitarra) para um especial em nosso canal no YouTube. Durante o longo papo sobre os 30 anos de Dr. Sin, gravado nas dependências do Manifesto Bar, em São Paulo, os músicos recordaram histórias do passado, falaram sobre a saída de Edu Ardanuy e a entrada de Thiago Melo, contaram curiosidades e revelaram alguns dos novos planos da banda, que segue promovendo o álbum *Back Home Again* (2019). Entre eles, um acústico e um livro. Confira!

MEMÓRIA
RC #205

"Ao longo da minha vida descobri que há dois tipos de gente: aqueles que estão do seu lado e os que estão contra você. Aprenda a distinguir uns dos outros, já que ambos estão sempre próximos e às vezes você pode confundi-los", Lemmy Kilmister.

YOUTUBE
Roadie Crew
Online Festival

A Roadie Crew, em parceria com o Som Do Darma, vem apresentando um evento repleto de bandas no canal do YouTube. Confira!

ASSINATURAS
E números atrasados

Se não encontrou nas bancas, procura uma edição específica ou quer fazer a sua assinatura e receber a ROADIE CREW em casa, acesse www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo fone: (11) 5058-0447.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Ricardo Batalha (Editor Chefe)
Saxon - *Carpe Diem*
Scorpions - *Rock Believer*
Tysondog - *Midnight*

Antonio Carlos Monteiro (Redator)
Golpe de Estado - *Caosmópolis*
Electric Sun - *Electric Sun*
The Who - *Live at Leeds*

Leandro de Oliveira (Diretor de Arte)
Scorpions - *Rock Believer*
Magnum - *The Monster Roars*
Tony Martin - *Thorns*

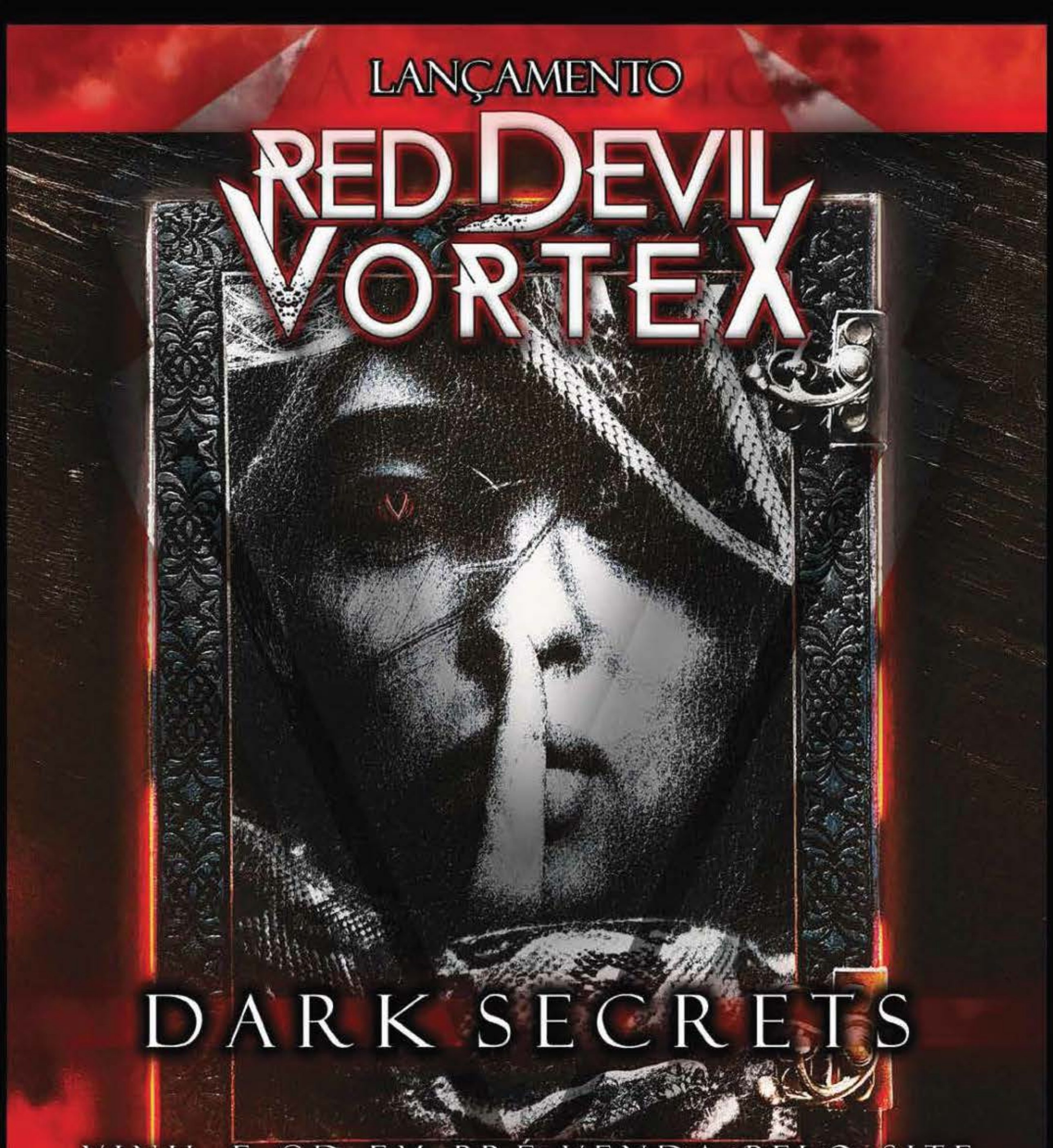
Jaqueline Lins e Silva (Leitora)
Deep Purple - *Turning to Crime*
Tuatha de Danann - *...Of Trovas and Spell...*
Opeth - *Heritage*

Andre Frieling (Leitor)
Trivium - *In the Court of the Dragon*
Gamma Ray - *Land of the free*
Yngwie J. Malmsteen - *Marching Out*

Márcio Toya (Leitor)
Exodus - *Persona Non Grata*
Sodom - *Genesis XIX*
Helloween - *Helloween*

LANÇAMENTO

RED DEVIL VORTEX



DARK SECRETS

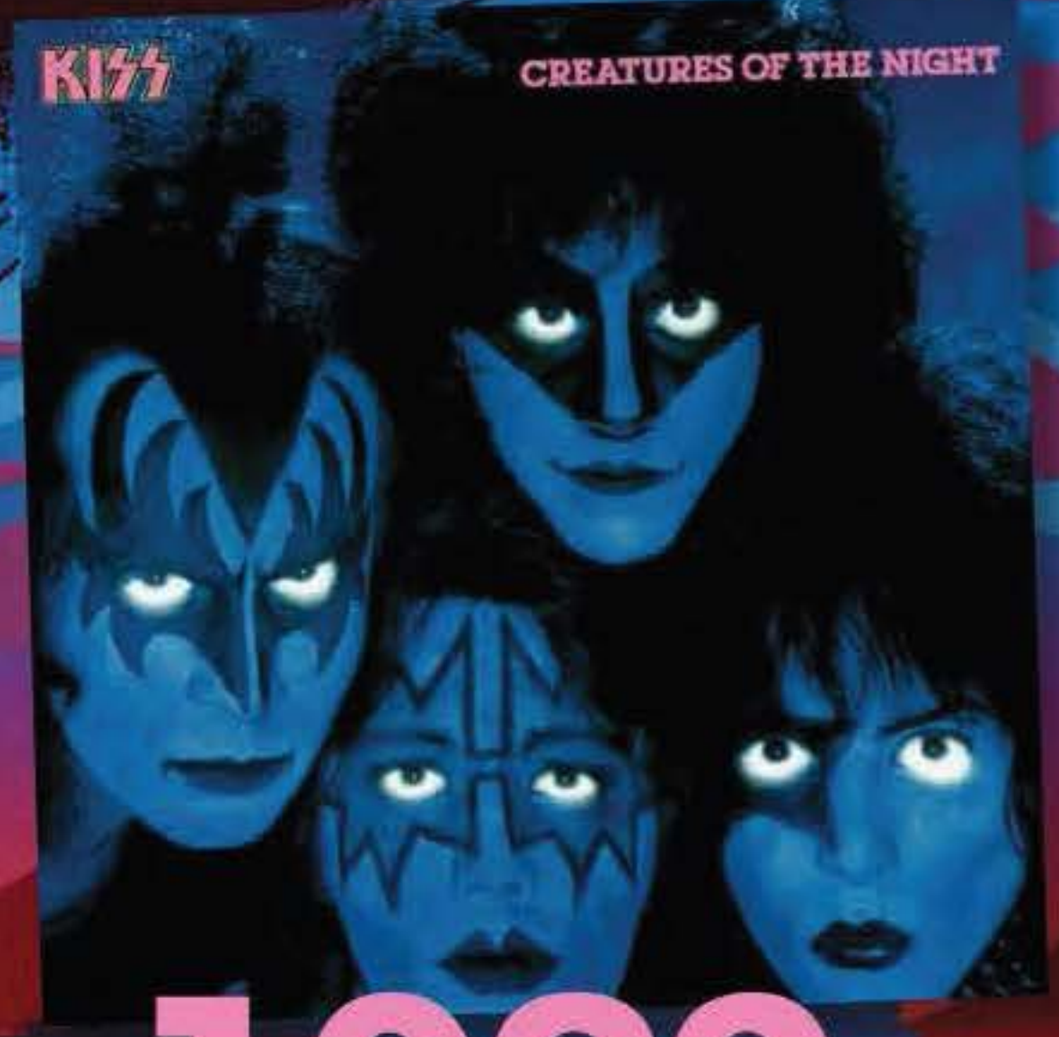
VINIL E CD EM PRÉ-VENDA PELO SITE
RDVSTORE.COM

JÁ DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

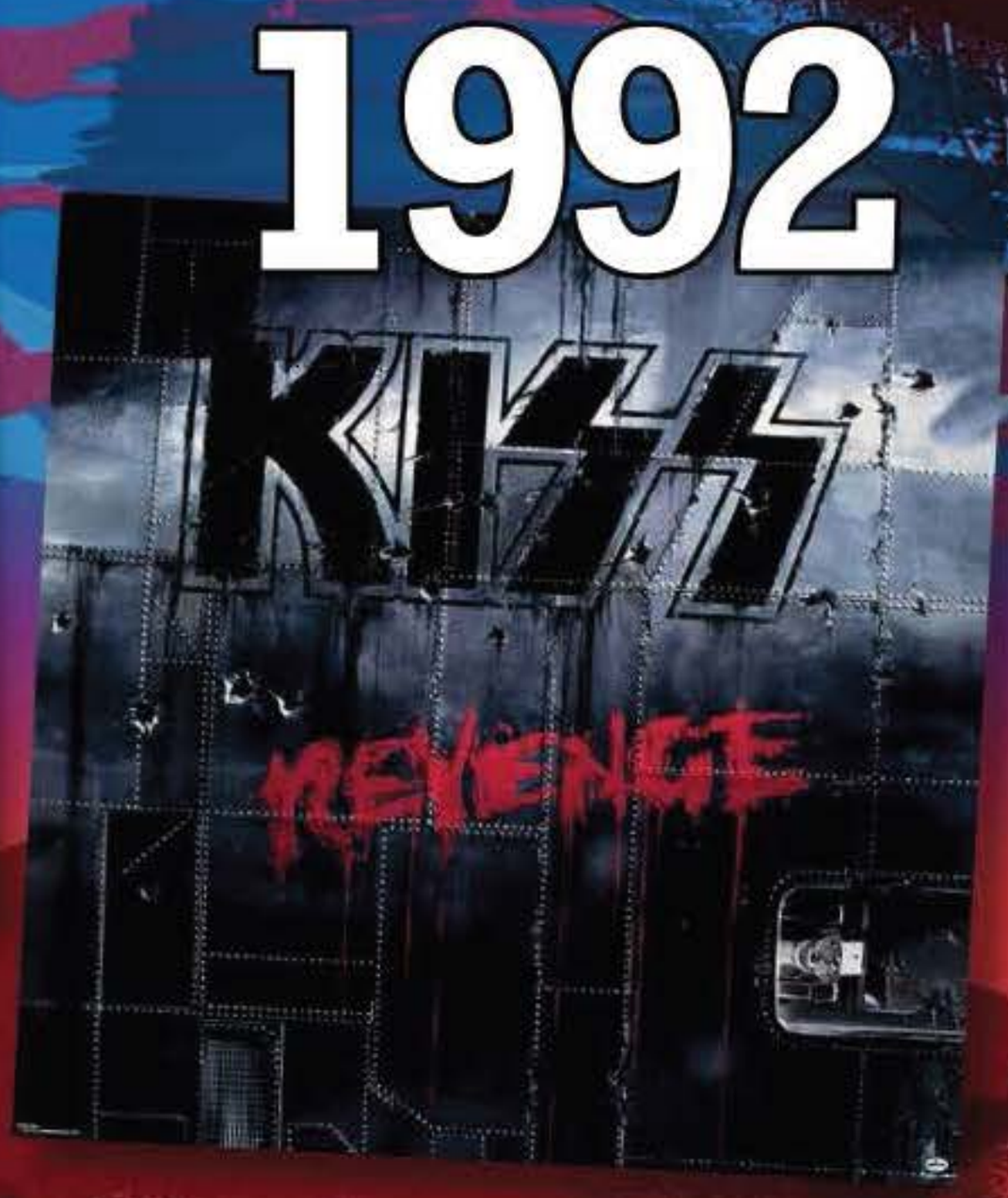
YouTube Spotify iTunes Google Play

WWW.REDDEVILVORTEX.COM

KISS



1982



1992

PONTES ENTRE O PASSADO E O (ENTÃO) PRESENTE

Por Daniel Dutra

Clássicos absolutos da discografia do KISS e dois dos trabalhos mais venerados pelos fãs da banda. Mais do que isso, no entanto, o quarentão *Creatures of the Night* e o trintão *Revenge* (1992) têm muito mais em comum do que fazer aniversário no mesmo ano, mesmo que separados por uma década no nascimento. São os dois álbuns mais pesados na história de Paul Stanley, Gene Simmons e cia., mas, à época em que eles foram lançados, essa sonoridade não havia surgido do nada.

Esse peso foi o resultado de uma sequência de acontecimentos nos anos anteriores que, a bem da verdade, não foram necessariamente bons para o grupo. *Creatures of the Night*, lançado em 28 de outubro de 1982, e *Revenge*, que chegou às lojas no dia 19 de maio de 1992, são exemplos da máxima "o que não me mata me fortalece". Os dois álbuns estão diretamente ligados à recuperação do prestígio de um KISS que deixara de ser o pesadelo dos pais que viam os filhos se maquiando como Starchild, Spaceman, Catman ou, pior, The Demon.

Ou de uma banda que dançou abraçada com modismos. Ou... Bom, tem muito mais, inclusive coincidências temporais como as participações de um guitarrista e compositor que se chamava Vincent Cusano e passou a atender por Vinnie Vincent; e, principal e especialmente, a relação com o Brasil e os brasileiros: teve a primeira vez, com a formação de uma geração inteira de fãs de heavy metal, e teve o retorno. Nas próximas oito páginas deste especial da ROADIE CREW, você vai acompanhar tudo isso e, também, outras curiosidades que envolvem dois álbuns que, enfim, são discoteca básica.

A trilha sonora para a leitura? De *Creatures of the Night* a *War Machine*; em seguida, de *Unholy* a *Carr Jam 1981*. Depois, repita todo o processo...

ALTO, EU QUERO OUVIR ALTO, BEM NO MEIO DOS OLHOS

Em seu aniversário de 40 anos, *Creatures of the Night* ainda mostra como o KISS tentou consertar "erros" passados, mas que já era tarde demais para continuar como estava

Por Daniel Dutra

"Para nós, *Creatures of the Night* foi feito sob o choque e a percepção de que havíamos nos perdido completamente", escreveu Paul Stanley na autobiografia "Face the Music – A Life Exposed" (2014). "O disco foi uma declaração de que estávamos de volta aos trilhos, e Eric (Carr) ficou aliviado, porque era isso o que esperava desde o começo. Ele estava definitivamente mais feliz durante todo o processo."

De fato, para entender o décimo disco de estúdio do KISS, é preciso voltar um pouco no tempo. Na segunda metade dos anos 1970, a banda havia se tornado um fenômeno, liderando um exército de fãs - literalmente, uma vez que o fã-clube fundado em 1975 por Bill Starkey e Jay Evans, o KISS Army, havia sido oficializado - e uma máquina de merchandising jamais vista na música. De bonecos a lancheiras, passando por fliperamas, toca-discos e rádios de pilha, havia pouca coisa sem o logo do KISS à venda.

Os shows continuavam lotados, e os discos de platina vinham em sequência, mas a banda estava implodindo por causa dos excessos oriundos do sucesso: fama, dinheiro e drogas. Os discos solo em 1978 foram o primeiro sinal de alerta mais forte, mas de nada adiantou. Não bastasse o relacionamento interno que ia se deteriorando - com Paul Stanley e Gene Simmons de um lado, e Ace Frehley e Peter Criss do outro -, musicalmente o KISS ainda assumiu um namoro com o pop e a disco music.

Dynasty (1979) e *Unmasked* (1980) não foram exatamente os trabalhos que os fãs esperavam. No primeiro, Criss tocou apenas uma música, *Dirty Livin'*; no segundo, só deu as caras na capa e no videoclipe de *Shandi* - Anton Fig assumira as baquetas em estúdio. Até então, porém, os fãs não sabiam disso. Para eles, o lance é que o KISS havia perdido a essência. Não era mais rock'n'roll a noite toda, e as festas durante o dia estavam mais para matinê. A banda não era mais o inimigo número 1 dos pais, não metia mais medo, e *Music from the Elder* (1981) só piorou a situação.

Gene Simmons, Paul Stanley, Eric Carr e Ace Frehley em sessão de fotos para promover *Creatures of the Night*

Fotos: Divulgação/Reprodução

Ace Frehley, Paul Stanley, Gene Simmons e Eric Carr durante as gravações do videoclipe de *I Love it Loud*

Paul Stanley, Ace Frehley, Eric Carr e Gene Simmons em turnê promocional pela Europa, no fim de 1982

NÓS SOMOS CRIATURAS DA NOITE

Imagine o KISS, agora com Eric Carr integrado também em estúdio, trocando a temática de músicas como *Nothin' to Lose*, *Room Service*, *Detroit Rock City* e *Plaster Caster* pela luta do bem contra o mal num disco conceitual que, para completar, ainda flertava com o rock progressivo... *Music from the Elder* acabou sendo o primeiro trabalho do grupo a não ganhar Disco de Ouro, e uma volta às raízes, com uma boa adição de peso, se fazia necessário. Musicalmente, *Creatures of the Night* foi exatamente isso, mas o que hoje é um clássico – o favorito de muitos fãs, um dos melhores trabalhos da banda – não foi bem assim à época.

Apesar de ter se saído melhor que o seu antecessor, chegando ao 45º lugar no ranking da Billboard, 30 posições acima de *Music from the Elder*, ele só sentiu o cheiro do Disco

CREATURES OF THE NIGHT

Ouro nos EUA em 9 de maio de 1994. E apesar de Frehley estar na capa do álbum; de ter gravado o videoclipe de *I Love it Loud*, único single do disco; e de ter viajado com a banda à Europa para promover o trabalho, com aparições em programas de TV, o guitarrista passou longe do estúdio.

Não que isso tenha sido uma novidade, mas desta vez era o prenúncio do fim. Robben Ford (*Rock and Roll Hell* e *I Still Love You*), Steve Farris (*Creatures of the Night*) e o até então desconhecido Vincent Cusano – que também assinou a composição de três músicas: duas com Simmons (*I Love it Loud* e *Killer*) e uma com Stanley (*I Still Love You*) – foram os guitarristas no disco. Na hora de o KISS cair na estrada para valer, Cusano foi contratado, mudou de nome para Vinnie Vincent e assumiu a persona de Ankh Warrior - Ankh, a cruz da sua maquiagem, é um símbolo egípcio que significa vida.

Eric Carr, Gene Simmons, Ace Frehley e Paul Stanley em turnê promocional pela Europa, no fim de 1982

Paul Stanley, Ace Frehley, Eric Carr e Gene Simmons em sessão de fotos para promover *Creatures of the Night*

A TURNÊ DE DEZ ANOS DE BANDA

"Nós gostamos de *Creatures of the Night* e esperávamos pelo melhor, mas ele se saiu mal. Agendamos uma turnê pelos Estados Unidos, a mais malsucedida que fizemos até hoje", contou Simmons em "KISS and Make-Up" (2001), sua autobiografia. "A cena musical estava mudando, e artistas como Michael Jackson e The Clash encontravam-se em ascensão, então ninguém aparecia para nos ver. Era assim na América do Norte, mas fora dela, especialmente na América do Sul, nós tocamos para as maiores audiências de nossas vidas, em estádios lotados de gente."

Enquanto não se sustentava nos EUA, *Creatures of the Night* recebia Disco de Ouro no Brasil, em 1983, e emplacava um hit que ultrapassou as fronteiras do heavy metal no país: *I Love it Loud*. A 10th Anniversary Tour começou no dia 29 de dezembro de 1982, incluindo apenas EUA e Canadá, e durou até 3 de abril de 1983. E foi um fiasco para os padrões do grupo: média de público de cinco mil pessoas por show.

"Obviamente, tínhamos de pagar penitência pelo que fizemos em *Unmasked* e *Music from the Elder*. E pagamos com *Creatures of the Night*, mas os fãs não estavam nos perdoando. Foi muito ruim na maioria das cidades. Antes de irmos para o palco, ouvíamos o 'You wanted the best, you got the best, the hottest band in the land...', então entrávamos para descobrir que não tinha ninguém na plateia. Algumas vezes, havia mil pessoas numa arena que comportava 15 mil", disse Stanley, sobre o cenário desolador. "Nós havíamos lotado aquelas mesmas arenas cinco anos antes, mas se eu jogasse minha palheta muito longe dessa vez, ela passaria pela cabeça das pessoas e cairia no chão."

Gene Simmons, Ace Frehley, Eric Carr e Paul Stanley durante apresentação de TV na Europa, no fim de 1982

Gene Simmons, Paul Stanley, Vinnie Vincent e Eric Carr prontos para a 10th Anniversary Tour

SURGE UMA NOVA GERAÇÃO DE FÃS DE ROCK NO BRASIL

A década de 1970 havia apresentado aos brasileiros os shows de Carlos Santana (1971 e 73), Alice Cooper (1974), Rick Wakeman (1975) e Genesis (1977), e a de 1980 teve sua iniciação com Queen (1981), Peter Frampton (1982) e Van Halen (1983). Mas nada se compara à estreia do KISS no país, seis meses depois da passagem de David Lee Roth, Eddie Van Halen, Michael Anthony e Alex Van Halen. Para uma grande parte da geração que hoje se aproxima ou passa dos 50 anos, o heavy metal - em todas as suas

CAPAS, SINGLES & BOOTLEGS

Creatures of the Night

Creatures of the Night (bootleg)

Creatures of the Night (CD versão #1)

I love it Loud (single)

vertentes - começou com *Creatures of the Night*. E o estilo ganhou contornos definitivos quando Paul Stanley, Gene Simmons, Eric Carr e Vinnie Vincent desembarcaram no Brasil para apresentações no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte e em São Paulo nos dias 18, 21 e 25 de junho, respectivamente.

Quase 39 anos depois do primeiro show, no Maracanã, para o maior público da carreira do KISS, a história ainda é contada em prosa e verso por fãs e pela banda. Para o bem e para o mal. Os detalhes numa época de informação analógica, ingenuidade e romantismo - e 'business' para Stanley e Simmons - só foram revelados ao longo dos anos. Além do que está nas linhas anteriores, a turnê em terras tupiniquins também não foi um mar de rosas Ainda assim, nada disso importa para um sem-número de fãs brasileiros que até hoje acompanham a banda, incluindo aqueles que só puderam ver o KISS nas turnês seguintes: 1994, 1999, 2009, 2012 e 2015, sem contar a despedida que se aproxima, em abril e maio deste ano.

Os rumores da vinda ao Brasil se tornaram realidade no mesmo mês em que o KISS encerrara o giro norte-americano. Outdoors espalhados pelas cidades que receberiam a banda foram suficientes para alavancar as vendas de *Creatures of the Night* (percebeu a conexão?), causar alvoroço em quem já era fã da banda e começar a formar a geração que, a partir daí, virou membro do KISS Army.

Stanley, Simmons, Carr e Vincent chegaram ao Brasil em 14 de junho, quatro dias antes do primeiro show, no Rio de Janeiro, e enfrentaram protestos de cristãos e evangélicos com as alegações de sempre: a banda é satânica e faz apologia ao nazismo - risível, uma vez que Simmons, judeu nascido em Israel, só está entre nós porque sua mãe, Florence Klein, escapou da câmara de gás num campo de concentração na Hungria. A esposa de um oficial da SS precisava de uma cabeleireira.

Na então Cidade Maravilhosa, evangélicos distribuíram panfletos para os fãs ao redor do estádio, na tentativa de fazem com que mudassem de ideia:

"Você conhece o KISS?
KISS não é um conjunto de rock. Representa a 'Kids in Satan Service', isto é, jovens a serviço de Satanás.
Adoram a Satanás como dominador de suas vidas, para quem sacrificam animais. Este show é um culto a Satanás.
Você quer ser livre? Quer ver o mundo melhor? Quer ter um mundo de paz e amor? Não se deixe envolver com Satanás.
Sai dessa... O tempo é curto. Só Jesus Cristo tem o que você procura.
Vem, nós esperamos você
Jesus é o nosso rei.
Procure uma igreja evangélica para esclarecimento."

Gene Simmons, Paul Stanley e Vinnie Vincent na linha de frente da MK III do KISS ao vivo

Eric Carr, Gene Simmons, Vinne Vincent e Paul Stanley: a então nova formação do KISS se apresenta

Fotos: Divulgação/Reprodução

Eric Carr: o batera finalmente mostrou por que era um motor propulsor no KISS

Gene Simmons, Paul Stanley, Vinnie Vincent e Eric Carr: prontos para os palcos

O MARACANÃ ENTRA PARA A HISTÓRIA... DA MÚSICA

Não foi o suficiente para convencer as 137 mil pessoas que lotaram o Maracanã naquele dia 18 de junho, quando os "jovens a serviço de Satanás" não pisaram em pintinhos e nem sacrificam animais no palco em sua estreia no Brasil. "( ) Tocamos para 180 mil fãs enlouquecidos no Estádio do Maracanã, no Rio", lembrou Stanley, fazendo uma confusão comum em relação ao público presente naquela noite de sábado. "Foi a maior audiência para a qual tocamos até hoje. Ao me apresentar num estádio de futebol na América do Sul, percebi que os estádios que consideramos grandes nos Estados Unidos são muito pequenos em comparação. Minúsculos. Quando você entra num local como o Maracanã, se sente no fundo de um barril de petróleo."

Alguns dias depois, o show carioca virou um especial de 40 minutos na Rede Globo - que não tem mais a fita master com a gravação bruta da apresentação, destruída num incêndio nos arquivos da emissora. O programa incluiu declarações de fãs, como a menina que caiu no conto de dizer que KISS significa (abre aspas, mesmo) "Kids in Service of Satanás", e da própria banda, que teve de responder se era mesmo verdade que sacrificava animais no palco.

A desinformação e a falta de assuntos relevantes estiveram presentes também na coletiva de imprensa, realizada no Rio de Janeiro, e em programas de TV que fizeram a cobertura prévia do evento. E também nos pós-shows, como a resenha do jornalista Pepe Escobar para o jornal Folha de S.Paulo. Com o título "Um Pastiche de Missa Negra", o texto diz, entre outras coisas, que a música do KISS é um "dirty noise indistinguível, distorcido, de timbres

desagradáveis". Tá bom.

O falecido empresário Marcos Lázaro, um dos responsáveis por trazer o grupo ao Brasil, teve de responder que nenhum bichinho seria morto, e houve até matéria com a técnica em retratos falados da Secretaria de Segurança Pública do estado de São Paulo para que ela descobrisse a identidade dos integrantes. Assim como ainda hoje existem protestos de evangélicos - vide a passagem do KISS por Brasília em 2015 -, a grande mídia continua com certos ranços do passado quando o assunto não é do seu domínio. Ou do seu interesse.

Porém, aquele 18 de junho ficou marcado a ponto de a banda incluir de alguma maneira o show no Maracanã em vídeos lançados nos anos seguintes. *Exposed* (1987) tem *I Love it Loud* na íntegra; *X-treme Close-Up* (1992) apresenta trechos de *Calling Dr. Love* e *War Machine*; *Kissology Vol. 2: 1978-1991* (2007) traz 20 minutos do especial da Globo; e um novo videoclipe para *Rock and Roll All Nite*, editado ainda nos anos 1980, traz cenas da apresentação em meio a várias outras colagens.

"Não há como descrever a energia que um público daquele tamanho emana. E toda a energia era direcionada para nós em cima do palco", lembra Stanley. "Você pode dizer que o ar estava eletrificado ou que havia uma sensação de antecipação, uma histeria. Não importa como chame, quando isso é direcionado a você, é como se fosse uma enorme onda que o consome. A quantidade de poder empurrando-o para frente é incrível. Quase pode tirar seus pés do chão."

O KISS ARMY EM BH E SP

O KISS deveria se apresentar dois dias depois no Mineirão, em Belo Horizonte, mas o show acabou adiado para o dia seguinte por causa de problemas elétricos. Então governador de Minas Gerais, Tancredo Neves negou o pedido de líderes religiosos para que a data fosse cancelada, mas um juiz determinou que nenhum menor de 16 anos poderia entrar no estádio sem os pais ou algum responsável legal. Ainda assim, 30 mil fãs assistiram, no dia 21, a uma apresentação com direito a Paul Stanley fazendo média ao usar uma camisa do Atlético-MG.

A apresentação em São Paulo acabou sofrendo com o atraso de um dia

Gene Simmons, Eric Carr, Paul Stanley e Vinne Vincent em sessão de fotos para apresentar a MK III do KISS

Fotos: Divulgação/Reprodução

Vinnie Vincent: talento diretamente proporcional aos problemas que causou

Paul Stanley e Vinnie Vincent, uma parceria que durou pouco

Ingresso padrão dos shows do KISS no Brasil em 1983

no estado vizinho, e o show passou do dia 24 para o dia 25. Na coletiva de imprensa, Stanley, Simmons, Carr e Vincent apareceram sem maquiagem, apenas com lenços cobrindo o rosto. Sessenta mil fãs compareceram ao Morumbi para testemunhar (sem saber, claro) o último show do KISS com as maquiagens até 1996, quando a formação original se reuniu para uma bem-sucedida turnê mundial que passou pela América do Sul, mas não veio ao Brasil.

Curiosamente, os paulistas seriam os primeiros a ver o KISS, e em duas datas (10 e 11 de junho), não fosse a necessidade de passar a cidade para o fim da turnê, em virtude das chuvas que castigavam a capital - um agravante também para a mudança de 24 para 25, diga-se. A despedida ainda teve direito a *I Love it Loud* tocada duas vezes, a segunda no bis, no lugar de *Strutter*.

PROBLEMAS NO BRASIL

Aproximadamente 230 mil pessoas compareceram aos três shows do KISS no Brasil, mas nos bastidores nem tudo correu bem. Os promotores perderam dinheiro com as mudanças de datas e o cancelamento de um show - seriam dois em São Paulo -, e no fim houve uma fracassada tentativa de incluir Porto Alegre na logística. A lição do KISS, no entanto, foi diferente. "Apesar de a experiência ter sido depressiva em alguns aspectos, ela abriu nossos olhos para a ideia de que nenhuma cidade e nenhum mercado são definitivos", disse Simmons. "Se você não está indo bem nos Estados Unidos, vá para o Brasil. Se não está dando certo na Colômbia, tente a Itália."

O baixista se refere aos problemas que a banda teve com a alfândega brasileira, que reteve todo o equipamento durante seis meses. Esta teria sido não apenas a razão de a negociação para uma turnê na Argentina ter morrido - seriam três shows em agosto -, mas também da demora em voltar ao Brasil. Felizmente, águas passadas. O KISS embarcaria numa nova fase na sua história, agora sem as famosas maquiagens, e viveria novos altos e baixos na década de 1980, também internamente, até um novo álbum recolocar a banda no caminho do som mais pesado. E é isso que você vai acompanhar nas próximas quatro páginas.

REVENGE

VOCÊ É A BESTA QUE ME CHAMA PELO NOME

Há 30 anos, com uma tragédia recente em sua história, o KISS terminava de olhar para o próprio passado para pegar o caminho de volta ao som mais pesado

Por Daniel Dutra

"É hora de eu jogar limpo com os fãs e esclarecer os fatos. Confesso que nos últimos dez anos eu estava presente em corpo no KISS, mas não com o coração e a mente. Eu estive muito ocupado atuando em filmes, fundando gravadoras e empresariado bandas, basicamente porque eu pensei que podia fazer tudo isso. E eu posso, mas o problema é que eu machuquei aquilo que eu mais amo, que é o KISS. Então, enquanto eu estava nessas aventuras provando a mim mesmo que o meu pau é maior do que os de todo mundo, cada pedaço de mim que eu colocava em algum lugar era um pedaço de mim que faltava no KISS."

A declaração é de Gene Simmons a uma edição especial da revista Metal Muscle, lançada em outubro de 1992 para pegar carona no sucesso de crítica e público de *Revenge*, que havia chegado às lojas cinco meses antes. De um jeito bem peculiar, Simmons mostrava em seu mea-culpa que estava seguindo os passos de Ace Frehley e Peter Criss, tão criticados por ele e Paul Stanley por prejudicar a banda ao se deixarem envolver pelos excessos: "As drogas não são a única coisa que farão você esquecer quem você é. Eu virei um viciado em fama, dinheiro e poder". E o reencontro do baixista e vocalista com seu grande amor é uma das razões por que o 16º disco de estúdio do KISS colocou a banda de volta nos trilhos.

E novamente, afinal, é necessário abordar *Revenge* com a perspectiva do que havia acontecido nos anos anteriores, especialmente depois que o grupo abandonou as maquiagens. Simmons nunca escondeu que se sentia desconfortável sem a persona do The Demon,

Eric Singer, Gene Simmons, Paul Stanley e Bruce Kulick: o KISS de volta ao som pesado

Gene Simmons: mais à vontade com o que *Revenge* representava

Gene Simmons, Eric Singer, Paul Stanley e Bruce Kulick: o KISS de 1992 a 1996

e foi justamente aqui - sem as vestes multicoloridas, de volta ao peso e com a adição de roupas e couro pretos - que o baixista e vocalista a se sentiu em casa. O maior exemplo disso é *Unholy*, o primeiro single e faixa de abertura do álbum, e vale ressaltar que era a primeira vez que uma música composta e cantada por ele abria um disco do KISS.

DOIS LÍDERES SEM A MESMA VISÃO DE LIDERANÇA

A banda havia tirado as maquiagens, passado por dois guitarristas – Vinnie Vincent e Mark St. John – antes de se acertar com Bruce Kulick e, capitaneado apenas por Stanley, passado boa parte dos anos 1980 no esquema "se não pode vencê-los, junte-se a eles". Se *Lick it Up* (1983) foi predominantemente um disco de heavy metal, e com um visual mais sóbrio, digamos assim, o KISS logo em seguida se viu sugado pelo que havia começado em Los Angeles no início daquela década. De *Animalize* (1984) a *Crazy Nights* (1987), o quarteto se viu obrigado a "competir" com bandas como Mötley Crüe, Ratt e Bon Jovi, por exemplo.

Assim, lá estava Stanley cheio de confete e serpentina - assim como toda a banda vinha carregada de plumas e paetês - rebolando de ponta a ponta do palco. Não que o outrora Starchild não fizesse isso muito bem. Sempre fez, mas àquela altura, com mais de dez anos de carreira, o KISS era veterano se comparado à geração que tomara de assalto as paradas e as estações de rádios. E mesmo Simmons não escapou da tentação, como disse à revista Classic Rock em março de 2012, numa edição dedicada ao AOR:

"Por causa do sucesso daquelas bandas, e de outras que estavam confortavelmente fazendo o que elas faziam, nós sucumbimos a ele. Lembro-me de estar no shopping do aeroporto em Minneapolis quando passei em frente a uma loja de roupas para mulheres. Vi uma peça e parei. Não sabia o que era, mas que era vermelha, brilhante e tinha várias coisinhas pequenas que se mexiam. Pensei: 'Preciso comprar isso'". O som, claro, havia sido amaciado. Os álbuns? Venderam muito bem, obrigado, com Discos de Platina (*Animalize* e *Crazy Nights*) e Disco de Ouro (*Asylum*) nas paredes de Simmons, Stanley, Kulick e Eric Carr. Mas havia algo de podre no reino.

"Gene pode dizer o que quiser sobre ter ficado desencantado nos anos 1980, mas ele era o problema. Ou parte do problema. Quando estava fora tocando outros projetos, tentando ser uma estrela de TV ou trabalhando com outras bandas, ele comprometeu tudo o que já havia feito. E ele estaria melhor dormindo do que quando se envolveu com alguns dos grupos do calibre com os quais trabalhou", disse Stanley na mesma entrevista. Sim, a mágoa era muito grande, e o guitarrista e vocalista nunca escondeu isso. Nem mesmo publicamente, porque tinha afetado o relacionamento pessoal. E não foi algo resolvido tão rapidamente.

"Tommy (Thayer) e Eric (Singer) foram ao casamento, mas Gene não foi convidado. E eu o avisei antecipadamente. Eu não queria lidar com o sentimento de ter que convidá-lo somente porque ele meu parceiro musical. Ele não pertencia àquela ocasião. Gene era bem conhecido por sua opinião sobre casamento, chamado por ele de uma 'instituição' com a qual não queria viver. Disse a ele: 'Sua visão sobre casamento é apenas sua, mas quando você insulta ou humilha quem se casa, ou ridiculariza ou dispensa a ideia do casamento, então você não tem lugar num casamento'", contou Stanley, em "Face the Music – A Life Exposed" (2014), a respeito da cerimônia de seu casamento com Erin, segunda e atual esposa, em novembro de 2005.

Eric Carr, Gene Simmons, Paul Stanley e Bruce Kulick em *Hot in the Shade*, o disco cuja turnê mostrou o caminho

Gene Simmons, Bruce Kulick, Eric Singer (lá no fundo) e Paul Stanley na turnê de *Revenge*

Eric Singer durante a turnê de *Revenge*. Oficialmente, o baterista já soma 26 anos de KISS

Eric Carr, Gene Simmons, Paul Stanley e Bruce Kulick em sessão de fotos na era *Revenge*

E QUANDO O KISS COMEÇAVA A SE REENCONTRAR...

A relação mudou da água de volta para o vinho - em 2011, depois de 28 anos de relacionamento com Shannon Tweed, Simmons enfim trocou alianças com a mãe de seus dois filhos -, mas voltemos mais uma vez no tempo para chegar a *Revenge*, mais precisamente ao disco e à turnê que moldaram a volta do KISS às raízes. Infelizmente, no entanto, um caminho pavimentado também por uma tragédia: a morte de Eric Carr, provavelmente o integrante da banda mais querido pelos fãs.

Lançado em 1989, *Hot in the Shade* mostrou um KISS mais de acordo com suas origens, mais próximo do rock'n'roll e, também, com um visual mais sóbrio e menos colorido. Para completar, o repertório da turnê era uma viagem ao passado, privilegiando clássicos da fase com maquiagem com a inclusão de canções da era de rostos limpos. Mais do que isso, jogou fora os solos individuais para focar nas músicas, e foi este um dos pontos do problema de relacionamento que já havia com Carr, especialmente entre o saudoso batera e Stanley.

Carr não escondera a insatisfação ao não poder fazer o seu tradicional solo de bateria nos shows, e nada ajudou o fato de *Little Caesar* - composição sua em *Hot in the Shade* na qual gravou os vocais - ter tido vida curtíssima nos setlist da turnê. Mas a desilusão havia começado mesmo durante a turnê solo que Stanley fez em clubes nos Estados Unidos, com uma banda que contava com Eric Singer na bateria. O guitarrista e vocalista conta em seu livro: "Quando fomos a Manhattan para duas apresentações no Ritz, Eric Carr foi a um dos shows e ficou no camarote com a cabeça no aparador durante todo o tempo. Depois, ele foi ao camarim e, do nada, se virou para o Eric Singer e falou: 'Você vai me substituir'. Eu disse 'Do que você está falando?', e ele respondeu, apontando para o Eric Singer: 'Ele vai me substituir no KISS'. 'Olha, Eric, você é o baterista do KISS, e ele é o baterista da minha banda solo'".

Não se fala muito a respeito fora do circuito oficial, mas a verdade é que a situação já estava desgastada mesmo antes de Carr descobrir, em março de 1991, que tinha câncer, mais precisamente um tumor no coração. "Ele estava muito preocupado com a sua posição na banda, se continuaria no KISS mesmo depois de se recuperar", disse o radialista Eddie Trunk no livro "The Eric Carr Story" (2010), escrito por Greg Prato. "Lembro-me de ter conversado com Eric diversas vezes naquele período, tentando mantê-lo positivo e encorajado. Não apenas

para que ele ficasse saudável, mas também para afirmar que não era possível, com ele bem de saúde, na ativa e tocando, que o KISS se livraria dele. Os fãs ficariam revoltados. Eric era adorado."

Apesar de a cirurgia para retirar o tumor no coração ter sido bem-sucedida, dois outros tumores foram descobertos em seus pulmões. Carr começou a fazer sessões de quimioterapia enquanto o KISS, que havia gravado com Eric Singer a faixa *God Gave Rock 'n' Roll to You II* para a trilha do filme "Bill & Ted: Dois Loucos no Tempo" (1991), se preparava para gravar o álbum que viria a ser *Revenge*.

Gene Simmons, Paul Stanley, Eric Singer e Bruce Kulick: saem as roupas multicoloridas, entra o couro preto

...VEIO A TRAGÉDIA

"Eric estava completamente convencido de que, mesmo que se recuperasse, seu lugar na banda estava em risco. Seja lá por quê", contou Trunk. "Ele me ligou e disse: 'Mantenha seus ouvidos abertos por mim. Avise-me se você souber de qualquer trabalho. Ouvi falar que o Whitesnake talvez precise de um novo baterista'. E eu respondi: 'Você está louco? Pare de se preocupar com essa merda. Em primeiro lugar vem a sua saúde. Depois, estando bem, seu posto estará lá. Os fãs não vão permitir o contrário'. Mas Eric apenas falou: 'Não, cara. Acho mesmo que acabou'.".

Mesmo debilitado por causa da quimioterapia, Carr se agarrou à última chance que tinha para manter seu lugar de baterista do KISS: participar das gravações do videoclipe de faixa *God Gave Rock 'n' Roll to You II*, na qual ele havia gravado as harmonias vocais que aparecem no meio da canção. "Ele tinha duas vezes mais energia do que eu. Foi incrível", disse Kulick no mesmo livro. "Lá estava Eric usando uma peruca para parecer como ele sempre foi, e parecia mesmo, acredite. (...) Tocou com o coração. Eu estava emocionado por vê-lo assim. E ele foi a minha carona. Eric me pegou em casa e, depois de gravarmos até altas horas da madrugada, ainda me deixou de volta. Foi sensacional como lidou com tudo naquele dia, e eu estava tão feliz por ele. Apesar de não ter gravado a música, Eric tocou como fosse dono das gravações de bateria."

Gene Simmons, Eric Singer, Bruce Kulick e Paul Stanley: superando polêmicas e uma tragédia

Carr foi diagnosticado livre do câncer em julho, mas sofreu em setembro a primeira das duas hemorragias cerebrais. A segunda o deixou em coma até o seu falecimento, no dia 24 de novembro de 1991, com apenas 41 anos. "Foi errado manter Eric afastado daquilo que ele mais amava, do que ele considerava ser o seu salva-vidas: o KISS. Eu deveria ter percebido isso, porque a banda funcionava da mesma maneira para mim, sendo que eu nem mesmo estava doente. Eu deveria ter sabido disso", lamentou Stanley em sua autobiografia. Ele e Simmons foram ao funeral. E não foram exatamente bem recebidos.

'TAKE IT OFF, PRETTY BABY!'

O KISS já estava gravando *Revenge* quando Carr morreu, e Eric Singer acabou sendo chamado depois que as sessões com o veterano Aynsley Dunbar, indicado por Bob Ezrin, não deram certo. E sim, o produtor da obra-prima *Destroyer* (1976) estava de volta, uma vez que a parceria em *God Gave Rock 'n' Roll to You II* mostrara que, ao menos para Stanley, Simmons e o próprio Ezrin, o desastre *Music from the Elder* era coisa passado. Mas não foi apenas ele que retornara ao mundo do KISS. "Vinnie Vincent me procurou e se desculpou por ter causado tanta dor à banda quando era um integrante dela. Ele queria fazer as pazes e perguntou se eu consideraria a possibilidade de compormos algumas músicas juntos", contou Simmons em seu primeiro livro, "KISS and Make-Up" (2001).

Foi o que aconteceu: Vincent compôs *Unholy* com Simmons e ainda se uniu a Stanley para dar vida a *Heart of Chrome* e *I Just Wanna*. Das três canções, duas se tornaram singles entre os cinco lançados, mas o guitarrista conta em "KISS: Behind the Mask – Official Authorized Biogra-

CAPA & SINGLES

Revenge

God Gave Rock 'n' Roll To You II (single)

God Gave Rock 'n' Roll To You II (single)

Unholy (single)

Domino (single)

Every time I Look at You (single)

phy", de David Lead e Ken Sharp, uma história relativamente diferente: "Eu me encontrei por acaso com Paul e Gene nos estúdio A&M, e começamos a conversar. Foi bom vê-los novamente. Logo depois, recebi um telefone de Gene perguntando se eu gostaria de compor para *Revenge*. Achei ótima ideia. *Unholy* ficou ótima, e gostei muito de *I Just Wanna*, mas saí durante a composição de *Heart of Chrome*. Portanto, não estava lá no estágio final. E acho que a música poderia ter ficado muito melhor".

A guerra de palavras continua com Simmons. "Eu queria esquecer o passado. Liguei para o Paul e disse que, aparentemente, Vinnie havia mudado, assim Paul também compôs com ele. Antes de o álbum ser lançado, no entanto, Vinnie estava de volta com seus velhos truques. Negou-se a assinar o contrato que havíamos acordado porque tinha decidido que queria renegociar. Eventualmente, ele acabou nos processando e perdeu. No que me diz respeito, Vinnie é 'persona non grata' para sempre", escreveu o baixista, que conta 14 processos movidos por Vincent contra o KISS. O guitarrista perdeu todos.

Fotos: Divulgação

Eric Singer, Bruce Kulick, Gene Simmons e Paul Stanley: a MK VI do KISS

Eric Singer, Paul Stanley, Gene Simmons e Bruce Kulick na primeira sessão de fotos com o novo baterista

O DISCO CERTO NA HORA ERRADA. E CERTA, TAMBÉM

Trinta anos depois de seu lançamento, *Revenge* continua sendo, ao lado de *Creatures of the Night*, um dos dois álbuns mais pesados do KISS. E um dos mais adorados pelos fãs. Poderia ter ido mais longe, principalmente em vendas realmente expressivas, mas o cenário havia mudado para bandas como o KISS.

Simmons explica por que numa longa explanação: "*Revenge* foi bem, ganhando Disco de Ouro. Nós queríamos voltar à estrada com Eric Singer, então fizemos uma série de shows em clubes para apresentá-lo aos fãs mais fiéis. Depois, saímos numa bem-sucedida turnê em arenas, e o cenário tinha como base uma Estátua da Liberdade, mas sentimos como se Seattle e as bandas grunge tivessem matado o rock'n'roll", escreveu o baixista em sua autobiografia. "Havia muita coisa ruim na imprensa para qualquer banda com um show como o nosso. O grunge matou o mercado inteiro, não havia mais luzes, não havia mais roupas de palco, e então milhões de jovens se rumaram para o rap, uma vez que parecia que aquelas bandas tinham um monte de vagabundos. Ao menos, os rappers falavam de garotas e dinheiro. Uma década depois, os grupos grunge estavam mortos, e as bandas que eles varreram do mapa estavam de volta em combos de sucesso nas turnês de verão".

Gene Simmons, Eric Singer, Paul Stanley e Bruce Kulick: colocando a raiva para fora

Eric Carr, Gene Simmons, Paul Stanley e Bruce Kulick: a MK VI do KISS

A verdade é que *Revenge* e a época abriram uma estrada de possibilidades para o KISS. A turnê que, de fato, movimentou os fãs, trazendo de volta aqueles que não curtiam a fase "hair metal", rendeu um álbum que era aguardado havia anos: *Alive III*. Mais do que isso, rendeu dois home videos – tanto sobre *Revenge* (*X-treme Close-Up*, de 1992) quanto sobre a turnê (*KISS Konfidential*, de 1993) – e fez a banda inaugurar uma nova era de homenagens.

O autotributo *KISS My Ass: Classic Kiss Regrooved* (1994), no qual nomes como Lenny Kravitz, Stevie Wonder, Anthrax e Extreme, entre outros, tiram seu chapéu à música da banda. O CD ainda foi acompanhado pelo VHS *KISS My Ass: The Video* (1994), com foco nos primeiros dez anos do grupo – ironicamente, no entanto, o primeiro tributo ao KISS foi lançado em 1990. Chamado *Hard to Believe: A KISS Covers Compilation*, o disco conta com a participação da banda que se tornaria o ícone do movimento grunge: o Nirvana.

Na esteira de *Revenge* e de tudo o que o próprio álbum rendeu, o KISS ainda voltou ao Brasil, depois de 11 anos, para se apresentar como atração principal da primeira edição do festival Monsters of Rock no país, no dia 27 de agosto de 1994, no finado estádio do Pacaembu. À época, Stanley, Simmons, Kulick e Singer ainda estavam em meio a um evento mais do que bem-sucedido, a KISS Convention, que dois anos depois resultaria no acústico da MTV e na reunião da formação original.

Isso é assunto para um novo especial na ROADIE CREW, mas somente em 2026. O fato é que *Revenge* e o que ele representa para o KISS e seus fãs não seriam possíveis se Stanley e Simmons, os líderes, não estivessem no mesmo plano. E Kulick resumiu melhor do que ninguém para a Classic Rock: "Os dois estão competindo? De muitas, mas muitas maneiras durante toda a carreira. Por mais que isso tenha causado alguns problemas, é isso que, na verdade, também criou uma das maiores bandas do mundo. É uma competição saudável". E se você quer o melhor, você tem o melhor: o KISS.

LITTLE BLACK BIRD

O PRIMEIRO DISCO DA **LITTLE BLACK BIRD** TRAZ UMA MISTURA ESMAGADORA DO STONER ROCK E GRUNGE, COM MELODIAS PROFUNDAS E DENSAS.

GRAVADO, PRODUZIDO E MIXADO POR LUIZ FERNANDO VIEIRA NO ESTÚDIO AUDIOARENA EM SÃO PAULO E MASTERIZADO POR MAOR APPELBAUM EM LOS ANGELES. TRAZ UMA JORNADA DESÉRTICA E EMOCIONAL, COM RIFFS PESADOS E MELODIAS PODEROSAS.

DISPONÍVEL NOS PRINCIPAIS SERVIÇOS DE STREAMING.

amazon Prime MUSIC · YouTube Music · napster · Spotify · Apple Music · deezer · TIDAL

/littleblackbirdband

HIDDEN TRACKS

MCAULEY SCHENKER GROUP

Por Ricardo Batalha

O nome Robin McAuley nunca foi unanimidade para fãs de Michael Schenker. Porém, o vocalista irlandês, que já tinha substituído Bernie Shaw (Uriah Heep) no Grand Prix, ajudou o guitar hero alemão na missão de emplacar sua banda no mercado americano. Curiosamente, ele havia declinado do convite antes da efetivação de Graham Bonnett, que se deu bem em *Assault Attack* (1982). Porém, quando Schenker se viu sem Gary Barden, que tinha voltado ao MSG após Bonnett sair, McAuley foi testado. "Quando Michael me convidou para a audição, fui o último dos 17 vocalistas. Havia uma longa lista de grandes nomes, mas eu não podia recusar", afirmou o vocalista à ROADIE CREW (ed. #231).

Rocky Newton, Michael Schenker, Bodo Schopf, Robin McAuley e Mitch Perry no Monsters of Rock em 1986

Schenker então ligou para McAuley e disse que ele, seu irmão Rudolf, Klaus Meine e os empresários o haviam escolhido. Assim, o MSG se tornou McAuley Schenker Group. "Michael me explicou que queria alguém que dividisse as responsabilidades. Por isso, achava justo chamar a banda de McAuley Schenker Group", contou ele.

Montando sua base em Los Angeles, eles agora teriam que aprender as novas estratégias do show business americano. "Tivemos que aprender como funcionava o mercado nos anos 80, com todas as hair bands. Juntamos várias músicas, mas diziam: 'Eu não ouço o single.' Assim, voltamos para a prancheta", detalhou ao CrypticRock.

A formação foi completada por Rocky Newton (baixo), Steve Mann (guitarra e teclado) e Bodo Schopf (bateria). No final, Mann apareceu como músico adicional e Mitch Perry como segundo guitarrista. Este foi o time do debut, *Perfect Timing* (1987), que contou com produção do renomado Andy Johns. "Quando Michael e eu estávamos procurando por um produtor, pensamos em Andy porque adorávamos o som da caixa do álbum do Cinderella (*Night Songs*)", revelou o vocalista.

Perfect Timing conquistou a 95ª posição no Top 200 da Billboard, destacando os singles *Gimme Your Love/Rock 'Til You're Crazy*, *Love Is Not a Game/Get Out* e *Follow the Night/Don't Stop Me Now*. "Havia pressão em cima de mim, mas lá estávamos com singles nas paradas e clipes na MTV. Esta foi a primeira vez em que Michael Schenker teve singles nas paradas americanas", exaltou McAuley.

Àquela altura, o grupo havia excursionado com Whitesnake, Rush, Def Leppard e Great White, além de tocar com o Hurricane nas datas como headliner. Nos shows, o novo MSG também apresentava clássicos do passado, como *Armed and Ready* e *Into the Arena*, além de sons do UFO.

ORIGEM:
Estados Unidos

ÉPOCA:
Anos 80

ESTILO:
Hard Rock

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Robin McAuley (vocal), Michael Schenker e Mitch Perry (guitarras), Rocky Newton (baixo) e Bodo Schopf (bateria)

DISCOGRAFIA:
Perfect Timing (1987), Save Yourself (1989), M.S.G. (1991) e "Unplugged" Live (1992)

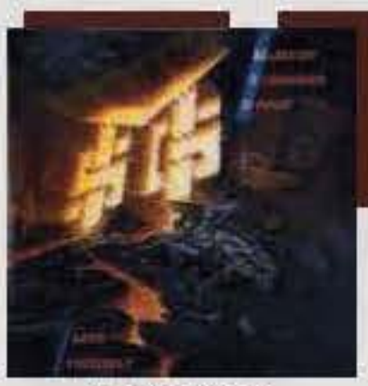
Após a turnê e a fase das composições, o grupo voltou ao estúdio e gravou *Save Yourself* (1989). Com produção de Frank Filipetti (Survivor e Foreigner), o álbum obteve a 92ª posição no Top 200 da Billboard. Mantendo a mesma concepção, o repertório, que abre com um solo de Schenker, destacou os singles da faixa-título com *Destiny* no lado B, e as baladas *Anytime* (com *What We Need*) e *This Is My Heart*, além de *Shadow of the Night*, *I Am Your Radio* e *Get Down to Bizness*.

Após o encerramento da turnê de 1990-91, que contou com shows ao lado do The Black Crowes e passou pela Europa, o grupo voltou ao estúdio e saiu com um álbum intitulado simplesmente *M.S.G.*, que teve produção de Kevin Beamish e Frank Filipetti. Àquela altura, a formação tinha sido alterada e a dupla Schenker e McAuley registrou o material ao lado de Jeff Pilson (baixo), James Kottak (bateria) e Jesse Harms (teclado).

Lançado no Japão em dezembro de 1991 e na Europa em fevereiro de 1992, o álbum não foi tão bem, mas conseguiu respaldo com as baladas *Nightmare* e *When I'm Gone*, além de *Crazy*, *Invincible* e *Lonely Nights*. "Tivemos três bons discos. Todo mundo tem sua base de fãs, e nós temos a nossa desse período", avaliou o vocalista, que ainda registrou os acústicos *"Unplugged" Live* e *Nightmare: The Acoustic M.S.G.* (EP), ambos de 1992.

Tempos depois, McAuley, hoje no Black Swan, e Schenker voltaram a trabalhar no Michael Schenker Fest, que soltou os álbuns *Resurrection* (2018) e *Revelation* (2019). "Michael Schenker Fest é uma celebração por tudo que ele (Michael) fez ao longo desses anos. Quem imaginaria que estaríamos todos juntos no palco e que gravaríamos um novo álbum?", concluiu McAuley.

Perfect Timing (1987)


Save Yourself (1989)

M.S.G. (1991)

MS METAL RECORDS
APRESENTA

MEDJAY

DISPONÍVEL EM NOSSA LOJA OFICIAL:
WWW.MEDJAY.LOJAINTEGRADA.COM.BR

OU NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS DIGITAIS:

Spotify · Available on iTunes · DEEZER · TIDAL

WWW.MEDJAYOFFICIAL.COM

DISTRIBUIÇÃO NA EUROPA:

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL, EUA E ÁSIA:

MS METAL RECORDS

Anúncio por www.jduartedesign.com.br

Foto por Pedro

DEEP PURPLE

CULPADOS, MAS ABSOLVIDOS

Roger Glover conta detalhes do disco de covers, o primeiro em mais de 50 anos, e por que a parte instrumental molda a sonoridade da banda inglesa

Por Daniel Dutra

Pouco mais de um ano depois do lançamento de seu 20º disco de estúdio, o excepcional *Whoosh!* (mais detalhes na ed. #255 da ROADIE CREW), o Deep Purple soltou *Turning to Crime*, um delicioso álbum de covers. Resultado da pandemia que impediu o quinteto Ian Gillan (vocal), Steve Morse (guitarra), Roger Glover (baixo), Don Airey (teclados) e Ian Paice (bateria) de cair na estrada, mas não um reflexo do que poderia ser um tremendo baixo astral por causa da situação mundo agora. O trabalho esbanja uma vibração positiva, e Glover explicou por que num bate-papo bem franco. Os melhores momentos você acompanha agora.

Como você está nesta pandemia que não acaba?

Roger Glover: Fazendo o melhor que eu posso, assim como todo mundo. Sinto falta da estrada, porque esse é o maior período sem turnê em toda a minha carreira. Mas, como tudo na vida, o jeito é tentar fazer o melhor possível.

E *Turning to Crime* é um resultado disso, mas por que um disco de covers?

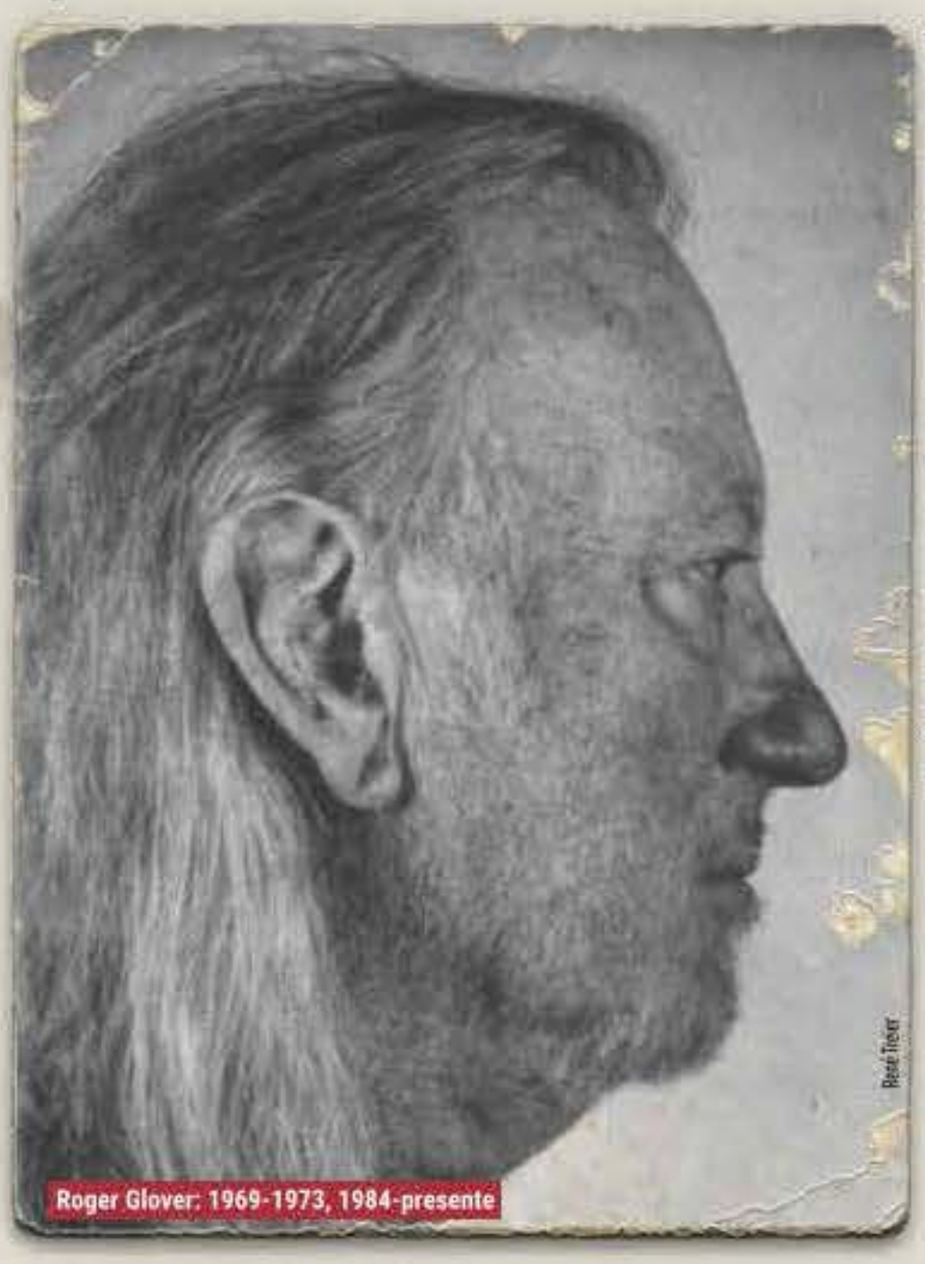
Roger: Nós já tínhamos vontade de fazer um álbum de covers, mas precisávamos estar juntos para isso. É claro que temos de estar juntos para compor um álbum próprio, de músicas inéditas, mas a necessidade, no caso de um trabalho de covers, é de a banda tocar junta e ver a evolução das versões, só que não podíamos fazer isso porque estávamos em lockdown. Tivemos uma reunião on-line com Bob Ezrin, exatamente porque não podíamos nos encontrar para compor, e não queríamos compor de qualquer jeito, sem cuidado, e foi aí que surgiu a ideia de músicas de outros artistas: 'Ah! Um disco de covers! Interessante!' (risos). A partir disso, passamos a pensar em maneiras de como fazê-lo, e aí está: pronto!

Isso é interessante, porque a primeira coisa que senti a respeito de *Turning to Crime* foi uma vibração boa, positiva, como se vocês estivessem se divertindo no estúdio, tomando umas cervejas enquanto realizavam jams... Faz sentido?

Roger: Totalmente. A princípio, nós não estávamos certos de que funcionaria, porque a forma que encontramos foi fazer demos das músicas, e não era apenas demos de cada uma delas, mas demos de como cada um queria que a canção soasse, incluindo solos e arranjos. Assim, Steve, Don e eu fazíamos as demos, inclusive com bateria programada em algumas faixas, e mandávamos para todos, e cada um gravava suas partes em casa para enviar para o Bob mixar. Tocar com metrônomo sem ter que compor nada tem um segredo que é deixar fluir, porque tocar de forma tão restrita faz com que automaticamente se queira tocar com perfeição, e isso não é o que a música deve ser. Música tem que ser o que você sente. Existe mesmo uma liberdade nas músicas, especialmente do Don, que ficou bem folgado e livre no piano. Foi bem divertido, e essa é a chave para um álbum: tem que ser divertido. Foi um desafio? Sim. Mas ao mesmo tempo foi relativamente fácil, comparado à experiência com um disco autoral, que envolve composição. Foi algo totalmente novo trabalhar sozinho no estúdio, porque dá para tentar de tudo que não há ninguém ali para criticar ou aplaudir, mas foi uma boa experiência. O resultado ficou muito melhor do que esperávamos.

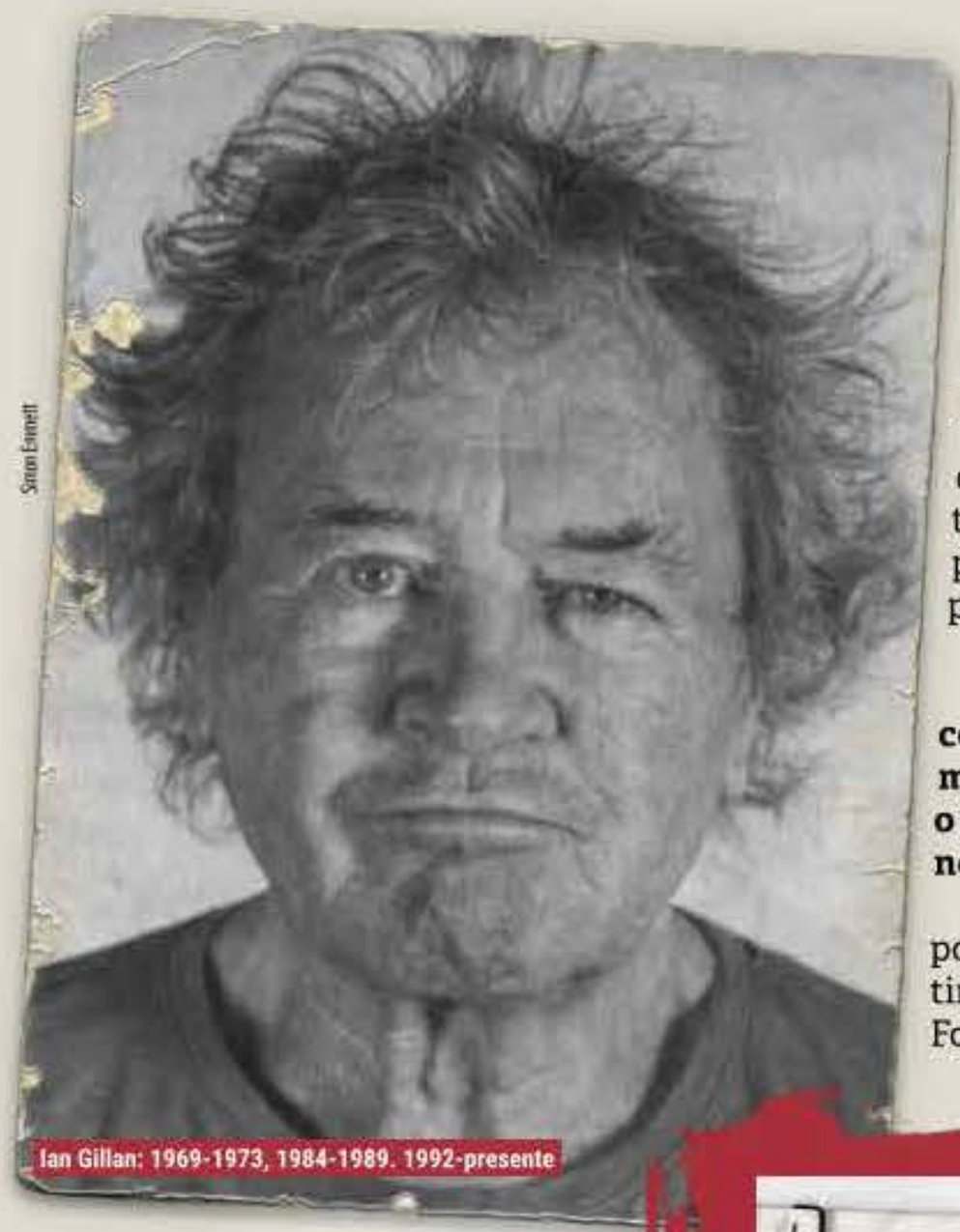
De alguma maneira, *Turning to Crime* amenizou a frustração de não ter podido sair em turnê para promover o *Whoosh!* logo depois de seu lançamento? Até porque se trata de um dos melhores discos do Deep Purple...

Roger: Ah, é o que é, né? Tivemos que lidar com isso. Não somos uma banda que lança um disco e sai em turnê com esse disco, porque saímos em turnê de qualquer jeito, tendo um trabalho novo ou não. Somos bem afortunados nesse sentido, porque o mundo ainda é um lugar grande. Sair em turnê não está necessariamente ligado a um álbum, então acho que quando retornarmos à estrada, e estamos de dedos cruzados, provavelmente teremos algumas músicas do *Whoosh!* e talvez alguns covers.



Roger Glover: 1969-1973, 1984-presente

Somos uma banda instrumental porque temos músicos excepcionais, e é difícil conter músicos excepcionais
Roger Glover


Ian Gillan: 1969-1973, 1984-1989. 1992-presente

Não sabemos ainda, então veremos se todos os nossos planos para 2022 vão se concretizar.

***Turning to Crime* é o primeiro álbum de covers do Deep Purple em mais de 50 anos de história, então posso imaginar que não foi tão simples escolher as músicas...**

Roger: De certa forma, o Deep Purple sempre foi uma banda cover. *Hush* é um cover, os dois singles seguintes da MK I eram covers (N.R.: *Kentucky Woman* e *River Deep, Mountain High*), a primeira música que eu gravei era um cover (N.R.: *Hallelujah*)... Nós só não tínhamos um disco inteiro delas. Nosso condutor em *Turning to Crime* foi Bob Ezrin, e ele pediu uma lista de músicas que considerávamos interessantes. Tínhamos 50 no total e votamos às cegas, escolhendo nossas dez e, depois, cinco favoritas por e-mail, e as que entraram no disco foram as que tiveram mais votos. Foi simples assim (risos).

Há músicas que são mais conhecidas, como *White Room* e *Shapes of Things*, mas o legal mesmo são as não tão populares, como *Jenny Take a Ride!* e *Dixie Chicken*, porque torna o álbum mais interessante para uma nova geração de fãs...

Roger: Com certeza! E nós somos crias da época em que nascemos e começamos a tocar. Somos dos anos 1950 e 1960, e não se esquece das músicas que entram na sua corrente sanguínea. Isso é o que é fantástico na música. Não se pode pegá-la ou sentir seu cheiro enquanto escutamos, mas ela fica na sua cabeça quando acaba. Por isso o objetivo era tocar covers que significavam algo para nós, tanto individualmente quanto como banda. Eu toquei o disco para várias pessoas que nunca ouviram *Shapes of Things*, uma geração inteira que não fazia ideia, e tem tanta música incrível ainda por aí, então é legal espanar a poeira dessas canções.

Honestamente, eu não conhecia algumas das músicas, o que fez com que o álbum tivesse uma cara de novidade para mim...

Roger: Não se sinta mal por isso, porque eu nunca tinha ouvido *Lucifer*! (risos) Foi sugestão do Steve, que viu Bob Seger tocá-la décadas atrás. Ele disse que saiu do show sabendo cada nota, porque a música ficou na cabeça dele. No fim, acabou se tornando uma das minhas músicas favoritas do disco.

TURNING TO CRIME
EarMusic/Shinigami/Sound City - Nac.

Eu mencionei a mistura de jam com diversão, e o medley *Caught in the Act* tem muito a ver com isso. É algo que o Deep Purple pode fazer em cima do palco sem nem ao menos ter ensaiado...

Roger: É verdade, e isso vem dos primórdios da banda. Quando se trabalha com Ritchie Blackmore, Jon Lord e Ian Paice, que são músicos esplêndidos, é preciso se encaixar nisso, e muito das jams vinha desse desejo instrumental que era basicamente para nos divertirmos. Assim, nossa música representa isso mais do que as outras que seguem a forma tradicional. No nosso caso, o instrumental vem primeiro, e então Gillan ou Gillan e eu pensamos o que vai por cima. Somos uma banda instrumental porque temos músicos excepcionais, e é difícil conter músicos excepcionais (risos).

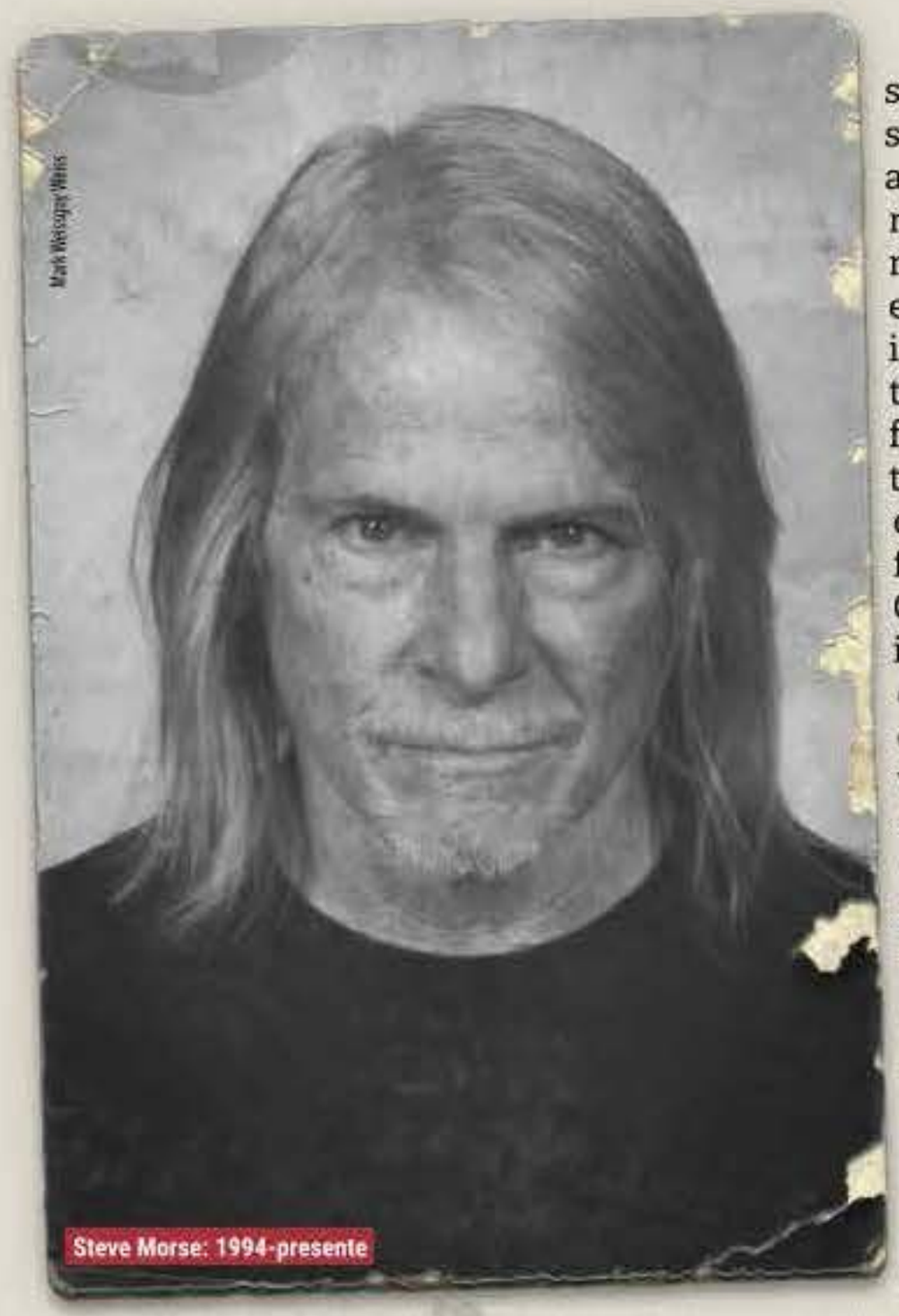
No caso de *Caught in the Act*, vocês escolheram músicas do Led Zeppelin e do Allman Brothers Band, bandas que também improvisavam bastante ao vivo. É algo que faz falta hoje em dia...

Roger: Isso começou como uma brincadeira, décadas atrás. Quando retornávamos para o bis, por diversão, Don começava a tocar *Going Down* ou *Green Onions*, e Steve também costumava fazer isso em seus solos, tocando uns pedaços de Led Zeppelin ou AC/DC, então pensamos: 'Por que não fazemos como sempre fizemos no palco? Vamos juntá-las num medley!', e aí está: são coisas que sempre tocamos ao vivo, mas que nunca havíamos gravado.

***Turning to Crime* também tem um conceito visual bem interessante, casando com o título do álbum. Como isso foi desenvolvido?**

Roger: Ano passado, quando estávamos em lockdown, alguém perguntou ao Gillan o que ele estava fazendo, já que não podíamos fazer nada, e ele respondeu em forma de piada: 'Bom, estou me convertendo ao crime' (risos), e isso acabou virando o título do disco. Demos algumas

Ian Paice: 1968-1976, 1984-presente



outras sugestões, mas esse foi o que grudou, e a gravadora adorou o nome e disse: 'Existe um conceito aí'. Alguém postou uma foto do FBI, de um cara segurando uma placa, e pensamos: 'Isso! Vamos fazer isso!', e nossa gravadora topou a ideia. Preciso dizer que ela é ótima, e o mais interessante é que não somos uma banda com presença em redes sociais. Basicamente, somos músicos e só fazemos música, e o selo é que vende o que fazemos. Cada um tem o um papel bem definido: nós tocamos, e eles fazem o resto. Seguimos nossos corações e nossos desejos, e felizmente estamos numa posição em que podemos fazer o que queremos. Não temos que provar nada para ninguém. Quando se tem uma história como a nossa, é muito fácil virar uma paródia de si mesmo, por isso Bob Ezrin mudou nossa forma de trabalhar e de pensar. Ele trouxe muita criatividade, que sempre esteve presente, mas que precisava vir à tona. Por isso ele é um ótimo produtor. Os últimos 12 anos, com os três discos autorais, têm sido uma experiência fantástica, especialmente nesse estágio das nossas carreiras.

Eu queria mesmo falar sobre Bob Ezrin, que produziu alguns dos meus discos favoritos. O que ele tem feito com o Deep Purple é incrível, porque se trata de um gigante na história da música, o que Alice Cooper e Kiss ainda não eram quando trabalharam com ele.

Roger: Nós passamos oito anos sem lançar discos. Eu queria compor e gravar um, mas havia sentimentos na banda sobre como fazer isso era ultrapassado, uma ideia de que deveríamos apenas lançar singles a cada três meses, só que isso não era para mim. Somos uma banda de álbuns e deveríamos nos manter fiéis a isso. Estávamos ocupados fazendo turnês, e não havia tempo para fazer um disco, mas os pensamentos sempre voltavam a esse ponto. Um dia, Bob foi a um show nosso no Canadá, e ele não estava interessado em ser "o cara que produz bandas clássicas", mas o que viu o deixou impressionado, especialmente a espontaneidade no palco, que Bob adorou. Ele quis levar aquela eletricidade para dentro do estúdio, e foi o que fez: levou aquela sensação para as gravações, o que foi uma imensa alegria para nós. Durante esse tempo, nos tornamos amigos, e ele não é só mais um produtor para a banda. Bob ama trabalhar com o Deep Purple e mal pode esperar terminar um disco para começar o próximo. Ele tem esse nível de energia e traz uma suavidade a um processo que, às vezes, pode ser maçante, porque ninguém quer ficar seis meses indo de um lado para outro aperfeiçoando um álbum (risos). Por isso ele nos faz trabalhar mais duro e objetivamente, e não trabalhamos individualmente nossas partes. Fazemos tudo juntos, porque esse é o sentimento da banda, e Bob também pensa dessa forma. Somos um bando natural e nos damos muito bem. Temos as nossas diferenças, é claro, mas isso não nos destrói.

Por último, algo que sempre quis perguntar a você: Steve Morse está no Deep Purple há quase 30 anos, com oito álbuns de estúdio lançados, mas ainda há quem se recuse a ouvir a banda sem Ritchie Blackmore. O que você poderia dizer a essas pessoas?

Roger: Sabe, quando Ritchie saiu, ele pensou, e provavelmente muitas outras pessoas também pensaram, que seria o fim do Deep Purple, mas a verdade é que isso nos fez mais determinados a não acabar. E algo que teríamos que fazer seria... Bom, não exatamente substituir Ritchie, porque ele é único e genial, mas o fundamental da banda sempre foram um guitarrista virtuoso e um tecladista virtuoso, então encontrar alguém que poderia tocar como Ritchie ou se parecer com ele de alguma forma teria sido horrível. Basicamente, tínhamos que nos tornar uma banda nova, e foi isso que Steve Morse trouxe ao Deep Purple. Primeiro, Joe Satriani nos mostrou a luz, mas foi quando Steve entrou que viramos uma banda diferente. Eu sempre penso no Fleetwood Mac, que era um grande nome de blues nos anos 1960, e olhe o que eles se tornaram. A banda se reinventou com o passar dos anos, porque não dá para se engessar fazendo apenas o que você sempre fez. É preciso se mexer, mudar, e é isso que eu penso: se as pessoas não gostam, tudo bem. Eu não ligo.

É preciso se mexer, mudar, e é isso que eu penso: se as pessoas não gostam, tudo bem. Eu não ligo
Roger Glover

Obrigado pela entrevista, Roger, e espero ver o Deep Purple em breve no Brasil.

Roger: Eu é que agradeço a você pela oportunidade de falar para a revista. O apoio de vocês é muito importante, e é por isso que eu faço o que faço. Obviamente, tão logo possamos retornar à estrada, eu adoraria voltar ao Brasil. É sempre um ótimo público para nós!

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

JOE SATRIANI
THE ELEPHANTS OF MARS

O NOVO ÁLBUM DE ESTÚDIO DO ARTISTA DE ROCK INSTRUMENTAL MAIS VENDIDO DO MUNDO!

"The Elephants of Mars" é um álbum que vai deixar uma marca em sua mente.

É o trabalho mais ousado do lendário guitarrista em seus 35 anos de carreira.

anuncio: www.jduartedesign.com

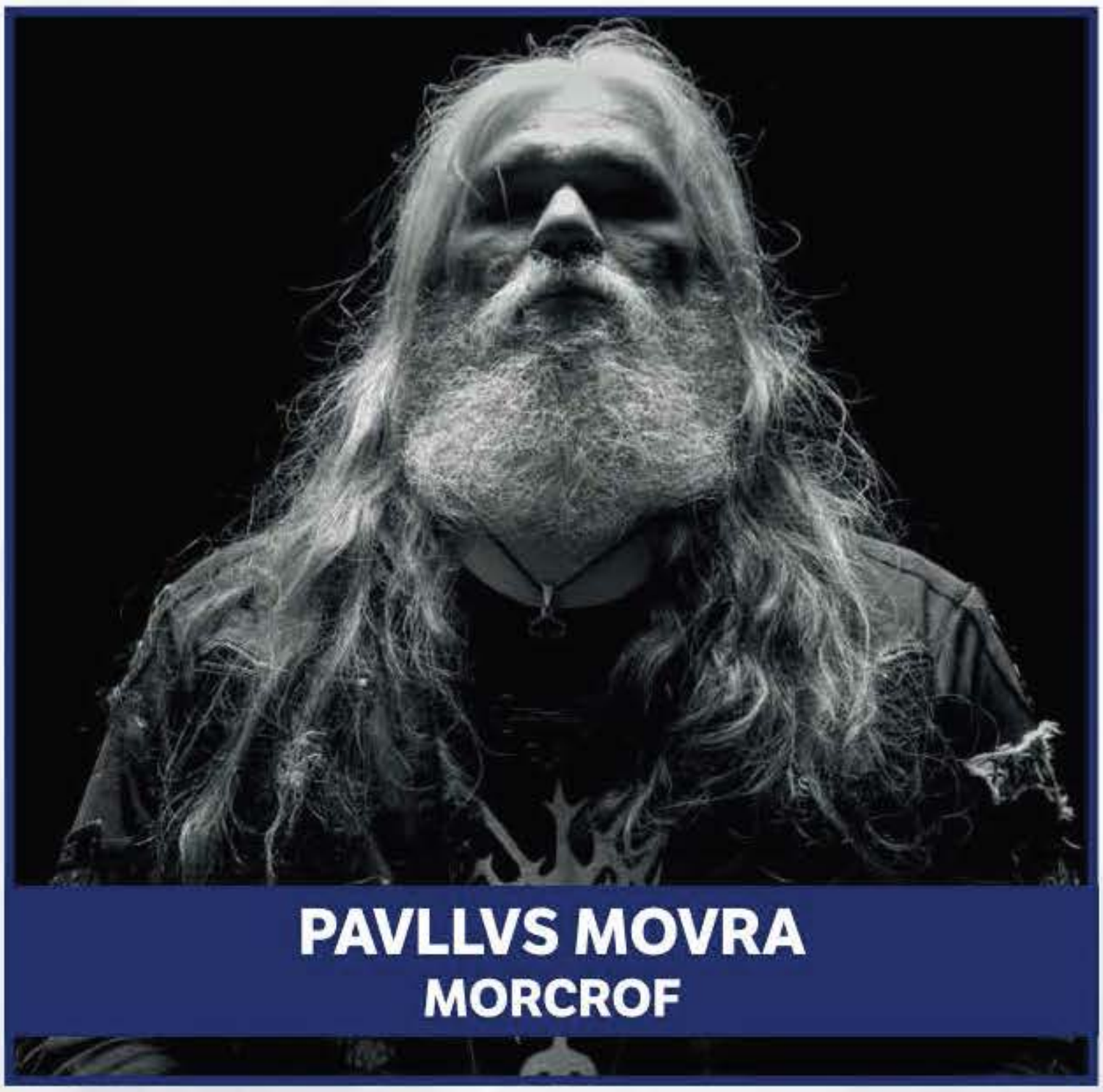
11 3719-0993

www.shinigamirecords.com.br

loja@shinigamirecords.com

PLAYLIST

Por Valtemir Amler • Fotos: Divulgação



PAVLLVS MOVRA
MORCROF

► **NOME COMPLETO:**
Paullus Moura

► **NASCIMENTO:**
14 de abril de 1975

► **BANDAS QUE INTEGROU:**
Morcrof, Arum (ao vivo), Exxxekkkutttor e Lullaby

► **Portal to the Knowledge / Buried Alive Existence:** "Foi a primeira música em que conseguimos uma assimilação positiva por parte do público tanto na demo como em nossas apresentações! Foi composta em parceria com R'Bressan (guitarra, 1993-2019), com letra de Beah Gênes Hajj-Ahriman (bateria, 1994-98) e arranjo coletivo. Foi uma fase em que começávamos a trabalhar riffs mais complexos misturado com harmonias simples e que transitavam dentro da estética do doom metal do início dos anos 90. Também foi uma época em que passamos a nos preocupar com a parte lírica, não no sentido da métrica, mas com conteúdo metafórico. É também a música em que, em minha opinião, Pétros Nilo (guitarra, 1995-2016) criou os solos mais bonitos de sua vida: o incrível solo inicial sobre o dedilhado de *Portal to the Knowledge* e o solo antológico executado no meio de *Buried Alive Existence*".
Álbum: Scientia ab Mortuus (1996)

► **Nihilism (Prophect Conjecture):** "Esta letra foi fruto de minhas elucubrações, divagações e devaneios sobre o limite da vida, da existência e do pós-morte junto com Caecus Magice (guitarra, 1992-94). Porém, antes que pudéssemos escrevê-la em parceria, em 1994 ele saiu da Morcrof junto com o Feralis (bateria, 1993-94/2001-04/2006) para fundar a Eris Maestus. Contudo, o tema ainda me inspirava e daí escrevi *Nihilism (Prophetic Conjecture)* enquanto, por outro lado, Caecus Magine escrevia *The Coming to Nothing* para a recém-formada banda dele. Ambas as letras nasceram da mesma raiz temática sobre a qual conversávamos ano antes. O instrumental foi composto novamente em parceria com R'Bressan, enquanto arranjos e harmonias foram feitos coletivamente. Interpreto este som com passagens bem pautadas nas influências do death e do doom metal com partes lentas, mid-tempo e blast beats bem definidos".
Álbum: Scientia ab Mortuus (1996)

► **From Origin to Dued Cold:** "Lírica inspirada no Necronomicon Egípcio; originalmente, a grafia da palavra 'dued' deveria ter sido 'duat' ou 'tuat', referindo-se à travessia da alma pelo oceano primordial Num, onde demônios e quimeras testariam o falecido durante seu percurso e, ao superá-los, entregaria seu coração à balança justiceira de Maat e, em última instância, ao ritual de Anúbis para a redenção ou condenação eterna. À época estávamos bastante imersos no ocultismo e queríamos explorar essa seara. A letra é de Beah Gênes Hajj-Ahriman e o instrumental eu desenrolei em parceria com Pétros Nilo".
Álbum: Peragere Humum et Semem Terrai Abditae (1999)

► **The Semen of Dead God:** "É uma faixa épica, o que me faz gostar muito dela! A introdução com violões, a sequente harmonia das guitarras e, em especial, os arranjos de piano e strings criaram uma atmosfera orquestral e sombria com climas de suspense absoluto. A composição de som e letra fiz em parceria com Beah Gênes Hajj-Ahriman e os demais arranjos e harmonias foram desenrolados pela banda toda. Este som traz outro solo memorável de Pétros Nilo, cheio de alavancadas, e ao final há solos alternados entre ele e R´Bressan. É uma faixa que penso em voltar a tocar ao vivo algum dia".
Álbum: Peragere Humum et Semem Terrai Abditae (1999)

► **The Last Shadows of Lost Darkest Paradise:** "Esta faixa originalmente também foi lançada na demo *Alesh* e entrou na compilação junto com todas as demais músicas das demos anteriores. A letra é de Ludwick Schölzel (vocal, 1993-2005), composição minha e arranjos e harmonias de todos da banda. Acho que nessa época estávamos no 'auge do prolixo'. É outra faixa bem extensa, com passagens variadas, mas sem muitas alterações de humores como *The Judgement of Demigod*. Sempre gostei das letras de Ludwick, mas ele não escrevia muito, tinha o

tempo dele pra produzir algo, por isso há poucas letras de sua autoria, mas eram as melhores de conteúdo e pela forma expressiva. No instrumental, as harmonias e solos de guitarra que R'Bressan e Pétros Nilo fizeram neste som é algo que quando ouço, ainda hoje, me espanto: 'Como esses caras, de influências tão distintas, conseguiram imprimir toneladas de harmonias uma em seguida da outra?'"

Álbum: Apeiron (Trinitas Primitiae Opus) (2002)

► The Judgement of Demigod (pt. II): "Esta música, considerando as quatro partes que a compõem, é prolixa demais! É uma faixa, digamos, 'bipolar', com partes que oscilam drasticamente entre momentos intensos e excitantes com depressão e tédio. Essas oscilações drásticas afetavam os humores do público e por isso não funcionava bem ao vivo. Desta forma a dividimos em quatro partes para trabalharmos de modo mais conveniente para cada repertório ou show. *The Judgement of Demigod II* tem um lado melancólico, mas que funciona bem como parte introdutória em algumas apresentações. A letra foi composta por Beah Gênes Hajj-Ahriman e o instrumental fiz em parceria com R'Bressa. Originalmente, ela foi lançada em 2001 na demo *Alesh*".

Álbum: Apeiron (Trinitas Primitiae Opus) (2002)

► Ad Infinitum (Awakening Etheric Archetype of Being): "Acho que para falar desta versão de *Ad Infinitum (Awakening Archetype of Being)* é preciso contextualizar este lançamento. *Arqués* não foi gravado com pretensão de divulgarmos ou de fazer parte oficial de nossa discografia. Ocorre que, na época, às vésperas de entrarmos em estúdio para gravar o álbum *Machshevet Habriá (Myths and Conjectures of Creation)*, precisávamos escutar todas as músicas para avaliá-las melhor e criar um 'plano B', já que Ludwick Schölzel e Naitsirch C' Bontus não estavam conseguindo se dedicar à banda plenamente. Assim, gravamos um ensaio com o meu vocal com duas finalidades: fazer a audição para avaliar as faixas com vocais, mesmo que improvisados, e para nos prevenir caso Ludwick saísse da banda antes de entrar em estúdio. No fim, ele gravou os vocais e foi sair da banda três anos depois. Então *Arqués*, que a princípio seria pra nos servir de avaliação das novas músicas, tomou uma proporção enorme nas poucas cópias que distribuímos a amigos próximos e alcançou status de lançamento oficial. O que se escuta nesta demo é um instrumental cru, com mixagem nada refinada e vocal ainda em planejamento. No final das contas, acho que é isso que faz com que muitos o tenham como o melhor lançamento da Morcrof até então. O 'status de cult' também o estigmatizou e por conta disso houve o relançamento pela Erinnys Productions em 2018 e a compilação *2021 PRIOREM (MMII-MMIII)*, lançada junto com o advanced promo track *Equilibrium of Fohat* pela gravadora peruana À Sangre Fría Records".

Álbum: Arqués (2002)

► Ad Infinitum (Awakening Etheric Archetype of Being): "Aqui já temos esta faixa maturada e finalizada com um trabalho de guitarra de que gosto bastante e que ainda traz uma peculiaridade que não houve em nenhuma outra composição da banda: a partir do meio da música, ela é tocada com inversão de partitura, mas não só isso como também espelhada. Imagina pegar a partitura até então do ponto que se compôs e virá-la de ponta cabeça em frente ao espelho. É disso que se trata, como uma ordem mágica".

Álbum: Machshevet Habriá (Myths and Conjectures of Creation) (2005)

► Condemend to Grave of Beginning Era: "Uma composição que bebeu na fonte do doom metal dos anos 90: Candlemass, Memory Garden e Ancient Wisdow com uma pitada de death no final, com bastante intensidade, 'palm mute', harmonia e, quando a tocávamos ao vivo, havia uma dinâmica muito acentuada que seguia de acordo com nossos instintos. A letra é uma continuação conceitual que segue todo o álbum: o mito e as conjecturas da criação, do ciclo infinito da existência que transita em vários prismas metafóricos".

Álbum: Machshevet Habriá (Myths and Conjectures of Creation) (2005)

► Preconceptual · Genesis · Circularis · Elementarum · Existentiam: "*Codex Gnosis Apokryphv: Arcano Verba Revelatio* é a continuação conceitual de *Machshevet Habriá (Myths and Conjectures of Creation)*, porém com as letras num tom abaixo, mundano, carnal, pecaminoso e condenatório. As faixas deste álbum foram as mais difíceis e as mais desgastantes de gravarmos, tivemos uma formação única para registrá-las e creio que nunca mais o Morcrof fará algo parecido. Começamos a esboçar essa faixa em 2007 com riffs que Pétros Nilo nos trouxe, mas só a concluímos em 2011. Na gravação já contávamos com os teclados de Brahmss Kermanns (teclado, 2015), que deu um toque sinfônico em tudo".

Álbum: Codex Gnosis Apokryphv: Arcano Verba Revelatio (2019)

► Existentia · Imperfectum · es: "Particularmente, gosto demais desta faixa! O teclado dá o tom para um início absurdamente pesado e deveras épico! Gosto também do suspense que causa a subida dos acordes antes do vocal entrar! O trecho central, com quebras de tempos seguidas de arranjos de teclado, também me toma de assalto. E, na conclusão deste som, solos crepusculares e magníficos de teclado seguido da guitarra. Acho que esta é uma sensação comum pra quem escuta esta faixa. Bom, pelo menos para nós, era! Gostávamos bastante de tocar e escutar esse som e é uma pena que não a tocamos muito ao vivo, mas pode-se encontrar um ou dois registros delas em shows no canal do YouTube da Morcrof".

Álbum: Codex Gnosis Apokryphv: Arcano Verba Revelatio (2019)

► Ex Humanum Insufficientia: "É uma faixa que representa mais uma virada de página na história da Morcrof. A banda sofreu novo desmanche logo após o lançamento de *Codex Gnosis Apokryphv: Arcano Verba Revelatio* e recomeçamos mais uma vez, só que agora calçados na nossa experiência de trinta anos. As novas composições, creio, estão mais agressivas, abusando de blast beats e percussões, de acordes e tons mais altos... Tenho apreciado bem o resultado das harmonias e dos arranjos. Ela começa de modo visceral, assombroso e gélido, com gritos, tambores e dedilhados, e vai se associar a uma base central épica. O resultado final desta música agradou a todos nós da banda depois de pronta. *Ex Humanum Insufficientia* estará no próximo álbum, que deverá ser lançado no final de maio ou início de junho".

Single: ex hvmanvm insvfficientia (2022)

DEATH ANGEL

FILHOS NADA BASTARDOS

Mark Osegueda explica como foi passear por áreas pouco visitadas do catálogo do Death Angel para o show que resultou em *The Bastard Tracks*

Por Daniel Dutra

A pandemia da Covid-19 colocou um freio na vida de todos - ou da grande maioria -, e as bandas precisaram se adaptar ao difícil momento. Sem shows abertos ao público, várias optaram por realizar shows especiais para transmissão na internet, e muitas delas transformaram o resultado tanto em CD quanto em DVD/Blu-ray. Foi o que fizeram Mark Osegueda (vocal), Rob Cavestany e Ted Aguilar (guitarras), Damien Sisson (baixo) e Will Carroll (bateria) com *The Bastard Tracks*, uma excelente amostra do poder de fogo do Death Angel, mesmo sem plateia. E foi um evento especial, como Osegueda conta na entrevista a seguir. Aproveite!

Como a pandemia ainda está ao nosso redor, como você tem passado esse período?

Mark Osegueda: Está insano, né? Eu não estou imune a isso, e aí achamos que as coisas estão melhorando e, de repente, fica tudo ruim de novo. É uma montanha-russa emocional, porque queremos que a vida volte a algum nível de normalidade, especialmente para que possamos voltar a tocar ao vivo. Saber que as turnês estão vindo nos faz ter esperança de que as coisas voltem a acontecer, já que os últimos dois anos foram horríveis, não vou mentir. Música é parte da minha vida, mas também é o que me mantém mentalmente são.

Depois de dois anos de pandemia, eu tenho tentado ver o copo meio cheio. No caso do Death Angel, creio que o EP digital *Under Pressure* e ao vivo *The Bastard Tracks* ajudaram a manter a mente sã, não?

Mark: Sim, totalmente! E foi exatamente por isso que esse material foi lançado, porque, como todo mundo, estávamos enlouquecendo. E houve momentos, especialmente com o EP, em que não podíamos nem mesmo nos reunir para ensaiar! O prédio onde fica o nosso estúdio de ensaio estava fechado, e eu e Rob começamos a pensar como poderíamos fazer alguma coisa, então ele propôs a ideia de um EP acústico. Achei viável, porque não precisaríamos estar num estúdio nem mesmo para gravar. Poderíamos fazer isso no estúdio portátil que ele tem em casa. Testamos para ver como soaria, achamos legal e pensamos no lançamento digital como uma forma de mostrar que estávamos tentando nos manter ativos e lançar algo. É uma forma de dizer que ainda estamos aqui e entendemos o que todos nós estamos passando. Depois disso, com as coisas voltando a funcionar e reabrir aos poucos, surgiu a ideia do *The Bastards Tracks*. Foi o Ted quem sugeriu que fizéssemos uma nova transmissão ao vivo, e faríamos diferente para as pessoas que realmente quisessem assistir. Ted deu a ideia, e eu e Rob pensamos a respeito e achamos que seria legal tocarmos músicas que não tocávamos há anos e outras que nunca havíamos tocado ao vivo! Algumas só estiveram no repertório ao vivo quando estávamos fazendo a turnê dos discos onde elas entraram, então tivemos de fazer muita lição de casa antes de nos encontrarmos.

Finalmente, nos encontramos, tocamos essas canções e tivemos que nos ajustar, ou seja, teve muito trabalho envolvido para fazer esse show. Alugamos o espaço para tocar e deu tudo certo, mas era para ser apenas essa transmissão on-line, só que depois de lermos os comentários dos fãs pedindo 'Por favor, lancem isso em cópia física!', ouvimos novamente e pensamos: 'Essa não é uma má ideia!' (risos).

E como foi para você, vocalista e frontman, fazer um show sem a presença de público?

Mark: Essa é a parte mais difícil! É uma coisa interessante, porque nós nos alimentamos da plateia. Especialmente eu, porque é de onde tiro a minha energia para devolver para ela. Nós nos retroalimentamos. Depois de tanto tempo, foi uma sensação ótima estar num palco com os caras, porque ensaiar é legal, nos mantém sãos, mas ainda assim o elemento principal não estava lá. Olhar o público nos impulsiona, e foi interessante terminar uma música com todo aquele silêncio e um olhar um para o outro tipo que perguntando 'Ficou bom?' (risos). Não tinha mais ninguém ali para gritar, aplaudir e nos certificar de que estava bom. Depois de um tempo, é preciso imaginar que as pessoas estão ali, mas não é a mesma coisa.

E eu perguntei isso porque imagino como é se controlar em músicas como *Why You Do This* e *Guilty of Innocence*... (risos)

Mark: Cara, essas duas músicas têm tanta energia, tantos riffs diferentes e mudanças de tempo! Tivemos que fornecer essa energia uns para os outros, num ânimo mútuo para nos sentirmos vivos. Nós ensaiamos bastante para esse show, trabalhamos duro para que ele acontecesse, especialmente porque queríamos que todas as canções soassem bem ao vivo. Considerando que haveria cortes e quem mais perceberia isso seriam os verdadeiros fãs do Death Angel, queríamos dar a eles uma boa representação para que soubessem que amamos aquelas músicas também.

E como foi chegar à lista final de 15 músicas, especialmente as 14 originais?

Mark: Foi uma tarefa muito difícil, porque o que fizemos foi o seguinte: quando tivemos essa ideia, cada integrante escolheria de três a cinco músicas, e nós também abrimos as sugestões para os fãs em nossas redes sociais, para saber quais músicas eles gostariam de ouvir. Não queríamos já chegar com algo pronto, então perguntamos a eles: 'Se o Death Angel saísse em turnê, quais músicas que vocês não ouvem há anos e gostariam de ouvir ao vivo?'. A partir disso, anotamos as mais citadas, especialmente as que jamais havíamos tocado ao vivo, e peneirar tudo isso foi extremamente difícil. Confesso que deixei essa missão para Rob e Ted (risos).

Antes de puxar algumas canções específicas, preciso dizer a você que adorei o fato de que mais da metade do set foi composto de músicas dos últimos quatro álbuns. Isso foi planejado?

THE BASTARD TRACKS
Shinigami Records/Nuclear Blast - Nac.

Mark: Não foi intencional, acredite! Elas foram realmente as mais mencionadas. Para nossa sorte, e mesmo se tratando dos nossos fãs, as que foram sugeridas foram as dos últimos quatro discos com essa formação, o que é muito amável da parte deles. Muitas bandas contam basicamente com seus primeiros discos, e é isso que os fãs querem ouvir, mas somos afortunados de os nossos últimos trabalhos agradarem aos fãs tanto quanto os anteriores. Isso diz muito sobre como eles se sentem a respeito das nossas composições, e isso faz com que sejamos ainda mais agradecidos.

(A PLATEIA) É DE ONDE TIRO A MINHA ENERGIA PARA DEVOLVER PARA ELA. NÓS NOS RETROALIMENTAMOS

MARK OSEGUEDA

E perguntei isso exatamente porque, com todo respeito a Dennis, Gus e Andy, eu costumo dizer que a atual formação é a definitiva. É como se fosse o Death Angel 2.0...

Mark: Muito obrigado, cara! Eu tenho muito orgulho dessa formação em particular, que também é a que se mantém unida por mais tempo em nossa história. Nós crescemos como banda porque fizemos mais turnês do que qualquer outra formação anterior. Temos uma união mais sólida por isso, mas também não diminuímos o fato de que não haveria a atual formação sem a original. Precisávamos do passado para nos tornar o que somos. As formações anteriores foram cruciais para esse Death Angel de hoje.

Os três primeiros discos são clássicos inquestionáveis, mas o melhor é que Death Angel continua lançando álbuns que são relevantes...

Mark: E é para isso que trabalhamos, é isso o que desejamos. Não tiramos o pé do acelerador, por assim dizer. Quando compomos para um disco novo, ele sempre supera o anterior. No passado, nós queríamos ser relevantes, e quando tocamos material mais recente nos shows, a plateia pira tanto quanto nas músicas antigas. Disse antes e repito: sentimo-nos muito agradecidos por isso. É muito legal da parte dos fãs.

De volta ao tracklist, mais precisamente a músicas que nunca haviam sido tocadas, eu até esperava por *Faded Remais*, porque é uma canção nova, mas *Absence of Light* foi uma agradável surpresa. As duas que citei e, também, *Volcanic* deram uma nova e diferente dinâmica ao show.

Mark: Ironicamente, eu vinha tentando emplacar *Absence of Light* há anos! (risos) Eu amo essa música e, depois que lançamos o *Relentless Retribution* (2010), sempre torci para que ela entrasse no repertório. Acredito que isso não tinha acontecido até então porque quase sempre tocamos com outras bandas, então precisamos de um setlist mais agressivo, mas o cenário de tocar sem plateia e sem outro grupo nos deu a oportunidade de vir com o puro setlist do Death Angel. E quando estávamos ensaiando *Absence of Light*, todo mundo ficou falando 'Uau! Ela é pesada!', e eu só dizia 'Sim, porra! É claro que é! (risos). Assim como *Volcanic*, ela causou bastante reação quando o disco foi lançado, muita gente realmente gostou. O mais curioso é que Rob achava que nunca conseguiria tocar e cantar devido ao estilo da guitarra, mas ele começou a ensaiar em casa e percebeu que dava, e teve Damien e Ted acompanhado, também... Deu tão certo que ele decidiu tentar ao vivo. Tudo isso funciona bem num setlist se formos a

banda principal, porque mostra o quanto o nosso catálogo é variado.

E há *Falling Off the Edge of the World*. Fazer cover do Black Sabbath não é novidade para o Death Angel (N.R.: a banda gravou *Heaven and Hell* em *The Dreams Call for Blood*, de 2013), e creio que a banda e Ronnie James Dio signifiquem muito parta você, não?

Mark: O Sabbath é a minha banda favorita de todos os tempos! E eu amo ambas as eras! Quer dizer, sei que teve outras, mas as de Ozzy e Dio são as principais, e elas significam demais pra mim. E, claro, Ronnie James Dio sendo vocalista... Cara, ele era o ápice do que um vocalista busca ser, e vou trabalhar pelo resto da minha vida para alcançar o mesmo nível (risos).

Dito tudo isso, qual música de *The Bastard Tracks* você mais curtiu cantar?

Mark: *Absence of Light*, com certeza! Eu definitivamente queria que ela entrasse, mas tem... É estranho, porque quando *Why You Do This* foi sugerida, eu disse 'Ah, não! Essa não!' (risos). Mas assim que começamos a tocá-la ao vivo, foi muito divertido!

E você acredita que alguma das músicas do álbum pode entrar no set regular?

Mark: Inevitavelmente, algumas músicas dele entrarão, porque *The Bastard Tracks* nos fez valorizá-las e, também, nos deixou mais aptos a shows como atração principal. Tocando com outras bandas, temos de espremer o que dá em 45 ou 50 minutos, mas eu garanto algumas dessas músicas no setlist quando formos headliners.

Para terminar, qual o próximo passo para o Death Angel? O que dá para esperar da banda em 2022?

Mark: Nós tocamos como atração principal aqui em São Francisco, no The Great American Music Hall, onde fizemos a transmissão ao vivo, mas desta foi com plateia (N.R.: no dia 22 de janeiro)! Temos datas agendadas pelos EUA, em abril e maio, com a The Bay Strikes Back, a turnê com Testament e Exodus, e estamos agendando julho e agosto pela Europa, para os festivais de verão e alguns shows entre os festivais. Também já começamos a compor para o próximo disco, e isso vai continuar enquanto voltamos com as apresentações. Estamos nos estágios iniciais de composição, mas vem álbum novo do Death Angel por aí!

No Brasil, rolou um burburinho sobre a The Bay Strikes Back rolar por aqui, e seria absolutamente incrível.

Mark: Cara, essa turnê foi muito bem na Europa. As pessoas estavam desesperadas pelos shows, e a maioria teve venda esgotada. Pensamos em levá-la para os EUA e depois para o mundo todo, mas já estávamos no início da pandemia. De qualquer maneira, o plano ainda é esse: levar para as Américas, Ásia e Austrália, dar a todos a oportunidade de ver, porque é uma noite e tanto! Aliás, fizemos uma noite com as três bandas em Oakland, e também esgotou. Foi incrível! Os fãs estavam famintos pelos shows e extremamente felizes e gratos por isso, assim como nós!

Obrigado pelo papo, Mark, e o espaço final é todo seu.

Mark: Mal podemos esperar para voltar ao Brasil! Faz tanto tempo! A última vez que tocamos aí foi em 2010, então parece que estamos evitando vocês, mas não é isso! (risos) Sempre queremos tocar, então falamos com agentes e promotores, mas por algum motivo ainda não rolou. Talvez quando o mundo voltar a funcionar, e as diretrizes para shows ao vivo e viagens estiverem definidas, consigamos voltar ao Brasil com uma turnê apropriada! Tanto com Testament e Exodus quanto com uma turnê solo. Por favor, saibam que estamos desesperados para voltar ao Brasil! A banda evoluiu tanto desde a última vez que tocamos aí... Temos muita energia para dividir, com certeza!

Will Carroll, Rob Cavestany, Ted Aguilar, Mark Osegueda e Damien Sisson: o Death Angel em sua melhor encarnação

PRECISÁVAMOS DO PASSADO PARA NOS TORNAR O QUE SOMOS. AS FORMAÇÕES ANTERIORES FORAM CRUCIAIS PARA ESSE DEATH ANGEL DE HOJE

MARK OSEGUEDA

Neanderthal Instinct
"Resilience"

Hard, Metal and Fusion
Vários Timbres!!!

Spotify DEEZER MUSIC Google Play Music

Distribuição e vendas: Cogumelo Records (cogumelorecords.loja2.com.br / cogumelo@cogumelo.com) e Voice music (vendas@voicemusic.com.br)

PREPAREM-SE PARA CONHECER O OUTRO LADO DO METAL EXTREMO!

INVISIBLE CONTROL

CREATED IN CHAOS é o primeiro álbum da banda que vem se destacando na cena com seu Death Metal técnico, brutal e empolgante! Mixado e masterizado por Martim Furia (Nervosa, Flotsam & Jetsam e atual guitarrista do Destruction). CD Slipcase com 2 capas assinadas pelo renomado artista brasileiro Alcides Burn (Nervosa, Krisiun, LockUp, Nervochaos)

OUÇA AGORA NAS MELHORES PLATAFORMAS DIGITAIS!
CD E MERCHANDISING JÁ DISPONÍVEIS!

LANÇAMENTO

XANINHO DISCOS

WWW.INVISIBLECONTROL.COM.BR

INVISIBLECONTROLBAND Spotify INVISIBLE CONTROL YouTube INVISIBLE CONTROL

COLLECTION

Por Ricardo Batalha

Como provavelmente o Ratt (ou o que sobrou dele) não voltará a gravar um novo trabalho de inéditas, chegou a vez de ranquear seus álbuns. Não é tarefa fácil. Ainda que o leitor saiba da minha predileção por este grupo americano, estamos diante de uma discografia que pode não ser tão volumosa, mas também não apresenta muitos deslizes ou aberrações. O legado até podia ser maior, mas as constantes rusgas e alterações na formação fazem com que o Ratt hoje se contente apenas com declarações vagas para a imprensa. Disco novo só se for um solo do vocalista Stephen Pearcy. Seja como for, o chamado Ratt 'N' Roll começou a cair nas graças dos fãs com o lançamento do EP *Ratt* (1983). Pearcy, Robbin "King" Crosby e Warren DeMartini (guitarras), Juan Croucier (baixo) e Bobby Blotzer (bateria) foram do porão ao mainstream, passando ao status de "banda platinada" ao vender mais de três milhões de cópias com *Out of the Cellar* (1984). A boa sequência de lançamentos se deu com *Invasion of Your Privacy* (1985), *Dancing Undercover* (1986), *Reach for the Sky* (1988) e *Detonator* (1990). Depois, em que pese a força de *Infestation* (2010), com a saída de Crosby, falecido a 6 de junho de 2002, as coisas nunca mais foram as mesmas.

IMPERDÍVEIS

OUT OF THE CELLAR (1984)

Escancarar influências nunca foi problema para o Ratt, pois basta ligar o nome e os títulos do debut e de uma das faixas ao Aerosmith – lembrou de *Rats in the Cellar*, de *Rocks* (1976), e de *Round and Round*, de *Toys in the Attic* (1975)? Pois bem, outra referência sempre foi o Judas Priest e, sendo assim, o Ratt queria Tom Allom para a produção. O escolhido, no entanto, foi Beau Hill, que faria sua estreia como produtor para a Atlantic. Posto isto, vale lembrar que o anúncio publicitário da época trazia, além da imagem com a saudosa Tawny Kitaen na capa, a mensagem: "1984: This is the year of the Ratt". Pode ter sido coincidência 1984 ser o ano do rato na astrologia chinesa, sendo descrito como "período que promete fartura", mas foi exatamente o que aconteceu. A "Ratt Gang" saiu do porão e foi catapultada ao mainstream. E não só por causa do hit *Round and Round*. Afora esta e outras que saíram em singles – *Wanted Man* (com seu inesquecível clipe) e *Lack of Communication* –, o repertório traz *You're in Trouble*, *In Your Direction*, *She Wants Money*, *The Morning After*, *I'm Insane* e *Scene of the Crime*. Assim, o disco obteve a 7ª posição na Billboard 200, conquistou três Discos de Platina e uma vendagem superior a três milhões de cópias. E olha que *Never Use Love* poderia ter entrado, mas ficou para o disco seguinte. Nada mal para uma banda estreante, hein?

INVASION OF YOUR PRIVACY (1985)

A estratégia na escolha da ordem do repertório do segundo disco foi certeira: colocar na sequência *You're in Love*, *Never Use Love* e *Lay it Down*, as três faixas de maior impacto, com riffs engenhosos de Crosby e DeMartini, linhas vocais que grudam e seção rítmica criativa. Agora, puxe pela memória e responda: qual disco de hard tem uma trinca inicial assim? Pois é, *Invasion of Your Privacy* sai ganhando por isso, mas tem outros predicados, como o single *What You Give Is What You Get*, além de *Between the Eyes*, a semibalada *Closer to My Heart* e *Dangerous but Worth the Risk*, que servia de abertura do set na turnê, seguida por *Give it All*. As festivas *Got Me on the Line* e *You Should Know by Now* completam a força que fez o disco vender dois milhões de cópias. Dos três singles, *Lay it Down* conquistou a 40ª posição na Billboard Hot 100. Já o clipe contou com a presença de Marianne Gravatte, coelhinha da Playboy que também aparece na foto da capa. No vídeo, temos um dos primeiros trabalhos do ator e diretor teatral Whit Hertford, que interpreta o jovem Pearcy em sua festa de aniversário. A Atlantic lançou, ainda em 1985, *Ratt: The Video*, contendo cinco clipes, cenas gravadas na turnê no Japão e entrevistas. Resultado: foi o primeiro vídeo oficial lançado comercialmente a obter certificado de ouro nos EUA. Não tinha como ser melhor.

EXCELENTES

DANCING UNDERCOVER (1986)

Considere este entre os "Imperdíveis", porque ele simplesmente é isso mesmo. Vendeu um milhão de cópias, obteve Disco de Platina e destacou três singles/clipes: *Dance*, que nem de longe é uma de minhas preferidas, a instigante *Slip of the Lip* e a acelerada *Body Talk*, uma das melhores da carreira do Ratt. O repertório, curiosamente, não traz nenhuma balada para as rádios e para brilhar na programação da MTV, artifício usado por nove entre dez bandas de hard da época. Ao invés disso, vem com o poder de fogo de *Looking for Love*, *It Doesn't Matter*, *Drive Me Crazy*, *Take a Chance* e *7th Avenue*. Veja, até quem não era do meio "poser" dava o braço a torcer: "Nós sempre amamos o Ratt! A gente sabia que eles detonavam", confessou o guitarrista Gary Holt (Exodus, Slayer) à ROADIE CREW. Com a 26ª posição na Billboard 200, o Ratt 'N' Roll seguia encantando, inclusive no Brasil, onde *Dancing Undercover* saiu em vinil. Como a banda sempre teve uma ligação estreita com a indústria do cinema, enquanto *Dance* constou em um episódio de "Miami Vice", *Body Talk* figurou na trilha de "O Rapto do Menino Dourado", aquele com Eddie Murphy. Enough Is Enough.

DETONATOR (1990)

Quem pega este disco pela primeira vez para ouvir (algo difícil à época do lançamento porque *Detonator* não saiu em vinil no Brasil), mal sabia o que se passava no campo interno da banda. Assim, sem transparecer os problemas e os abusos, principalmente de Crosby, o Ratt foi trabalhar, a contragosto, com o hitmaker Desmond Child. "A sonoridade é muito boa e agradeço isso a Mike Shipley", analisa Croucier. "Gosto da sonoridade e do som da bateria", concorda Blotzer. O repertório abre, após a intro, com a energética *Shame Shame Shame* e segue com a sacana *Lovin' You's a Dirty Job*, parecida com a linha de *Down and Dirty* (Quiet Riot). Se *One Step Away* foi outra tentativa de suavizar o som, *Givin' Yourself Away* foi a de emplacar uma 'power ballad' como single. A Atlantic queria leveza, mas a fúria do Ratt 'N' Roll se fez presente nas ótimas *Hard Time* e *All Or Nothing*, além de *Scratch that Itch* e *Can't Wait on Love*. Já *Heads I Win, Tails You Lose* traz a participação de Jon Bon Jovi nos backings. O repertório ainda traz uma composição da fase Mickey Ratt, *Top Secret*, a mais metal de todas. No fim das contas, *Detonator* obteve a 23ª posição na Billboard.

INFESTATION (2010)

Vinte anos após *Detonator*, o Ratt retornou com o que deveria ser seu sucessor natural, pois *Infestation* contém os elementos típicos do Ratt 'N' Roll. À época, o trio Pearcy, DeMartini e Blotzer estava acompanhado por Carlos Cavazo (guitarra, ex-Quiet Riot) e Robbie Crane (baixo). Afora o título, que remete ao anúncio "The Infestation Continues", da fase *Dancing Undercover*, o repertório também abre com um aceno para o passado na pesada *Eat Me up Alive*, com uma forte pegada Judas Priest. Ainda na conexão com os velhos tempos, DeMartini havia criado uma parte final de *Lack of Communication*, que originalmente termina em fade out, para incluir nos shows. Assim, esta parte acabou sendo usada como riff de *Take a Big Bite*. Por falar em *Lack of Communication*, compare com o riff inicial de *Lost Weekend*. Já *Best of Me*, primeiro single/clipe e que remete a *I Want a Woman*, traz um trecho criado por Cavazo quando ainda estava no Quiet Riot. Outro destaque é *A Little Too Much*, que poderia constar em *Invasion of Your Privacy* e exprime o típico Ratt 'N' Roll. Também se destacam *As Good as it Gets*, *Look out Below*, *Last Call* e *Don't Let Go*.

BONS

RATT (EP, 1983)

"O verdadeiro Ratt é aquele do primeiro EP, quebrando tudo e tocando ao vivo. O EP é um puta disco e aquela era 'a banda'. Todos depois dele foram modistas", declarou Robbin Crosby em uma de suas últimas entrevistas em vida, publicada na edição #43 da ROADIE CREW. A afirmação sobre o material gravado em novembro de 1982 é exagerada, mas a estreia pelo selo independente Time Coast, do agente Marshall Berle, chamou a atenção. A acelerada e metal *Sweet Cheater* abre os trabalhos, seguida por *You Think You're Tough*, a que mais fez sucesso – saiu em single, foi veiculada nas rádios e, posteriormente, ganhou clipe. Outras cheias de energia e com pegada metal são *U Got It* e *Tell the World*, enquanto a clássica *Back for More* aparece em sua versão inicial. O repertório ainda traz *Walkin' the Dog*, um cover de Rufus Thomas que fora gravado dez anos antes pelo Aerosmith, uma influência direta do Ratt, assim como o Judas Priest. No lançamento europeu consta a versão original de *You're in Trouble* como bônus. Já a capa apresenta a imagem de ratos subindo nas pernas da saudosa Tawny Kitaen, ex-namorada de Crosby. Bela estreia!

REACH FOR THE SKY (1988)

O quarto álbum do Ratt, que não foi lançado em vinil no Brasil na época, traz *Chain Reaction*, uma pérola esquecida e uma de minhas preferidas da banda em todos os tempos. Outras que precisam ser descobertas por quem quase ignora este trabalho são *City to City*, *No Surprise*, *Bottom Line* e *What I'm After*. Porém, como o processo de criação e gravação foi feito com uso descontrolado de drogas e álcool, e envolto sob pressão da Atlantic Records, que exigia um hit, *Reach for the Sky* apresenta faixas mais leves que o Ratt 'N' Roll de outrora. Isto é evidenciado no single/clipe *Way Cool Jr.*, que traz até um naipe de metais. O hit assinado por Beau Hill com Warren DeMartini e Stephen Pearcy obteve a 75ª posição na Billboard Hot 100. Por sinal, Hill foi recrutado às pressas após o fracasso da produção com Mike Stone, que teve as demos rejeitada pela Atlantic. Outros sinais de pressão são nítidos em *I Want I Woman*, single/clipe criado como possível hit, mas que não figurou nas paradas. Além disso, o Ratt baixou a guarda e surpreendeu gravando *I Want to Love You Tonight*, uma balada bem melódica.

CUIDADO

COLLAGE (1997)

A estreia do baixista Robbie Crane, ex-companheiro de Pearcy no Vertex e que tinha gravado *Exposed* (1993) com Vince Neil, ocorreu em algumas faixas de *Collage*. A coletânea tem título propício para um "catadão" com inéditas, lados B e versões repaginadas para músicas dos tempos de Mickey Ratt. Entre elas, *Dr. Rock*, presente na primeira gravação, de 1980, que foi lançada com cem cópias e era vendida apenas nos shows do então M. Ratt; *Steel River*, herdada de *Railbreak* do Mickey Ratt e que tinha saído no álbum do Vicious Delite, projeto de Pearcy, e *Ratt Madness*. O repertório também conta com *Mother Blues*, que constou no debut do Arcade, de Pearcy, mas havia sido composta para o Ratt. A conhecida *Top Secret*, de *Detonator*, aparece em sua versão original, enquanto o hit *Lovin' You's a Dirty Job*, também do álbum de 1990, vem em uma tétrica versão remix. "Era uma compilação que parecia uma gravação demo mais polida", confessou Blotzer em sua autobiografia "Tales of a Ratt: Things You Shouldn't Know". Mesmo assim, queria ver algumas delas, como *Hold Tight* e *Diamond Time Again*, com uma produção decente.

O primeiro registro oficial do Ratt veio após um convite para incluir *Tell the World* na coletânea *Metal Massacre 1* (1982), da Metal Blade, que trouxe outras bandas debutando, como Metallica, Black 'N Blue e Steeler. O curioso é que, ainda durante a transição de Mickey Ratt para Ratt, a formação nesta gravação traz Matt "Thorr" Thorne no baixo e Khurt Maier na bateria. A curta discografia também conta com o álbum *Ratt* (1999), que contou novamente com Robbie Crane no baixo e destacou as faixas *Live for Today*, *Over the Edge*, *Breakout* e *So Good, So Fine*. Na parte de composição, o disco teve auxílio de figuras como Marti Frederiksen, Jack Russell e Jack Blades. Das várias coletâneas, escolha *Ratt & Roll 81–91*, que traz o hit *Nobody Rides for Free*, que saiu em clipe e foi trilha do filme "Caçadores de Emoção" (1991).

Foster Fotos - Anne-Marie Forker Photography

Mark Kelly, Pete Trewavas, Steve Hogarth, Ian Mosley e Steve Rothery: atualizando as definições de beleza na música

MARILLION

BELEZA EM TEMPOS SOMBRIOS

Steve Rothery explica como a banda inglesa foi afetada pela pandemia, em estúdio e no palco, mas que disso saiu um disco do qual se orgulha muito

Por Daniel Dutra

Nos últimos dois anos, tem sido praticamente impossível conversar com músicos sem que a pauta da entrevista, voluntariamente ou não, passasse pela pandemia da Covid-19. No caso do Marillion, e especialmente de *An Hour Before it's Dark*, foi inevitável. O novo álbum – ou obra de arte, pode escolher – de Steve Hogarth (vocal), Steve Rothery (guitarra) Pete Trewavas (baixo), Mark Kelly (teclados) e Ian Mosley (bateria) aborda o momento que ainda vivemos tanto com leveza quanto com o dedo na ferida que vai, felizmente, incomodar os conservadores. Nestas páginas, você tem um compacto do ótimo papo com Rothery, no qual rolou até um faixa a faixa do disco que você pode conferir com detalhes no canal da ROADIE CREW no YouTube.

Como a pandemia ainda está por aí, como você tem passado?

Steve Rothery: Mantendo-me a salvo e mentalmente são, e os últimos 20 meses foram insanos. Nós ensaiamos em Londres para o primeiro de alguns fins de semana que teremos no início de abril, na Polônia, enquanto esperamos o álbum sair. Tem sido muito estranho ter concluído o disco e precisar esperar cinco meses para lançá-lo, em função de problemas com as fábricas de papelão, que estão sem o material. Normalmente, quando concluímos um álbum, queremos sair logo com ele, mas desta vez está assim. Mas estamos otimistas, e acredito que todos vão adorar o disco. As coisas estão indo bem.

Já são dois anos desde que esse pesadelo começou, e apesar de a variante ômicron ter aparecido para fazer outra grande bagunça, a banda pôde cair na estrada com a "Light at the End of the Tunnel Tour". Qual foi o sentimento?

Steve: Foi bastante estranho. Eu já havia tocado um show com a minha banda solo em agosto, na Polônia, mas foi a primeira vez com o Marillion reunido num palco depois de dois anos. Por causa da toda a situação toda, estávamos sendo extremamente cuidadosos, só que Mark pegou Covid, e aí ficou a dúvida se ele estaria bem ou não para a turnê acontecer. Terminamos os ensaios na metade do tempo habitual, e havia muita pressão por isso. Meu técnico de guitarra também pegou Covid, assim como nosso engenheiro de luz, que não pôde fazer os dois primeiros shows. Havia muita incerteza, mas no fim deu tudo certo. Mark estava bem o suficiente, e algo mágico já estava acontecendo quando estávamos todos juntos para a terceira apresentação. Talvez tenha sido algo diferente do que fazíamos, porque éramos uma bolha: ficávamos no nosso ônibus, sem namoradas, sem festas pós-show, sem encontrar convidados, e isso foi bem estranho... Eu não diria desanimadora, mas uma experiência de turnê totalmente diferente, só que conseguimos fazer tudo antes de a ômicron chegar. Transmitimos on-line a última noite em Londres, e foi um grande sucesso. Agora,

os dedos estão cruzados para que este ano as coisas sejam um pouco mais fáceis.

Vocês tiveram de segurar o lançamento do álbum por alguns meses, mas de que outra maneira a pandemia afetou as gravações de *An Hour Before it's Dark*?

Steve: Houve momentos em que eu não me sentia confortável indo para o estúdio, isso antes das vacinas, então eles trabalharam sem minha presença física por alguns meses, porque eu ficava no meu estúdio em casa. Trabalhávamos juntos assim por alguns meses, mas em seguida havia um lockdown completo e todos iam trabalhar em casa até podermos nos reunir novamente. Ficamos nesse vai e vem por um tempo, até que estivéssemos todos vacinados, mas agora há essas variantes ainda mais contagiosas e temos que ser extremamente cautelosos, lidar com isso da melhor forma possível. E tivemos a oportunidade de compor juntos antes de a pandemia chegar. Algumas ideias para a *Care* datam de dez anos, como a guitarra da primeira parte da música. O nosso método de composição mudou um pouco em função da pandemia, mas houve uma imensa sensação de animação quando pudemos estar juntos novamente. Como não pude estar com eles por alguns meses, fiquei superfeliz e animado de estar com a banda, e isso ajuda no processo criativo.

O Marillion estava à frente do seu tempo quando começou o crowdfunding na música, e a banda vem fazendo isso com sucesso há vários anos. Agora, no entanto, junto a uma gravadora, a earMusic. Qual a diferença?

Steve: Não há muita diferença. Quando fazemos isso, às vezes é questão de desempenho, porque é um pesadelo logístico. Usávamos a PledgeMusic no passado, mas percebemos que o desempenho não era bom. Havia problemas de danos nos discos e coisas do tipo, e agora não dá para enviar 25, 30 mil álbuns pessoalmente, então é preciso terceirizar isso. Neste caso, foi com a earMusic, e espero que dê certo.

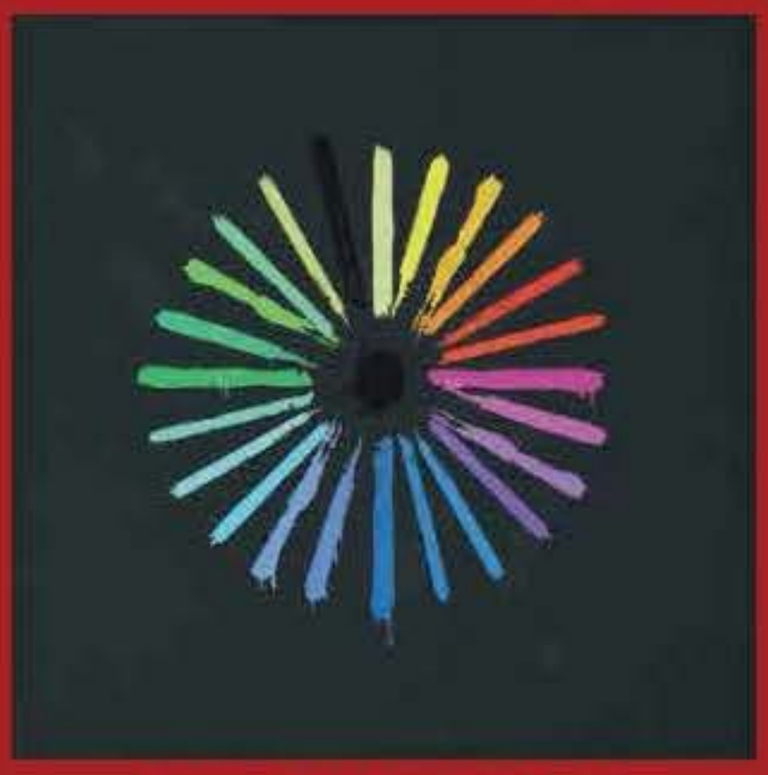
Mas creio que seja mais seguro do que plataformas de crowdfunding, especialmente depois do que aconteceu com a PledgeMusic (N.R.: a empresa decretou falência, dando um enorme calote em consumidores e artistas).

Steve: Exatamente! Acredito que o Kickstarter vai continuar, porque tem boa reputação. Outras, nem tanto. A PledgeMusic deixou muita gente na mão, e não só os fãs, mas também as bandas.

Uma última questão antes de falarmos do novo material. *F* Everyone And Run (F E A R)* (2016) foi muito bem-sucedido, então, com isso em mente, há algum tipo de pressão ao fazer um novo disco, mesmo depois de mais de 40 anos?**

Steve: Uma vez que estamos todos envelhecendo e faremos apenas mais alguns álbuns, o que nós decidimos é que não queríamos nos comprometer. Queríamos fazer um disco da mesma qualidade que o *F E A R*, e para isso não apararíamos nenhuma aresta e, nestas circunstâncias, faríamos deste o melhor trabalho. Quando se tem um álbum tão bem-sucedido criativamente, ele passa a ser a régua do que se quer atingir com o próximo.

As letras são departamento do Steve Hogarth, mas há uma frase em *Reprogram the Gene* que chamou a minha atenção de cara: "I don't wanna be a boy, I don't wanna be a girl, I want to be happy, I want to be clever". Achei ótimo, especialmente no mundo de hoje, cheio de ódio e preconceito...



AN HOUR BEFORE IT'S DARK
EarMusic/Shinigami/Sound City - Nac.

Steve: Totalmente! Steve é muito bom em tentar comunicar injustiças ou falar sobre a insanidade da destruição do planeta, então acho que esse é um dos verdadeiros dons dele. E há um foco levemente diferente neste disco. Quando começamos, ele tomou uma decisão consciente de que não escreveria sobre a pandemia, mas à medida que passamos por certas coisas por tanto tempo, não há como evitar que isso permeie seus pensamentos e sua arte, e acredito que é o caso de muitas das músicas do novo álbum, que tem referências a pandemia, aquecimento global e mudanças climáticas. Esses assuntos apareceram nas letras.

Por outro lado, há a curta instrumental *Only a Kiss*. Qual a história por trás dela?

Steve: Para mim, ela é parte da faixa anterior (N.R.: *Reprogram the Gene*). Às vezes, por causa da forma como as coisas funcionam no streaming hoje em dia, você tem que subdividir as faixas mais longas em subseções, uma vez que esta é a forma como as pessoas têm consumido música atualmente. Como recebemos centavos por cada faixa, não ganharíamos nada se não fizéssemos dessa forma, o que é uma insanidade. O pagamento deveria ser baseado na duração da música, não na quantidade de faixas. É o jogo que temos que jogar, mas não é o suficiente para a sobrevivência de muitas bandas. Temos sorte de sermos de uma geração cujos fãs querem a cópia física dos discos, as edições especiais, o que é mais tangível porque é tanto sobre arte quanto é sobre música. E é uma forma de apoiar suas bandas favoritas, permitir que elas criem sua arte e façam isso rumo ao futuro. Sejamos sinceros, há pouca música boa por aí hoje em dia, então ser parte da ajuda e fazer algo acontecer é muito importante. Cada música nossa é uma viagem, e talvez os mais jovens hoje em dia tenham crescido com a música como se ela fosse uma commodity, então têm uma atenção muito curta. Para eles, é tudo visual, moda, todo esse aspecto do TikTok, e nós existimos fora disso, naquele cantinho do universo que é sobre música, paixão, integridade e criar coisas que as pessoas ouvirão, espero, daqui a cem anos em oposição àquilo que é popular nesta semana.

Sobre o segundo single, *Murder Machines*, preciso dizer que adorei o solo de guitarra junto com a melodia vocal no fim da canção...

Steve: É a música que estávamos ensaiando essa semana pela primeira vez, e será uma grande faixa para tocar ao vivo. Ela tem uma energia... Não é uma música rápida, mas tem uma energia que é um tanto rara para nós, e tiro o chapéu para o Mike Hunter, por sua ajuda nos arranjos. Por causa da minha entrada tardia no processo criativo, cheguei com toneladas de ideias, e uma das melhores coisas de ter o Mike nesse disco foi que, quando eu tocava algo interessante, ele anotava tudo. Nas músicas, ele puxava essas anotações e, assim, uma coisa levava a outra. Foi ótimo! Foi bom para eu aprender, mas, em termos de música, tem essas melodias que são quase como uma segunda voz, que parecem fluir e dançar no restante da música. É como eu a descrevo.

Sobre a letra, há a frase "No vaccine, no escape", o que vai irritar os negacionistas e aqueles que são antivacina. Mas

agradeço pelo Marillion estar do lado certo da história...

Steve: Nós estamos do lado da razão e da ciência, e essa polarização da sociedade é algo muito estranho, o fato de que tantos podem dizer algo nas redes sociais e causar efeito em tantas pessoas. Talvez isso reforce seus próprios preconceitos. Essa coisa toda de teoria da conspiração é quase como um romance para muitos, e é tão endêmica. Recentemente, li sobre como na República Tcheca estão treinando médicos e equipes de saúde dos hospitais em caso de ataque por outras pessoas! É uma lógica muito distorcida, que causa uma perda de fé na humanidade.

***Sierra Leone*, outra música fantástica, também traz um desfecho com camadas de vozes na melodia trabalhando com outro incrível solo de guitarra...**

Steve: Sim, e creio que, de todas as músicas do novo álbum, essa é uma que eu imaginava facilmente no *F E A R*, no que diz respeito à construção. É uma grande canção, bem diferente, e com o Steve escrevendo algo que não se trata de experiência pessoal, o que é raro. É sobre um personagem que encontra um diamante e, como apenas encontrá-lo já basta, ele não sente a necessidade de vendê-lo. É algo que empodera e libera seu espírito num certo nível. Quando se tem uma faixa como essa... É como compor para trilha sonora, criando músicas que pintam imagens.

Na minha resenha, escrevi que *An Hour Before it's Dark* começa com uma obra-prima do Marillion, *Be Hard on Yourself*, e termina com uma obra-prima épica e progressiva da banda, *Care*... E lembrando que há um bom groove nela.

Steve: É, de fato, épica, muito potente, comovente e idílica. Mais para o fim, ela cria uma linda atmosfera, com guitarras charmosas, junto com as letras que falam a verdade da situação de todas essas pessoas ao redor do mundo, médicos, enfermeiros e pessoas que tentam salvar vidas na pandemia, e às vezes ao custo de suas próprias vidas. Se existem verdadeiros anjos neste mundo, são essas pessoas. E no fim de *Cure*, o solo de guitarra, o refrão, e o fade-out com o refrão... Isso traz lágrimas aos olhos, até mesmo para mim. Quando se faz um disco, não se ouve a música toda, com todos os elementos reunidos, até o momento da mixagem. Sabemos a parte de cada um e vemos a coisa como uma colcha de retalhos, e ao longo do processo novas camadas e texturas são adicionadas, especialmente, neste caso, com o coral. Quando finalmente se ouve tudo, é aquele momento "Eureka!" (risos).

E como tem sido a resposta de público e crítica até agora?

Steve: Acho que tem sido ótima! O feedback geral é que as pessoas mal conseguem acreditar o quão bom é o disco, e como conseguimos fazer esse álbum em meio à pandemia, devido às complicações e às dificuldades envolvidas. Para ser sincero, só poderia ser feito neste momento da história. Eu estou incrivelmente orgulhoso desse trabalho, de termos criado algo belo num tempo de escuridão.

(...) recebemos e-mails o tempo todo de fãs antigos que recentemente redescobriram a banda, aí voltam a acompanhar arrancando os cabelos e dizendo: 'O que eu estava perdendo durante todos esses anos!?'
Steve Rothery

Esta é uma pergunta que fiz a Hogarth há alguns anos, e gostaria de saber a sua posição. Conheço muita gente que ainda acredita que o Marillion ficou muito pop depois que ele entrou na banda, e é até vergonhoso que essas pessoas nem ao menos escutem a música, deem uma chance a álbuns como *Brave*, *Marbles*, *Sounds That Can't Be Made* e *F E A R*, por exemplo. O quer você diria a elas?

Steve: Pois é, quando se tem grandes mudanças assim, algumas pessoas não se interessam em dispor do seu tempo. *Seasons End* (N.R.: primeiro trabalho com Hogarth, de 1989) é um disco do qual sou incrivelmente orgulhoso, e de forma alguma é um disco pop. Longe disso! Talvez *Hooks in You*, o primeiro single, não tenha sido a melhor escolha, mas acredito que algumas pessoas já tinham suas opiniões formadas mesmo antes de ouvir qualquer coisa. Elas têm uma nostalgia romântica de como o Marillion era e, numa grande mudança como essa, não têm interesse em fazer a transição. Nós recebemos e-mails o tempo todo de fãs antigos que recentemente redescobriram a banda, aí voltam a acompanhar arrancando os cabelos e dizendo: 'O que eu estava perdendo durante todos esses anos!?'. É como a vida é, eu acho (risos)...

ALIANÇA METAL BRAZIL

SHAMAN

NOTURNALL

29/04 - MANAUS @ TEATRO MANAUARA
30/04 - BELÉM @ BOTEQUIM
01/05 - FORTALEZA @ ARMAZÉM
06/05 - CARIACICA @ MATRIX MUSIC HALL
08/05 - RECIFE @ MATRIX PUB
13/05 - RIBEIRÃO PRETO @ QUINTA LINDA C.E.
14/05 - BRASÍLIA @ TOINHA BRASIL SHOW
15/05 - GOIÂNIA @ BOLSHOI PUB
28/05 - CURITIBA @ ÓPERA DE ARAME
29/05 - CRICIÚMA @ COLHER DE CHÁ

WWW.SHAMANBAND.COM / WWW.NOTURNALL.COM.BR

Fotos: Thiago Kiss (SHM) / Junior Carelli (NTN)

AGÊNCIA ARTÍSTICA

REALIZAÇÃO: ONI STAGE

www.quartodesign.com

Tommy Portimo, Henrik Klingenberg, Tony Kakko, Elias Viljanen e Pasi Kauppinen prometem a segunda parte do seu álbum acústico ainda para 2022

Divulgação

SONATA ARCTICA

O PRIMEIRO CAPÍTULO DAS CANTIGAS INVERNAIS

Clássicos do power metal finlandês são revisitados no primeiro volume de *Acoustic Adventures*

Por Valtemir Amler

Bateria movida por pedais duplos, guitarra e teclado empilhando milhares de notas à velocidade da luz e um vocalista que trilha por notas tão altas que chegam a tocar as nuvens. Essa ainda é a imagem que muitos têm do Sonata Arctica, embora os caminhos da banda finlandesa tenham saído do meramente previsível já há mais de uma década. Com uma jornada tão intimamente conectada ao power metal melódico, o quinteto vai mais uma vez na contramão do esperado e em 2022 apresenta o seu primeiro capítulo acústico, simplesmente intitulado *Acoustic Adventures (Volume One)*. Com a segunda parte prevista para lançamento ainda esse ano, a banda aguarda pelo momento em que finalmente tocarão no Brasil, uma turnê que vem sendo adiada desde 2020. Confira o que o tecladista Henrik Klingenberg tem a nos contar sobre o atual momento dos lobos finlandeses.

O formato acústico não é um território estranho para o Sonata Arctica, mas acredito que boa parte dos seus fãs tenha sido surpreendida com a notícia desse primeiro álbum no formato.

Henrik Klingenberg: Sim, acho que isso é verdade, ao menos foi isso que percebemos quando a notícia foi publicada na internet. Mas, acredito que a maior parte dessas reações foi positiva, foi um passo inesperado talvez, mas em uma direção que agradou as pessoas... A verdade é que já fazia um bom tempo que pretendíamos fazer um disco como esse. Acho que começamos a pensar mais seriamente nisso em 2019, quando fizemos a turnê acústica. Aquele foi um momento engraçado, tínhamos acabado de lançar um disco (N.R: *Talviyö*, 2019), estávamos empolgados tocando aquelas músicas, pensamos em um punhado de shows especiais em formato acústico, quer dizer, estávamos nos movendo com muita vontade no tabuleiro, mas, como todas as outras bandas, tivemos que parar tudo logo em seguida. Foi um bocado estranho se adaptar a essa abrupta mudança de planos. Então, em 2020, com tudo basicamente parado, as pessoas começaram a nos perguntar se gravaríamos um novo álbum, recebíamos muitas mensagens perguntando isso. Bem, começamos a planejar algumas coisas e a verdade é que o plano original era gravar algo em 2021, mas com tudo parado em 2020, sem termos outra alternativa ou motivação, acabamos por gravar os dois volumes de *Acoustic Adventures* em 2020 mesmo. Ou seja, estamos há bastante tempo apenas sentados e esperando que todos ouçam aquilo que fizemos (risos).

A ideia veio da época em que estavam tocando algumas dessas músicas ao vivo em formato acústico, então, o plano original era que esses discos fossem trabalhos ao vivo, diante dos fãs?

Henrik: Não, pelo que eu me lembro, não chegamos a cogitar essa opção, ao menos não seriamente. Nós estávamos meio que apenas seguindo adiante, dando os passos que eram possíveis naquele momento. Então, a partir do momento em que decidimos realmente seguir adiante com o disco acústico, começamos a planejar o trabalho em estúdio, escolher o repertório que abordaríamos, essas coisas. Claro, as primeiras músicas escolhidas foram aquelas que já estávamos tocando ao vivo, pois elas já estavam praticamente prontas. Começamos a pensar nas canções de que mais gostávamos do nosso repertório, jogamos um monte de ideias, pois precisávamos de fato testar cada opção para ver se ela de fato funcionaria neste novo formato, e esta foi a etapa mais

trabalhosa e demorada do processo. Nos debruçamos sobre isso por um bom tempo, mas no fim conseguimos ir ao estúdio e gravamos cerca de 25 canções acústicas, o que é um belo número para uma banda que não é exatamente folk (risos).

O processo deste trabalho acústico começou fácil, mas foi ficando mais desafiador conforme avançava.

Henrik: Sim, exatamente. E foi engraçado, pois no começo achamos que seria tudo muito fácil, quase como se estivéssemos de férias ou algo assim (risos). Você sabe, nós pensamos algo do tipo: 'OK, temos essas músicas acústicas que já vínhamos tocando e que são muito boas, então é só juntar a elas mais algumas e tudo certo.' Mas obviamente não foi bem assim. Temos muitas músicas gravadas e escolher algumas delas foi realmente desafiador, certos temas quando sugeridos eu pensei: 'Como diabos querem que eu toque uma versão acústica dessa música?' (risos).

Basta recordar os anos em que eram fortemente associados ao power metal para entender exatamente do que você está falando...

Henrik: Pois é, cara, que doideira (risos). E nós decidimos que só faríamos isso se incluíssemos músicas de todos os nossos álbuns, então não tinha para onde correr (risos). De alguma forma, conseguimos montar o repertório, e fico pensando se um dia decidirmos fazer um volume três de *Acoustic Adventures* como diabos vamos escolher? Sinceramente, eu não sei (risos). Mas, encontramos uma maneira de fazer funcionar e depois de termos tudo gravado, passamos para a próxima etapa, que era decidir quais canções estariam em cada disco, já que queríamos que eles fossem lançados separadamente, não como um álbum duplo.

Imagino que isso tenha mais a ver com o processo de promoção.

Henrik: Sim, e do jeito que as coisas estão hoje, é muito mais fácil lidar com dois discos do que com um álbum duplo. Muitas bandas estão lançando novos registros, muitos discos estão sendo relançados, são tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo que a logística simplesmente não funciona, por isso tantos trabalhos estão tendo seu lançamento reagendado. Um disco duplo demandaria ainda mais logística, além do fato da promoção. Com dois ciclos de promoção, acredito que muito mais pessoas ouvirão falar de *Acoustic Adventures*.

E ainda tem aquela expectativa saudável dos fãs, que ficam esperando pelas músicas que estarão no segundo volume.

Henrik: Sim, tenho certeza de que logo que pegarem o disco nas mãos, as pessoas vão começar a dizer: 'Ué, cadê *San Sebastian*?' (risos gerais). A verdade é que nem eu mesmo lembro de todas as canções que gravamos, mas esperem algumas surpresas.

Eu reagi mais ou menos assim, mas foi ao perceber a ausência de *The End of this Chapter* (*Silence*, 2001).

Henrik: Ah, é verdade... Cara, eu amo essa música! *The End of this Chapter* é uma das melhores músicas do Sonata Arctica. Pois é, a verdade é que não gravamos uma versão acústica para ela, então não estará nem no segundo volume. Você sabe, não estou ansioso por isso, mas se formos fazer um terceiro volume de *Acoustic Adventures*, precisamos ter algumas cartas fortes na manga...

ACOUSTIC ADVENTURES VOLUME ONE
Atomic Fire - Imp.

Então imagino que esse também será o caso de *Sing in Silence*, outro clássico do segundo álbum.

Henrik: Ela também ficou de fora. Você sabe, é muito difícil escolher as músicas para um projeto como esse. Você vai procurar pelas favoritas dos fãs, mas também vai querer surpresas. Neste sentido, procuramos equilibrar as coisas, temos vários clássicos, mas temos também algumas músicas que poucos esperariam ouvir neste formato.

Neste sentido, e para aplacar os ânimos dos fãs do álbum *Silence*, existem duas ótimas pedidas aqui, *Tallulah* e *Wolf & Raven*. A primeira é uma balada, mas a segunda deve ter sido um desafio dos grandes trazer para o acústico, não?

Henrik: Cara, você nem imagina! (risos) E gosto do jeito que você colocou isso, pois vai na contramão do que venho ouvindo das pessoas ultimamente. Quer dizer, entrei para o Sonata Arctica logo depois do lançamento de *Silence*, então não participei na composição dessas músicas. A maior parte das pessoas imagina que isso faz delas um desafio maior para mim, mas não é verdade, eu tenho tocado essas canções ao vivo por décadas, elas estão completamente gravadas na minha memória. O desafio real vem exatamente de onde você disse: como tocar uma versão acústica de *Wolf & Raven*? Quem está familiarizado com essa canção, sabe exatamente o que espera o tecladista na segunda parte dela (risos gerais). É muito rápido, são muitas notas, não é fácil levar isso para o acústico, especialmente quando se trata de uma favorita dos fãs. Claro, *Tallulah* foi mais simples, pois eu não tenho que ter 48 dedos para tocá-la... (risos)

E gostaria de agradecê-los por incluírem *Paid in Full* e *For the Sake of Revenge* em *Acoustic Adventures (Volume One)*. É bom perceber que o álbum *Unia* finalmente está recebendo seu valor, apesar de tão criticado na época do lançamento.

Henrik: Obrigado, cara, eu concordo com você, plenamente. Falando um pouco sobre *Unia*, ele foi um divisor de águas na carreira do Sonata Arctica. Veja, ele foi apenas meu segundo álbum com a banda (N.R: Henrik estreou oficialmente em *Reckoning Night*, de 2004; os teclados em *Winterheart's Guild*, de 2003, foram gravados pelo vocalista Tony Kakko e pelo tecladista convidado Jens Johansson, do Stratovarius e Rainbow). Vivíamos um momento estranho, estávamos estafados, cansados de tantos shows e gravações, e a banda parecia cansada de tocar sempre a mesma coisa, todos queriam tentar coisas novas. Bem, fomos em uma nova direção e algumas pessoas não conseguiram assimilar isso. Muitas pessoas, na verdade (risos). Fomos pesadamente criticados, mas a verdade é que *Unia* é um ótimo álbum e possui ótimas músicas. Fizemos o que precisávamos, tivemos a 'folga' que era fundamental. Sou completamente sincero com você quando digo: se não tivéssemos lançado *Unia* naquele momento, o Sonata Arctica não existiria hoje, a banda teria acabado. Então, até como um tributo ao disco que salvou a nossa carreira naquele momento tão estafante, trouxemos essas ótimas canções para o acústico. E esperamos tocar essas novas versões para vocês no Brasil tão logo possamos parar de adiar a nossa turnê pela América do Sul (risos).

RELEASES

Divulgação

SCORPIONS

ROCK BELIEVER
UNIVERSAL - NAC.

9,0

Há cinco décadas, o Scorpions fazia a sua estreia com *Lonesome Crow*. Muita coisa se passou desde então, incluindo mudanças estilísticas, sonoras e de formação, mas agora chega o momento de celebração com *Rock Believer*. O material marca a estreia do baterista sueco Mikkey Dee (ex-Motörhead, King Diamond e Don Dokken) em um álbum de inéditas do grupo, já que ele havia gravado apenas algumas faixas de *Born to Touch Your Feelings: Best of Rock Ballads* (2017).

Para quem havia declarado que abandonaria os palcos e se aposentaria, a abertura do novo álbum, com a hard rocker *Gas In The Tank*, fala por si. Ela se inicia com o roncar de um motor, uma batida na caixa e uma palhetada na linha *Can't Live Without You*, seguida por alavancadas, barulho de sirenes e o tema sempre presente da segunda guitarra de Matthias Jabs, além de Klaus Meine chamando para os coros. É aquele Scorpions na veia dos anos 1980, que segue acelerando com a agitada *Roots In My Boots*.

E tome referências ao passado com *Knock 'Em Dead*, que se mostra como a sucessora de *Don't Believe Her*, de *Crazy World* (1990). Já a faixa-título vem cadenciada e com um início mais melódico, mas longe de ser uma balada. *Rock Believer*, a faixa, não é um dos destaques, mas exprime o conteúdo autobiográfico de contar as próprias experiências, assim como a letra de *Restless Nights*, de *Crazy World*, por exemplo.

Se uma das intenções para o novo trabalho era captar momentos da carreira, *Shining of Your Soul* mostra, em cima de uma batida reggae e o baixo de Paweł Mąciwoda em destaque, a vibe mais próxima daquele período de transição da banda dos anos 70 para os 80, especialmente de *Is Anybody There*, de *Lovedrive* (1979). *Shining of Your Soul* foi composta pelo guitarrista Rudolf Schenker ao lado do produtor Greg Fidelman (Metallica, Black Sabbath, Slayer e outros), que originalmente cuidaria da produção do novo disco dos alemães, que acabou nas mãos da banda e de Hans-Martin Buff.

Seventh Sun, composta por Schenker, Fidelman, Buff e Ingo Powitzer (roadie de Jabs), vem com a levada dura e lenta de sons mais antigos, como *China White*, *Coast to Coast* e *Hold Me Tight*. A dinâmica sobe com *Hot and Cold*, que vai para os lados do hard, assim como a mais acelerada e divertida *When I Lay My Bones To Rest*, com sua pegada rock'n'roll.

Na sequência vem a já conhecida e promovida *Peacemaker*, single que saiu ainda no ano passado e vai funcionar bem nos shows. Dando uma reduzida na adrenalina, *Call of The Wild* traz um belo refrão, com uma caída melodiosa. Bem, se tivemos dez faixas sem nenhuma balada, ela finalmente chega com *When You Know (Where You Come From)*, que encerra o repertório do disco regular. A versão deluxe traz as agitadas, e não menos interessantes, *Shoot for Your Heart*, *When Tomorrow Comes*, *Unleash The Beast* e *Crossing Borders*, além da versão acústica de *When You Know*.

São 19 álbuns de estúdio e poucos deslizes, o que absolutamente não é este caso. É só celebrar e ouvir no talo!

Ricardo Batalha

TROPA DE SHOCK

THE CIRCLE OF SPELLS
MS METAL - NAC.

7,5

Se você acompanha o cenário metal nacional com interesse, pouquíssimas são as chances de não conhecer a Tropa de Shock. Formada em 1989 na cidade de São Paulo, a banda chega agora já ao seu nono álbum completo, e coleciona apresentações ao lado de grandes medalhões do metal mundial. Mas, a melhor parte é que eles continuam apresentando novas canções firmemente agarradas ao velho e bom heavy metal. Este novo *The Circle of Spells* deixa isso evidente já em sua temática lírica, que situa o ouvinte em uma dimensão paralela, onde todas as bruxas acabam libertas e dispostas a, digamos, fazer o uso adequado de suas dádivas. Após a introdução *The Legend of Warlock*, a história começa a ser desenvolvida (e o metal começa a comer solto!) com *The Rising of the Witch*. Bons movimentos são apresentados na dobradinha *Eternal Sleep* e *Florest Blair* (essa última movida adiante por um riff que gruda na cabeça imediatamente), e *Returning To Be Human* também vale a pena.

Valtemir Amler

INORBITO

IDADE MÍDIA
MS METAL - NAC.

7,0

Todas as pessoas criativas costumam acumular um bocado de ideias com o passar dos anos, e foi justamente com o intuito de dar vazão a elas que o vocalista Willy Arioli fundou o Inorbito em 2017. O primeiro 'pacote' de ideias é justamente o que você ouve em *Idade Mídia*, disco de estreia do projeto, que hoje se solidificou como banda. Embora a *raison d'être* da Inorbito tenha sido tão facilmente explicada, a música demanda um cuidado um tanto maior para ser completamente assimilada, já que muitos são os elementos que formam esse álbum. Embora o pano de fundo seja um hard'n'heavy bastante acessível, as letras em português e as melodias vocais simples e grudentas aproximam as canções daquele pop rock típico das rádios, o que muito provavelmente poderá afastar parte dos ouvintes ao mesmo tempo em que atrairá tantos outros. Quanto ao instrumental, é óbvio que estamos falando de um trabalho muito bem feito: tanto canções elétricas como *Quando o Dia Amanhecer* quanto nas com apelo mais acústico, como *Cada Vez Mais Forte*, ele cumpre seu papel.

Valtemir Amler

INVISIBLE CONTROL

CREATED IN CHAOS
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Juntar a sonoridade brutal e pungente do death metal com a proficiência técnica e a atitude musicalmente aberta e pluralista do progressivo sempre rendeu ótimos resultados, mas a verdade é que o estilo tem ganhado muito nas últimas décadas. Enquanto nomes como Fractal Universe, Alkaloid, Aethereus, Gorod e Obscura despontam no cenário internacional, vemos a nossa cena interna indicando seus postulantes ao topo, como é o caso deste ainda novato Invisible Control, nascido em 2020, e que agora lança seu álbum de estreia. A sonoridade é aquela que você já imagina, mas existe aquela típica criatividade 'brazuca' que faz este *Created In Chaos* despontar e chamar a atenção entre os seus similares, perceba isso enquanto ouvir as ótimas linhas de guitarra em *Killing Another One Of Us*. Verdade é que com melodias incrivelmente pungentes que equilibram o peso e o extremismo, é difícil colocar esta banda na prateleira do tech/death sem incorrer em erro, e a melhor maneira de saber como eles realmente soam sempre será ouvir por si mesmo. Garanto, você apreciará a experiência!

Valtemir Amler

BADLAND'S HERO

RUNNING THROUGH MY VEINS

MS METAL - NAC.

9,0

Sem pensar muito, talvez a melhor maneira de iniciar essa resenha seja dizendo 'bendita seja toda a mistureba musical que nos proporciona discos como esse'. De verdade, se você conseguir imaginar uma mistura de Jethro Tull, Uriah Heep, Yardbirds e até algo de cabaret jazz, você poderá ter uma ideia de como soa *By My Side*, canção que abre *Running Through My Veins*, debut do Badland's Hero. Dito isso, em comum com a segunda faixa, que leva o nome do álbum, apenas o fato de ser a mesma banda e trazer essa mesma qualidade de tirar o fôlego, ademais, é um panorama musical totalmente diverso do anterior. Em seguida, *Live Our Lives* é soa como uma moda caipira com vocais em inglês e referências ao folk rock europeu, ou seja, a carroça não freia e a viagem não para! Para nossa sorte, temos ainda outras quatro canções repletas de boas ideias neste disco, e tenho certeza que qualquer fã de faroeste italiano vai amar *Being On The Road*, confira você mesmo.

Valtemir Amler

HIBRIA

ME7AMORPHOSIS

VOIZA - NAC.

9,0

O sétimo lançamento de estúdio do Hibria marca oficialmente o retorno da banda após a separação de 2018, da qual restou apenas o guitarrista e cofundador Abel Camargo. Reformulado com Victor Emeka (vocal), Bruno Godinho (guitarra), Thiago Baumgarten (baixo) e Otávio Quiroga (bateria), o grupo apresenta um trabalho que segue a ousada estética sonora apresentada no single *Fearless Will* (2019). Sob a produção musical de Godinho, *Me7amorphosis* favorece um pouco mais o baixo em detrimento das guitarras, além de apresentar uma concepção de mixagem e masterização consideravelmente diferente, menos comprimida e saturada, especialmente quando comparado a *Moving Ground* (2018). Parece ser um trabalho que respira mais. Musicalmente, temos uma boa mistura das novas personalidades com a história construída pelo Hibria nesses 26 anos de estrada. O resultado são momentos de velocidade (*Shine*), de peso e modernidade (*I Am So Lonely*), de metal melódico com um toque de progressivo (*Raging Machine*), além de uma boa dose de atitude (*War Cry*). Em meio a esse clima pulsante, a balada acústica *Meaning of Life* rouba a cena e mostra como Emeka foi uma excelente escolha. No decorrer do álbum, ele canta aquelas notas altíssimas e navega com destreza nas partes mais graves sem problemas. Destacando os integrantes, Camargo e Godinho fazem uma excelente parceria em *The Racer*, Baumgarten mantém a tradição de excelentes baixistas do Hibria, vide *Skyline of the Soul*, e Quiroga esbanja ritmo em *A Storm to Heal*. Coroando a continuidade da banda e mostrando não haver ressentimentos, os ex-integrantes Iuri Sanson (vocal), Diego Kasper (guitarra) e Renato Osorio (guitarra) fazem uma participação especial em *Tribal Mark*. Quanto às letras, de forma geral elas versam sobre um tema comum a todos nós e que reflete a própria fase vivida pela banda: superação. Cabe também destacar a excelente direção e criação de arte liderada por Emeka – um exemplo que tanto bandas amadoras como profissionais devem seguir. Com *Me7amorphosis* o Hibria começa 2022 inaugurando uma grande nova fase.

Guilherme Spiazzi

TOKYO BLADE

FURY

CLASSIC METAL - NAC.

7,5

Após dois bons discos, Alan Marsh (vocal), Andy Boulton e John Wiggins (guitarras), Andy Wrighton (baixo) e Steve Pierce (bateria) retornam com *Fury*, um título que seria mais apropriado para o trabalho anterior, *Dark Revolution* (2020), já que este carece justamente de um pouco mais de fúria e "sangue no zóio". Mas calma, porque ainda que a pegada não vá para os caminhos de Judas Priest e Accept, não estamos diante de um trabalho abaixo da média e o legado da NWOBHM não foi desonrado. Porém, já na abertura, *Man In A Box*, vemos que a melodia suplanta a agressividade. E quem curtiu aquela fartura de palhetadas abafadas do disco anterior vai sentir o golpe em outra mais melódica, *Blood Red Night*, em que o baixo de Wrighton aparece bastante. Por outro lado, prepare-se para a ótima hard'n'heavy *I Am Unbroken*, que poderia ser escolhida como faixa de abertura. Muito bem composta, *Disposable Me* é outra em que o baixo de Wrighton se sobressai e que mostra a faceta hard rock da banda. Com riffs simples, *Eyes Wired Shut* também vem mais melódica e tem um quê de Thin Lizzy na linha de voz (assim como em partes de *Heart of Darkness*), mas a ponte e o refrão hard rock se destacam. E tome mais melodia, inclusive com a presença de teclados, em *Cold Light of Day*, e mais hard rock com *We Fall Down*. O típico metal tradicional vem em *Kill Me Till I'm Dead*, agora, sim, com palhetadas abafadas, e na acelerada e ótima *Life Leaves A Scar*. A ordem e a quantidade exagerada de faixas (15) atrapalham, mas confira ainda a hard *Rhythm of the Gun* e *When The Bullets Fly*.

Ricardo Batalha

JEV

STRANGER

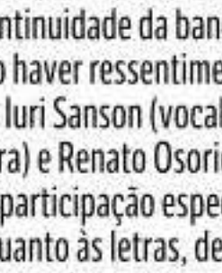
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

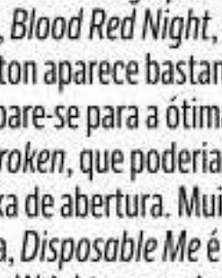
Ao ouvir faixas como *Stranger*, que saiu em videoclipe no final do ano passado e cuja letra é inspirada no filme "Drácula" (1931), aquele com Béla Lugosi, e *One Survivor*, as expectativas em relação ao segundo álbum do JEV se tornam altíssimas, já que Herbert Davis (vocal), Freddy Muller (guitarra), Alisson Magno (baixo) e Lou Animale (bateria) são feras em suas funções e adotam o hard rock como estilo. Só que ficou um sabor de quero mais no resultado final, pois algumas faixas não possuem o mesmo brilho das citadas, como *The Last Song* por exemplo. Porém, o sucessor de *Jev* (2017) ainda possui outras canções sensacionais, como *Sweetest Thing*, à la Guardian e Extreme, e *Counter Revolution*, com umas partes bem Cinderella e uma letra abordando fatos relacionados à Revolução Francesa. Trata-se de um quarteto talentoso e com potencial, mas que precisa se atentar a alguns detalhes. Corrigindo isso, será difícil segurar estes cariocas.

João Messias Jr.

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:



Fotos: Divulgação



DAVE WYNDORF
(MONSTER MAGNET)

Hawkwind - *In Search of Faith*
The Stooges - *Fun House*
Black Sabbath - *Paranoid*
The Jimi Hendrix Experience - *Are You Experienced?*
Brian Eno - *Taking Tiger Mountain*

RODRIGO FLAUSINO
(RF FORCE)

Judas Priest - *Screaming For Vengeance*
Iron Maiden - *Powerslave*
Metallica - *Master of Puppets*
Helloween - *Keeper of the Seven Keys II*
Megadeth - *Rust in Peace*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

MARILLION

AN HOUR BEFORE IT'S DARK
EARMUSIC/SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

10

Toca o telefone na casa de algum integrante do Marillion. Do outro lado da linha, outro membro da banda diz: 'Vamos falar com o restante dos rapazes. Está na hora de fazer mais uma obra-prima'. Bom, a situação é apenas fruto da imaginação, mas o resultado é real. *An Hour Before it's Dark*, o 20º álbum de estúdio do quinteto inglês - Steve Hogarth, Steve Rothery, Pete Trewavas, Mark Kelly e Ian Mosley - é nada menos que soberbo. Primeiro single e faixa de abertura, *Be Hard on Yourself* já antecipava o que vinha pela frente: trata-se de uma pérola progressiva à la Marillion, com momentos belos e tensos em meio a coral e piano sensacionais. Depois, veio *Murder Machines*, aquele meio-termo perfeito entre o prog e o pop que, de quebra, entrega outro destaque: as letras de Hogarth. Aqui, um 'sem vacina, sem saída' é um dos bem-vindos posicionamentos de quem, no magistral *F E A R (Fuck Everyone and Run)*, havia emudecido liberais com críticas econômicas de viés social. Desta vez, o vocalista derruba negacionistas, reaças e preconceituosos em geral, e a maravilhosa *Reprogram the Gene*, com uma interpretação sensacional de Hogarth, não deixa por menos. E tem o genial Rothery brilhando em *The Crow and the Nightingale* e *Sierra Leone* (e o que H canta é brincadeira!), duas canções de tirar o fôlego: corais, melodia vocal com várias camadas de vozes... E o trabalho que começou com uma pérola termina com uma joia, *Care*. O emocionante desfecho crescente do épico de 15 minutos é a assinatura final de um dos melhores discos do ano. E da banda.

Daniel Dutra

BILLY IDOL

THE ROADSIDE EP
DARK HORSE - IMP.

8,0

Ele foi chamado de punk nos anos 80 por pessoas que não ouviam punk rock, e era venerado por fãs de gothic rock sem nunca ter criado uma canção no estilo. Pois é, de alguma forma o mundo da música sempre encontrou um espaço para Billy Idol. Cerca de sete anos depois de lançar o seu último registro, ele está de volta com este novo EP, naturalmente concebido sob os auspícios da pandemia em que vivemos. Embora sejam apenas quatro novas canções, prevejo fãs abrindo sorrisos ao saber que o maior parceiro de Idol, o guitarrista Steve Stevens participou ativamente deste registro. Portanto, embora seja costume ver velhos fãs 'arrancando a cueca pela cabeça' por conta das novas músicas de seus ídolos, *The Roadside* acaba por agradar fácil. O carro-chefe deste trabalho, *Bitter Taste*, é tranquilamente uma das melhores canções da carreira do vocalista. Introspectiva, melancólica e liricamente muito pessoal, ela agradará facilmente o lado gótico dos seus fãs, e algo semelhante acontecerá com *Baby Put Your Clothes Back On*. E sim, *U Don't Have To Kiss Me Like That* é bem 'new wave'.

Valtemir Amler

DEGREED

ARE YOU READY
FRONTIERS MUSIC - IMP.

9,0

Se Robin Eriksson (como Robin Red) já tinha lançado um dos melhores discos de 2021, agora ele ataca com o novo do Degreed – sem esquecer que também gravou o baixo e vocais de apoio no debut do City of Lights. *Are You Ready*, sexto álbum do grupo sueco, completado por Daniel Johansson (guitarra), Mats Eriksson (bateria) e Mikael Blanc (teclado), já inicia bem com uma faixa que certamente pegará fogo nos shows. Desculpe o trocadilho, mas após o tema inicial do teclado de Blanc e os coros, *Into The Fire* tem essa pegada e, inclusive, uma harmonia que vai fazê-lo lembrar de *Moneytalks*, do AC/DC. Claro, a ligação para por aí, porque aqui a variação do hard rock mais pesado com melodic rock e AOR, com aquele tempero sueco e o artifício de captar alguns clichês aqui e ali, é o que comanda a musicalidade do Degreed. Por sinal, poucas bandas conseguem trabalhar tão bem coros com vozes mais altas, sem soar enjoativo, algo que é comum no melodic rock da atualidade – ouça *Higher* e comprove. Pelos lados do hard com punch, coloque direto em *Feed The Lie*. Já a letra da pegajosa *Radio* exalta os velhos tempos em que este estilo estava em voga nas rádios e arrebatava milhares de pessoas para os shows. A guitarra bluesy de Johansson introduz *Are You Ready*, e o que vem depois é um hard melódico que vai fazer fãs do H.E.A.T soltarem rojões. Outra com punch é *Burning*, com riff pesado e um harmônico artificial bem colocado. O lado pop dá a tônica em *Falling Down* e *Turn Back*, mas a variação de climas torna *We Will Win* e *Desire* vencedoras de um disco com repertório coeso e agradável. Se curte esta linha, confira!

Ricardo Batalha

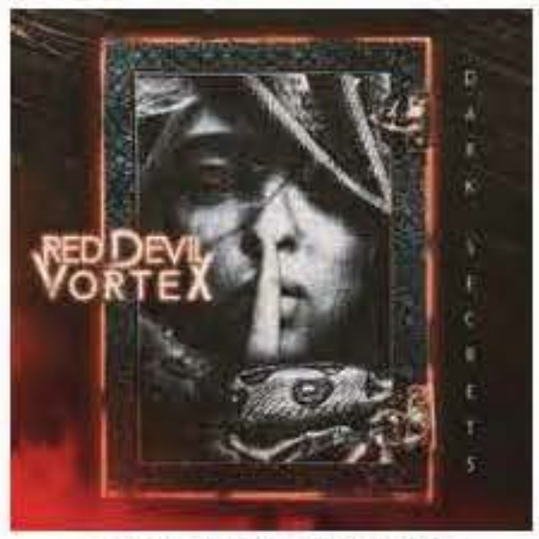
GOLPE DE ESTADO

CAOSMÓPOLIS
ORRA MEU - NAC.

9,5

Demorou dez anos para sair disco novo, mas o Golpe de Estado está de volta! Uma banda com mais de trinta anos de estrada, que passou por altos e baixos e que hoje tem apenas um integrante da formação original (o baixista Nelson Brito) poderia causar alguma desconfiança no ouvinte mais ressabiado. Mas dá pra garantir: fique tranquilo, o Golpe continua com o DNA de sempre. Aliás, o mais legal em *Caosmópolis* é justamente isso: João Luiz (vocal, ex-King Bird), Marcello Schevano (guitarra, Carro Bomba, Patrulha do Espaço) e Roby Pontes (bateria) não tentam imitar o que a banda fez no passado, mas conseguem deixar claro que quem está tocando aquele repertório é o Golpe de Estado. O groove de *Bicho Solto*, a guitarra pesada mas totalmente rock'n'roll de *A Fila Vai Andar*, a "falsa balada" *Me Perco na Noite*, o suingue de *Borracho* e o blues pesado *Cidade Cinza*, que lembra muito *Moondog* (de *Forçando a Barra*, 1988) e que até cita esse nome na letra, tudo aqui, de uma forma ou outra, remete ao Golpe de Estado que aprendemos a curtir – mas também mostra uma outra faceta da banda, mais moderna e renovada. Até Chico Guerreiro, autor das capas dos primeiros discos da banda, está de volta, assinando a sensacional arte que embrulha o disco. Agora é curtir *Caosmópolis* e torcer para não demorar mais dez anos pra vir o próximo.

Antonio Carlos Monteiro



RED DEVIL VORTEX

DARK SECRETS
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Em tão pouco tempo, o Red Devil Vortex, formado em Los Angeles por músicos brasileiros, vivenciou uma montanha-russa: alcançou a Billboard (16º lugar da Heatseekers Chart e 49º na Independent Albums Chart), graças ao EP de estreia, *Something Has to Die* (2018), mas viu o guitarrista Pablo Kravicz deixar a banda durante a gravação do novo play, *Dark Secrets*. Além disso, enfrentou a dor provocada pela morte do produtor Augustus Cryns (Butcher Babies), seguiu em frente com o talentoso Luis Kalil nas 'seis cordas' e, após atrasos devido aos problemas citados, solta o tão aguardado segundo EP. O novo capítulo foi escrito com cinco músicas que possuem em comum o hard rock moderno, mas que exibem suas particularidades. A 'energética' *Alive*, a heavy/hard *Viper*, a suave e com forte teor pop *Psycho*, a melódica *Ready* e a mistura hard com gothic de *Mother* fazem deste um trabalho diversificado. Ah, e depois de tudo isso, Gabriel Connor (vocal e baixo) viu o baterista Iago Marcondes também debandar. Agora com Eduardo Baldo (ex-Hibria) assumindo as baquetas, aumenta-se a expectativa para novos voos com a nova formação.

Thiago Prata

DINAMMARQUE

THE DARK SIDE OF THE HUMAN NATURE

INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Após a estreia com *One Spirit of a Thousand Faces* (2020), o Dinammarque apresenta *The Dark Side of the Human Nature*, um trabalho conceitual no qual Rafael Dinammarque (vocal e baixo), Ricardo Linassi (bateria) e os guitarristas Ronan Oliveira e Leo Lanny abordam questões ambientais, religiosas e pessoais. Trata-se de um metal cheio de boas influências entre o tradicional e o power metal, mas com um tanto de prog também. Abrir o repertório com a longa faixa-título e correr o risco do público cansar é temeroso, mas eles não tiveram receio de mostrar personalidade. O alívio vem com a pesada e rápida *House of Madmen*. Já *Sacrifice* e *Save Me* também agradam, mas o ponto alto é a ousada *El Matador*, na qual castanholas e trombetas dão o tom hispânico ao metal. Brilhante também a participação de Luna La Hara na guitarra acústica, dando ao ouvinte a impressão de estar em plena tourada em uma plaza de toros espanhola.

Alessandro Bonassoli

BLOCKEDCHAIN

OMNI VISION

MS METAL - NAC.

9,0

Foi um processo que acabou acontecendo meio que 'no automático'. Bastou colocar *Omni Vision* para rolar e automaticamente desviei o olhar para a estante onde guardo as obras de Asimov, Crichton, Gibson e outros gurus da ficção científica que imaginaram a relação do homem com o 'novo' ambiente tecnológico que o cerca. A verdade é que esse processo é quase inevitável, tão profundo é o mergulho que o Blockedchain nos oferece já na introdução, *Disruptive Neurotech*. Melhor do que causar grande impacto e depois decepcionar com canções previsíveis e anticlimáticas, eles simplesmente mantêm o tom e continuam a usar esses ricos elementos de música eletrônica/industrial em sua suja e poderosa mistura metálica, que ganha tons dramáticos na sequência *Neural Buffer Overload* e *Self-Denial*, talvez a minha favorita no álbum. Pouco importa se após ouvir pedradas como *Encrypted Key* e *Omni Vision* você vai querer ler um bom livro ou assistir *Black Mirror*, a questão é que por um pouco mais de meia hora eles são te tirar do lugar comum e introduzir em um mundo cyberpunk. Belíssimo e intenso, como deveria ser.

Valtemir Amler

FM

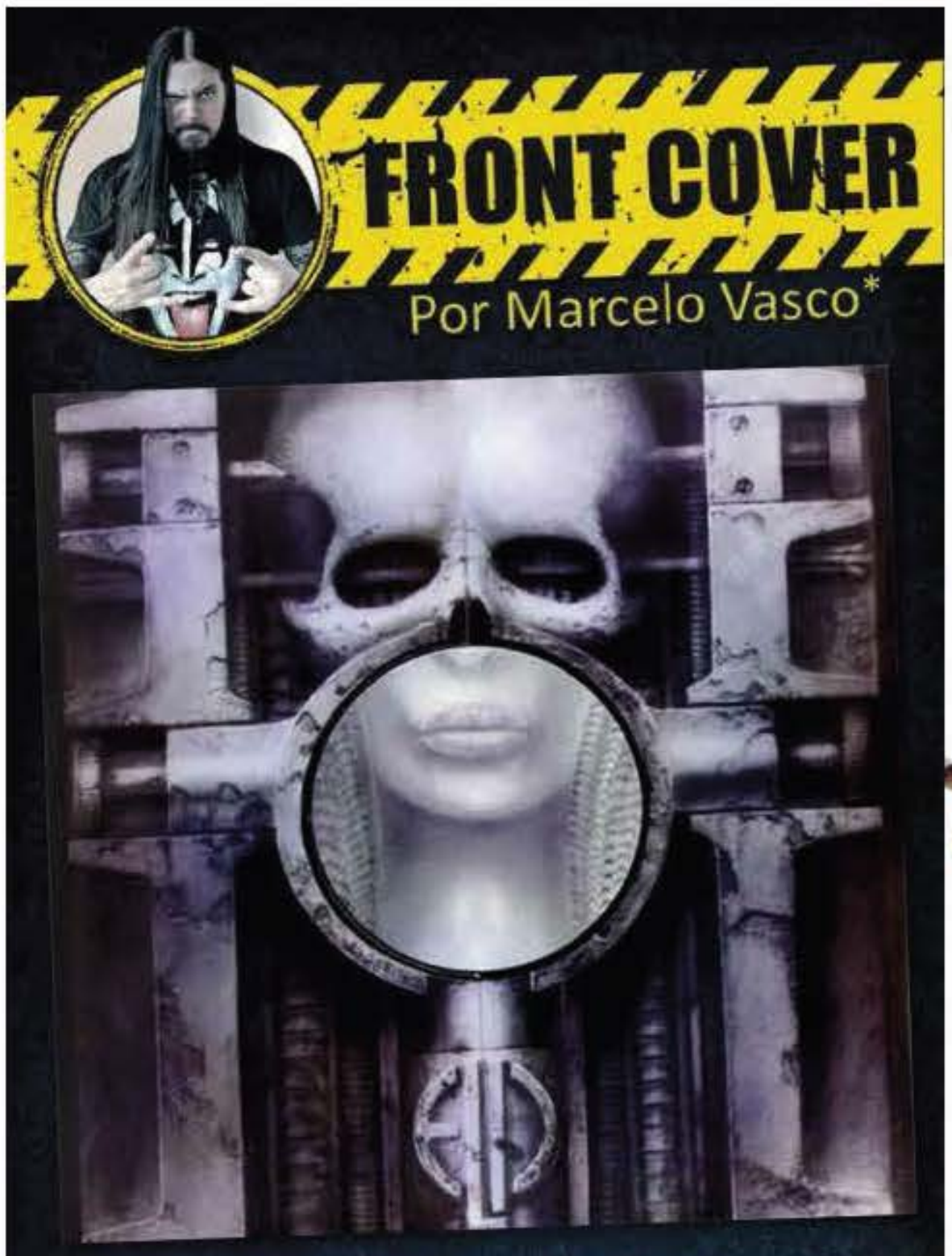
THIRTEEN

FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Ativo e produtivo, o grupo inglês FM apresenta o sucessor de *Synchronized* (2020). Composto durante o período da pandemia, o 13º trabalho (título óbvio) da discografia iniciada com *Indiscreet* (1986) traz aquele AOR/melodic rock que nos faz voltar no tempo, precisamente aos anos 1980. Não por acaso, várias faixas tocariam nas rádios, como *Turn This Car Around*, que foi promovida em videoclipe. Com uma vibe mais anos 70, *Love and War* é outro destaque do repertório de 11 faixas. Steve Overland (vocal e guitarra), Jim Kirkpatrick (guitarra), Merv Goldsworthy (baixo), Pete Jupp (bateria) e Jem Davis (teclado) também exploram outras linhas e empregam elementos de prog (*Be True to Yourself*) e hard rock (ouça *Be Lucky* e *Every Man Needs a Woman*). Todos são exímios músicos, sabem criar melodias cativantes e sem exageros, mas poucas bandas têm Steve Overland. E, claro, você está cansado de saber que ele é um dos melhores vocalistas deste estilo. Ouça também *Just Got Started* e *Fight Fire With Fire*.

Ricardo Batalha



Na edição anterior, eu havia falado sobre HR Giger, especificamente a respeito da arte de *To Mega Therion*, do Celtic Frost. Para aproveitar o gancho, vamos abordar o quanto expansivo e eclético pode ser o seu trabalho, já que estamos saindo de um dos pilares do metal extremo e indo em direção ao rock progressivo dos anos 70.

O icônico *Brain Salad Surgery*, quarto álbum de estúdio do Emerson, Lake & Palmer, traz na capa uma arte de Giger com toda sua forte identidade visual, monocromática, apresentando elementos biomecânicos e industriais de forma bem simétrica e harmônica, super elegante.

Giger foi apresentado à banda pelo empresário do selo Manticore e, durante uma tour europeia, o saudoso Keith Emerson visitou-o em sua casa em Zurique (SUI). O título original do álbum era *Whip Some Skull on Ya* e, por coincidência, Giger havia acabado de criar uma arte baseada em um crânio humano e a batizou de *Work 216: Landscape XIX*. Ela chamou a atenção de Emerson, tendo certeza que Giger poderia ser o artista certo para a capa. Quando o título foi alterado para *Brain Salad Surgery*, Giger pintou duas novas peças, *Work 217: ELP* e *Work 218: ELP II*.

A primeira, 217, foi a escolhida para a capa. Inclusive, o próprio ELP criado por Giger na pintura acabou se tornando logotipo oficial do ELP. Uma curiosidade é que a ilustração original tinha um falo, que foi rejeitado pela gravadora por ser pornográfico, mas Giger se recusou a tirá-lo, fazendo com que a banda contratasse outro artista para pintar com aerógrafo um feixe de luz brilhante em seu lugar.

A segunda obra, *Work 218*, foi usada como ilustração interna. O círculo ao redor da boca na capa foi cortado e vazado, deixando um buraco, de forma que quando se abria o 'gatefold' revelava-se a pintura completa que estava por baixo – o rosto de uma mulher humana, da obra 218. Uma estratégia até original para a época.

A parte triste é que depois de uma exposição de Giger em Praga, em 2005, as pinturas originais foram perdidas ou roubadas e ainda não foram encontradas. HR Giger infelizmente nos deixou em 2014, mas seu legado é eterno. Ele foi um mago das artes contemporâneas, um divisor de águas, criador de seu próprio mundo fantástico e influência para mim e muitos outros artistas gráficos em todo o mundo.

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

JOE SATRIANI

THE ELEPHANTS OF MARS
EARMUSIC/SHINIGAMI/SOUND CITY - NAC.

9,0

Há álbuns de guitarristas e há álbuns de guitarristas, porque há guitarristas e há guitarristas. Não entendeu? Estou falando de Joe Satriani. Um guitarrista que começou com *Not of This Earth* (1986) e, durante o percurso, fez *Joe Satriani* (1995) e *Engines of Creation* (2000) é um artista pouco interessado em somente usufruir as benesses da zona de conforto. E ao lado de Bryan Beller (baixo), Eric Caudieux e Rai Thistlethwayte (teclados) e Kenny Aronoff (bateria), Satriani criou, no alto de uma carreira já de quatro décadas, seu trabalho mais diverso e, por que não?, ambicioso. *The Elephants of Mars*, o 18º disco de estúdio, obviamente passa pelo caminho que o próprio músico pavimentou, e as belíssimas *Faceless* e *22 Memory Lane* mostram isso. No entanto, *Sahara*, a primeira música de trabalho, já havia sido um indício de mudanças. Suas melodias árabes são acentuadas em *Doors of Perception*, mas o experimentalismo escancara mesmo em canções como a faixa-título, *Dance of the Spores* (o tema circense ficou genial) e, especialmente, na espetacular *Sailing the Seas of Ganymede*, que poderia facilmente ser um grande momento do King Crimson. E como se não bastasse o groove funky das excelentes *Blue Foot Groovy* e *Pumpin'*, Satriani ainda leva as bonitas melodias de suas "baladas" para passear na triste e introspectiva última faixa do CD, *Desolation*, na qual a linda melancolia da canção em nada combina com o restante do álbum. E é por isso mesmo que o resultado ficou ótimo.

Daniel Dutra

NERVOCHAOS

ALL COLORS OF DARKNESS
XANINHO/VOICE/TUMBA - NAC.

9,0

Um dos nomes mais importantes do nosso cenário extremo, o NervoChaos vem não apenas se mantendo ativo apesar dos percalços, mas produzindo música intensa e pútrida como poucos, e isso não poderia ser diferente nesse mais novo álbum. E o título vem muito a calhar, já que 'todas as cores das trevas' é exatamente como soa a música da banda, uma mistura abjeta e virulenta de todas as formas mais brutais de música. Por exemplo, os vocais de Brian Stone já na faixa de abertura, *Wage War on the Gods*, forçam-me a instintivamente inventar palavras para descrevê-lo, é uma 'vomitância desgraçada' sem fim. No instrumental, a coisa vai do death ao crust/punk com um belo 'breakdown' thrash, ao passo que a sequência *(Golden Goblet of Fornication)* parece mergulhar os momentos mais brutais do Slayer oitentista naquele death/grind nauseante praticado pelo Brutal Truth nos anos 90. *Dragged to Hell*, por sua vez, inicia absolutamente brutal, ganha novo tom no refrão (que massa os vocais, cara!), e a viagem continua, sem paradas até o fim do álbum. Um belo disco de um dos melhores nomes de todo o cenário extremo.

Valtemir Amler

MÅNEGARM

YNGLINGAÄTTENS ÖDE
NAPALM - IMP.

9,0

As coisas têm fluído com rapidez: depois de lançarem o ótimo álbum autointitulado em 2015 e fazer ótimos shows no Brasil (até uma cerveja especial foi lançada especialmente durante o festival Thorhammerfest), os suecos lançaram *Fornaldarsagor* em 2019, e agora apresentam mais um novo disco completo, *Ynglingaättens Öde*. O melhor é poder constatar, faixa após faixa, que a motivação não partiu da mera vontade de lançar algo, mas do fato de os fluidos criativos do trio realmente estão escorrendo em cascatas nestes anos recentes. A faixa de abertura, *Freyrs Blod*, já é um ótimo exemplo disso: mesclando diferentes movimentos instrumentais e vocalizações, a canção ultrapassa os dez minutos, sem nunca aborrecer o ouvinte. Outro destaque, *Adils Fall* é melódica e midtempo, destacando bons riffs e um refrão na veia do metal oitentista. Liricamente rico, o disco se baseia na Saga dos Inglingos, parte inicial da obra Heimskringla, do escritor islandês Snorri Sturluson. Para dar vida a esse conceito heroico, o destino de toda uma dinastia nórdica, o trio caprichou no clima épico e folk, como você precisa ouvir na sequência formada por *En Snara Av Guld* e *Stridsgalten*.

Valtemir Amler

ALEFLA

UNBREAKABLE
VOICE MUSIC/MS METAL - NAC.

7,5

Seis anos depois do debut *End of the World* (2015), os paulistas do Alefla regressaram com um cardápio mais variado de estilos, um maior apuro técnico e um melhor acabamento nas dez composições de seu segundo álbum, *Unbreakable* (2021). Nascido em Pindamonhangaba em 2005 e radicado em Taubaté, o grupo formado atualmente por Fla Moorey (vocal), Alexandre Nascimento (vocal e guitarra), Erivelto Santos (guitarra), Filipe Ferreira (baixo) e Paulo Ferreira (bateria) viaja pelo heavy, o power e o prog ao longo de músicas como *Friends* (com início meio Megadeth), *Pray for Your Soul*, *Medusa* e *December*, alguns dos mais relevantes sons do play, assim como *Babies* e *Sound of Angels*, em que as alternâncias nos vocais de Fla e Alexandre são os pontos altos. A produção de Tito Falaschi foi providencial para deixar tudo mais polido e sem que um instrumento se sobressaia ao outro. Que a banda possa colher bons frutos neste e nos próximos anos e venha com trabalhos cada vez melhores.

Thiago Prata

IMPALED NAZARENE

EIGHT HEADED SERPENT
HAMMER OF DAMNATION - NAC.

9,0

Poucas são as bandas que podem se orgulhar de atravessar mais de três décadas na ativa, sem pausas na carreira, e sem grandes intervalos entre um e outro álbum. Com a finlandesa Impaled Nazarene tem sido assim, pois a banda tem se mantido ativa e produtiva, lançando novos registros com regularidade exemplar, e com qualidade acima de qualquer suspeita. Nesse novo álbum as mais louvadas características são mantidas, apresentando música firme e ríspida, aquela perigosa mistura de black metal com punk rock que transformou o Impaled Nazarene em um dos principais nomes do cenário extremo em todo o planeta. Embora o repertório apresente qualidade homogênea, sempre é possível apontar alguns destaques, então encare a sequência *Octagon Order* e *Metastasizing and Changing Threat*, e emende com outra, com *Triumphant Return of the Antichrist*, *Unholy Necromancy* e *Mutilation of the Nazarene Whore*. Um belíssimo trabalho, no qual até o casmurro encerramento (*Foucault Pendulum*) merece destaque.

Valtemir Amler

ALLEGAEON

DAMNUM
METAL BLADE - IMP.

9,0

A americana Allegaeon chega ao seu sexto álbum mostrando o ápice da evolução de seu super técnico e variado death metal melódico. Por todo o álbum nos deparamos com uma combinação

progressiva de metal extremo com base no estilo citado acima. Ao ouvinte de primeira viagem, o som vai remeter a nomes como Soilwork, Scar Symmetry e Opeth. E, convenhamos, unir elementos desses três nomes suecos numa só banda não é missão para qualquer um, mas o time formado pelos guitarristas Greg Burgess e Michael Stancel, pelo baixista Brandon Michael, o baterista Jeff Saltzman e o exímio vocalista Riley McShane é de uma competência absurda em musicalidade e composição. Claro, quando escutamos músicas como *To Carry My Grief Through Torpor and Silence*, notamos um certo exibicionismo nas passagens de violão com influências flamencas, na linha de baixo, nos bumbos insanos e viradas da bateria e nos solos de guitarra, isso para ficar em apenas um exemplo. Mas a banda toda é muito concisa e nem mesmo as fritações soam fora do lugar ou desnecessárias. E sim, McShane foi citado como exímio por conseguir uma variedade vocal absurda, saindo do gutural com os rasgados, indo aos limpos melódicos e altos ou mais densos e graves, tudo com uma grande facilidade e sem soar forçado. É como se o cara fosse quatro vocalistas em um só, lembrando muito o poderio vocal do ex-Scar Symmetry, Christian Älvestam. Se vale pegar um ponto de partida para sacar *Damnum*, escolha a sequência que vem com *Called Home*, *Blight* e as duas partes de *The Dopamine Void*. Isso resumirá tudo que precisa saber para querer ouvir ou não todo o restante, mas se gosta de tudo acima citado, querer ouvir o restante será uma prazerosa obrigação.

Heverton Souza

THE MIST

THE CIRCLE OF THE CROW

MCK - NAC.

8,0

O retorno do The Mist era uma das demandas mais latentes no cenário metal nacional nas últimas décadas, e sendo sincero, não eram só de 'terras verde-amarelas' que vinham os clamores pela volta da lendária banda mineira. Demorou, mas em 2018 eles voltaram aos palcos, e demorou um pouco mais, mas finalmente temos novas músicas de Vladimir Korg e Cia. para embalar nosso velho e costumeiro torcicolo. Desta feita, são quatro novas composições distribuídas neste EP, que já começa 'cuspindo fogo' com *My Inner Monster*, um belíssimo petardo com mais de seis minutos de duração, movido adiante por aquela típica cozinha thrash oitentista e os sempre incríveis vocais podrões de Korg. Na sequência, a menor do disco, *Over My Dead Body* traz um padrão de guitarra interessante em seu início, mas mantém o ataque cerrado. *The Blackmail of God* é intensa e cadenciada, ao passo que *The Tempest* faz valer o seu título, é só esperar a passagem de sua intro meio blues, e a porrada come solta. Agora é só esperar pelo próximo petardo!

Valtemir Amler

FINAL DISASTER

HALLS OF DESPAIR

INDEPENDENTE - NAC.

8,5

A atual geração da música pesada vem revelando grandes nomes, como Final Disaster, banda paulistana que, por meio de singles e EPs, vem cavando um espaço no cenário. Com as chances certas, o pulo do gato pode vir com *Halls of Despair*. Praticantes do horror metal, cujo conceito une temáticas de terror no ritmo do metal, e tendo como conteúdo lírico o serial killer Mr. Joe, Kito Vallim e Deborah Moraes (vocais), Rodrigo Alves e Lucas Meow (guitarras), Felipe Kbça (baixo) e Bruno Garcia (bateria) unem referências que vão de In Flames e Disturbed a Nine Inch Nails e Lacuna Coil. Ou seja, vamos encontrar algo pesado, caótico e melodioso pela frente. *Another Victim* e *Turn it Off* são ao mesmo tempo brutais e melódicas, destacando a atuação dos cantores, que mostram a que vieram também em *Broken Glass (Invisible)* e *Quiet Now*. Outros momentos de destaque são a cadenciada *Blood Red Creation*, *Creatures From the Underground*, que conta com a participação do vocalista Wall Almeida (Aneurose), e a música que dá nome à banda, com seu refrão de impacto. Não agradará aos trues/puristas/cartilheiros, mas a galera que tem a mente aberta tem tudo para curtir.

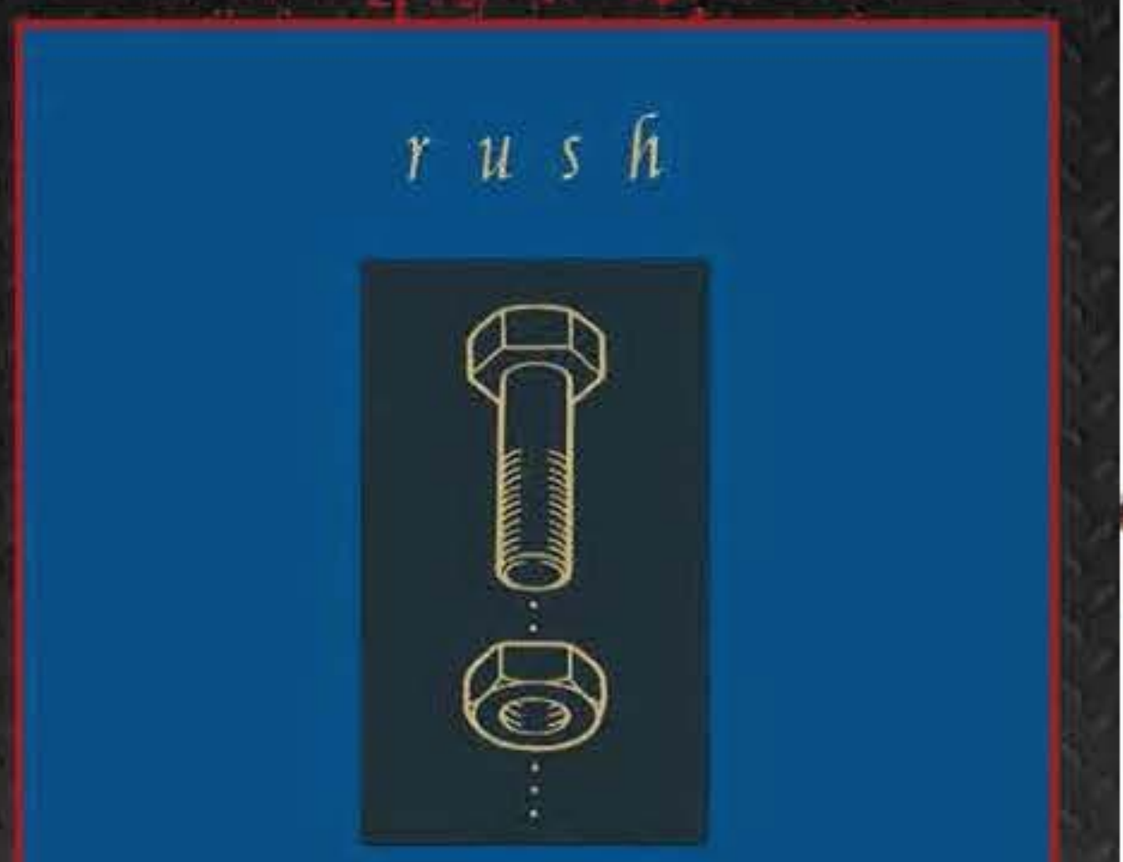
João Messias Jr.

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

RUSH

COUNTERPARTS



Se você é um daqueles fãs das antigas do Rush, provavelmente passou a torcer o nariz para o que Geddy Lee (vocal, baixo e teclados), Alex Lifeson (guitarra) e Neil Peart (bateria) passaram a fazer a partir de *Signals* (1982), seguindo com *Grace Under Pressure* (1984), *Power Windows* (1985) e *Hold Your Fire* (1987). Porém, no momento em que o cenário musical estava mudando ao ser musicalmente varrido pela onda grunge, o Rush acrescentou generosas doses de peso e simplificou seu som. Assim, *Counterparts*, produzido por Peter Collins, se apresenta como um baita disco de heavy rock, com a classe e a técnica características da trajetória do trio canadense. Isto garantiu músicas muito acima da média, como *Animate*, que abre o repertório garantindo logo o sorriso no rosto; o pesado single *Stick it Out*, que virou sucesso nas rádios; e as relativamente mais pop *Cold Fire* (um trabalho formidável do sempre ótimo Lifeson) e *Nobody's Hero* – curiosamente, as três últimas chegaram ao primeiro, segundo e terceiro lugar do US Mainstream Rock, respectivamente.

E só o Rush para continuar fazendo de canções instrumentais alguns de seus hits. No caso, *Leave That Thing Alone*, que chegou a concorrer a um Grammy, mas perdeu para *Marooned*, do Pink Floyd.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **10**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **8,0**
Claudio Vicentin (editor): **9,0**
Daniel Dutra (colaborador): **8,5**
Écio Souza Diniz (colaborador): **8,0**
Guilherme Spiazzi (colaborador): **8,5**
Heverton Souza (colaborador): **10**
Ivanei Salgado (colaborador): **9,0**
João Messias Jr. (colaborador): **8,5**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **8,5**
Leandro Nogueira Coppi (colaborador): **9,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **10**
Luiz Cesar Pimentel (colunista): **7,0**
Maicon Leite (colaborador): **7,0**
Matheus Vieira (colaborador): **9,0**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **8,5**
Sergiomar Menezes (colaborador): **7,5**
Thiago Prata (colaborador): **8,5**
Valtemir Amler (colaborador): **8,5**

MÉDIA FINAL:

8,5

Divulgação

SAXON

CARPE DIEM
HEAVY METAL ROCK - NAC.

9,0

O Saxon se divertiu ao explicitar algumas de suas referências com o lançamento do álbum de covers *Inspirations* (2021), mas agora *Carpe Diem* chega com dois pés no peito e mostra o quanto o veterano grupo inglês ainda é relevante. Biff Byford (vocal), Paul Quinn e Doug Scarratt (guitarras), Nibbs Carter (baixo) e Nigel Glockler (bateria) conseguem mais uma vez o intento de entreter fãs do heavy metal tradicional e entusiastas da NWOBHM. Byford foi preciso em uma de suas declarações: "Não soamos como uma banda antiga nos discos porque não estamos encostados no sucesso do passado". Isso é um fato.

Pois bem, ter a produção de Andy Sneap já seria atestado de uma sonoridade poderosa, como ele fez com outras lendas do metal, sendo o Judas Priest e o Accept os mais recentes. No entanto, um produtor não faz milagres se não tiver boas composições e performances precisas dos músicos na gravação. Neste caso, o Saxon apresenta um repertório bem colocado e dinâmico, que alterna faixas aceleradas com outras mais melódicas, além de algumas cadenciadas e bem pesadas, em uma linha que vem já desde *Sacrifice* (2013), passando por *Battering Ram* (2015) e *Thunderbolt* (2018).

Exceto pelos elementos da "fase hard rock", que aqui não tiveram espaço, diversos outros que compõem a musicalidade do Saxon se conectam com o passado de glória em diversas épocas. Pegue, por exemplo, a linha estilo *Crusader* de *The Pilgrimage*, a rifferama típica da NWOBHM em *Remember the Fallen* ou a pegada de *Power & The Glory* de *All For One*. Se curte aquele lado do metal mais rápido de sons como *Altar of the Gods*, *Baptism of Fire*, *All Guns Blazing*, *Warriors of The Road*, *Stand Your Ground* e tantas outras, aqui temos *Living on the Limit* e a energética *Super Nova*. Destaques ainda para as vigorosas e cheias de palhetadas abafadas *Carpe Diem (Seize the Day)*, *Age of Steam*, *Dambusters*, *Lady In Gray* e *Black Is the Night*.

De fato, todas as faixas foram destacadas, porque se existe um ponto negativo aqui é a arte de capa feita pelo ilustrador inglês Paul Raymond Gregory. Ele é o autor da icônica arte de *Crusader* e de outras obras para o próprio Saxon, além de Uriah Heap, Dio, Molly Hatchet e Freedom Call, mas esta ficou um tanto sem impacto e até caberia melhor para um livro de história.

Se o dito popular fala que o vinho "quanto mais velho, melhor", a máxima se encaixa com o Saxon. Afinal, estamos diante de um material gravado por três músicos na casa dos 70 anos de idade – Biff tem 71, Quinn fará 71 em dezembro e Glockler tem 69. O metal, que sempre se renova e se reinventa com a chegada das novas gerações, mostra que envelheceu bem graças a discos como este. Com os cavaleiros dos Saxon não existe acomodação e o sentimento ainda é o daqueles jovens usando jaqueta de couro e jeans, gritando em cima de uma motocicleta. Se a letra de *Crusader* diz "o futuro honrará seus feitos", está aí mais uma prova.

Ricardo Batalha

ALLURIA

INVISIBLE WAR
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Após a introdução *Kodawari*, o Alluria dá início a uma "overdose" de bons riffs, vocais rasgados e limpos de acordo com o que pede a música, melodias bem encaixadas (vocais e na guitarra) e uma cozinha que sabe dosar os andamentos, dos mais rápidos aos com mais groove e cadência. É assim em *Purifying Flames of Death*, *A Sign of Darkness* e *Find My Force*, o suficiente para você perceber qual é a da banda paulistana formada em 2018: exibir toda sua versatilidade em 11 faixas em que há uma linha tênue entre o metalcore e o death melódico, flertando com outros estilos (incluindo post-hardcore e um prog mais moderno). Este disco de estreia, lançado em 2021, segue forte em faixas como *A Burning Light in Silence*, com participação do vocalista Tom Zynski (It's All Red), e *Circle of Life* até o encerramento cheio de classe em *Chasing Redemption*. Para quem é fã de metalcore ou death melódico, vale a pena dar uma conferida neste material de qualidade assinado por Rick Monteiro (vocal), Fernando Kao (guitarra), Eden Vassoler (baixo) e Vinny Silva (bateria).

Thiago Prata

INNER CALL

LEVIATHAN
MS METAL - NAC.

8,0

Sejamos sinceros, basta uma olhada incidental para a capa de *Leviathan* para perceber que estamos diante de uma banda que visa um trabalho profissional, certo? E saiba que todo esse cuidado já tinha sido tomado no EP anterior, *Elementals* (2018), e mesmo no debut, *Inner Call* (2016). Quer dizer, eles fazem questão de apresentar um produto interessante, e essa é uma belíssima pista daquilo que você ouvirá quando colocar o novo álbum para rodar. O início de *Intro / Run Man, Run* até vai fazer certa manada torcer o nariz, mas o fato é que a música é tão forte e a produção é tão boa que você certamente vai querer ouvir o que vem em seguida, ou seja, não pule essa faixa! Claro que a faixa-título também é um destaque, mas gostaria de colocar uma luz especial sobre a terceira, *Pandemic*, que conta com um trabalho de guitarras simplesmente incrível. O mesmo poderia ser dito da ótima *It Was Where We Have Lost Each Other* e sobre várias outras, como a longa faixa que leva o nome da banda. Um disco acima da média, mesmo em um cenário em crescente evolução como o nosso.

Valtemir Amler

LOW TIDE RIDERS

WICKED
FUZZ RECORDS CWB - NAC.

8,0

Em cinco anos, o Low Tide Riders ganhou a condição de um dos nomes emergentes do stoner no Brasil, com predicados e expectativas para um futuro brilhante na cena. Oriunda de Curitiba (PR) e fundada em 2017, a banda reitera sua força no segundo EP, *Wicked*, sucessor de *The Road* (2020), outro material que vale a pena ser conferido por quem curte o gênero. Mas falando do mais novo trabalho, lançado neste ano, o Low Tide Riders aplica quatro injeções do mais puro stoner rock/metal. Ou seja, músicas cadenciadas, com fartura nos riffs, cozinha pesada e vocais cheios de feeling. Aliás, 'feeling' é a melhor palavra para ilustrar aquilo que está inserido nas camadas sonoras da abertura com *Stand Up or Rise Up* (cheia de energia), do convite a cantar alto manifestado em *Run Around*, da sólida *Above the Storm* e do encerramento com a faixa-título, um compêndio daquilo que foi apresentado até então. Mais um passo importante dado por João (vocal), Maurício Albiero (guitarra), Hell Santos (baixo) e Carlos Sabião (bateria) para consolidar o Low Tide Riders entre os novos destaques do stoner nacional.

Thiago Prata

VULTHUM

SHADOWVOID

DRAKKAR - NAC.

9,0

O logo em letras germânicas e a capa em preto e branco (que até faz lembrar o clássico *Pure Holocaust*, do Immortal) são bons indícios do que teremos pela frente neste debut da banda de Mogi das Cruzes (SP), e as referências ao black metal da segunda onda se confirmar logo de cara, na sólida faixa de abertura, *Under The Icons of the Mighty*. Fugindo do padrão mais moderno do black metal, que vem sendo perpetrado por nomes como Gaerea, Mgła e Uada, o Vulthum aposta todas as suas fichas em uma sonoridade que remete as hordas nórdicas noventistas, tanto que é possível sentir na carne de onde vem as referências para canções incríveis, como *As the Ashes of Pyre* e *A Cold Moon Over Grim Kingdoms*. O repertório sólido e repleto de 'blast beats' e riffs em 'tremolo picking' desacelera pela primeira vez em *Visions of a Frozen Dawn*, mas apenas em sua intro, já que logo em seguida a fúria retorna em todo o seu esplendor. Ademais, destaque também para a variada *Horned Realms Rise*, que além de quebras rítmicas soberbas, traz até versos acústicos no final.

Valtemir Amler

CORPSEGRINDER

CORPSEGRINDER

PERSEVERANCE MUSIC GROUP - IMP.

8,0

Para o fã de death metal, não é preciso falar muito sobre o vocalista George "Corpsegrinder" Fisher. Ele gravou os clássicos *Imperial Doom* (1992) e *Millennium* (1996) com o Monstrosity, e foi o escolhido para ocupar o posto de Chris Barnes quando este abandonou o Cannibal Corpse para formar o Six Feet Under. Além disso, Corpsegrinder ainda coleciona passagens por bandas como Serpentine Dominion, Voodoo Gods e Paths Of Possession, e este é o primeiro álbum solo do vocalista. E como é bom poder dizer que ele não tentou 'reinventar a roda' e investiu tudo naquilo que sabe fazer: death metal! Claro que as mais de duas décadas à frente do Cannibal Corpse implicariam em alguma semelhança, então, se você gosta de canções mais cadenciadas, como *Evisceration Plague* e *Scourge Of Iron*, vai curtir instantaneamente *Death Is The Only Key* e *Devourer Of Souls*. Porém, este *Corpsegrinder* agrega elementos diferentes, riffs com aquele groove do slam death metal, e levadas de hardcore, cortesia de Charlie (guitarra) e Nick Bellmore (bateria), ambos das bandas Kingdom of Sorrow e Dee Snider. Estreia solo surpreendente!

Valtemir Amler

L.A. GUNS

CHECKERED PAST

FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

O ano de 2021 foi produtivo para o L.A. Guns. Depois do ao vivo *Cocked and Loaded Live*, agora Phil Lewis (vocal), Tracii Guns e Ace Von Johnson (guitarras), Johnny Martin (baixo) e Scot Coogan (bateria) lançam *Checkered Past*, 13° álbum de estúdio. Por conta da pandemia, *Checkered Past* foi gravado à distância, com cada músico trabalhando de modo isolado em sua respectiva residência. E apesar dessa falta do 'calor humano' do time, do 'ao vivo em estúdio', e mesmo de uma produção mediana, o quinteto conseguiu registrar algumas boas novas músicas. São os casos das agitadas *Cannonball*, *Better Than You*, *Knock Me Down*, *Dog* e *That Ain't Why*, da bluesy *Bad Luck Charm*, da 'zeppeliana' *Get Along*, da 'sabbathica' *Physical Itch* e das intensas *If it's Over Now* e *Let You Down*. *Checkered Past* está longe de ser comparado aos eternos *L.A. Guns* (1988), *Cocked and Loaded* (1989) e *Hollywood Vampires* (1991), no entanto tem seu valor e é melhor do que os outros dois gravados após a reconciliação musical de Lewis e Guns, o fraco *The Missing Peace* (2017) e o regular *The Devil You Know* (2019).

Leandro Nogueira Coppi

ESKRÖTA

T3RROR

MARQUEE/VOICE MUSIC - NAC.

9,0

Faixa de encerramento do excelente *Cenas Brutais* (2020), *Filha do Satanás*, alusiva à obra "Carrie, A Estranha", fez germinar a ideia para este EP. Em *T3rror*, Yasmin Amaral (vocal e guitarra), Tamy Leopoldo (baixo e backing vocals) e Jhon França (bateria) homenageiam clássicos do terror do cinema por meio da união thrash-hardcore-death metal em seis músicas. A homônima faixa não é uma reles intro, mas um baita cartão de visitas. Quando menos esperar, você já estará bangeando com essa instrumental, que faz a ponte para *Não Entre em Pânico*, tributo ao filme "Pânico", com a participação de Daniel Pacheco, vocalista do Vomit Bag Squad (projeto com Jhon e que também reverencia obras de terror). *Exorcist in the Pit* (sobre "O Exorcista"), com presença de Lawrence Mackrory (e seus vocais à la Bobby "Blitz" Ellsworth), da banda sueca F.K.Ü., *Psicose* (abordando o filme de mesmo nome) e *Maldade Encarnada* (a respeito de "Halloween: A Noite do Terror") farão seus ouvidos "sangrarem", antes da brutal *Mate ou Morra (Mulheres no Terror)* dissecar a importância do feminino no gênero. EP "matador".

Thiago Prata

DISGRACE AND TERROR

CASA NEFANDA

VÁRIOS - NAC.

9,0

Que melhor maneira de celebrar duas décadas de vida do que com um baita álbum de "metal da morte"! E não é só isso. *Casa Nefanda* (2021) também sela uma trilogia em homenagem ao escritor e ocultista colombiano Héctor Escobar Gutiérrez, iniciada com *El Papa Negro* (2015) e com o segundo capítulo em *Age of Satan* (2018). Só que o quinto e mais recente álbum de estúdio dos paraenses do Disgrace and Terror parece ir além em sua proposta, não apenas no quesito letras, como principalmente na prática de seu death/thrash. Nas sete faixas que compõem o desfecho da trilogia, Rot (vocal e baixo), Vinicius Carvalho (guitarra) e Aldyr Rod (bateria) demonstram um novo nível técnico e de brutalidade. Petardos como *Casa Nefanda (1966 e.v.)*, *Idol of the Weak* (que arsenal de riffs!) e *Baphomet* são exemplos desse equilíbrio do death e do thrash e com certeza vão exortar headbangers a ouvir esse disco cada vez mais alto. Com o apoio dos selos Brutaller, Distro Rock, Metal Island e Rapture, *Casa Nefanda* conta ainda com três faixas ao vivo e um cover para *Engendrando a Satán*, da banda argentina Dislepsia.

Thiago Prata

VIO-LENCE

LET THE WORLD BURN

METAL BLADE - IMP.

9,5

Traçando um paralelo com o debut do Vio-Lence, o vocalista Sean Killian enfatiza o sentimento de ver o grupo de São Francisco de volta quase três décadas depois do então último disco, *Nothing to Gain* (1993): "Por 34 anos, uma criação chamada *Eternal Nightmare* (1988) vem criando memórias para pessoas ao redor do mundo. Agora, é hora de criar algumas novas memórias em 2022". E pelo que *Let the World Burn* traz, suas novas canções vão grudar como chiclete na mente dos fãs. A intenção do guitarrista Phil Demmel, que, assim como Killian e o baterista Perry Strickland, fez parte da formação clássica que gravou *Eternal Nightmare* e está presente aqui, era de registrar "três ou quatro músicas". Vieram cinco seríssimas candidatas a hinos da banda. Prepare-se para se deliciar com as old school *Flesh From Bone* e *Screaming Always*, a cadenciada *Upon Their Cross* (com aquelas paradinhas que os thrashers tanto amam) e as não menos mortíferas *Gato Negro* e *Let the World Burn*. Com Bobby Gustafson (guitarra, ex-Overkill) e Christian Olde-Wolbers (baixo, ex-Fear Factory) acompanhando o trio, o pesadelo continua.

Thiago Prata

RELEASES

LITTLE BLACK BIRD

LITTLE BLACK BIRD
INDEPENDENTE - NAC.

8,5

O nome entrega: afinal, *Blackbird* é o título de uma lindíssima canção de Paul McCartney que está no famoso "Álbum Branco", dos Beatles. Ou seja, fica evidente que o som da banda remeta aos anos 60, com muita psicodelia, melodias suaves e até instrumentos exóticos. Fica nada! Essa constatação passa longe da realidade. Tudo bem, até é possível identificar algumas melodias sessentistas na música de Caio (guitarra), Vine (guitarra, baixo e vocal) e LG (bateria), mas a essência do trabalho do Little Black Bird vai em outra direção, com muita influência de grunge, muito peso (principalmente nas guitarras) e até uma atmosfera meio sombria que permeia praticamente todo o disco. O mais interessante de tudo: o resultado é muito bom! De cara, chama a atenção a opção por deixar todo o álbum com um registro mais grave, o que ajuda naquele clima mais soturno de que acabamos de falar. Mais que isso, certos detalhes, como sutis vocais de fundo fazendo contraponto com a guitarra distorcida, como acontece em *Erase My Name*, são soluções criativas e que conferem personalidade ao trabalho. Mas se você estiver sem tempo e só puder escolher uma música para ouvir, vá direto a *Monotony*. Uma bela melodia, um vocal inspiradíssimo e um excelente solo de guitarra fazem dela a melhor do disco.

Antonio Carlos Monteiro

ELECTRIC SKY

ELECTRIC SKY
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Se você perceber que esta nova banda traz em sua formação três ex-integrantes do Attomica, tradicionalíssimo nome do thrash paulista, vai logo concluir que aí vem mais um grupo desse gênero. Tudo bem, até tem bastante peso no repertório do Electric Sky, mas aqui vários outros estilos se alinham ao lado do thrash, com o hard rock à frente. O resultado final é empolgante. Os guitarristas João Paulo Francis e João Marcio Francis e o vocalista Fabio Midgard (o baixista Sandro Costa e o batera Sergio Melo completam o time) conseguiram forjar temas que prendem a atenção do ouvinte do primeiro ao último acorde. E se você, como eu, é daqueles que acham que um bom riff e um refrão grudento garantem a qualidade da música, este álbum é pra você. Várias faixas merecem destaque, como *Altered States*, que tem muito de stoner metal, a claramente influenciada por AC/DC, *Dig Down Deep* e a setentista *Life Ain't Easy*. A sonoridade chama a atenção e tem explicação o técnico de som Maurício Cerósimo, que assina a produção com a banda, passou o álbum por um processo de texturização em fita de rolo, para reproduzir o clima das produções dos anos 70 e 80. Excelente estreia e que aponta para um futuro mais que promissor para o Electric Sky.

Antonio Carlos Monteiro

TYSONDOG

MIDNIGHT
FROM THE VAULTS - IMP.

8,5

Impactante, encorpado, furioso e obscuro. Estes são alguns adjetivos que podem representar o sucessor de *Cry Havoc* (2015). O novo trabalho gravado por John Clutch Carruthers (vocal), Paul Burdis e Stevie Morrison (guitarra), Kev Wynn (baixo) e Phil Brewis (bateria) mantém a pegada típica de uma formação oriunda da NWOBHM, mas o Tysondog elevou o nível de energia e que havia mostrado no trabalho anterior. Além disso, em alguns momentos de *Midgnight* o peso e os temas de guitarra de Burdis e Morrison parecem guiados por Tony Iommi. Já o vocal de John "Clutch" Carruthers, que se afastou da banda por problemas de saúde, mas a tempo de registrar este álbum, está bem mais agressivo e versátil, com seu timbre que às vezes lembra Blaze Bayley. O repertório é conciso e dinâmico, variando faixas mais aceleradas, como a abertura com *Battalion* e *Defiant*, a outras mais cadenciadas, como a "sabbathica" faixa-título, *Paper Cuts* e *Waiting For God*. Se você é fã, saiba que algumas faixas vêm com uma pegada Metallica somada a Judas Priest e Halford solo (fase *Resurrection*) – ouça *Cold Day In Hell* e *Dead Man Walking*. Destaque ainda para *It Lives*, um metal típico com fortes linhas de baixo e bons riffs de guitarra. Some a isso uma produção superior a *Cry Havoc* e entenderá todos os atributos que citei.

Ricardo Batalha

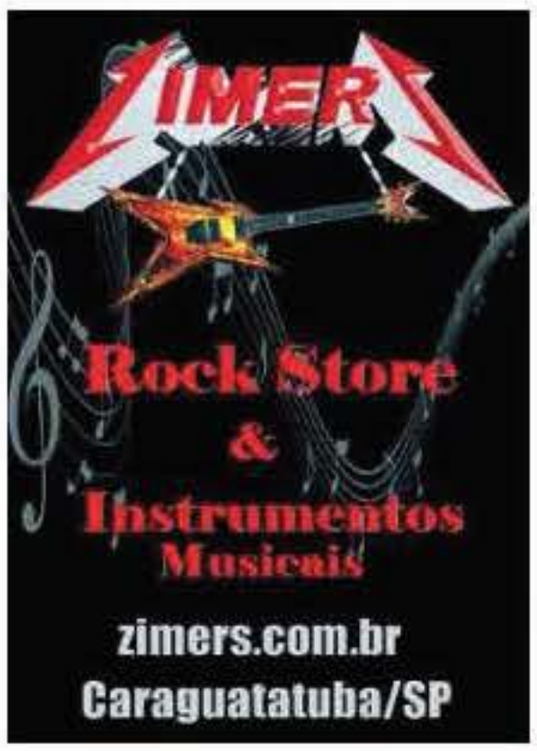
NELSON JUNIOR

THE PAIN OF BEING
INDEPENDENTE - NAC.

6,0

É indiscutível que o Nelson Junior toca muito. O cara é fera! Além de um grande músico, é escritor, professor e produtor. *The Pain of Being* é sua carreira musical "revisitada", seus 50 anos de vida e 37 de guitarra, e o que também é indiscutível, é que o guitarrista exagerou na quantidade de músicas: dezoito! E não precisava de muito não, umas sete como a primeira, *Stand Up*, teríamos um disco que seria furado de tanto ser ouvido, pois é hard rock digno de arenas. Ainda rola algumas viagens bem representadas em *Powered Disease*, na linha setentista e com saxofone. A simples *O Tempo* é uma bonita canção com uma melodia agradável e suave. Cara, e que sonzeira é *The Gigolo Jingle* e, com outras sete como essa, teríamos um álbum de jazz rock bacanérrimo! Mais uma que se destaca *é Filho de Ogum*, um rock nacional para fãs de Golpe de Estado e, curiosamente, o encerramento do disco, *The Truth*, mostra o mesmo potencial da abertura. Do meu lugar de fala, que é de "escutador" de música, esse disco é, realmente, uma carreira revisada. E como todos sabemos, como a vida tem altos e baixos, o álbum também tem. O sentimento que fica é: muito talento e pouca estratégia. Afinal, são, pelo menos, uns quatro álbuns em um.

Ivanei Salgado



ROADIE PARADE

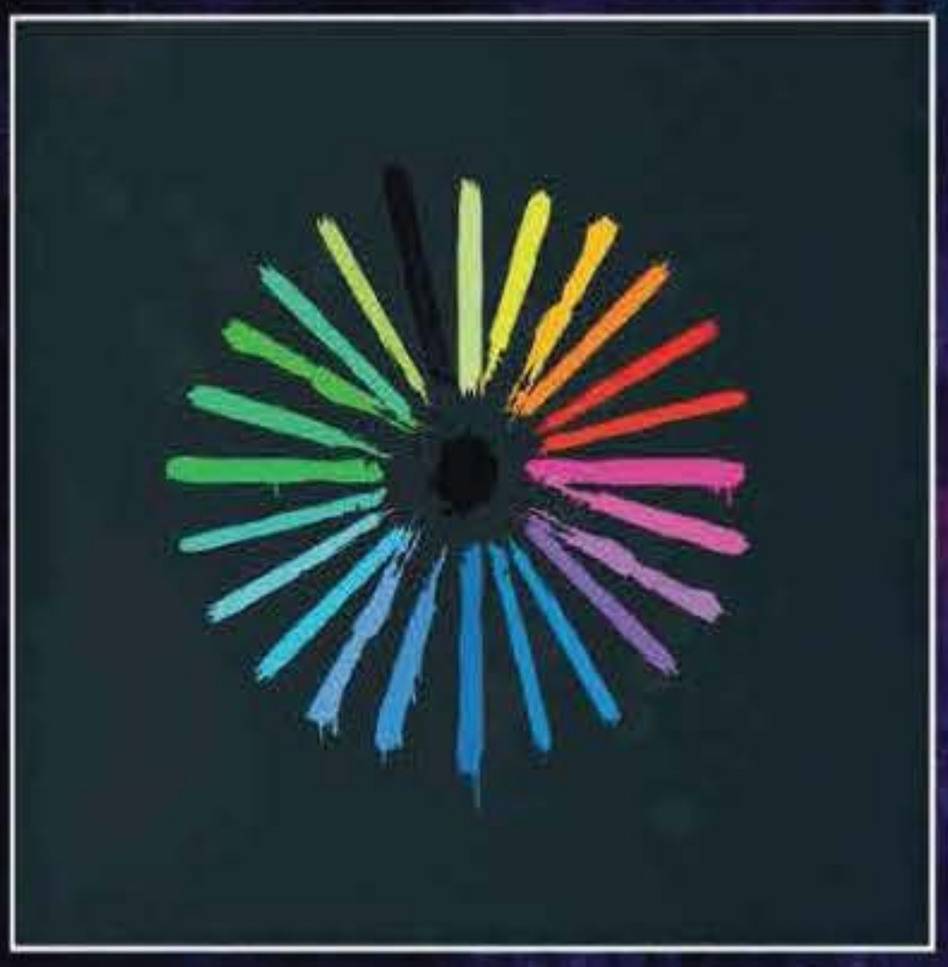
*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE · SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

SOUND CITY RECORDS

e·a·r MUSIC

Shinigami 死神 Records

anúncio www.jdwartedesign.com



MARILLION
AN HOUR BEFORE IT´S DARK
Questões sociais, políticas ou pessoais, tudo envolto com o som único conhecido por composições incríveis, melodias e musicalidade de alto nível.

TAMBÉM DISPONÍVEL

MARILLION
ALL ONE NIGHT LIVE AT ROYAL ALBERT HALL

MARILLION
FEAR

MARILLION
MARBLES IN THE PARK

MARILLION
WITH FRIENDS FROM THE ORCHESTRA

GAMMA RAY *EMPIRE OF THE UNDEAD*
'Empire of the Undead' oferece o padrão Gamma Ray com riffs espetaculares e um power metal de destaque. Kai Hansen mais uma vez mostrando sua genialidade.

TAMBÉM DISPONÍVEL

GAMMA RAY
30 YEARS ANNIVERSARY

ANNIHILATOR *METAL II*
Reedição batizada de Metal II - Jeff Waters acompanhado do vocalista Stu Block (Into Eternity, ex-Iced Earth) e do baterista Dave Lombardo (Suicidal Tendencies, ex-Slayer), além de diferentes convidados especiais. A mixagem ficou a cargo de Mike Fraser (AC/DC, Van Halen).

DEEP PURPLE
TURNING TO CRIME
12 releituras impressionantes de grandes nomes do rock incluindo Fleetwood Mac, Cream, Bob Dylan, Bob Seger, Yardbirds e muito mais. Imperdível!

TAMBÉM DISPONÍVEL

DEEP PURPLE
LIVE IN PARIS 1975

DEEP PURPLE
LIVE IN WOLLONGONG 2001

DEEP PURPLE
LIVE IN LONDON 2002

11 3719-0993

www.shinigamirecords.com.br

loja@shinigamirecords.com

Hegemonia nos Nove Mundos

Johnny Hedlund explica a história que conecta todos os álbuns do Unleashed desde *As Yggdrasil Trembles*, de 2010

Por Valtemir Amler

Nome fundamental da primeira geração do death metal sueco, Johnny Hedlund é também um grande contador de histórias. Após deixar o lendário Nihilist, o vocalista e baixista fundou o Unleashed e não demorou até que começasse a incluir contos, lendas e aspectos históricos da era viking no universo musical da banda, que já ultrapassa três décadas de estrada. Porém, desde 2010 ele vem trabalhando em diferentes movimentos da mesma ideia, aprofundando uma história celebrada em todos os álbuns do Unleashed desde 2010. Este foi o ponto central nesta conversa, que desemboca no ótimo *No Sign of Life*, lançado no ano passado.

Em *As Yggdrasil Trembles*, o Unleashed começou a nos apresentar a Saga dos Guerreiros de Midgard. Lembro-me que você disse que a história foi escrita anos antes.

Johnny Hedlund: Sim, originalmente estava trabalhando em um livro com o título 'O Mundo de Odalheim'. Infelizmente, a banda e muitas outras coisas me ocuparam e nunca tive tempo de terminá-lo. O bom é que muitas das letras do Unleashed têm sua influência no mesmo tema que o livro tinha. Foi uma boa ideia trazer aquelas histórias para a banda, de uma forma bem resumida. E eu diria que funcionou muito bem. Com isso, tenho o enredo ainda crescendo, mas em músicas em vez de capítulos em um livro.

Em *As Yggdrasil Trembles* você incluiu apenas três músicas conectadas ao tema principal.

Johnny: Isso aconteceu porque eu tinha acabado de ter a ideia de trazer a história para a música em vez do livro. Se tivesse tido a ideia um pouco mais cedo, provavelmente teria escrito o álbum inteiro em torno dela em vez de apenas as três primeiras músicas.

Em 2012, você nos levou até *Odalheim*, o primeiro álbum completamente dedicado à história dos Guerreiros de Midgard. Na faixa de abertura, *Fimbulwinter*, o mundo como o conhecemos deixou de existir. Apesar disso, há sobreviventes e 'das cinzas do velho mundo, um novo mundo se erguerá'. No entanto, nem todos os velhos problemas morreram com o velho mundo, certo?

Johnny: É isso mesmo. Alguns dos antigos antagonistas são os mesmos, apenas se mostram forma diferente. Alguns problemas são herdados do velho mundo e os mestres do novo mundo são talvez ainda piores do que seus pais. Os Guerreiros Midgard estão lutando por seu modo de vida e é óbvio que os poderes agora dominantes do novo mundo não os deixarão viver uma vida de acordo com sua escolha. Então, eles terão que aceitar calados ou morrer lutando. Como vemos na história, eles decidem reunir os batalhões do mundo para se levantar e lutar contra o inimigo com

forças unidas. Não é uma tarefa pequena, mas é a única maneira.

Também em *Odalheim* você nos mostra pela primeira vez o Cristo Branco, um personagem recorrente desde então. Ele é uma espécie de líder de um povo?

Johnny: Cristo Branco é desde o início uma figura da mistura do cristianismo e judaísmo, ou digamos que surgiu a partir disso. Em sua forma atual, em *Odalheim*, é muito pior. Cristo Branco é o único líder. Mas também seria correto dizer que é um povo, já que é também a representação da religião e um povo unidos, pertencentes a essa fé única. Então, depende da circunstância quando falamos sobre isso. Mas, com certeza, você pode tomá-lo como líder desse povo, também mencionado como tal.

Tanto em *As Yggdrasil Trembles* quanto em *Odalheim* você tem um tema muito sombrio, com o fim do velho mundo e o difícil recomeço para a humanidade. Foi por isso que ambos os álbuns têm capas tão sombrias?

Johnny: Exato. Queríamos que todos sentissem essa sensação só de olhar para a arte da capa, e assim se encaixariam no conteúdo do enredo. A sensação de um mundo pós-apocalíptico acontecendo marcha pós-*Fimbulwinter*, com todas as suas consequências e horrores para a humanidade. E, obviamente, seu novo estágio mundial irreversível. Aqueles que estão preparados para o novo mundo e são fortes o suficiente sobreviverão. Esse é o sentimento geral que queríamos colocar na história.

***The Great Battle of Odalheim*, última faixa de *Odalheim*, nos mostra que os Guerreiros se reuniram para a grande batalha contra as forças do Cristo Branco. Esse é exatamente o ponto de onde *Dawn of the Nine*, de 2015 começa.**

Johnny: Na verdade, nesta parte um terceiro grupo entra na batalha e é ele que está forçando tanto os Guerreiros Midgard quanto os exércitos do Cristo Branco a recuar. Isso ficará mais claro para todos nós em futuros álbuns que virão. Existe mais no mundo de Odalheim do que os dois grupos que vimos batalhando até aqui.

Gostaria que nos contasse um pouco mais sobre o significado de *Dawn of the Nine*. Eu posso ver uma conexão com os nove mundos, mas não entendi como ele se conecta com o enredo.

Johnny: Primeiro, o nove é um número muito utilizado na tradição viking. Ele está em muitas sagas e contos sobre o asgardianos e suas aventuras. Agora, como você menciona, os nove mundos seriam aqueles nove conectados à árvore Yggdrasil. E você realmente pode pensar: 'O que exatamente esses nove mundos significam neste contexto?' Estou atualmente escrevendo um livro com referências a isso e que esclarecerá minha opinião sobre o assunto, mas, de uma forma rudimentar, também quis abordar o tema na música. Então, neste caso eu uso o número nove para definir o que um Guerreiro de Midgard precisa saber, do que ele precisa ser feito, qual o estado de espírito e tudo que ele precisa estar disposto a fazer e os valores que precisa ter para entrar para o Batalhão do Martelo. Perceba, os nove aqui são uma diretriz para o mais alto ideal e as nove virtudes para um guerreiro. Então, você jura o nove erguendo o Martelo como um rito quando você se junta ao Batalhão. Mas, é claro, o nove pode ser usado ou definido de outras maneiras. Como disse, é um número bastante utilizado na mitologia nórdica em geral. Para você e todos os demais que estão interessados, os Nove Mundos de Yggdrasil têm um forte significado para mim e estou escrevendo sobre isso. Espero que não leve muito tempo até que possa publicar esse material.

NO SIGN OF LIFE
Hellion - Nac.

Voltando à história, os Guerreiros de Midgard derrotaram as forças do Cristo Branco e em 2018 estavam prontos para 'A Caça ao Cristo Branco' (*The Hunt for White Christ*, álbum de 2018). Os homens do Cristo Branco não fugiram em silêncio, eles espalharam terror em sua fuga, certo?

Johnny: Sim, após a grande batalha de Odalheim, o Cristo Branco ainda era muito forte e seus exércitos governavam no Norte. Mas não por muito tempo... Aldeia por aldeia e terra por terra foram devolvidas para seus legítimos proprietários e habitantes. Depois que o Filho de Thor foi recebido como libertador de Svithiod e das partes norte da Escandinávia, o Cristo Branco recuou para o sul. Na sua retirada, aldeias foram incendiadas. Mulheres e crianças foram estupradas e queimadas. Vejam a capa do nosso álbum anterior. Para os Guerreiros de Midgard, era hora de vingança. Se permitissem que o Cristo Branco saísse impune disso, o que viria a seguir? No Althing eles decidiram caçar o Cristo Branco até o fim do mundo, se necessário.

Chegamos ao novo álbum, *No Sign of Live*. O que pode contar sobre este novo capítulo?

Johnny: A caçada continuou para o sul até a cidade de Jorsala, onde uma grande batalha ocorreu no Muro Ocidental. Os guerreiros de Midgard caçaram o Cristo Branco fora da cidade outrora tão sagrada. E os soldados inimigos parecem perder a fé em seu líder. Ou assim pareceu, o rei perdeu sua coroa. A partir daí, o álbum conta a história de uma terra onde não há sinal de vida, a Península do Sinai. E, no final, uma grande batalha acontecerá mais uma vez entre os Guerreiros de Midgard e as forças fieis ao Cristo Branco, ao pé do Monte Sinai.

Sobre *No Sign of Life*, enquanto *The King Lost His Crown* e *The Sheperd Has Left the Flock* são boas representações do seu estilo tradicional, *Midgard Warriors for Life* adiciona algo diferente à fórmula, certo?

Johnny: Sim, e talvez também *It Is Finished. Midgard Warriors for Life* é uma canção com muito groove, mas temos muitas dessas no passado. Eu sempre disse que o Unleashed precisa fazer músicas de três maneiras diferentes: lenta, média e rápida. Só um desses estilos não seria dinâmico o suficiente para nós.

***Where Can You Flee* e *You Are the Warriors* me trazem algumas lembranças da época de *Victory* (1995) e *Warrior* (1997), mesclando música cheia de groove e que é cativante e agressiva ao mesmo tempo.**

Johnny: Concordo. Meu sentimento é que tentamos fazer isso em todos os álbuns ou pelo menos nos esforçamos para ter essa estrutura dinâmica em geral. Também penso sobre a ordem das faixas. Tentamos evitar ter quatro músicas rápidas seguidas, então três mid-tempo e assim por diante. Muito obrigado por essa entrevista e diga aos 'Midgard Warriors' do Brasil que o Unleashed estará de volta. Salve Odin!

José Izquierdo, Víctor Valera, David Álvarez e Guillermo Izquierdo, os melhores do thrash espanhol há duas décadas, e contando

Sabrina Rodriguez

CELEBRANDO DUAS DÉCADAS DE THRASH

Com o novo álbum autointitulado, maior nome do cenário thrash metal espanhol comemora vinte anos de carreira

Por Valtemir Amler

A Espanha provavelmente não é a primeira nação que virá a sua mente quando falamos em thrash metal, mas é de lá que vem uma das melhores bandas das últimas duas décadas. Liderada desde sempre pelo vocalista e guitarrista Guillermo Izquierdo, eles chegam aos vinte anos de estrada focados e fazendo aquilo que fazem de melhor: thrash metal moderno, vicioso, pesado. Em seu sétimo álbum, o Angelus Apatrida celebra sua longa carreira e reafirma os valores que vem apregoando ao longo dos anos. Confira o que Izquierdo nos contou sobre toda essa história.

Primeiramente, gostaria de parabenizá-lo pelos vinte anos de Angelus Apatrida. E que bom que temos um novo álbum para celebrar esta marca!

Guillermo Izquierdo: Muito obrigado! Pois é, 2020 foi um ano terrível em tantos sentidos, ainda bem que ao menos pudemos ir para o estúdio e gravar esse disco, assim pelo menos temos alguma coisa para comemorar. Quer dizer, tantas coisas ruins aconteceram desde o começo da pandemia, tantas pessoas perderam a vida, tantos artistas entraram em sérias dificuldades por não poderem dar seguimento às suas carreiras que chegou um momento em que realmente pensei que nem celebraríamos coisa nenhuma, parecia quase um desrespeito comemorar algo quando tantas pessoas estavam perdendo tudo. Então, resolvemos celebrar à nossa maneira, como músicos: gravando um novo álbum!

Sim, o momento é o mais bizarro possível, mas acredito que essa é uma ocasião grande demais para simplesmente passar batida.

Guillermo: Sim, é verdade. Mesmo com toda a bizarrice do momento que vivemos, não tínhamos como deixar de olhar para trás e reconhecer todo o trabalho que tivemos para chegar aqui, tudo o que encaramos ao longo de duas décadas para continuar fazendo a música que amamos. De fato, são vinte anos desde o primeiro dia em que nos reunimos para tocar juntos pela primeira vez, e cara, hoje é muito divertido olhar para trás e lembrar de como tudo aquilo aconteceu. Nenhum de nós era músico, éramos apenas uns pirralhos apaixonados por música pesada que basicamente estavam aprendendo a tocar juntos em uma mesma sala de ensaio. Eu tinha 14 anos, se bem me lembro, e tinha muito mais vontade de fazer do que de fato sabia fazer alguma coisa (risos). Quer dizer, 2020 tinha tudo para ser um ano de celebração, mas acabou se tornando em um ano para esquecer. Apenas a gravação de *Angelus Apatrida* que nos recordará algo positivo desse ano.

E as coisas aconteceram muito depressa. Lembro que em meados de

dezembro de 2019 vocês tocaram em São Paulo e já em fevereiro de 2020 o coronavírus tinha transmissão comunitária na Espanha. As coisas ficaram graves muito rapidamente.

Guillermo: Sim, foi algo devastador para nós. Ainda lembro do show em São Paulo, estávamos no Brasil no verão, nos divertindo, tocando para pessoas incríveis e usando camisetas, e então voltamos para a Espanha e para as jaquetas pesadas e temperaturas negativas (risos). Mas até aí estava tudo certo, era apenas o normal. Tínhamos nossos planos para celebrar o aniversário da banda e, claro, planejávamos gravar algumas novas músicas, mas *Angelus Apatrida* foi originalmente pensado como um EP. Não teríamos tempo para gravar um álbum, pois a agenda estava muito movimentada. Tínhamos mais alguns shows na Europa e, em seguida, viriam os festivais de verão, então os planos eram de correr para o estúdio e gravar quatro novas músicas, que seriam lançadas como um novo EP, só isso. Mas, como você disse, as coisas fugiram do controle rapidamente. Em janeiro foi registrado o primeiro caso na Espanha, em fevereiro tínhamos transmissão comunitária e em março estávamos em lockdown e com milhares de pessoas morrendo todos os dias. Não havia mais nada que ninguém pudesse fazer, apenas se cuidar, cuidar das outras pessoas e esperar. Fizemos isso e decidimos continuar escrevendo mais material, já que não havia escolha. No começo do verão na Europa, percebemos que já tínhamos material suficiente para um novo disco completo, e foi o que fizemos.

Imagino que tenham escolhido lançar um álbum autointitulado justamente como parte da celebração, certo?

Guillermo: Sim, tínhamos algumas ideias na mesa, mas a época acabou ditando o que faríamos, por assim dizer. Este é o nosso sétimo álbum, então tem todo aquele lance do 'sétimo selo', toda a mitologia em torno do número sete e tal. Bem, era o nosso álbum número sete, celebrando vinte anos de banda, composto e gravado durante uma pandemia global que parecia uma espécie de apocalipse, parecia justo que se chamasse *Angelus Apatrida*, pois era exatamente assim que nos sentíamos. Além disso, tem uma pequena brincadeira na escolha, pois sabemos que muitas pessoas sempre tiveram problemas com o nome da nossa banda. Isso é especialmente verdade aqui na Europa, na Alemanha, no Leste e no Norte da Europa. As pessoas apreciam a nossa música, mas não fazem ideia de como o nome deve ser pronunciado, então quisemos fazer uma brincadeira. Colocamos o nome da banda no disco, mas adicionamos na capa um pequeno detalhe, a notação internacional de como o nome deve ser pronunciado (risos gerais). Claro que é uma brincadeira e uma homenagem aos nossos fãs de todas as nações. Sabemos que é um nome difícil, mas realmente não nos importamos em como ele é pronunciado. Contanto que queiram ouvir e que se divirtam com o thrash desses quatro espanhóis malucos, é o que nos importa.

Não é um nome comum, mas acho que isso até ajuda a marcar quem vocês são. Mas esse já era o nome quando começaram a tocar juntos, há vinte anos?

Guillermo: Não. Quando começamos a tocar juntos, passamos meses e meses sem sequer pensar em um nome para a banda. Nós éramos uns cabeçudos, tocávamos vários covers, tínhamos começado a compor nossas primeiras músicas, mas não pensamos no mais óbvio, apenas queríamos tocar. E então é que vem a coisa engraçada: naquele ano teve uma espécie de competição entre bandas aqui na nossa cidade (N.R.: Albacete) e para poder participar nós precisávamos ter um nome. Foi só então que pensamos nisso. Na época, meu outro irmão, Alberto, era baterista da banda (N.R.: Alberto Izquierdo tocou apenas na demo *Lost in the Realms of Orchinodaemon*, de 2001; anos mais tarde ele reapareceria como baterista da finada banda de metal sinfônico Níobeth, que lançou *Silvery Moonbeams*, em 2011) e ele sugeriu esse nome. Ele apareceu com a logo desenhada, era bem legal, tinha uma coisa meio extrema e épica, mas pensamos: 'Mas que porra é um Angelus Apatrida?' (risos gerais). Lembro que ele ficou tentando nos convencer: 'Veja, significa anjos sem pátria, é como se fossem anjos que ninguém sabe de onde vêm, podemos ser de qualquer lugar, do céu ou do inferno, é muito poético, é latim, blá-blá-blá' (risos gerais). Cara, só queríamos que ele parasse de falar, então dissemos: 'Tudo bem, coloque esse nome na competição e vamos lá, que se foda' (risos). Claro que não imaginávamos que vinte anos depois ainda estaríamos usando essa merda de nome (risos gerais).

ANGELUS APATRIDA
Voice/Rock Brigade/Xaninho Discos - Nac.

Estou desconfiado que você não gostou muito do nome...

Guillermo: Eu detestei! Ninguém gostou na época (risos). Nós só pensamos algo como 'vamos usar essa merda de nome na competição e depois pensamos melhor no que fazer', mas a verdade é que tivemos muita sorte, pouco depois estávamos tocando em Madri, Barcelona, Valência, tínhamos ganhado uma enorme projeção na Espanha, as pessoas já nos conheciam com esse nome. Pensamos em mudar, usar algo mais simples e cativante, mas esse nome grudou em nós. É como você disse, ter um nome diferente acabou ajudando as pessoas a nos dissociarem de todas as demais bandas de thrash que estavam surgindo no mundo naquela época. Eles viam aquele nome bizarro escrito e pensavam: 'Ah, são aqueles espanhóis do caralho, gosto deles' (risos gerais).

Bem, foram duas decisões acertadas logo nos primeiros dias: manter o nome e migrar para o thrash, elemento principal até hoje, em *Angelus Apatrida*.

Guillermo: Obrigado, e essa 'mudança musical' foi engraçada. Acho que poucas pessoas sabem, mas éramos uma banda diferente nos primeiros dias, éramos apenas garotos tentando tocar a música de suas bandas favoritas e seguir seus passos, nós queríamos ser o Helloween (risos). Gravamos a demo *Lost in the Realms of Orchinodaemon* literalmente inspirados no power metal alemão, que era a base da nossa formação. Em seguida, quando partimos para a segunda demo, *Unknown Human Being* (2003), já éramos uma banda transformada. Eu tinha migrado para os vocais e nunca tive os agudos do meu antecessor. E eu queria trazer essa coisa do thrash e do hardcore, que cresci ouvindo. A segunda demo foi uma transição entre a banda que éramos e a que somos, tanto que nunca a lançamos oficialmente, apenas fizemos umas quinze cópias, e uma delas será sua, assim que voltarmos para o Brasil. Quando aquela demo ficou pronta, já estávamos totalmente dedicados ao primeiro álbum (*Evil Unleashed*, 2006), que traz esse som que mantemos até hoje, no novo álbum. Obrigado pela entrevista, nos vemos na estrada!

THE MIST

COMANDANDO TODOS OS CORVOS

Mais de duas décadas depois de seu último registro de estúdio, lenda do metal brasileiro retoma seu avanço com *The Circle of the Crow*

Por Valtemir Amler

Muito já foi dito e escrito sobre o intenso movimento cultural que transformou Minas Gerais no principal polo do metal nacional durante os anos 90. Tanto quanto obras lendárias, esse movimento produziu grandes ícones, como é o caso do nosso entrevistado, o vocalista Vladimir Korg. Nome relacionado a várias bandas, Korg primeiro se tornou reconhecido como vocalista do Chakal, com quem em 1987 lançou o álbum *Abominable Anno Domini* (que o vocalista/guitarrista Mikael Åkerfeldt, do Opeth, citaria para esse repórter como um dos mais influentes em sua jornada), e pouco depois como vocalista do The Mist. O início da história foi clássico, com o lançamento dos álbuns *Phantasmagoria* (1989) e *The Hangman Tree* (1991), que antecederam a separação do vocalista e da banda. Antes de um longo período de inatividade, o grupo ainda soltou dois registros sem Korg, primeiro o EP *... Ashes to Ashes, Dust to Dust...* (1993) e depois o álbum *Gottverlassen* (1995). Verdade seja dita, nem a banda e nem os fãs estavam satisfeitos com essa pausa de mais de duas décadas de um dos gigantes do cenário nacional. Em 2018, o The Mist reapareceu no cenário, primeiro apenas para apresentações ao vivo, com Vladimir Korg (vocal), Jairo Guedz (guitarra, Troops of Doom, ex-Sepultura), Christiano Salles (bateria) e Wesley Ribeiro (baixo). Desde então, as coisas tomaram novos rumos. A chegada da pandemia, as mudanças na formação (Korg hoje permanece ao lado de Wesley e o time é completado pelo guitarrista Edu Megale) e agora com um novo registro depois de mais de duas décadas, o nosso The Mist mostra que está definitivamente de volta e ferreamente disposto a permanecer no cenário. Conversamos com Vladimir Korg para saber mais detalhes desse retorno discográfico, iniciado com o EP *The Circle of the Crow* e que promete um novo álbum completo para em breve.

Em 2018, depois de muitos anos de silêncio, vocês resolveram retomar as atividades da The Mist. Você poderia nos falar um pouco mais sobre esse recomeço? Como foram as conversas para a retomada e quais eram os planos de vocês na época?

Vladimir Korg: Queríamos voltar para os palcos. Quando eu estava com o Chakal, sempre os fãs do The Mist iam aos shows e me cobravam isto. Reuni os músicos e ensaiamos durante sete meses escondidos em um estúdio de um amigo. Ficamos meses alinhando as coisas e vendo se realmente bancaríamos aquela volta. Quando vimos que a coisa funcionaria, começamos a dar pistas para os fãs que o The Mist estava de volta.

Em 2019, tivemos a chance de conferir um dos shows dessa reunião da banda aqui em São Paulo. Fale-nos um pouco sobre como foram os shows e como foi a reação do público a essa retomada de uma das bandas clássicas do nosso cenário?

Korg: Os shows foram muito bons e a reação dos fãs foi fantástica! Cada show que fizemos foi marcante. Vi as pessoas cantando as músicas, comprando nosso merchandising avidamente. Ouvimos muitas histórias de como o The Mist tinha feito parte da vida destas pessoas. Essa volta foi uma grande celebração e aconteceu no lugar certo: no palco.

Em seguida veio a pandemia e, com ela, o cancelamento de shows. Naquela época vocês já pensavam em compor novas músicas? Como andava o trabalho na banda naqueles dias?

Korg: Não pensávamos nisso. Queríamos inicialmente tocar, mas começamos a ser cobrados por um trabalho novo e isto se tornou uma demanda incômoda. Estávamos com as mãos atadas pois não tínhamos mais o palco, e a liberdade que queríamos para compor em paz tornou-se um imperativo e isto não estava funcionando. O The Mist estava pronto para o palco e agora tínhamos a missão de um novo trabalho ou ficaríamos parados, isso seria o nosso fim.

Bem, a saída de Jairo Guedz já foi bastante comentada no mundo do metal e sabemos que foi um processo até natural, sem mágoas. Pouco depois, foi anunciada a entrada de Edu Megale como guitarrista. O que você buscava no novo guitarrista do The Mist e como chegaram nele?

Korg: Eu já tinha visto alguns trabalhos do Edu. Queria um guitarrista técnico mas com um feeling diferenciado. O The Mist tem uma aura estranha, acho que é o tal frio na espinha da letra do *Phantasmagoria*, e essa aura é que o novo guitarrista

Fotos: Divulgação

teria que incorporar. A narrativa do The Mist tem que combinar com a parte instrumental senão não funciona. O ouvinte tem que entrar nessa frequência estranha quando ouve as canções. Isso é o The Mist. O Edu percebeu e entrou de cabeça nas composições.

E o que pode nos contar sobre o trabalho de Riccardo Linassi? Ele é hoje um integrante da banda ou apenas gravou o disco? Desculpe, não consegui ter certeza sobre isso ao ler o presskit.

Korg: Linassi é um baterista fantástico! Hoje, em fevereiro de 2022, ele é músico contratado, mas cada vez mais ele está mais envolvido com nosso trabalho. Ele tem muitos trabalhos com outros músicos e eu preferi contratá-lo para ele continuar sendo livre pra tocar com suas outras bandas e caso for melhor para ele e para nós, ele se efetivará naturalmente. Trabalhar com ele tem sido uma experiência nova e tem exigido muito mais foco nas músicas.

Com a formação estabilizada, temos o novo EP *The Circle of the Crow*. O título me faz pensar em algo de Poe, mas existe de fato esta referência aqui?

Korg: Há uma fumacinha Poe que percorre o álbum, mas não é direcionado aos contos dele. Temos a figura de um corvo na arte do EP que faz uma brincadeira com o 'nevermore' do seu conto, mas é só uma citaçãozinha ingênua. A obra de Poe é densa, icônica e eu não sou tão ousado assim.

Musicalmente, o novo EP mantém a essência da banda, mas acrescenta novas cores à imagem que vem criando ao longo dos anos. Neste sentido, gostaria que comentassem a abordagem de guitarra em *Over My Dead Body*.

Korg: É uma guitarra insistente e a ideia do 'fade in' foi minha. É uma composição que eu acho incrível: um thrash na cara, rápido e sacana. Gosto do andamento dela. É uma música que tem começo, meio e fim bem traçados. Megale foi muito feliz ao compor esta música, ela chegou na hora certa. Acho o solo dela muito especial. O baixo canta nesta música. É um tema simples, direto e que tem ficado legal nos ensaios.

Liricamente, duas músicas me atingiram com mais força. Primeiro, a que abre o disco, *My Inner Monster*. Vi que ela é muito fortemente conectada com a sua vida e mesmo com a sua jornada no The Mist. Por favor, fale-nos um pouco sobre ela e a mensagem que ela encerra.

Korg: Exatamente. A música fala realmente de um monstro que me assombrou na época do *The Hangman Tree*. Voltar com o The Mist foi encarar esse monstro, várias lembranças da época, e eu não estava passando por uma fase muito boa. Retomar isso poderia libertar essas lembranças e este monstrão. Mas aprendi que este monstro faz parte de todos nós. Temos que estar nesta guerra constante entre nosso lado bom e nosso lado mau e foi bom poder externar isso por meio dessa música. A letra pode dizer pouco, mas a música fala por si. Foi o que fiz também na fase de *The Hangman Tree*.

THE CIRCLE OF THE CROW
Independente - Nac.

A outra é justamente a que encerra o álbum, *The Tempest*. Assim como a anterior, essa música também permite uma visão mais pessoal e mais abrangente, dependendo se observamos o indivíduo ou a sociedade. Fale-nos um pouco mais sobre essa composição, por favor.

Korg: Ela fala sobre uma tempestade perfeita. Aquela que passamos ao longo da nossa vida. Ela nos fode, mas nos molda. Molda nosso caráter, nossa capacidade de resiliência e nos deixa marcas que cicatrizam, mas às vezes voltam a sangrar. A pandemia pode ser uma tempestade perfeita para todos nós, mas o importante é saber que, como toda tempestade, ela passa. Por isso, como diz a letra, 'stay safe'!

Claro que não poderia deixar de perguntar sobre a capa, que traz uma imagem incrível. Quem foi o responsável por ela?

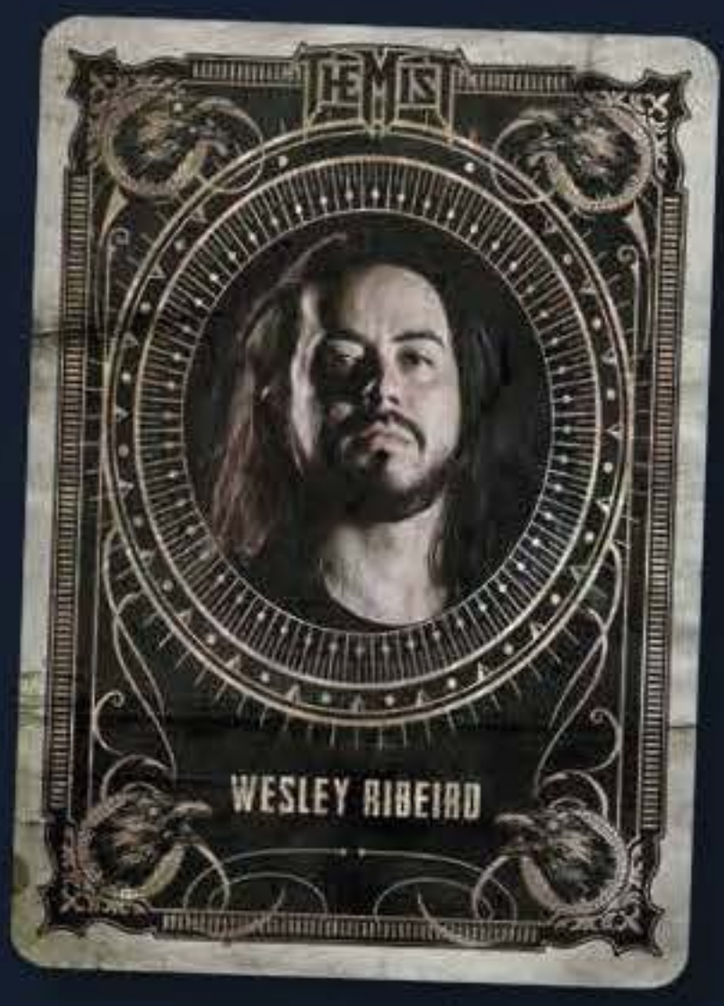
Korg: Foi o Anderson, da marca Natureza Morta. É um cara talentoso que tem trabalhado comigo tanto no The Unabomber Files como no Chakal. Trouxe ele para trabalhar no The Mist e ele fez um trampo magnífico, tanto na capa quanto na arte gráfica do CD. Nosso espantalho agora comanda todos os corvos.

Por fim, vocês já declararam que existe a intenção de um álbum completo para suceder este EP. Já existem músicas/letras sendo trabalhadas? Como estão o trabalho e o planejamento neste sentido?

Korg: Tenho algumas letras e as ideias estão fervilhando. Vamos pensar no álbum em setembro, pois queremos ir pra estrada antes. Queremos aumentar nossa sinergia para nos debruçarmos neste novo trabalho. Com certeza será um trabalho árduo e estamos no meio da colheita dos resultados do nosso EP.

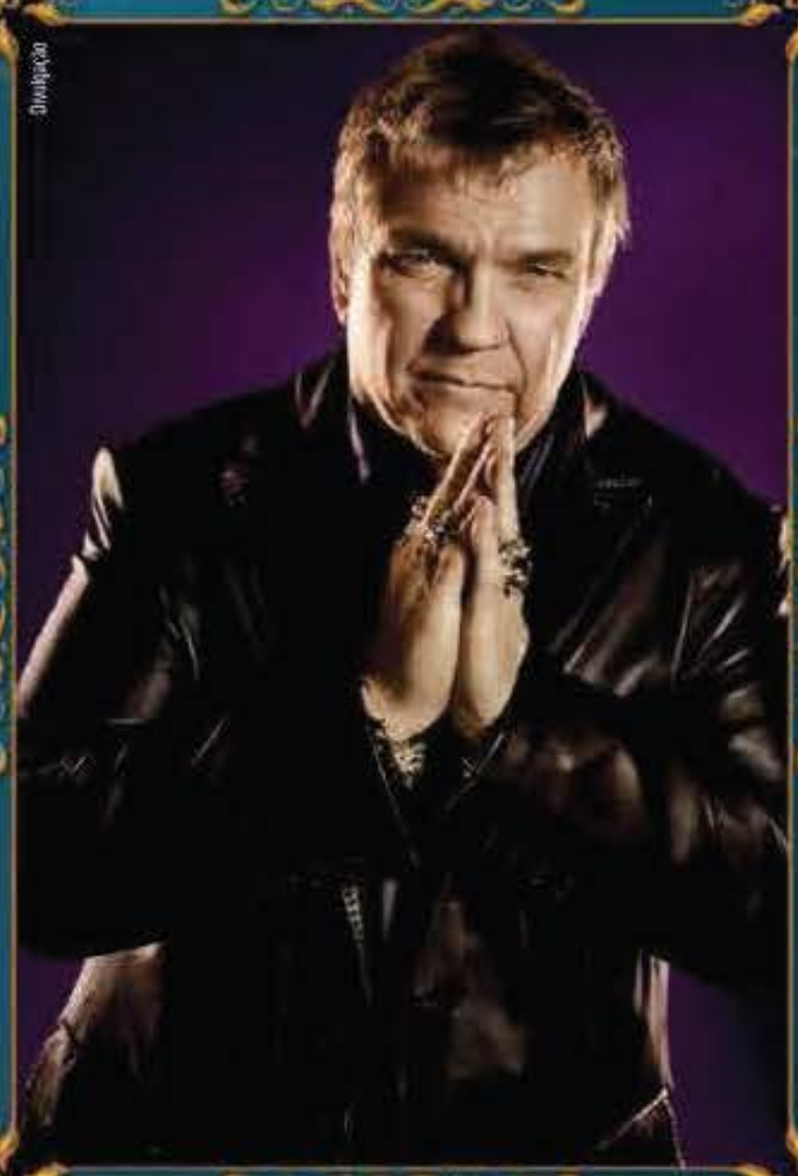
Ademais, obrigado por trazer o The Mist de volta e obrigado pelas ótimas músicas deste novo registro! Tudo de bom e obrigado pela entrevista!

Korg: Muito obrigado! Agradecemos a todos pelos elogios ao nosso novo trabalho. Esperamos todos nos nossos shows, e adquiram nosso EP e nosso merchandising em nossa loja. Stay safe!



Eternal Idols

Por Antonio Carlos Monteiro



MEAT LOAF

✶ 27/09/1947 † 20/01/2022

Quando Marvin Lee Aday estava na sétima série, pisou acidentalmente no pé do treinador de futebol da escola em que estudava e foi imediatamente chamado de Meat Loaf (algo como "bolo de carne") – na época, o garoto tinha 1,60m e pesava 110 quilos. E foi com esse nome que ele alcançou o estrelato.

Nascido em 27 de setembro de 1947 em Dallas, no Texas, Marvin era filho de um policial alcoólatra, que resolvia as coisas na base do xingamento e da pancada, e de uma professora que fazia dupla jornada ao sair pela noite atrás do marido nos bares.

Para complicar sua situação, a questão do peso continuava perturbando-o. A coisa era tão séria que na época a empresa Levi's colocou no ar um comercial que dizia: "Pobre Marvin, tão gordo que não pode usar uma calça Levi's" e isso fez com que passasse a se apresentar como Michael em vez de Marvin. Em 1984, mudou oficialmente seu nome.

Logo depois do falecimento de sua mãe, em 1966, saiu de casa em seguida e ficou recluso por mais de três meses. Em seguida, mudou-se para Los Angeles e formou sua primeira banda, Meat Loaf Soul, e participou de uma montagem do musical "Hair".

A repercussão de "Hair" rendeu a ele um contrato com a Motown, pela qual, juntamente com o colega de elenco Shain "Stoney" Murphy, lançou o disco *Stoney & Meatloaf* (1971). No entanto, focou mais nos musicais, participando de diversos deles nos anos seguintes, culminando em "The Rocky Horror Show", cujo sucesso levou ao filme "The Rocky Horror Picture Show" (1975), que tinha Meat Loaf no elenco – foi sua estreia no cinema.

Antes disso, começou a trabalhar com o compositor Jim Steinman, que conhecera nos testes para o musical "More than You Deserve", em 1973. Em 1974, resolveram largar o teatro e se dedicar seriamente a seu primeiro álbum conjunto, *Bat out of Hell* (1977). O disco, produzido por Todd Rundgren, foi criado a partir de um musical que contava uma história futurista baseada em Peter Pan e saiu pelo pequeno selo independente Cleveland International. Foi um sucesso mundial, totalizando vendas mundiais superiores a 43 milhões de cópias. Seguiu-se uma longa tour com a banda formada exclusivamente para esse fim, Neverland Express.

Em 1979, a letal combinação estresse + excesso de trabalho + drogas fez com que ficasse sem voz, adiando os planos de um novo disco para 1981 com *Dead Ringer*. Em 1983, repleto de processos das mais variadas origens, inclusive de seu parceiro Steinman, Meat Loaf declarou falência pessoal. Os três discos seguintes, *Midnight at the Lost and Found* (1983), *Bad Attitude* (1984) e *Blind Before I Stop* (1986), não tiveram grande repercussão, então a saída foi simples: reatar com Jim Steinman e repetir seu maior sucesso: em 1993 saía *Bat out of Hell II: Back into Hell*. Arrebentou de vender novamente, conquistando vários Discos de Platina nos principais mercados.

Welcome to the Neighborhood (1995) teve resultado razoável, sendo Disco de Platina nos EUA e na Grã-Bretanha, enquanto que com *Couldn't Have Said it Better* (2003) não aconteceu nada. Pra passar o tempo, mais um processo entre Meat e Jim, desta feita por conta de um registro do nome "Bat out of Hell" feito pelo compositor. Meat minimizou: "Nós nos falamos o tempo todo. Esse problema não é entre mim e ele, mas coisa de advogados e empresários." Tanto era verdade que em seguida os dois fizeram juntos *Bat out of Hell III: The Monster Is Loose* (2006). A fórmula estava esgotada e a repercussão não chegou nem perto dos anteriores. Seus últimos três discos, *Hang Cool Teddy Bear* (2010), *Hell in a Handbasket* (2011) e *Braver than We Are* (2016) também não chegaram a lugar algum.

Em 19 de abril de 2021, o choque: Jim Steinman morreu por conta de problemas pulmonares. Meat Loaf, inconsolável, afirmou: "Nós não conhecíamos um ao outro; nós éramos um só."

E em 20 de janeiro último foi a vez do próprio Meat Loaf encerrar sua passagem por aqui. A causa da morte não foi revelada, mas muito se especulou que seria consequência da covid-19. Meat era contra a vacina e o uso de máscara, e aplaudiu quando Eric Clapton e Van Morrison lançaram a música *Stand & Deliver* contra o lockdown.

Stoney & Meatloaf (1971)

Bat out of Hell (1977)

Bat out of Hell II: Back into Hell (1993)

Welcome to the Neighborhood (1995)

Bat out of Hell III: The Monster Is Loose (2006)

BORRATXERIA IGLESIA

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

BORRATXERIA IGLESIA

Apresenta:

HOLY JAM

#2 edição - 31.03.22

British Metal

R$ 20,00 | abertura 21:30
showtime 22:00

La Iglesia - Rua João Moura, 515, galpão 6

CRIPPLED BLACK PHOENIX

A FORTALEZA ESPIRITUAL DA FÊNIX NEGRA

Com o EP *Painful Reminder/Dead Is Dead*, banda inglesa segue o incrível momento alcançado com *Ellengæst*

Por Valtemir Amler

"Força espiritual" ou "demônio pernicioso", o nome do último álbum completo do Crippled Black Phoenix, *Ellengæst* (2020), permite as duas traduções. Segundo nosso entrevistado, o multi-instrumentista e fundador do grupo, Justin Greaves, tudo tem sido assim na história da "fênix negra aleijada". Você escolhe o que aquelas palavras significam, para o bem ou para o mal: "É como se estivéssemos entregando doces para as pessoas, mas com navalhas dentro", diz ele. Trabalhando com perfeição os contrastes das vozes masculina e feminina em suas músicas repletas de ambientações e sentimento, eles alcançaram uma grande repercussão com *Great Escape* (2018), mas se viram sem Daniel Änghede justamente na hora de gravar *Ellengæst*, lançado no ano passado. O simpático Justin Greaves, que relembrou sua passagem pelo Brasil como baterista do lendário ato punk britânico The Varukers, falou sobre como a banda superou esta fase e encontrou sua nova voz masculina para o EP *Painful Reminder/Dead Is Dead*.

Uma das coisas que sempre diferenciou o Crippled Black Phoenix é a riqueza de variações rítmicas, e podemos esperar qualquer gênero musical em um álbum da banda. Claro que isso exige uma concepção mais aberta de música, certo?

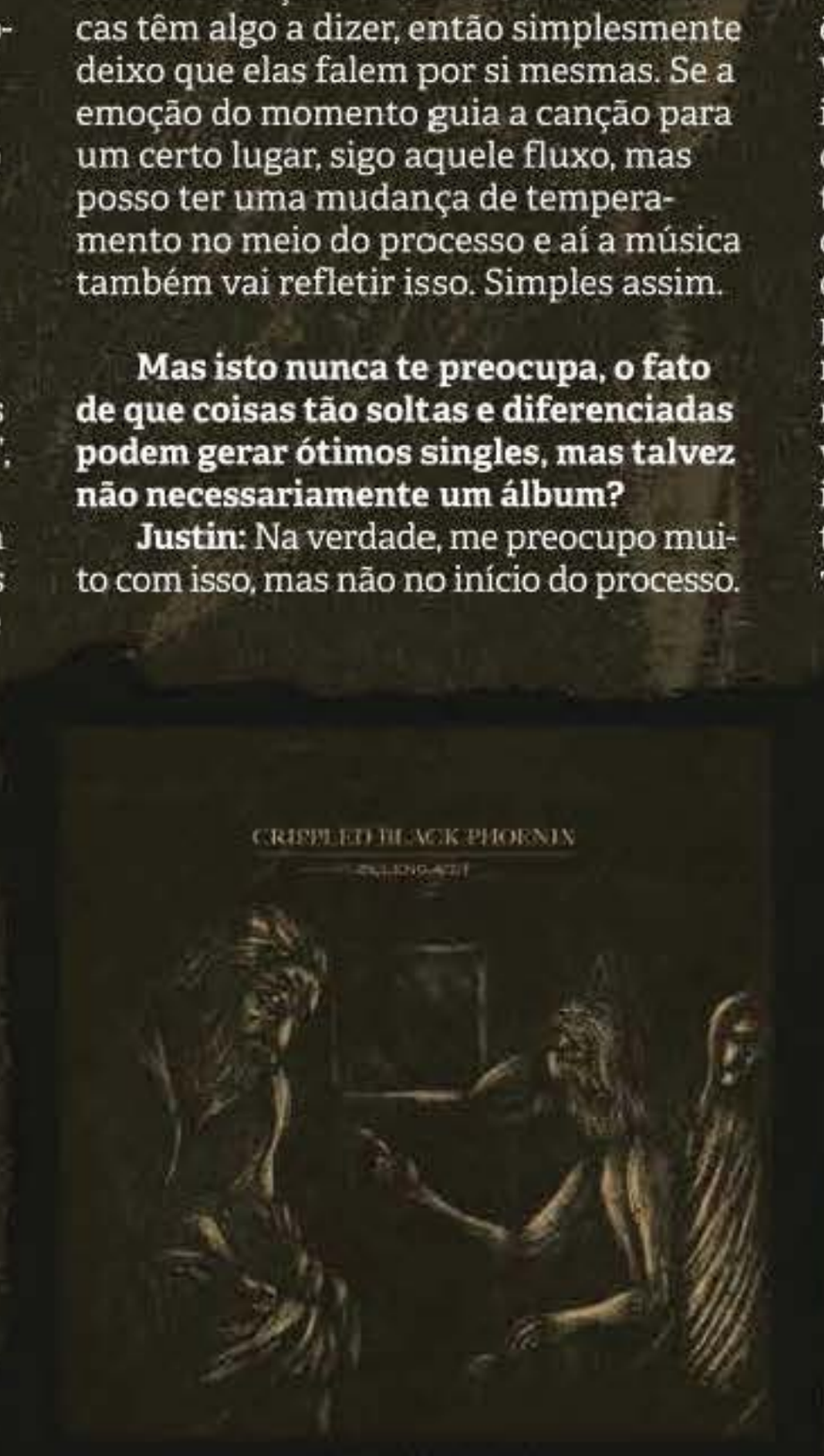
Justin Greaves: Sim, isso tem muito a ver com a ideia que tenho de música. Conheço todos os estilos, compreendo as diferentes nomenclaturas e a necessidade delas, mas a única coisa que importa no momento em que vou ouvir música é se ela é boa ou ruim. Essa é a única distinção naquele momento. Quando vou compor, gosto de pensar da mesma maneira, acho que esta é a chave para o que fazemos.

Não é algo intencionalmente planejado.

Justin: Não, acho que é apenas a forma como componho. Não penso demais, busco fazer logo e capturar a vibração do momento. Veja, não estou procurando uma resposta fácil, realmente não gosto de ideias preconcebidas em música e quando estou compondo simplesmente deixo as canções acontecerem. As músicas têm algo a dizer, então simplesmente deixo que elas falem por si mesmas. Se a emoção do momento guia a canção para um certo lugar, sigo aquele fluxo, mas posso ter uma mudança de temperamento no meio do processo e aí a música também vai refletir isso. Simples assim.

Mas isto nunca te preocupa, o fato de que coisas tão soltas e diferenciadas podem gerar ótimos singles, mas talvez não necessariamente um álbum?

Justin: Na verdade, me preocupo muito com isso, mas não no início do processo.



ELLENGAEST
Season Of Mist - Imp.

A partir do momento em que faço uma canção, tenho um sentimento geral baseado nela, a sensação que ela provoca em mim. Depois disso, penso em um tema ou direção geral para o todo e então Belinda (Kordic, voz feminina) ou Joel (Segerstedt, nova voz masculina) partem para a composição da letra. A forma como tudo isso faz sentido no final é meio que um mistério, acho que tem mais a ver com sorte do que talento, na verdade (risos gerais).

A dinâmica de emoções ficou clara em *Ellengæst*. O álbum já começa com *House of Fools*, que começa 'blackgaze' e vai para algo muito mais voltado ao post-punk.

Justin: Sim, e essa é a parte divertida, trazer essa grande amálgama de influências para dentro da sua música, sabe? Você não ouviu apenas uma música a vida inteira, sempre existe variação. No geral, quando você começa uma banda, está tentando se encaixar em algo, fazer parte de um círculo. A partir do momento em que deixa de querer impressionar os seus pares para se encaixar em um determinado movimento, aí é que você começa a fazer música de verdade, que realmente tem a ver com você. Você começa a mostrar as influências que foi agregando ao longo de toda a sua vida. Veja, eu cresci nos anos 70, então tenho referências que passam por todas as décadas desde então, além do que pesquisei aquilo que foi feito antes. Gosto de pensar que a música que faço reflete a música que ouço, e ouvi muita coisa ao longo dos anos.

Ainda em *Ellengæst*, temos *Lost*, que ganhou um videoclipe bem forte, perturbador até na forma como retrata nossa realidade.

Justin: Sim, acho que um vídeo como aquele simplesmente precisava ser feito. Não foi como se estivéssemos tentando chocar as pessoas, não queremos pregar ou fazer com que as pessoas engulam uma ideia, cada um é livre para assistir ou não o vídeo. E ele demanda certa disposição para ser visto, pois é cruel. Não tem nada realmente chocante lá, não estamos tentando fazer as pessoas se sentirem péssimas, mostramos apenas o necessário para passar a ideia, mas ele acaba confrontando fortemente as nossas ideias por mostrar quem é o ser humano, quem realmente somos, o que fazemos, do que somos capazes, o quanto nos importamos de verdade com a nossa e com as outras espécies. Se as pessoas ficam chocadas, acho que é por um bom motivo. E é incrível que não tenham ficado chocadas ao ver aquelas mesmas imagens em um telejornal.

E hoje vocês estão com uma nova formação.

Justin: Sim. O Crippled Black Phoenix hoje é Belinda Kordic e Joel Segerstedt (vocais), Andy Taylor (guitarra), Helen Stanley (teclados) e eu (bateria, baixo, guitarra e

samples), e isso é tudo. Não temos mais pessoas aparecendo em um único álbum ou em alguns shows, essa é a nossa formação e estamos muito fortes assim. Aprendemos uma lição com a gravação de *Ellengæst*, que é não contar com certas pessoas. Deixamos muita gente se aproximar de nós e algumas apenas usaram a banda para conquistar aquilo que queriam e depois nos deixaram na mão, essa é a verdade.

Sim, mas o que de fato aconteceu na época de *Ellengæst*?

Justin: Bem, não tínhamos mais nosso vocalista. Foi um processo complicado no início, mas foi uma oportunidade incrível, que me deu a chance de chamar um monte de amigos que estavam prontos para gravar conosco há muito tempo. No fim, foi bem mais fácil do que imaginei. Dos nossos álbuns completos já lançados, acho que ele tem os melhores vocais, pois todos que cantaram nele realmente queriam cantar as músicas do Crippled Black Phoenix, não estavam apenas interpretando algo para conquistar seus próprios objetivos.

Fiquei positivamente impressionado com a performance de Gaahl (Gaahl's Wyrd, ex-Gorgoroth) em *In the Night*, ele não costuma fazer isso.

Justin: É verdade, ele não colabora em álbuns com muita frequência, se é que colabora (risos). Ele me confessou que esta foi a primeira vez que faz algo assim e foi engraçado, pois quando me enviou os arquivos, também me ligou e perguntou se estava tudo certo. Ele explicou: 'Eu fiz essa declamação da letra porque achei a música estoica e melancólica.' E ele simplesmente arrebentou, pois não tínhamos dado nenhuma orientação sobre o que deveria fazer ali (risos). E então, na mesma música você tem Belinda fazendo seus vocais angelicais sobre ele, a luz e a escuridão representadas.

Quanto à nova formação, adorei a primeira mostra, com o EP *Painful Reminder/Dead Is Dead*. As duas vozes trabalham incrivelmente bem juntas.

Divulgação

Sem uma formação estabilizada, Justin Greaves (no topo, à esquerda) aproveitou para trazer um grande time de convidados no álbum Ellengaest

Justin: Obrigado, de verdade. Sabe, Joel é uma pessoa muito humilde, acho que ele não tem a verdadeira noção do quanto ele é bom no que faz. Belinda também é assim, ela é incrível, mas também muito simples e modesta. Quando a conheci, ela estava se aposentando do mundo da música, depois de atuar por anos na banda sueca Stabb e no seu projeto solo, Killing Mood. Ela estava desiludida desse universo. Eu tive que convencê-la a voltar para a música para cantar no Crippled Black Phoenix e até hoje acho que a coisa mais importante que fiz pela música foi mantê-la atuando.

***Painful Reminder* é originalmente uma música da banda punk SNFU. Por que decidiram apresentar a nova formação com uma versão deles?**

Justin: Bem, veio daquele lance das influências de que te falei antes. Eu sempre tive uma lista de canções que gostaria de gravar um dia, músicas de bandas que sempre amei. Quando Chi Pig morreu (N.R.: vocalista do SNFU), senti que tínhamos que fazer isso, que essa versão precisava acontecer. Foi bom mostrar a nova formação com ela porque foi um trabalho de Joel, antes de tudo. Você sabe, quando fazemos um cover, buscamos a versão mais fiel possível, pois é daquela maneira que amamos a música, então não buscamos mudar. Essa, porém, veio transformada, pois Joel queria homenagear Chi Pig, e a coisa ficou incrível. Acho que foi uma ótima maneira de mostrar o talento de Joel e homenagear um velho ídolo.

Para finalizar, a conexão com o punk também traz memórias do Brasil, certo?

Justin: Ah, sim, o Brasil é incrível! Minha primeira experiência aí foi em 2001, eu estava em turnê com a banda The Varukers. Eu era o baterista e foi impressionante! Eu estava até um pouco assustado com tantas pessoas me cercando (risos), mas elas foram gentis e amigáveis, nunca tinha sentido isso antes. Lembro dessa ótima experiência e sonho com o dia que tocaremos aí com o Crippled Black Phoenix.

Bjarni Egill Ögmundsson, Ingi Þórisson, Kristleifur Þorsteinsson, Atli Guðlaugsson, Bjarni Þór Jóhannsson e Einar Karl Júlíusson: power metal vindo da fria Islândia

Divulgação

POWER PALADIN

A LUZ DO SOL NA ISLÂNDIA

Bjarni Egill conta como é ter uma banda de power metal na fria e gelada Islândia, país onde a cena pesada é dominada por black e death metal

Por Daniel Dutra

Entre altos e baixos, inclusive de popularidade, o power metal melódico - sim, o híbrido de dois gêneros - carrega em seu DNA a persistência do próprio heavy metal e, por que não?, também do rock'n'roll. E vem da Islândia mais um exemplo de que o estilo pode não se renovar, mas se mantém vivo e com novos nomes para satisfazer uma numerosa legião de fãs fiéis. Com seu álbum de estreia, *With the Magic of Windfyre Steel* (2022), Atli Guðlaugsson (vocal), Ingi Þórisson e Bjarni Þór Jóhannsson (guitarras), Kristleifur Þorsteinsson (baixo), Bjarni Egill Ögmundsson (teclados) e Einar Karl Júlíusson (bateria) já fazem do Power Paladin uma sensação. E foi este o fio da conversa que tivemos com Egill. Confira!

Como você tem passado este período de pandemia? Está tudo bem?

Bjarni Egill: Ah, eu estou bem! A pandemia não nos atingiu tanto quanto nos demais países europeus, como na Espanha, onde houve lockdown e as pessoas tiveram que ficar presas em suas casas por muitas semanas. Particularmente, fiquei em casa apenas por duas ou três semanas. Aqui não foi tão ruim. Somos um país grande com uma população pequena, então temos bastante espaço entre nós.

E o fato de o Power Paladin ser da Islândia é uma surpresa. Se eu não soubesse, diria, depois de ouvir o disco, que a banda é alemã ou sueca, talvez até mesmo finlandesa...

Bjarni: É mesmo uma surpresa! Até onde sabemos, somos a única banda ativa de power metal no país. Ao longo dos anos, algumas estiveram ativas por pouco tempo, com um ou dois discos lançados, então a cena é basicamente inexistente aqui. Na verdade, não me surpreende que as pessoas fiquem surpresas (risos). Acho que somos a primeira banda islandesa do estilo com um disco lançado mundialmente, assim como tenho quase certeza de que somos a única a ter contrato assinado com um selo. Ficamos um pouco chocados com o quão longe *With the Magic of Windfyre Steel* está indo, porque a intenção inicial de fazer esse disco era apenas gravá-lo e, no máximo, lançá-lo no Spotify, e ficaríamos felizes com isso (risos). Quando o finalizamos, mostramos para algumas pessoas para ouvir suas opiniões a respeito, e uma dessas pessoas foi um amigo nosso que é o promotor do Wacken na Islândia. Ele mandou o álbum para umas pessoas que ele conhece, e o Markus (N.R.: Wosgien, fundador e CEO da Atomic Fire Records) foi uma delas. Ele entrou em contato por e-mail e perguntou se estávamos interessados em ter uma reunião, e foi assim que aconteceu. Não tínhamos a expectativa de assinar com uma gravadora e que o disco fosse distribuído internacionalmente.

Honestamente, até então apenas The Vintage Caravan me vinha à cabeça ao se tratar de música na Islândia, e, diga-se, eu adoro a excelente série "Trapped" (risos). Mas como é a cena geral do heavy metal no seu país?

Bjarni: Temos uma cena black e death metal muito ativa e forte e, mais recentemente, começamos a observar um crescimento na cena pop metal. A distribuição da cena musical, per capita, resulta num monte de pequenas bandas de garagem em todo o país, mas, mesmo assim, existem lacunas entre gêneros musicais. Por exemplo, eu não tenho conhecimento de nenhuma banda de glam rock por aqui. Já estivemos nesse gênero e também éramos a única (risos), mas o que é realmente popular aqui é o grunhido (mais risos). Aliás, teremos alguns shows no Antichristian Festival, que é um festival black metal (N.R.: nos dias 9 e 10 de abril). A Islândia tem basicamente três estilos: black metal, death metal e, em terceiro e mais distante, power metal. Não tem mais nada depois disso. O metal com vocais limpos não tem muitos adeptos por aqui, mas os fãs e as pessoas que vão ao festival lidam com isso de forma esplêndida. Acho que, para eles, é até divertido ter o Power Paladin no lineup. O pessoal da cena black metal gosta de nós, talvez por sermos os diferentes,

porque não somos como um nêmesis. Não oferecemos tensão como acontece com outras bandas, e acho que vai correr tudo bem no festival.

O Power Paladin foi formado em 2017 e só agora, cinco anos depois, está lançando seu primeiro disco. Como esse período, especialmente com a peculiar cena local, ajudou no desenvolvimento da banda e das músicas?

Bjarni: Quando começamos, tínhamos apenas duas músicas para começar a ensaiar. Lançamos duas demos em 2018, *Way of Kings* e *Evermore*, que acredito que ainda estejam no YouTube, e logo depois disso começamos a fazer shows. No entanto, temos outros empregos, e os ensaios só podiam acontecer uma ou duas vezes na semana. A banda era como um hobby. O Power Paladin foi um processo, e as coisas iam evoluindo aos poucos. Nós adicionávamos mais músicas próprias ao repertório. Quando finalmente tínhamos canções suficientes para um disco e estávamos satisfeitos com o que trabalhar, decidimos gravá-lo. Para nossa sorte, eu e Ingi estudamos engenharia sonora, então pudemos fazer isso sozinhos. Gravamos tudo nós mesmos, e um amigo nosso foi quem fez a mixagem. Ou seja, *With the Magic of Windfyre Steel* é um projeto caseiro (risos). Nada neste álbum foi gravado em estúdio, e é por isso também que demoramos a gravá-lo. Gravamos os vocais na minha estação de trabalho artístico e, depois, registramos as guitarras no apartamento do Ingi ao mesmo tempo em que recebíamos convites para tocar, e o disco ia ficando para depois. Mas aí chegou a pandemia, então não podíamos mais fazer shows. A única coisa que podíamos fazer era desenvolver o disco e finalizá-lo, e talvez não tivéssemos concluído o trabalho se não fosse a pandemia (risos).

A gravadora mesmo não esconde que não há em segredo em *With the Magic of Windfyre Steel*, porque o disco mostra que "Iron Maiden, Dio e Helloween são ídolos musicais do Power Paladin". Considerando que são três nomes há muito já estabelecidos, como eles o impactaram?

Bjarni: Nós ouvimos suas músicas há décadas! Comecei a escutar heavy metal com 16 anos e agora estou com 37, mas eu não fazia distinções quando era mais jovem. Ouvia tudo e selecionava o que mais gostava. Comecei com Pantera na época em que o new metal estava começando a acontecer com Korn, Slipknot e Limp Bizkit, que tocavam bastante nas rádios. Eu ouvia por isso, porque o gênero nunca me cativou. Um dia, descobri Iron Maiden e Metallica e disse: 'Ah! Isso tem mais a ver comigo!'. Conheci o death metal melódico sueco, de bandas como In Flames e Soilwork, e outros nomes mais pesados, mas migrei gradativamente para o power metal depois que descobri Symphony X, Dream Theater e Kamelot. Foi como uma transição lenta, do mais pesado para o mais leve. O denominador comum para todos na banda é o Iron Maiden, e boa parte da banda ouve Blind Guardian e Symphony X. Dá para perceber as nossas influências. Existem muitos comentários... Especialmente sobre *Kraven The Hunter* e a referência de *Sign of the Cross* (N.R.: do *The X Factor*, álbum lançado pelo Iron Maiden em 1995), mas esta não era a música que tínhamos em mente quando fizemos *Kraven The Hunter*. No entanto, quando escutamos *Sign of the Cross* novamente, dissemos: 'Ah, acho que era isso que tínhamos em mente, mesmo!' (risos). Acredito que não tem mais como compor e escrever músicas sem referências de outras bandas que fizeram isso 20 anos antes. Se você ficar constantemente tentando evitar isso, não fará nada. É preciso seguir o fluxo e fazer o que tiver que ser feito. Se algumas pessoas se aborrecerem com isso, paciência.

WITH THE MAGIC OF WINDFYRE STEEL
Atomic Fire - Imp.

E há o fato de que vocês cresceram ouvindo mais a segunda onda do power metal. Ou seja, bandas como Edguy, Rhapsody e Hammerfall, sendo que Iron Maiden, Dio e Helloween também são ídolos daquela geração. É como um ciclo.

Bjarni: Com certeza! Particularmente, fui influenciado por todas essas bandas sinfônicas, como Avantasia, Kamelot e Symphony X, e isso você consegue ouvir claramente no nosso disco, pelas orquestrações que eu compus. É algo que sempre quis fazer nas bandas que tive, mas o Power Paladin é a primeira em que isso se encaixa de fato, então foi a primeira oportunidade que tive para realmente fazer! Os elementos sinfônicos funcionam com a música, não é algo que você pode colocar em qualquer canção.

Dito isso, há um momento mais pesado no disco, que é a música *Dark Crystal*. Curiosamente, é nela que os teclados são o destaque. O solo é a cereja do bolo, e há um Hammond que até poderia ser mais proeminente...

Bjarni: Esse foi o primeiro solo que eu compus na vida! *Dark Crystal* foi composta pelo Ingi na época em que ele estudava Engenharia Sonora e Tecnologia de Áudio na Holanda, muitos anos antes de fundarmos o Power Paladin. Ele jogou essa música na minha cara e disse: 'Precisamos de um solo de teclado aqui!' (risos). Vou lhe contar uma história: sou baterista e estudo bateria há anos. Quando a banda foi formada, estávamos fazendo uma festa na minha casa, porque eu havia acabado de me formar na faculdade e de ser pai pela segunda vez. Ou seja, estava imensamente ocupado fazia muito tempo. Durante a festa, os caras estavam combinando de formar uma banda, e eu me ofereci para fazer parte como baterista. Eles disseram que não, porque Einar já estava dentro, então apelei para o teclado, já que eles não conheciam nenhum tecladista (risos). Mas acontece que eu não sou tecladista. Quer dizer, eu não sabia mesmo tocar teclado, então tive de aprender! (risos) Com a necessidade de compor o disco e escrever músicas, e eu não entendo de teoria musical, tinha de ouvir se o que eu estava fazendo soava bem ou não. E assim foi todo o processo de construção do *With the Magic of Windfyre Steel*, na base do 'Isso soa bem?', porque eu mesmo não fazia ideia se estava compondo as notas certas (risos). O solo dessa música é o resultado de eu ficar procurando notas por horas sem fim (risos).

O power metal é um estilo forte no Brasil, com uma fiel legião de fãs. O que você sabe do país?

Bjarni: Ouço Angra há bastante tempo... Aliás, estava ouvindo sua música recentemente, e a banda é incrível. Eu não saco muito de geografia, então não sei muito sobre o Brasil. Sei que é quente, provavelmente quente demais para mim (risos), mas também sabia que há uma grande cena power metal no país, o que deve ser motivo de surpresa para muita gente, porque se costuma pensar nesse estilo como uma tendência europeia. Ah, e é claro que eu conheço Sepultura!

QUANDO OS DEUSES CHEGAREM

Tomi Joutsen fala sobre o mais novo álbum e o momento inédito vivido pelo grupo finlandês

Por Valtemir Amler

Em um cenário de constantes transformações, poucos se mostraram tão naturalmente adaptados quanto os finlandeses do Amorphis. Dos primeiros dias restou a forte conexão com o death metal, mas o passar dos anos mostrou uma aproximação cada vez mais evidente do rock progressivo, hoje um elemento palpável e fundamental na música do quinteto de Helsinque. Fundamental para que a banda alcançasse todo o potencial dessa mistura, a entrada do vocalista Tomi Joutsen em 2004 elevou o nível do jogo e, mesmo com alguns condenando a postura musical do grupo em sua fase pós-*Black Winter Day* (EP, 1994), parece finalmente ter ficado claro que se trata de uma entrega total e apaixonada, e não de experimentalismo descompromissado e interesseiro, o que move o grupo. No novo álbum, *Halo*, você encontrará todos esses elementos aqui discutidos e também uma nova ênfase nas guitarras, que reassumem o protagonismo nas canções, que, embora mais pesadas, permanecem essencialmente prog. Entenda como isso aconteceu nas palavras do nosso convidado, Tomi Joutsen.

Olá Tomi, é ótimo falar com você. Para começar, como vocês têm encarado esse momento de tanta dificuldade, como têm atravessado essa fase?

Tomi Joutsen: Olá, meu amigo! Pois é, temos vivido alguns anos bem estranhos ultimamente, para dizer o mínimo. É até difícil falar a respeito, pois a verdade é que nunca sabemos de fato como as coisas estão. Em um momento tudo parece estar melhorando, na semana seguinte ouvimos uma notícia diferente, uma nova mutação do vírus, e então as portas começam a se fechar no mundo inteiro mais uma vez. Tem sido assim sucessivamente ao longo desses anos, então é bem difícil lidar, pois você não pode fazer planos, não pode organizar as coisas, e isso é bem complicado para uma banda que vive em turnês. Por outro lado, sabemos que ficar nervosos não irá ajudar nesse momento, então procuramos nos concentrar, pensar em coisas que podemos fazer e simplesmente seguimos em frente enquanto esperamos uma situação mais favorável, que permita o retorno das coisas a um nível mais próximo do normal, daquilo que costumávamos fazer. Enquanto isso, temos nos mantido ocupados da maneira que é possível. Não somos a banda que mais investiu nos concertos online, streaming e coisas assim, mas de fato temos o nosso bocado nesse mundo, sentimos que seria algo importante para nossos fãs, que sentiam saudade de ver a banda. Claro, não é como se adorássemos fazer aquilo, simplesmente ligar as câmeras

e atuar diante delas como banda, sem uma plateia ali para acompanhar o show. Mas sabíamos que existiam pessoas do outro lado acompanhando aquele momento e vibrando com o show, então isso nos dava energia para seguir e fazer uma ótima apresentação. Mas, sim, isso é muito diferente de tudo que fiz antes na minha vida. Claro, já fiz muitos shows ao longo dos anos, já gravei muitos clipes diante das câmeras e sem público, mas isso não era nem uma coisa e nem outra, era um show que parecia a gravação de um clipe, é estranho. Mas fizemos isso pelas pessoas lá fora, que precisavam disso, então fizemos com paixão e demos o nosso melhor, era o mínimo que podíamos fazer.

Fico feliz que tenham encontrado o estado mental correto para trabalhar em novas composições.

Tomi: Ah, muito obrigado. Nós praticamente não pensamos sobre isso, assim que todas as outras possibilidades foram tiradas de nós, acho que todos nos voltamos para a música de forma natural. Claro que é complicado começar a trabalhar em um álbum quando o mundo parece estar se desfazendo em pedaços, mas não havia outra escolha. E, respeitando-se as características típicas desse momento, o processo não foi tão diferente daquele que costumamos fazer. Começamos a pensar, gravamos demos que eram enviadas de um lado para o outro (risos), refinávamos as ideias, retrabalhávamos algumas partes e seguíamos adiante. Acho que a constância do processo realmente nos ajudou a manter o foco e o ânimo, então uma coisa meio que ajudou a outra.

Sem grandes problemas neste sentido, então.

Tomi: Exatamente. Bom, a pandemia não afetou diretamente o processo de composição, isso é fato, mas a verdade é que precisamos nos adequar à realidade do momento, especialmente no tocante ao processo de gravação, essas coisas. Não tivemos o mesmo tipo de processo de pré-produção que tínhamos antes, tudo foi feito de forma remota, por assim dizer. Você sabe, estamos trabalhando ao lado do produtor Jens Bogren já há alguns anos, e desta vez ele não estava conosco no estúdio, mas nos dando dicas via telefone (risos). E isso, óbvio, foi consequência da pandemia, pois ficou mais complicada a questão de voar da Suécia para a Finlândia e vice-versa.

Interessante isso: o disco foi totalmente produzido na Finlândia, mas o produtor nunca saiu da Suécia...

Tomi: Pois é, é neste mundo maluco que estamos vivendo (risos). A verdade é que Jens até tentou vir para a Finlândia para acompanhar o processo de gravação das guitarras, mas dias antes a documentação necessária para a viagem havia mudado e ele não tinha os novos papéis, então precisamos fazer uma mudança de última hora, por assim dizer. Esa (Holopainen, guitarra) conseguiu gravar suas partes no Fascination Street, em Örebro (N.R.: estúdio de Jens Bogren, na Suécia), mas fizemos basicamente todo o restante aqui na Finlândia, não conseguimos voar com a banda inteira até a Suécia. Bem, acho que conseguimos um ótimo resultado, apesar das limitações do trabalho via telefone (risos). Creio que este álbum soa bastante bem, tem uma boa sonoridade e ótimas músicas. Neste sentido, Jan (Rechberger, baterista) costuma dizer que tivemos mais problemas com a neve, pois nevou tanto nesse período que simplesmente era impossível dirigir até o estúdio e ensaiar, e isso aconteceu várias vezes durante o processo, então acho que talvez ele esteja certo (risos).

HALO
Atomic Fire - Imp.

Começando a falar mais especificamente sobre o novo álbum, *Halo*, uma das primeiras informações que constam no presskit é o fato que ele encerraria uma trilogia. Confesso que reli todas as letras de *Under the Red Cloud* (2015) e *Queen of Time*, além das novas, e não percebi uma diferença real daquilo que veio antes. Musicalmente, também percebi apenas a evolução natural, nada como um ciclo se fechando. Que trilogia então seria essa que se encerra aqui?

Tomi: Olha, essa é uma excelente pergunta e confesso que não faço ideia de como respondê-la (risos). Alguns outros repórteres também têm pergun-

tado isso, todos querem saber sobre essa nossa trilogia que está terminando, pois também não pegaram a ideia e a verdade é que isso está acontecendo porque nós nunca falamos em uma trilogia (risos). Eu não sei o que aconteceu, mas eu acho que essa coisa da trilogia é mais algo da gravadora, acho que eles quiseram evidenciar algum aspecto, mas colocaram de uma forma que fez todo mundo pensar na coisa errada, como uma placa sinalizando o caminho contrário. Eu concordo com você, as letras não mudaram de foco nesses álbuns. Elas ainda são visões baseadas em poemas finlandeses, musicalmente continuamos a nossa mistura de progressivo e metal extremo, então tudo o que me resta pensar, neste sentido, é que a pessoa que redigiu o presskit estava na verdade se referindo ao fato de que, pela terceira vez seguida, trabalhamos basicamente com a mesma equipe. É a terceira vez que trabalhamos com Jens Bogren na produção, é a terceira arte criada pelo Metastazis (N.R.: Jean-Emmanuel Simoulin, artista francês que já trabalhou com Blut Aus Nord, Alcest, Ulver, Paradise Lost e muitos outros), esse tipo de coisa. A questão é que sim, de fato é a terceira vez que trabalhamos praticamente com o mesmo time, mas o fato é que não faço ideia de com quem trabalharemos no próximo álbum, então é meio cedo para falar que fechamos uma trilogia aqui (risos). Desculpe a confusão, meu amigo, desculpe que tenha tido todo o trabalho de rever o conceito por trás das nossas letras, mas acho que foi isso que aconteceu.

Não tem problema nenhum, na verdade eu adorei reler todas essas letras, elas ficam ainda melhores quando reunidas. Apenas pensei que eu estivesse deixando escapar algo.

Tomi: Sim, eu entendo perfeitamente. E também entendo quando fala das letras, decididamente elas ajudam bastante na minha forma de cantar, pois é muito fácil encontrar a emoção certa quando você trabalha com material dessa qualidade.

Eu ia justamente perguntar sobre o seu trabalho nos vocais aqui, já que imagino que tenha sido diferente para você, com a banda sem tocar ao vivo por um bom tempo.

Tomi: Sim, de fato dessa vez foi diferente. Eu acho que nunca antes um álbum demandou tanto de mim, falando como vocalista. Quer dizer, nós precisamos adaptar os planos conforme as coisas iam acontecendo, pois, você sabe, a cada semana tudo parecia mudar. Para começar, Jens era o nosso produtor e eu

praticamente não trabalhei com ele na gravação dos vocais. Eu gravei quase tudo em Helsinki, com Jonas Olsen. Ele já é um velho conhecido nosso, trabalhou conosco na pré-produção dos nossos trabalhos anteriores, mas dessa vez ele teve que assumir o trabalho principal, por assim dizer. Além disso, existe o fato que você destacou, a banda estava basicamente parada nesse período, minha voz não estava tão quente e pronta quando costumava estar, os shows não aconteciam por conta da pandemia, não conseguíamos ensaiar conforme o planejado por conta da neve (risos), então eu tinha que encontrar um equilíbrio. Acho que ajudou o fato de termos gravado em Helsinque, pois isso me dava mais tranquilidade, eu podia sair do estúdio e ir pra casa relaxar, fazer algo para me distrair, talvez isso tenha ajudado a equilibrar a equação. E eu também diria que essa foi a vez em que mais precisei trabalhar para encaixar as letras com as músicas, pois acho que *Halo* está um pouco mais pesado, mas também mais progressivo que os álbuns anteriores. Quando você trabalha com músicas mais progressivas, que intercalam vários diferentes movimentos, precisa encontrar uma abordagem bem diferente daquela mais direta, que costuma ser mais fácil e confortável. A rotina fez falta, mas acho que encontrei um bom ponto de equilíbrio depois de alguns dias de trabalho.

Tocando nesse ponto, penso que o Amorphis ganhou muito desde que você assumiu os vocais. Conheço poucos vocalistas que mesclam tão bem os vocais extremos e limpos, e acredito que isso abra um leque de possibilidades bem grande no instrumental.

Tomi: Muito obrigado, acho que entendo onde quer chegar. Bem, o Amorphis sempre teve esta atitude de ir em direção a um som mais abrangente, que mesclasse música extrema e progressiva, e também entendo que minha voz deu a chance de explorar mais a fundo as duas coisas. Mas é importante perceber que eles sabiam muito bem o que estavam procurando na minha voz e escreveram canções com isso em mente. Então realmente tem sido um trabalho em equipe, com todos buscando o melhor desempenho de todos.

Você prefere os vocais guturais ou limpos?

Tomi: Ah, eu prefiro misturá-los (risos gerais).

Também prefiro que misture, são essas amplitudes diferentes que fazem de canções como *The Bee*, do disco anterior, e *On The Dark Wathers*, do atual, músicas especiais.

Tomi: Sim, pois você pode evidenciar muito melhor as emoções em cada parte da canção e isso faz a diferença. Acho que essa é a minha coisa, e também é a coisa da música do Amorphis, então, não se preocupem, sempre teremos esses elementos em nossa música e nossos álbuns sempre soarão como a banda que somos.

"O Amorphis sempre teve esta atitude de ir em direção a um som mais abrangente, que mesclasse música extrema e progressiva"
Tomi Joutsen

Jan Rechberger, Olli-Pekka Laine, Esa Holopainen, Tomi Joutsen, Santeri Kallio e Tomi Koivusaari ainda mais prog em Halo

SOM DO DARMA

Management | Booking | Press & Promotion | Label

APRESENTA:

STEVE GRIMMETT'S

Grim Reaper

TURNÊ INÉDITA TOCANDO APENAS OS CLÁSSICOS DOS 3 PRIMEIROS DISCOS DO GRIM REAPER

SEE YOU IN HELL | FEAR NO EVIL | ROCK YOU TO HELL

BANDAS CONVIDADAS:

HELLISH WAR

BRAVE

21 DE ABRIL - BAR DA GARAGEM - SOROCABA/SP

22 DE ABRIL - WOX CLUB - POMERODE/SC

23 DE ABRIL - LA SALSA - SÃO PAULO/SP

WWW.SOMDODARMA.COM.BR

APOIO:

ROADIE CREW

ARTE: WWW.JDUARTEDESIGN.COM

RENOVADO E EXPERIMENTAL

Joe Satriani: aos 65 anos, guitarrista dá vida ao seu trabalho mais diversificado

Joe Satriani conta como foi mudar, por causa da pandemia, o processo de composição e gravação de seu novo álbum. E por que a experiência foi positiva

Por Daniel Dutra

Discos instrumentais de guitarristas podem soar iguais para ouvidos mais desatentos, mas mesmos estes seriam capazes de perceber que há trabalhos em que o artista inova e sai do lugar-comum. É o caso de Joe Satriani, que já havia mostrado, mais de uma vez, sua inquietação artística. Desta vez, ele tirou o melhor das intempéries causadas pela pandemia do novo coronavírus para criar um dos melhores discos de sua carreira: *The Elephants of Mars*, o seu 18º de estúdio. E "acompanhado" de Bryan Beller (baixo), Eric Caudieux e Rai Thistlethwayte (teclados) e Kenny Aronoff (bateria)... As aspas são explicadas pelo próprio Satriani na entrevista que você lê a seguir - um resumo do longo papo com o falante, animado e simpático guitar hero.

Como você tem passado esta interminável pandemia?

Joe Satriani: Sou sortudo por dizer que estou bem. Tenho estado ocupado, e aqui em São Francisco o sol brilha lá fora, então está tudo bem (risos). Obrigado por perguntar!

***Shapeshifting* foi lançado em abril de 2020, ou seja, durante o estágio inicial da pandemia, e agora temos o novo álbum, *The Elephants of Mars*. Eu diria que toda essa crise afetou o lado profissional, não?**

Joe: Eu acho que todos nós concordamos com o fato de que essa pandemia foi a pior coisa por que tivemos que passar enquanto seres humanos. Além do óbvio, que são as pessoas adoecendo e morrendo, e isso é o pior de tudo, muitos de nós, em todos os segmentos da sociedade, tivemos um impacto negativo e estressante por não poder trabalhar. Para um músico viajante como eu, a indústria sofreu uma paralisação total. A turnê de 2020 foi cancelada aos poucos porque não sabíamos o que aconteceria, e aí foi novamente cancelada e adiada em 2021. Não comecei 2022 na estrada, mas esperava que em poucos meses todos nós voltássemos a algum tipo de turnê normal. Até que todos os protocolos sejam respeitados e possam funcionar, não creio que voltará a ser totalmente normal novamente, mas isso tudo tem sido muito difícil. Especialmente para a minha equipe, formada por pessoas que trabalham mês a mês. Os músicos que eu contrato têm projetos solo, assim como eu, então a comunidade de artistas, de apresentadores a músicos locais e aqueles que nos acompanham nas turnês, tem sido bastante afetada economicamente por causa disso.

No entanto, está claro que você não ficou parado esperando as coisas voltarem completamente ao normal...

Joe: Sim, porque em tempos como esse você deve se lembrar de qual é o seu trabalho. Além de marido, pai, irmão e amigo, eu sou músico, então tenho de fazer música para as pessoas, por isso me mantive ocupado boa parte do tempo, exceto em alguns momentos de gritos de desespero (risos). Eu tinha um trabalho e precisava me voltar para ele, porque não preciso estar num ônibus de turnê para fazer esse trabalho. Assim, todas as tropas se uniram, e nós fizemos música. Fiquei ocupado compondo, gravando, fazendo os arranjos, tocando... Hoje em dia, temos uma tecnologia que nos permite gravar discos remotamente, e, tecnicamente falando, o novo álbum ficou tão bom quanto se estivéssemos todos presentes. Mas se eu não estivesse fazendo isso, eu estaria pintando feito um louco, porque eu ainda tenho 30 telas para pintar nas próximas três semanas! (risos) São para outro show, em Nova Jersey, então eu estou ocupado!

Ou seja, a pandemia não atrapalhou o seu processo criativo.

Joe: Por um lado, eu digo que você está certo. A pandemia não impediu minha criatividade, e devo agradecer ao Universo por me dar inspiração constantemente.

Desde que eu era garoto, sempre tive essa constante corrente de ideias e músicas que eu queria tirar de dentro de mim. No entanto, todos nós tivemos de aprender novas habilidades sobre como nos botar em prática quando nos sentimos um peixe fora d'água. Eu amo estar numa sala cheia de outros músicos, me divertindo todo dia, sentindo um nervosismo com o relógio na parede e o dia em que eu devo entregar o disco, porque todas essas coisas contribuem para que um artista reúna todo o seu talento e entregue um produto no prazo, dentro do orçamento, gerenciando as pessoas na sala e, também, as próprias expectativas. Não mudamos muito a marcha, e disse a todos na banda que eu ia me gravar exaustivamente até que me sentisse total e verdadeiramente inspirado e na melhor performance que pudesse. Sugeri que todos fizessem o mesmo, sem pressa, e se alguém precisasse de três semanas depois de receber nossos arquivos, para pensar numa forma de como fazer aquilo, ou se quisesse me entregar sete versões diferentes, tudo bem, porque não tínhamos uma data de entrega, não havia relógio na parede. Podíamos gravar de manhã cedo, no meio da tarde, à meia-noite, não importava. Isso os ajudou a entregar performances diferentes das que dariam se tivessem sido contratados para trabalhar das 11h às 16h num grande estúdio em Los Angeles ou algo assim. Foi uma dinâmica muito diferente e de grande ajuda, porque esse disco precisava de mais contribuição criativa em todos os níveis, mais do que tudo o que fizemos no passado, quando estávamos focados em, digamos, classic rock, tecno ou blues ao vivo no estúdio. Ou seja, todas essas ideias diferentes que eu tinha quando ia gravar discos, e agora foi muito diferente, especialmente em relação a *Shapeshifting*, um disco orgânico, meio classic rock, feito dentro de um estúdio com os caras tocando ao vivo. Assim que foi lançado, nos demos conta de que não poderíamos sair em turnê com ele, e pensei: 'Preciso seguir em frente para um capítulo totalmente novo sobre gravação, elevar o padrão da minha performance, da minha composição e da forma de gravar para um nível mais alto'. Assim, realmente senti que deveria botar as mãos na massa.

Bom, tudo isso explica por que *The Elephants of Mars* é, ao menos na minha opinião, seu trabalho mais ambicioso e diverso. E para um artista que lançou álbuns como *Not of This Earth* (1986), *Joe Satriani* (1995) e *Engines of Creation* (2000), isso diz muita coisa...

Joe: Sim, certamente! Obrigado pela observação! Eu sempre fico doido pelos discos que estou trabalhando no momento, não tenho desculpas para isso, porque é muito óbvio... Assim como muitos artistas, sou consumido por novas ideias, então até me desculpo por isso! (risos) Sei que você está acostumado com isso, porque é um jornalista profissional e sempre fala com muitos artistas que estão animados o tempo todo sobre suas novas coisas, mas *The Elephants of Mars* realmente foi notavelmente diferente, porque... Bom, não posso deixar de falar sobre a diferença que existe em estar num estúdio com hora marcada, pagando milhares de dólares por hora, porque eu tenho três ou quatro músicos comigo no estúdio, e eles precisam receber pelas horas que estão lá. Há os custos do estúdio, do produtor e do engenheiro de som, do assistente, comida, estacionamento e equipamento, e cada hora que passa sem que consigamos o take perfeito compromete a coisa toda. E eu falo comigo mesmo: 'Não posso gastar mais um dia nisso. Preciso ir em frente e conseguir mais duas músicas, porque o baterista precisa ir embora daqui a seis dias'. Alguns dos melhores discos foram feitos assim. Beatles e Van Halen faziam álbuns em uma semana, sob pressão, mas eles estavam ensaiados!

THE ELEPHANTS OF MARS
EarMusic/Shinigami/Sound City - Nac.

O que, acredito, nunca foi o seu caso...

Joe: E estávamos todos separados desta vez: o tecladista mora na Austrália, eu, em São Francisco, e os outros caras, em Los Angeles. E tive de pensar numa forma de maximizar o fato de que gravaríamos privadamente, e acho que essa foi o ponto-chave, especialmente para mim. Percebi que, uma vez sozinho, eu me sentia mais relaxado para tentar coisas que não poderia fazer ou tocar, fosse o mais feliz ou o mais triste que eu estivesse, porque não haveria mais ninguém na sala para que eu me sentisse tímido ou envergonhado. Foi preciso um treinamento para me dar conta que não haveria ninguém ali comigo, de que eu não estaria tocando para mais ninguém além de mim, e se fosse preciso entrar num modo de grande tristeza para gravar uma parte, eu poderia porque não haveria julgamentos. Isso teve um efeito profundo em mim. Não sei como foi para os outros caras, mas me deu coragem para lidar com o material e passar um tempo pensando em como alcançar o fã, em como fazer meu público entender o real significado das músicas. Isso levou muito tempo, com autorreflexão e disciplina para tocar sem o medo de nenhum tipo de retribuição social, do tipo 'Ah isso não pode!' ou 'Ah, ele consegue tocar mais rápido que isso!'. Ou seja, para me livrar de tudo isso e tentar criar uma performance mais verdadeira, e se não conseguir isso num dia, tente no próximo, afinal, não tem mais o relógio na parede e nem agenda. De certa forma, tem uma pressão, porque tira a antiga e adiciona uma nova, uma vez que desse jeito há menos desculpas se o resultado não for realmente ótimo.

Acho que uma das minhas músicas favoritas no álbum, *Sailing the Seas of Ganymede*, pode exemplificar o que você disse, porque é bastante experimental. E arrisco dizer que poderia ser uma grande canção do King Crimson...

Joe: Sim! Definitivamente, tem uma influência do King Crimson nela! É uma música bem louca, e não consigo explicar sequer por que comecei a compô-la. Foi uma demo completa que mandei para todos, e sem saber se eles se interessariam em tocá-la. Tinha umas viradas de bateria que eram impossíveis para um ser humano tocar (risos), mas Kenny deu um jeito de fazê-la funcionar. Ele fez um trabalho fantástico humanizando a coisa toda! Também tinha um baixo muito louco, e Brian precisou entender o que eu tentei fazer, só que ele sempre consegue entender. É fantástico! Ele tem um modo mediúnico de entender o que eu quero, sendo que faz um milhão de vezes melhor do que eu. Eric e eu fizemos os arranjos, mas a coisa toda era tão complexa, com as várias camadas de cada um, que ele fez um trabalho fenomenal com o nosso engenheiro de mixagem, Greg Koller.

Ok, mas o trabalho de guitarra está longe de ser simples. O trabalho de guitarras, melhor dizendo (risos)...

Joe: E eu achei que as partes de guitarra eram muito tranquilas (risos), mas o efeito, quando se ouve, soa muito experimental! Isso me atraiu muito, porque quando se preenche um arranjo com um monte de notas complicadas e todos estão tocando muito rápido, às vezes pode ser difícil. É um orgulho poder realizar algo assim, mas o prazer em ouvir alivia (risos).

Você se orgulha de ter feito porque foi muito difícil, mas é fácil e gostoso de ouvir. Eu apenas pensei 'Tem que haver um jeito de comunicar a ideia de estar sozinho num navio imenso, se segurando no mastro, enquanto enfrenta ondas de 60 metros de altura, e talvez o oceano não seja na Terra, mas em algum outro lugar especulativo'. É a ideia de que a lua Ganymede tem oceanos abaixo da crosta de sua estrutura. É uma fantasia, sem dúvida, mas a ideia era suspender a assinatura-chave para causar desconforto, porque é assim que uma pessoa se sentiria: sem saber onde está, tudo sendo estranho, recebendo todo o estresse físico e se agarrando à sua preciosa vida (risos). Ainda assim, eu queria colocar uma melodia bonita, então a coisa mais engraçada sobre essa música é que, quando mandei para o Rai, eu pedi: 'Por favor, toque algo louco como quiser', e talvez eu tenha esquecido de dizer exatamente onde, porque ele acabou tocando um solo onde o riff principal retorna depois do primeiro refrão, que é onde ele não deveria solar! (risos) No entanto, assim que ouvi, eu pensei 'Ah, é isso! Esse lugar agora é dele, e não vou mexer nisso!' (risos). Achei engraçado, porque Rai começa tocando um riff meio *Surfing With the Alien* no teclado, e eu simplesmente achei que era perfeito, porque isso me empurraria para fazer outra coisa. Reescrevi a segunda metade da música, quando ela fica meio funk, e, em vez de fazer um solo lírico, compus uma parte conjunta com shredding, expandindo toda aquela parte. Enquanto o arquivo da música rodava de lá para cá, indo à Austrália, de volta para mim, depois para Los Angeles, ela foi crescendo e ficando épica, e todo mundo contribuiu com coisas que puseram um sorriso no meu rosto sempre que eu a ouvia, incluindo a mixagem. Eu nem acredito que deram um jeito de mixar a coisa toda!

A ida para a earMusic fez com que um disco seu voltasse a ser lançado no Brasil. *What Happens Next* (2018) e *Shapeshifting* permanecem indisponíveis aqui, e a Sony Music fechou a própria fábrica no país. É o resultado da queda na venda de CDs e o crescimentos das plataformas de streaming. Como você, um artista de música instrumental, tem lidado com isso?

Joe: Acho que é perigoso para um músico tirar conclusões artísticas baseadas em generalizações da indústria. Entendo o que é a indústria musical e que ela é parte da indústria do entretenimento, mas preciso me separar disso quando sento para fazer arte. Quando escrevo uma música como *Faceless* ou *Desolation*, nunca vou conseguir compor se ficar pensando se existe um planejamento da gravadora no Brasil, ou se alguma rádio no Quebec ou em Nova Deli vai tocar a música por ser muito longa ou muito curta. Coisas assim, sabe? Não posso pensar sobre isso, porque é muito destrutivo para a mente artística. Por um lado, quero responder à sua pergunta dizendo que nunca pensei sobre isso, mas, por outro, isso não seria totalmente verdade. Uma vez que eu termino um disco, sinto que fiz minha parte: compus, gravei e entreguei, e aí vem um momento de ansiedade, porque ficando pensando 'Tomara que alguém goste!'. Era assim até quando eu tinha a minha própria gravadora (risos). Lembro-me de dirigir até uma loja de discos independentes, tirar alguns CDs do porta-malas, entrar na loja e perguntar: 'Posso falar com o gerente?'. E está voltando a ser assim. Eventualmente, você terá que entrar no mercado, seja vendendo muffin de frutas vermelhas na feira ou um novo disco chamado *The Elephants of Mars* para que seja lançado mundialmente. Eventualmente, terá que se juntar ao restante da sociedade, tentando entender como fazer. Mas enquanto alguém que compõe e toca música, é muito perigoso pensar no negócio antecipadamente.

CRUCIFIXION BR

HUMAN DECAY - NOVO ÁLBUM
do CRUCIFIXION BR. Lançamento Shinigami Recs

OUÇA AGORA
LEIA COM CELULAR

JULIANA NOVO - 13ª Melhor Baterista Nacional de 2021 pela revista ROADIE CREW

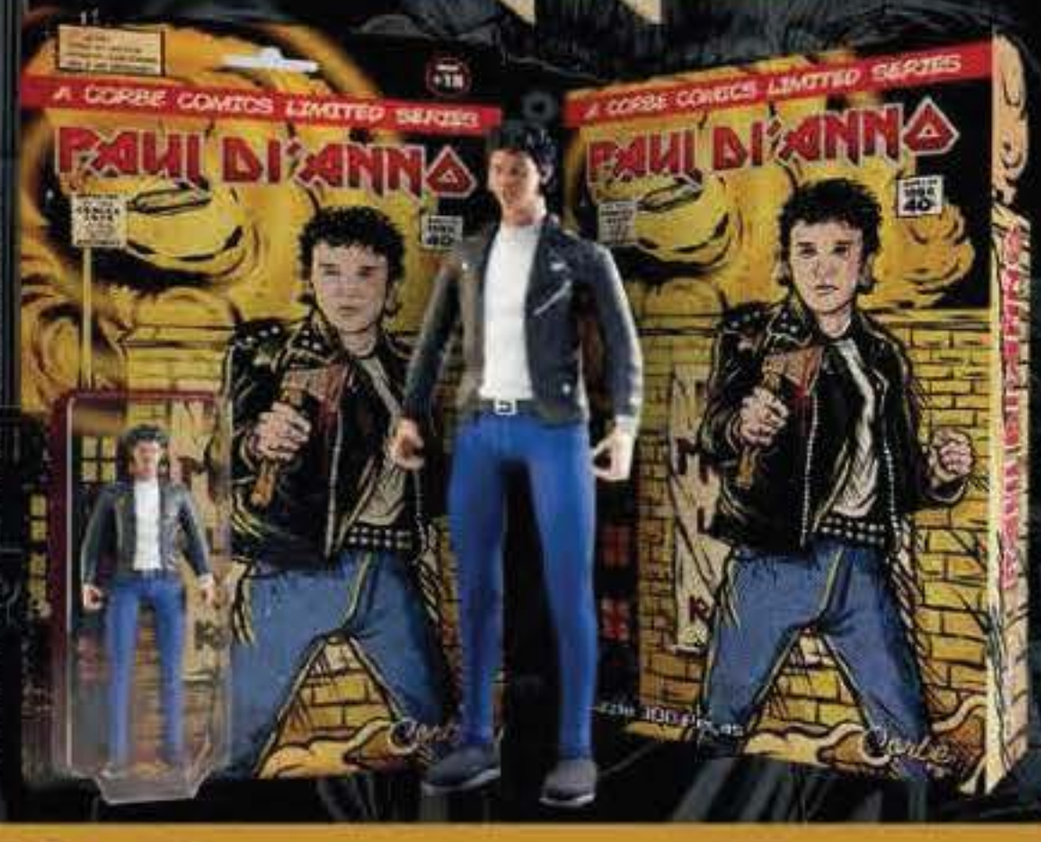
Shinigami 死神 Records

WWW.SHINIGAMIRECORDS.COM.BR

PAUL DI'ANNO

Com grande orgulho a CORBE TOYS traz de maneira exclusiva ao mercado a primeira e única action figure oficial de **PAUL DI'ANNO**, primeiro vocalista da lendária banda de heavy metal britânica **IRON MAIDEN.**

- Item de Colecionador - Produto Oficial Licenciado pelo artista
- Preços únicos de Pré-Venda - Recompensas exclusivas na Pré-venda
- Oportunidade de ter uma cópia autografada pelo próprio Paul



Também disponível
PUZZELS / QUEBRA-CABEÇAS
- Item Oficial de Colecionador - Tiragem única (100 unidades disponíveis)
- Numeração individual - Qualidade de impressão inédita no Brasil
600 PEÇAS - TAMANHO MONTADO: 45cm x45cm

ANGRA
ANGELS CRY

SEPULTURA
SCHIZOPHRENIA

RATOS DE PORÃO
BRASIL

Corbe toys @CorbeToys
www.**corbetoys**.com.br

EXCLUSIVIDADE E EXCELÊNCIA EM COLECIONAVÉIS.

Um produto CORBE TOYS é a garatia de originalidade, licenciamento, raridade e qualidade comparável apenas as maiores empresas de figuras colecionaveis do mundo. Nossas licensas são exclusivas, isso garante que cada item de nosso portfólio seja uma peça rara de colecionador.

CLASSICREW

1972 STATUS QUO
Piledriver

"Em *Piledriver* nós acertamos. Ali nós nos achamos, encontramos nosso som", declarou em 2014 um entusiasmado Alan Lancaster ao site The Quietus. Lancaster se revezava entre baixo, violão e vocais naquela que é considerada a formação clássica do Status Quo, completada por Francis Rossi (guitarra e vocais), Rick Partiff (guitarra, teclados e vocais) e John Coghlan (bateria), e *Piledriver* foi o quinto disco de uma carreira iniciada em 1962

e que se encontrava num momento de indefinição. Afinal, no início da trajetória, a banda investia num rock psicodélico que não deu absolutamente em nada. A partir do terceiro trabalho, resolveram abandonar as batas e as calças boca-de-sino em favor de um rock mais cru e direto, calcado no boogie. A indumentária também mudou, passando aos básicos jeans e camisetas, o que se tornou uma espécie de marca registrada da banda. "Aí, sim, a coisa deu certo!", podem pensar os incautos. Nada disso. Foram mais dois discos de vendas pífias, até que um detalhe mudou o destino do grupo: após romperem com o minúsculo selo Pye Records, os ingleses foram contratados pela Vertigo, que dois anos antes tinha lançado ninguém menos que o Black Sabbath. Isso permitiu, entre outras coisas, que a gravação do disco seguinte acontecesse num estúdio melhor – segundo consta, os estúdios anteriores não tinham condições técnicas para que a banda usasse todo volume e pegada que desejava. Além disso, resolveram que os próprios músicos cuidariam da produção.

Foi um achado. O disco saiu em 15 de dezembro de 1972 e foi logo para o 5º posto da parada britânica – foi a primeira vez que a banda colocou um álbum nos charts e *Piledriver* ficou por lá por 37 semanas –, além de ser certificado Disco de Ouro na França. Mais que isso, várias das faixas se tornaram sucesso dentre os fãs, como *Paper Plane* e *Roadhouse Blues* (versão do tema clássico do Doors), que passariam a fazer parte do repertório dos shows do Status Quo por décadas.

Foi o início de uma ascensão que os trabalhos seguintes só viriam a consolidar, fazendo com que a banda permaneça na ativa até hoje, apenas com Francis Rossi da formação clássica. Mas as lembranças daqueles tempos permanecem vivas na memória dos músicos. Rick Partiff, que faleceu em 2016 de infecção generalizada, declarou ao The Quietus: "Havia algo muito especial naquela formação com Coghlan, Lancaster, Parfitt and Rossi. A gente sabia que não era uma banda perfeita, mas tinha algo ali. E *Piledriver* é um disco muito especial. Tem uma ótima capa e é um ótimo álbum."

Antonio Carlos Monteiro

1982 TYGERS OF PAN TANG
The Cage

Quem escuta o Tygers of Pan Tang dos primeiros dias, de *Wild Cat* (1980) e *Spellbound* (1981) até *Crazy Nights* (1981), vai sentir que *The Cage* tem outra abordagem, pois o hard rock domina o repertório. Mas, quer saber, o grupo inglês, que é um dos pilares da NWOBHM, se saiu bem nesta esfera mais acessível. A começar pelo cover do RPM em *Rendezvous* – calma, não é o de Paulo Ricardo, mas uma banda americana de hard/AOR.

Outro belo exemplo de hard rock vem em *Lonely at the Top*, uma das faixas compostas por Steve Thompson. O produtor, compositor, músico e agente da Neat Records havia trabalhado para o Tygers no primeiro single, *Don't Touch Me There* (1979). Ou seja, estava tudo em casa, mesmo porque ele foi coautor de *Letter from L.A.* com o vocalista Jon Deverill.

Se falaram de Los Angeles, a faixa seguinte tem Paris como tema. *Paris by Air*, outra de Thompson, mostra que, apesar da saída de John Sykes, Robb Weir formou uma boa dupla com Fred Purser, também responsável pelos teclados. "John saiu para fazer um teste para a banda de Ozzy. Nós tínhamos uma turnê na França agendada e, como precisávamos de outro guitarrista, nosso empresariamento sugeriu Fred. Ele se encaixou tão bem que parecia que tocava conosco há tempos", contou Weir à ROADIE CREW.

Mesmo assim, Sykes ainda gravou as faixas *Love Potion No.9* (cover do The Clovers) e *Danger In Paradise*, de John Parr. "Tínhamos gravado essas com John e resolvemos deixá-las no álbum porque curtimos muito. Além disso, ele ficaria com um crédito para a sua despedida. Sobre a escolha dos covers, foi um pedido da gravadora MCA – e eles sugeriram bem, porque a *Love Potion No. 9* se saiu bem no mundo inteiro", comemorou o guitarrista.

Olhando em retrospectiva, o Tygers of Pan Tang, pelo menos no Brasil, é quase sinônimo de *Spellboud*. Porém, *The Cage*, produzido por Peter Collins, foi bem nas paradas e vendeu 200 mil cópias. O repertório ainda destaca a faixa *You Always See What You Want*, mas o relançamento em CD traz de bônus a energética *Life of Crime*, *Love's a Lie*, *What You Sayin'* e uma versão ampliada e remixada de *Making Tracks*.

Embora tendo feito sucesso, Robb Weir ficou descontente com a pressão e a ingerência da MCA, deixando a banda para criar o Sergeant com o baterista Brian Dick. Assim, eles não participaram do capítulo seguinte, *The Wreck-Age*, de 1985. "Se tenho um arrependimento é que nosso empresariamento não encontrou uma solução e perdemos o contrato com a MCA", concluiu Weir.

Ricardo Batalha

#CLÁSSICOS #PÉROLAS #ATEMPORAIS

1992 DARKTHRONE
A Blaze In The Northern Sky

"Fugir da manada" talvez seja a expressão que melhor explica aquilo que acontecia no cenário metal norueguês no início da década de 90. Isso porque a Noruega não passou imune ao período de maior criatividade do death metal, e praticamente todo jovem cabeludo no país tinha ao menos uma banda de death no currículo, assim como acontecia também na vizinha Suécia, na Finlândia e na Holanda. Porém, um grupo cada vez maior de músicos noruegueses começou a sentir que havia uma certa 'tendência' rolando no cenário death: todas as bandas procuravam encaixar sua sonoridade na escola de Tampa (EUA) ou Estocolmo (SUE), todos queriam gravar com Scott Burns no Morrisound Studio, todos queriam o mesmo artista ou ao menos o mesmo estilo de arte de capa e tudo começava a soar muito igual, o que parecia fugir daquilo que apregoava o som extremo.

Certos ou absolutamente errados, aqueles garotos começaram a rumar para uma musicalidade absolutamente crua e simples, minimalista e intencionalmente repetitiva, quase hipnótica. Visualmente, a proposta estética era a mesma: tons escuros, basicamente preto e branco, o mais simples possível. Praticamente da noite para o dia, a Noruega deixou de ser uma nação death e se tornou um dos berços do black metal ou, mais precisamente, da 'segunda onda do black metal'.

Um dos bastiões mais importantes desse novo movimento foi o Darkthrone. Respeitando-se as proporções para uma banda do underground, ela já era um nome solidificado no cenário extremo e seu debut, *Soulside Journey*, seria para sempre lembrado como um dos discos mais desafiadores do death europeu. Porém, nem a segurança do contrato com a Peaceville foi capaz de frear os impulsos de mudança que moviam Fenriz (bateria), Nocturno Culto (vocal e guitarra) e Zephyrous (guitarra). Registrado intencionalmente da maneira mais pútrida possível (o que teria sido a motivação para o baixista Dag Nilsen abandonar o barco ao final das suas gravações), *A Blaze in the Northern Sky* traz alguns dos melhores momentos do black norueguês – confira na célebre *In the Shadow of the Horns* e na não menos clássica *The Pagan Winter*, mas o fato é que a Peaceville, que vinha lucrando com o death metal na época, não queria lançar o álbum, que só saiu porque Fenriz ameaçou lançar de qualquer jeito, via Deathlike Silence, a gravadora do falecido guitarrista Euronymous, do Mayhem.

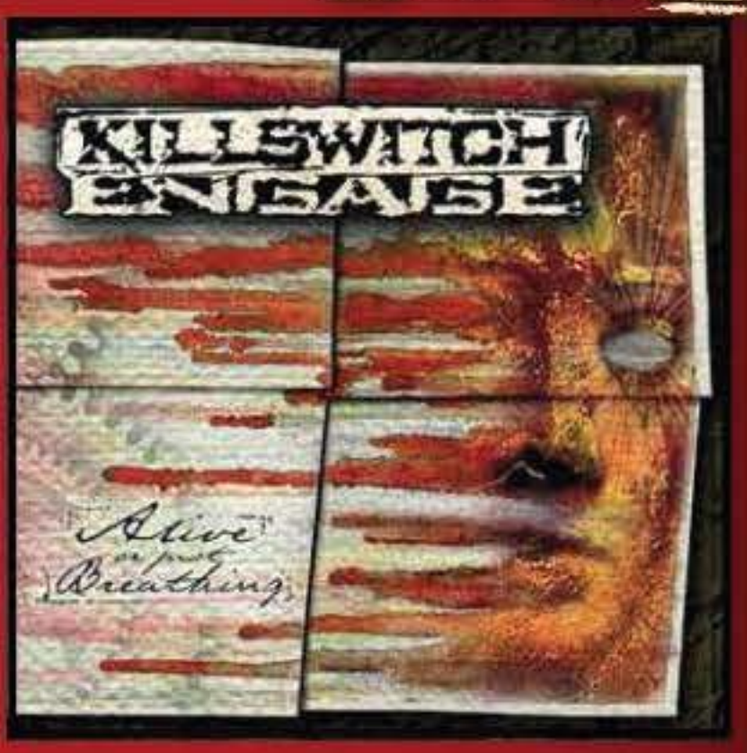
Valtemir Amler

2002 KILLSWITCH ENGAGE
Alive Or Just Breathing

Depois das quase intermináveis patacoadas musicais promovidas pela geração aglutinada sob o termo 'nu metal', uma nova geração de bandas buscava revitalizar o estilo, procurando uma sonoridade nova e marcante, mas que ao mesmo tempo mantivesse os alicerces mais caros do velho heavy metal. Evidenciando linhas de guitarra vibrantes e melódicas (inspiradas no power metal dos anos 80 e 90) e mesclando isso com o hardcore, a nova geração era guiada por nomes como Trivium, Unearth, Caliban, As I Lay Dying e All that Remains. Outro líder da cena, o Killswitch Engage surgiu em 1999 no Massachusetts (EUA).

Muitos dos predicados dos seus pares foram ouvidos no álbum de estreia, *Killswitch Engage*, de 2000. Músicas velozes e ricamente melódicas, com vocais variando do limpo e melódico ao rasgado e ríspido eram marcas típicas do metalcore, que tinha uma premissa bem diferente do nu metal: enquanto esse último buscava transformar o metal em um alienígena irreconhecível adornado com correntes de ouro e calças caindo, o metalcore nascia de músicos apaixonados por metal que queriam renovar o estilo, mas sem recusar o legado e a reverência aos grandes heróis do gênero.

Com um novo contrato em mãos (iam da Ferret para a Roadrunner) e com esse mesmo ideal assegurado, eles retornaram para ao Zing Studios, em Westfield, para gravar o segundo álbum. Embora a fórmula não apresentasse grandes mudanças, havia pequenas transformações acontecendo na estrutura da banda. Mike D'Antonio (baixo), Jesse Leach (vocal) e Joel Stroetzel (guitarra) mantinham seus postos, mas Adam Dutkiewicz começaria sua incrível metamorfose em *Alive or Just Breathing*. Ele, que havia gravado as linhas de bateria do álbum de estreia, repetiria a dose no então novo registro, mas adicionaria à sua lista de tarefas vocais de apoio, piano e guitarras, se tornando de vez uma das peças centrais na banda.



Essas pequenas transformações fizeram a diferença: são as guitarras que transformam este registro em um dos melhores de 2002, como você confere nos riffs densos, pesados e repletos de groove na trinca *My Last Serenade*, *Life to Lifeless* e *Just Barely Breathing* (canção de onde vem o nome do álbum). Depois de *Alive or Just Breathing*, mais mudanças entrariam em cena: Dutkiewicz assumiria de vez a guitarra e Leach cederia o posto para Howard Jones, que gravaria os próximos três álbuns, até o retorno de Leach. Mas essa já é outra história.

Valtemir Amler

Nelson Brito, Catalau, Paulo Zinner e Hélcio Aguirra: Golpe de Estado revolucionou o hard rock brasileiro

GOLPE DE ESTADO

UM INÍCIO BASTANTE PROMISSOR

PARTE 1

Dois amigos de infância realizam o sonho de montar uma banda e fazem dela um dos principais nomes do rock brasileiro

Por Antonio Carlos Monteiro

A história não é nova: amigos de infância que se apaixonam pelo rock, a vontade de montar uma banda, o advento do Rock in Rio que colocou o gênero musical em uma evidência que nunca havia experimentado por aqui, um plano econômico que, mesmo fadado ao insucesso, fez com que por alguns meses a população tivesse algum dinheiro no bolso e pudesse consumir música. Ah, claro: além de tudo isso, tem que ter uma banda talentosa, fazendo algo que ninguém tinha feito antes e disposta a dar a cara a tapa se fosse preciso. E assim tem início a trajetória do Golpe de Estado.

Nossa história começa no final dos anos 60. O hoje baixista Nelson Brito, com 8 anos conheceu um vizinho chamado Paulo Zinner, que se tornaria baterista. Viraram amigos inseparáveis e isso incluiu o gosto pela música, que pegou os dois ao mesmo tempo. "A gente começou a ouvir as mesmas coisas", contou Nelson em entrevista para este Background. "Naquela época, o pessoal se reunia pra ouvir música, o (guitarrista e vocalista) André Christovam morava ali perto e também se juntava com a gente. E aí a gente foi ficando louco... (risos) Começou aquele lance de 'vamos fazer uma banda!' Coisa de moleque, mas que não parou até hoje..."

Começaram a montar várias bandas cover, mas a principal foi o Fickle Pickle, que contava com André Christovam. Foi quando resolveram dar uma virada radical de página: em 1984, Nelson, Paulo e André foram embora para Londres. "A gente foi pra lá pra tocar!", conta o baixista. Só que não deu muito certo: "Chegamos em Londres, mas não pudemos entrar. Então, fomos pra Portugal, ficamos um tempinho lá e acabamos entrando em Londres por Paris. Ficamos um ano lá, chegamos a tocar em alguns bares, até que fomos convidados a voltar..." (risos)

Voltando pra casa

A volta ao Brasil aconteceu em agosto de 1985. "Foi logo após o Rock in Rio e nós resolvemos montar outra banda." Em entrevista a este repórter para a revista Metal #26, na época do lançamento do primeiro disco do Golpe, Paulo Zinner contou que "uma noite, estive na casa do Paulo Thomaz (então baterista do Centúrias, atualmente no Baranga) para fazer uma jam. Lá eu conheci o Hélcio e quando o vi tocando pensei: esse é o guitarrista!"

Ele se refere a Hélcio Aguirra, guitarrista paulistano que naquele mesmo ano de 1985 havia lançado o EP *A Ferro e Fogo* com a banda Harppia através do selo Baratos Afins, de Luiz Calanca, um dos maiores apoiadores do rock nacional. "O Paulo falou que a gente estava montando um grupo novo e perguntou se ele topava participar", lembra Nelson. Faltava o vocalista... "Alguém disse que conheciam o cara certo pra banda", continua o baixista, "e eu falei: 'Ele não, pelo amor de deus!'" (gargalhadas gerais) "Ele" era André Marechal, conhecido como Catalau, filho do cantor de blues Renê Marechal e que tinha participado do Fickle Pickle durante um breve período. Catalau também acabou criando também o nome da banda. Ele mesmo contou como aconteceu: "Eu fechei um show na casa Madame Satã (em São Paulo) sem sequer ter uma banda. Então, peguei uns alunos de música que eu tinha na época, ensaiamos direitinho, fomos lá e demos o golpe... (risos) E eu chamei essa banda de Catalau e o Golpe." Nelson comenta que "naquela época era tudo diferente, dava pra chamar uma banda de Golpe de Estado porque as coisas não tinham a conotação pesada que tudo tem hoje em dia. Hoje não dá pra falar quase nada..." E dá um exemplo: "Se *Garota de Ipanema* fosse escrita hoje, o Vinicius de Moraes estava fodido: 'Olha que coisa mais linda.' Chamando a mulher de 'coisa', imagina o que iam falar dele!"

Apenas uma banda de rock

Nelson resume de forma bem simples qual era a intenção quando o Golpe foi criado: "Fazer uma banda de rock! Mas

Nelson, Catalau, Paulo e Hélcio nos primórdios da banda

Catalau em cena

foi da mistura, da química dos quatro que saiu aquele som." Ele explica: "O Hélcio ouvia umas coisas mais pesadas, tipo Judas Priest e Black Sabbath. Eu e o Paulo curtíamos rock clássico, como Rolling Stones e The Who. E o Catalau era um Mick Jagger misturado com o demônio... (risos) Mas ele gostava de balada, de música brasileira, por incrível que pareça. E ele curtia muito uma melodia legal e trouxe isso pra banda. E ao vivo ele conseguia passar a verdade dele."

Isso começou a render vários shows para a banda. A primeira apresentação aconteceu numa festa realizada na casa de Rubens Gioia, guitarrista d'A Chave do Sol (vide minha coluna "It's Only Rock'n'Roll" nesta edição) e logo em seguida a banda fechou duas datas no à época popularíssimo bar Black Jack, em São Paulo. Em seguida, emendaram uma temporada de quatro datas abrindo para o Platina em março de 86 no Teatro Arthur Azevedo, também na capital paulista, shows que representariam um significativo passo na história da banda.

Porém, logo depois disso, mais precisamente em 22 de março, o Golpe de Estado se apresentou em Campinas, num evento chamado Rock in Lago, em que a recepção não foi das melhores. Nelson lembra: "Lembro desse show, o pessoal não curtiu. O Catalau apareceu de cabelo amarelo e a galera jogou coisa no palco... Nós fomos apedrejados, foi demais! (risos) Foi foda, mas foi legal!"

Porém, voltando pouco mais de uma semana no tempo, aqueles shows de abertura para o Platina tiveram uma presença ilustre na plateia: Luiz Calanca, da Baratos Afins. Ele tinha lançado o primeiro e único disco do Platina e conhecia Hélcio por conta do Harppia. "Ele gostou do que ouviu e convidou a gente pra gravar o primeiro disco", recorda Nelson.

Está dado o Golpe!

Segundo o baixista, a gravação do álbum "foi bem rápida", mesmo com alguns detalhes finais sendo resolvidos no próprio estúdio. Em abril, Catalau, Hélcio, Nelson e Paulo entraram no estúdio Vice-Versa, em São Paulo, com produção do próprio Luiz Calanca, para registrar, em 16 canais, os sete temas que estariam no trabalho de estreia: *Society*, *Sem Ser Vulgar*, *Pra Conferir*, *Olhos de Guerra*, *Underground*, *Aqui na Terra* e *Libertação Feminina*. Quem acompanha o Golpe sabe que pelo menos cinco dessas músicas são presença constante até hoje nos shows da banda, principalmente a paulistana *Underground* (de autoria de toda a banda) e a pungente balada *Olhos de Guerra*, escrita por Catalau e de letra inspiradíssima. Na ficha técnica, Calanca, que desde o primeiro momento aprovou o nome da banda, assinou um breve mas definitivo texto: "O Golpe de Estado não é uma subversão da ordem constitucional. É um golpe nos estados de espírito depressivos, nas pessoas acomodadas e no conformismo que nunca é compatível com o espírito do verdadeiro rock. Está dado o golpe!" Nelson lembra da produção comandada pelo dono da Baratos e afirma que "ele foi muito bem!"

Em maio o disco estava finalizado, mas ainda havia um problema a ser solucionado: em 1986 houve eleições no Brasil para governadores, senadores e

O baixo refinado de Nelson

Fotos: Cristina Mochetti

Hélcio levou o heavy metal para o Golpe

deputados, e o Plano Cruzado, editado em fevereiro daquele ano, havia criado uma falsa sensação de riqueza, o que fez com que os candidatos entrassem em campanhas milionárias. Como ainda não estávamos na era digital, o papel era um dos principais meios de divulgação das candidaturas, o que fez com que o produto simplesmente sumisse do mercado. "Os políticos esgotaram os estoques de papel para imprimir material de propaganda", esbravejou Catalau para a Metal. Isso fez com que o disco ficasse pronto apenas em setembro.

"Nós estamos dando um valor a esse disco muito maior do que é dado a um trabalho independente", disse Hélcio na época. "E eu sinto pra caramba o boicote que as pessoas fazem às gravadoras independentes. Isso é pura dor de cotovelo! O Luiz (Calanca) é um produtor que não deixa nada a desejar aos que trabalham com as grandes gravadoras, com a vantagem de dar, no momento da gravação, total liberdade de criação às bandas. E a gente tem a esperança de conseguir provar isso pra todo mundo com nosso disco."

33 ou 45?

Intitulado apenas *Golpe de Estado*, o álbum chegou às lojas ostentando uma belíssima capa assinada por Chico Guerreiro e que se tornou icônica: no desenho, os quatro músicos aparecem à frente da Estação da Luz, em São Paulo, como se estivessem abatidos após uma noitada daquelas (uma "noite de balada", provavelmente...). "O Hélcio morava bem perto dali, o Chico Guerreiro também, ele via essa imagem da janela da casa dele",

Paulo colocou seu talento a serviço do Golpe

conta Nelson. Ele também lembra que o artista já havia feito e colocado na parede de sua casa uma pintura a óleo com o mesmo cenário.

Um detalhe que marcou *Golpe de Estado* foi o fato de o LP (CD só surgiria alguns anos depois...) vir com um lado em 33 RPM e outro em 45 RPM. Era algo diferente, inovador até, motivado pelo fato de o repertório não ser tão grande (apenas sete músicas) e, tecnicamente falando, um disco em 45 RPM, pelos sulcos serem mais espaçados, ter uma melhor qualidade de som. "Foi uma ideia louca", resume Nelson, que lembra de alguns problemas gerados por essa característica: "Várias vezes eu ouvi no rádio uma das músicas de 45 RPM começando em 33 RPM. Daí dava um tempo, cortavam a música no meio e depois voltava na velocidade correta", diverte-se ele. Na época, também foram vários os comentários de fãs mais desavisados que reclamaram na Baratos que o disco estava com defeito...

À parte esse detalhe técnico, o resultado de *Golpe de Estado* foi dos melhores. Até o momento do lançamento do segundo disco, cerca de cinco mil cópias foram vendidas, o que é um número expressivo para uma produção de uma gravadora independente. Nelson dá sua opinião sobre os motivos que levaram a esse sucesso. "Cantar em português é um dos fatores. O disco tem várias letras legais, como *Underground* e *Olhos de Guerra*. Mas mesmo assim gerou aquela desconfiança: vamos ver como vem um segundo trabalho, vamos ver o que acontece com essa banda, será que é só isso, será que ela acaba, morre, continua?..." E Nelson garante que nunca se sentiu tentado a produzir letras em inglês: "Nunca tive esse tesão. Não, obrigado..." (risos)

Um aspecto que naqueles tempos era bem diferente dos dias de hoje era a quantidade de shows que as bandas faziam e o espaço que elas conseguiam nas rádios e até na TV. O Golpe esteve nos palcos inúmeras vezes após o lançamento do primeiro álbum, tocando em festivais, como a Praça do Rock, no tradicional Black Jack, no Projeto SP, que recebia os shows mais importantes em São Paulo, em espaços de outras cidades, como o Circo Marinho, em Santos, e no conhecido e disputado Centro Cultural São Paulo, na capital. E sempre arrastando um público considerável, numa situação completamente diferente da que acontece hoje. "Naquela época, todo mundo tocava nesses espaços. As bandas tocavam umas com as outras, rolava uma brodagem. Hoje não rola nada!", atesta o baixista.

As rádios especializadas em rock também davam muito espaço ao quarteto, como "a Brasil 2000, que abria para bandas novas, e a 97FM. Todo mundo tocava lá", garante ele. No caso desta última, sediada em Santo André, na Grande São Paulo, o Golpe de Estado chegou até a gravar umas vinhetas exclusivas para a rádio. Já nas TVs, o futuro seria mais promissor, com as emissoras abrindo as portas para o Golpe de Estado após o lançamento do segundo álbum. Mesmo assim, programas como Clip, da TV Bandeirantes, e Boca Livre, da TV Cultura, tinham espaço para bandas independentes e o Golpe era um dos principais nomes do momento.

O Golpe sempre levou multidões aos shows

O segundo disco

Como a repercussão do disco estava bastante positiva, a banda começou a pensar no seu sucessor. "Nós começamos a fazer as músicas e tocá-las ao vivo", conta o baixista. "Quando a fase da banda é boa, dá tudo certo, né? O pessoal foi curtindo as novas músicas

Catalau (nos ares) e Hélcio

e resolvemos gravar. Gravamos rápido também." Dessa vez, houve um 'upgrade' no orçamento e o trabalho seguinte, que recebeu o título de *Forçando a Barra*, teve direito a convidados especiais, maior tempo de gravação, capa dupla e estúdio melhor – o Guidon, de 24 canais. Dessa vez, havia repertório suficiente para fazer um LP com os dois lados em 33RPM: *Cobra Criada*, *Noite de Balada*, *Parte do Inferno*, *Onde Há Fumaça Há Fogo*, *Sem Elas*, *Moondog*, *Terra de Ninguém*, *Muito Chefe* e *Forçando a Barra*.

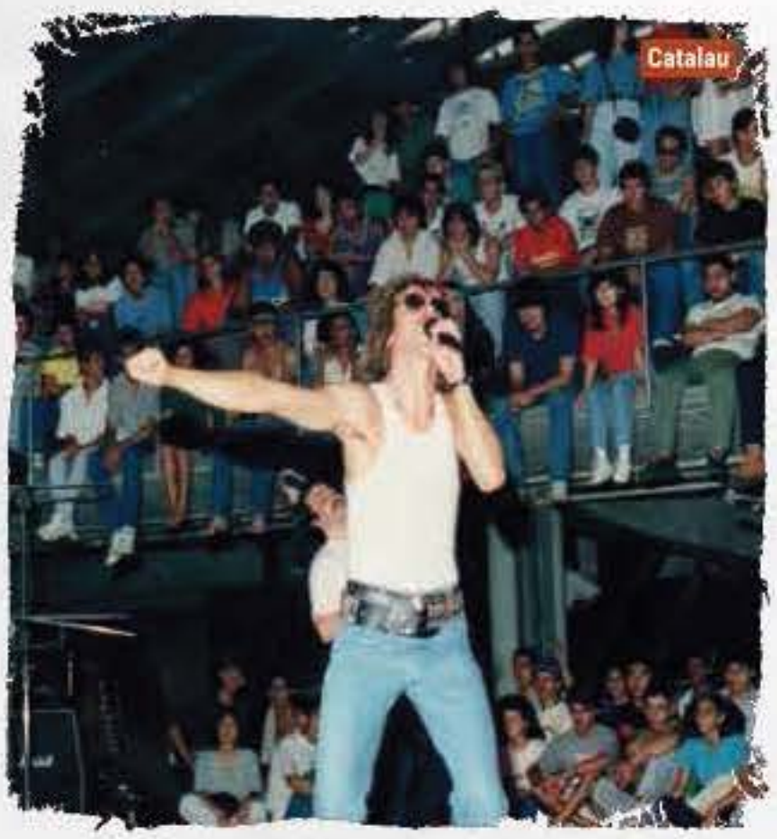
Nelson lembra que o processo de gravação foi rápido como o do trabalho de estreia: "As músicas estavam mais prontas", justifica. Fernando Costa, assinando como The Crow, participa nos teclados em cinco faixas (ele também foi o guitarrista do quarteto de hard rock Inox). Bocato (trombone) e Faria (pistom) participam de *Moondog*, assim como André Christovam, que gravou lap steel nessa faixa – o formato do instrumento fez com que na ficha técnica ele fosse referenciado como "Tatu"; já Branco Mello e Arnaldo Antunes, que na época estavam no auge com os Titãs por conta de discos como *Cabeça Dinossauro* (1986) e *Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas* (1987), fizeram backing vocals em *Onde Há Fumaça Há Fogo*. Sobre a participação desses dois últimos, Nelson lembra um episódio curioso: "Quando o Branco e o Arnaldo foram gravar, o Catalau não estava muito legal e eu e o Hélcio tivemos que levar ele pra descansar um

Golpe de Estado (1986)

Forçando a Barra (1988)

pouco. Aí eles chegaram lá pra gravar e o Zinner que produziu os dois... Eles perguntaram da gente e responderam: 'Eles foram internar o Catalau, mas tá tudo bem, viu?' (risos) Histórias..."

Outro fato curioso é a origem do nome do álbum. Nelson conta que toda vez que surgia um impasse e cada um começava a defender uma ideia diferente, Luiz Calanca interferia dizendo: "Vocês estão forçando, vocês estão forçando... Vamos acabar logo com isso, para de ficar forçando." "A gente ouviu tanto isso que o disco acabou virando *Forçando a Barra*. O Catalau escreveu essa letra no estúdio."


Catalau

Já a capa, novamente assinada por Chico Guerreiro, trazia a ilustração de um bar num clima "sexo, drogas & rock'n'roll" e na qual há várias referências às faixas do disco.

É tudo de todo mundo!

Novamente para a revista Metal, dessa vez na edição #49, a banda falou com este repórter sobre o repertório do álbum, que parecia mais orientado para o rock'n'roll do que o anterior. De acordo com Hélcio, "no primeiro disco nós praticamente só gravamos músicas que cada um já tinha prontas. Já este trabalho é mais coeso, é a fusão de estilos e das influências de cada um. Esse é o estilo do Golpe". "Mas esse é o som da gente hoje", emendou Paulo. "Como vai ser amanhã ninguém sabe – nem nós." Tanto que, enquanto no primeiro disco cada música trazia os nomes de seus autores, neste não há essa indicação: todas são de todos. "Isso acaba virando uma bola de neve", diz Nelson hoje. "É quando começa aquele negócio de 'isso é meu, isso é seu, essa virgula é minha...'. Pô, é tudo de todo mundo! Mas o clima na banda estava muito legal, tanto que a gente acabou tomando essa decisão."

O grupo também comemorava o momento que estava experimentando: "A recepção das pessoas, inclusive das crianças, é gratificante", afirmou Catalau. "É o tal negócio: o sujeito trabalha num escritório o dia inteiro, cheio de problemas, e quando vai num show de rock quer mais é botar o demônio pra fora. E é essa oportunidade que a gente quer dar pra ele." Paulo concordava e ia mais adiante: "Nosso objetivo foi atingido. Conseguimos criar um público, firmar nosso nome e abrir espaços para divulgação, tanto para shows como para divulgação junto a emissoras de rádio."

No entanto, nenhuma gravadora de maior porte se interessou pela banda, mesmo com toda essa repercussão: "Acho que esse som não interessa a eles", disse Nelson à época. "Eles associam nosso trabalho com o heavy metal. Mas nós também não forçamos, não fomos de porta em porta com nosso disco debaixo do braço." Catalau: "O que a gente mais quer é levar o nome do Golpe de Estado pra cima. É até difícil explicar... É pouca razão pra um caldeirão de emoção."

Sem ter do que reclamar

Hoje, Nelson escolhe *Moondog* como sua faixa favorita do disco: "Essa música é um blues, uma coisa bem diferente do que a gente tocava. E o Hélcio se adaptou a tocar o blues, passou a tocar do jeito dele e aí virou aquilo que virou, uma mistura do blues com o metal."

Já a repercussão de *Forçando a Barra* o baixista define como "ótima. Como eu disse, teve aquela expectativa do segundo disco. Ficou aquela dúvida: 'O que esses caras vão fazer?' E o seguinte álbum foi mais robusto, deu pra sacar que o público podia confiar na banda. Ele deu muita credibilidade pro Golpe."

Mas quando se quer saber se os cachês melhoraram, ele não perde a chance: "Ah, claro, viraram cachês milionários! (muitos risos) Na verdade, dava pra pagar

Catalau e Hélcio

as contas. Quando aparecia uma grana maior, você comprava um instrumento... Não dava pra reclamar, a gente fazia muitos shows e vendia muitos discos. Na verdade, esses discos vendem até hoje."

Forçando a Barra foi lançado em setembro de 88 e já saiu com uma tiragem de cinco mil cópias. Ao lançamento se seguiu uma bateria de shows, incluindo casas como Dama Xoc, Espaço Mambembe, Projeto SP e Centro Cultural São Paulo. Já a imprensa, que, antes do lançamento, Paulo disse que "sempre foi muito boa com o Golpe, não temos do que reclamar", continuou aprovando o trabalho dos quatro e os quatro concediam inúmeras entrevistas, incluindo coletivas, prática que só acontece com nomes consagrados. Além disso, a TV finalmente se rendeu à qualidade do Golpe de Estado e a banda era presença constante em emissoras como TV Gazeta, TVS (hoje SBT) e principalmente TV Cultura, que abriu as portas de uma série de programas para a banda – até no "Revistinha" eles apareceram.

Mas um dos principais anseios da banda ainda estava em aberto: apesar de o trabalho da Baratos Afins ser merecedor dos maiores elogios, o Golpe sentia que era hora de assinar com um grande selo. E isso aconteceu mais rápido do que eles imaginavam. *Continua...*

Golpe em cena

HEADPHONES IN FURY

POWERED BY EDIFIER

fonesdeouvido.com.br
alta fidelidade para todos

Por Leandro Nogueira Coppi • Foto: Bruno Carmo

ELECTRIC GYPSY

ÁLBUM: ELECTRIC GYPSY (2021)
MÚSICA: THE DEVIL MADE ME DO IT

"A música *The Devil Made Me Do It*, faixa do primeiro álbum da banda mineira de hard rock Electric Gypsy, tem uma levada simples, mas cativante, a chamada 'fórmula clássica'. Ela traz um pré que dá aquela crescida e chega no refrão, que é simplesmente espetacular. Cozinha perfeita, trabalhos de guitarra e voz igualmente impecáveis. Electric Gypsy é, com certeza, a melhor banda brasileira da nova geração do hard e os próprios leitores da ROADIE CREW atestaram isso na votação dos melhores de 2021. O Nite Stinger teve o prazer de dividir o palco com eles e pudemos atestar isso, também!"

KANE ROBERTS

ÁLBUM: SAINTS & SINNERS (1991)
MÚSICA: FIGHTER

"Simplesmente Desmond Child. Essa música, que faz parte do segundo álbum solo de Kane Roberts, ex-guitarrista da banda de Alice Cooper, me acompanhou em um momento muito difícil no último ano e a mensagem dela de manter a cabeça erguida, lutar e seguir em frente me ajudou muito. A subida de tom no final arrepia. Já ouvi falar que essa música tem backing vocals não creditados de Paul Stanley! Uma curiosidade deste disco é que *Does Anybody Really Fall in Love Anymore?* foi composta por Desmond Child junto com Jon Bon Jovi, Richie Sambora e Diane Warren. Ela seria para um disco da Cher, mas acabou no de Kane Roberts".

RATT

ÁLBUM: DETONATOR (1990)
MÚSICA: ONE STEP AWAY

"Olha o Desmond Child novamente na área. Desta vez, levando o Ratt para um lado mais melódico, que foi pouco explorado pela banda nos álbuns anteriores. Em minha opinião, mesmo *One Step Away* não tendo a fórmula clássica de músicas como *Lay it Down*, *Back for More* e *Body Talk*, entre outras do Ratt'N'Roll, é uma das melhores da história da banda. O Ricardo Batalha, da ROADIE CREW, brinca com o lance da Kombi do Ratt faz tempo, mas ele sabe que eu sou um dos que está no banco da frente." (risos)

TREAT

ÁLBUM: THE PLEASURE PRINCIPLE (1986)
MÚSICA: REV IT UP

"Olha a Suécia aqui novamente (risos). Bem, posso resumir afirmando que poucas coisas no mundo me emocionam mais que um refrão cantado com aquele 'gang vocal' quase que em uníssono. E o de *Rev it Up*, faixa que abre o segundo álbum do Treat, é maravilhoso. Para mim, é a música de festa perfeita! O debut do Treat, *Scratch and Bite*, de 1985, é mais conhecido porque saiu em vinil no Brasil na época, mas se curte hard rock pode colocar *The Pleasure Principle* para ouvir que vale a pena."

BRITNY FOX

ÁLBUM: BITE DOWN HARD (1991)
MÚSICA: LOUDER

"Novamente estamos diante de uma composição bem simples, mas que a levada contagia. Este é o tipo de música que mais gosto de ouvir e, hoje em dia, de fazer. *Louder*, que faz parte do terceiro álbum da banda americana Britny Fox, apresenta um riff simples de Michael Kelly Smith, muita pegada em todos os instrumentos e um refrão grudento. Melhor impossível! O Britny Fox não é uma banda tão comentada, até mesmo pelos fãs de hard, mas vale conhecer."

CRAZY LIXX

ÁLBUM: STREET LETHAL (2021)
MÚSICA: RISE ABOVE

"*Rise Above* é a música que abre *Street Lethal*, o mais recente disco dos suecos do Crazy Lixx, que acompanho desde o primeiro álbum, *Loud Minority* (2007). O riff e a bateria vêm numa levada mais heavy que a habitual deles, mas com um refrão melódico cantado por Danny Rexon que é simplesmente matador! O trecho 'feel the rhythm of thunder' define a música perfeitamente. É um trovão de peso e melodias. Por sinal, esta é uma das características das bandas suecas."

ANDRE MATOS
MAESTRO DO ROCK

O 1º filme do Documentário Andre Matos - Maestro do Rock, já está disponível no streaming em uma parceria com a Roadie Crew. A exibição será na plataforma Vimeo e conta com **CONTEÚDO EXTRA INÉDITO E EXCLUSIVO**, que não estará disponível em nenhum outro lugar.

ALUGUE E ASSISTA!
ONDE ASSISTIR?

Você vai alugar e assistir através da plataforma VIMEO, totalmente online. Como é uma plataforma gringa, o preço é em dólar americano. Nessa plataforma é possível assistir no celular, tablet ou TV.

GARANTA SEU DESCONTO

Confira descontos disponíveis para assinantes e novos assinantes da Roadie Crew e do canal da revista no YouTube e doadores da vakinha!

ASSINANTES E NOVOS ASSINANTES
ROADIE CREW
50% OFF

ASSINANTES E NOVOS ASSINANTES DO CANAL DO YOUTUBE
ROADIE CREW
20% OFF

DOADORES ACIMA DE R$ 25 PARA A PRODUÇÃO DO FILME
vakinha
50% OFF

COMPRADORES DO BOX DOCUMENTÁRIO "ANDRE MATOS – MAESTRO DO ROCK
ANDRE MATOS MAESTRO DO ROCK BOX
50% OFF

ROADIE CREW

Alugue o documentário agora mesmo!

ROADIECREW.COM/ANDREMATOS

ROADIE CREW

Divulgação

TARJA
A MÚSICA COMO FATOR DE CURA

Prestes a desembarcar no Brasil para, enfim, realizar a turnê de seu último álbum, Tarja dá um panorama empolgado de suas atividades desde a pandemia

Por Daniel Dutra

A pandemia do novo coronavírus ainda não acabou, mas alguns prazeres da vida normal começaram a voltar ao dia a dia. Finalmente, Tarja Turunen desembarca no Brasil para mostrar o show da turnê de *In The Raw* (2019), com datas em três cidades: Limeira (SP), São Paulo e Rio de Janeiro nos dias 15, 16 e 17 de abril, respectivamente. Mas há muito mais acontecendo no mundo da artista finlandesa: um livro, "Singing In My Blood", e o projeto de música eletrônica Outlanders - já com pelo menos três singles lançados digitalmente no momento em que você lê estas linhas - foram resultado direto do período sem subir nos pacos mundo afora. Simpática e empolgada como de costume, Tarja contou tudo para a ROADIE CREW, numa entrevista que você também pode acompanhar no canal da revista no YouTube. E na íntegra!

Uma pergunta que se tornou importante desde 2020. Como você está nesta pandemia?

Tarja Turunen: Os últimos anos foram mesmo desafiadores, e aqui na Europa ainda está tudo muito estranho, agora com uma guerra. Devo dizer que, depois do choque inicial da pandemia, consegui sobreviver com a minha criatividade e a ajuda da minha família, dos meus amigos e dos meus fãs. Não foi fácil no começo, mas tenho me mantido produtiva e desejo muito que as coisas voltem ao famoso normal, porque realmente sinto muita falta dos meus shows e da vida que eu tinha antes de tudo isso. Há pessoas que gostam de estar dentro do estúdio, trabalhando, mas não sou esse tipo de pessoa. Sou performática, uma artista e, gosto de estar por aí fora.

Você citou a guerra na Ucrânia, e acredito que há um motivo maior de preocupação para você, uma vez que Vladimir Putin fez ameaças a Finlândia e Suécia...

Tarja: Isso é extremamente preocupante para nós, sendo bastante sincera com você. Visitei minha família recentemente, e foi muito bom voltar à Finlândia. Pude ver o meu pai, que é um filho da guerra... Já vivemos uma guerra similar à que a Ucrânia vive agora, justamente contra a Rússia (N.R.: a Guerra do Inverno, que começou em novembro de 1939, quando os russos bombardearam Helsinque, e terminou em março de 1940). Minha família vive muito próxima à fronteira e não está nem um pouco feliz. Sou totalmente contra qualquer violência ou coisas assim. Isso tem que acabar.

***In the Raw* foi lançado sete meses antes de a Covid-19 ficar muito séria em todo o mundo. No entanto, apesar de ter precisado cancelar shows, não parece que o seu processo criativo tenha sido afetado pela pandemia, certo?**

Tarja: Exatamente. Eu tenho sido criativa! É claro que eu quero terminar a turnê do *In the Raw*, quero ir ao Brasil, e estou muito animada com isso, mas durante a pandemia eu compus material novo para o próximo disco, embora não tenha iniciado a produção dele ainda por ter que sair em turnê com o álbum mais recente. Lancei o Outlanders, meu projeto de música eletrônica, e temos soltado faixas a cada dois meses, sendo que a próxima será lançada daqui a 20 dias (N.R.: 25 de março). São oito singles a serem lançados nos próximos meses... Tenho gravado, produzido, enfim, feito muitas coisas! Também escrevi um livro e, aliás, duvido que algum outro livro tenha sido escrito tão rápido quanto o meu! (risos) Foi uma experiência bacana, que me fez revisitar a minha vida e minhas memórias por meio de fotos. Foi muito bom. Gostei muito!

Vamos falar do livro, então, porque "Singing in My Blood", até onde eu sei, não é uma autobiografia típica, é

mais focado na música. Como ele será lançado no Brasil, o que mais você pode falar dele?

Tarja: Exatamente, e creio que já deveria ter sido lançado no Brasil! Fiquei muito feliz por ter encontrado um editor que pudesse traduzi-lo para o Português, assim meus fãs brasileiros poderão ler o livro. Mas ele tem sido mal-interpretado, porque não é mesmo uma autobiografia. É sobre mim, sim, só que mais do que isso: é sobre a minha música e o meu lado criativo, sobre como é ser uma artista na estrada, como é a minha vida quando fecho a porta de casa. Tem várias fotos lindas, desde quando eu era criança até agora. Por não morar na Finlândia há muito tempo, e eu tenho morado na Argentina, na Alemanha, na Espanha e até no Caribe, os finlandeses não conseguem imaginar o que eu tenho feito nesses anos todos longe do meu país! (risos) Isso abriu os olhos de muitos finlandeses, tipo 'Ei! Nós temos esse tipo de artista!?' (risos). Foi muito bom trabalhar nesse livro.

Você escreveu o livro e começou o Outlanders com Torsten Stenzel, mas isso é trabalho. Acredito que você teve algum tempo livre para fazer coisas que normalmente não consegue, porque está compondo, gravando, em turnê...

Tarja: Ah, sim! Eu tenho cuidado de mim! Pela primeira vez na minha vida, eu realmente cuidei de mim fisicamente. Tenho estado com diferentes terapeutas corporais, porque meu corpo entrou num choque e colapso depois da parada brusca causada pela pandemia. É claro que sempre cuidei de mim fazendo exercícios físicos e correndo, mas desta vez meu corpo desligou, tipo 'Ei, temos dores por todas as partes!', e tive de investigar o que era isso. Pensei: 'Ai, eu estou ficando velha. Isso não é legal!' (risos). Falando sério, foi bom parar para me cuidar e cuidar da família. Eu fico tão feliz por estar com a minha filha, Naomi, que já está com 9 anos, e eu não a via tanto antes! Então, tem sido ótimo estar em casa e cuidar dos meus entes queridos.

Vamos falar do Outlanders, e minha primeira pergunta e simples e até óbvia: como surgiu a ideia?

Tarja: Eu tenho uma casinha de verão no Caribe, numa ilha chamada Antígua, e conheço o Torsten há muito tempo. Ele tocou no meu primeiro disco de rock, *My Winter Storm* (2007), e escrevemos algumas músicas juntos. Viramos amigos, Torsten se mudou para Antígua, e eu o segui até lá para uma sessão de composição. Uma vez na ilha, eu tinha algumas demos e falei para ele: 'Como você é um superprofissional da música eletrônica, e eu não faço a menor ideia de música eletrônica, poderíamos fazer algo juntos? Algo totalmente louco?', e começamos a trocar ideias sobre isso porque ele topou na hora! Torsten perguntou se eu já tinha alguma coisa, então mostrei minhas demos. A guitarra surgiu na história porque ela conecta o meu histórico no rock, junto com a minha voz, a esse som eletrônico. Foi ótimo, porque não há muito disso na música eletrônica, ou seja, a forma como eu uso a minha voz, como se estivesse pintando imagens nas músicas, com harmonias aqui e ali, e não apenas como solista, e a guitarra é absolutamente importante em cada uma das canções. Temos uma lista de nomes incríveis, e cada um com seus talentos especiais e estilos únicos, por isso foi incrível tê-los no projeto. É um projeto bem-humorado, feito com muito amor, feito com amigos, é diferente, e eu quis dar uma chance a ele. Demorou muito tempo para realizarmos, mais ou menos uns dez anos, porque não tínhamos pressa e não era uma prioridade, só que a pandemia nos deu a oportunidade de terminá-lo.

Sobre os guitarristas, vou antecipar uma das minhas perguntas. Al Di Meola, Trevor Rabin e Vernon Reid são os primeiros convidados especiais, então me pergunto quais são os próximos, porque você já começou com o nível lá em cima...

> **"Todos nós temos uma parte da alma que precisa de cuidados, e a música está aí para isso"**

Tarja: Eles são realmente únicos! E todos os guitarristas que estão envolvidos nesse "disco", porque se trata apenas lançamentos de singles que talvez virem um CD, um vinil, abraçaram o projeto. Temos nomes como Joe Satriani, que é um velho amigo; Mike Oldfield; Steve Rothery, do Marillion; Marty Friedman... Durante a pandemia, eu estava contatando as pessoas, falávamos por chamada de vídeo, e todas abraçaram o Outlanders. Dado os históricos de cada um, eles ficaram imensamente animados e se envolveram com o projeto, pedindo as músicas! Tem a Jennifer Batten, e é inacreditável o que ela fez em uma das canções! Fiquei com lágrimas nos olhos ouvindo o que eles me mandavam.

Voltando ao estilo do Outlanders, eu havia perguntado sobre o início porque apesar de você chamar seus discos solo de 'álbuns de rock', eles são bem heavy metal. Ou seja, talvez desacelerar um pouco tenha sido necessário neste período difícil que estamos vivendo...

Tarja: Eu estou sempre fazendo algo assim, como as minhas músicas de Natal, por exemplo. Anualmente, faço turnê com as músicas natalinas no fim do ano, e adoro esses shows porque, depois de um longo ano de muito trabalho e cansaço, as pessoas vão me ver e me ouvir cantar numa apresentação muito relaxante e calma. Esse momento acalma suas almas e a minha, me cura, faz com que eu sinta as minhas energias voltando, ainda que eu esteja trabalhando. Então, o Outlanders pode ser um projeto como esse, que pode relaxar sua alma fazendo-o se esquecer de quem você é por um instante, ou do que estamos passando no momento, porque é música. A música sempre está conosco para nos fazer sentir bem. Pense no mundo sem música... Seria um lugar horrível para se viver! Eu amo fazer coisas diferentes na música, e se eu achar que vale a pena, eu farei! Amo minhas turnês de rock, bater cabeça, pular feito uma louca, gritar, ver o público e ser feliz. Amo compor heavy metal, mas tenho esse outro lado que precisa de cuidados. Todos nós temos uma parte da alma que precisa de cuidados, e a música está aí para isso.

E preciso perguntar sobre a letra de *The Cruellest Goodbye*, a segunda música. É 'uma triste história sobre um amor proibido', mas não acredito que tenha sido baseada numa experiência pessoal. Quem foi a inspiração?

Tarja: A música é linda, e a história, bem sombria. Tem esse impacto emocional, mas não é mesmo uma história sobre mim. É sobre um amigo meu e seu amor proibido, e não foi fácil perceber que algo desse tipo ainda acontece no mundo atual, ou seja, não poder amar e ser amado. Ele não sabe que a música é sobre ele, e é melhor assim (risos). Eu escrevo muitas músicas que não são sobre mim, e, agora que você mencionou, é meio apavorante pensar se as pessoas um dia perceberão que as músicas são sobre elas, meu Deus... (risos).

Antes de terminarmos, gostaria de dizer que fiquei surpreso ao ler, no fim do ano passado, que você teve um acidente vascular encefálico em 2018. Até porque foi logo depois da turnê no Brasil, e você estava ótima em cima do palco, mas fico feliz que você esteja 100% bem...

Tarja: Obrigada! Foi algo realmente inesperado, mas estou mais forte do que nunca agora. Dizem que sempre passamos por problemas para termos uma vitória, e a fragilidade da vida nos fazer querer lutar por ela. Precisamos ser humildes o suficiente para entender o que temos, aceitar e seguir adiante. E estou muito bem agora. Obrigada por perguntar!

BULLET FOR MY VALENTINE

MÁQUINA BEM AZEITADA

Michael "Padge" Paget explica como, mesmo em meio às dificuldades, a pandemia acabou fazendo bem à banda britânica e a seu novo e homônimo disco

Por Daniel Dutra

Imagine uma banda lançando um álbum experimental que não caiu nada bem entre os fãs. Imagine que a mesma banda é, como todas as outras ao redor do mundo, atingida pela pandemia do novo coronavírus. Mas imagine que ela estava trabalhando em seu novo disco, cuja sonoridade tanto iria agradar aos fãs quanto dar a eles uma dose a mais de peso e agressividade. Esta banda é o Bullet for My Valentine, que lançou no fim de 2021 seu sétimo e homônimo novo trabalho, e Matthew "Matt" Tuck (vocal e guitarra), Michael "Padge" Paget (guitarra), Jamie Mathias (baixo) e Jason Bowld (bateria) não pouparam esforços na hora de retomar o característico metalcore com elementos de thrash metal de sua história. No fim das contas, a pandemia acabou sendo benéfica ao quarteto e a *Bullet for My Valentine*, como Padget explicou nos 15 minutos do bate-papo realizado pouco tempo antes de o BFMV ser anunciado para o Dia do Metal do Rock in Rio 2022, como atração principal do Palco Sunset - mas foi tempo suficiente para o guitarrista mostrar uma perspectiva positiva em relação ao pós-pandemia. Boa leitura.

BULLET FOR MY VALENTINE
Spinefarm - Imp.

Como você está se saindo nesta pandemia que nunca acaba?

Michael "Padge" Paget: No momento, estou um pouco doente, mas não é nada grave. No geral, estou bem.

Espero que você se recupere logo...

Michael: Obrigado!

A pandemia da Covid-19 adiou o lançamento do novo álbum do Bullet for My Valentine, que foi lançado basicamente dois anos depois de a banda ter começado a trabalhar nele. O que mudou durante esse período?

Michael: Acredito que, devido ao fato de não podermos sair em turnê, houve uma mudança com relação à presença on-line da banda. Estamos em plataformas como Patreon e Discord, por exemplo, e essa foi uma mudança positiva, além de ser uma excelente mídia para os fãs. É claro que sentimos falta das turnês, e imagino que deixaremos essa parte virtual um pouco de lado tão logo elas voltem a acontecer. E sim, nós adiamos levemente o lançamento do disco, mas ainda assim torcemos para que seja um estouro. Veremos o que vai acontecer.

A propósito, como você lidou e vem lidando com o que está acontecendo? Creio que você teve tempo para fazer coisas que normalmente não consegue, exatamente por estar constantemente na estrada...

Michael: Sim, porque estar em casa o tempo todo me deu tempo para focar no disco e nas minhas partes nas músicas. Na verdade, deu a todos nós tempo para trabalhar detalhadamente a pré-produção, já que não tínhamos mais nada para fazer. E isso foi extremamente benéfico para o álbum. Quando finalmente entramos em estúdio para gravá-lo, o processo foi muito fácil, uma vez que todos sabiam exatamente o que estavam fazendo. Esse foi o disco mais fácil que gravamos até hoje... Quer dizer, o processo de composição não foi (risos), mas o de execução foi muito tranquilo.

Ou seja, você aproveitou o tempo livre para fazer o que normalmente faz: dar atenção ao Bullet for My Valentine (risos).

Michael: Ah, mas isso aconteceu porque, logo no início de 2020, o processo de composição foi um pouco difícil. Pensamos 'Que merda! Como vamos compor e gravar sem podermos viajar!?', porque moramos em quatro países diferentes no Reino Unido. Dois integrantes moram na Inglaterra, que impôs barreiras para outros países, mas ao menos eles podiam se encontrar lá mesmo. Assim, Matt podia ir ao estúdio do Carl (N.R.: Bown, produtor) e trabalhar lá, mas só depois que levantaram as barreiras ele pôde viajar e vir ao meu estúdio. Isso tudo foi um pouco difícil, mas encontramos formas de driblar a dificuldade, e tudo funcionou muito bem. Já que não podíamos ir a lugar algum, aperfeiçoamos o disco trabalhando nele sem parar. Então, se houve uma única coisa boa de toda essa pandemia, essa coisa foi o resultado que obtivemos em *Bullet for My Valentine*.

Aliás, há algum motivo específico para o novo álbum ser autointitulado?

Michael: Nenhuma razão especial, honestamente. Chegamos a pensar em alguma das músicas para usar como título, mas chegamos à conclusão de que um disco homônimo seria legal. Não ha-

víamos feito isso ainda, e, além disso, dá a sensação de energia renovada, pois agora finalmente temos "A banda" e nada pode nos parar. Somos uma máquina muito bem azeitada. É como se tivéssemos ressurgido das cinzas de outro tempo para um novo Bullet for My Valentine, então nomear o disco com o nome da banda era a coisa certa a se fazer. A não ser pelas composições, nada mais foi milimetricamente pensado com um plano específico. Apenas seguimos nossos corações.

Interessante, porque eu cheguei a pensar que fosse uma declaração proposital da banda. O novo disco é melódico, obviamente, mas também bastante pesado e agressivo, e talvez alguns pessoas não estejam esperando por isso depois do *Gravity* (2018)... Eu não estava (risos).

Michael: Umas coisas obscuras estavam acontecendo na época do *Gravity*. Matt estava passando por problemas pessoais, e acredito que foi por isso que ele teve a visão de fazer um álbum mais experimental. No fim das contas, o *Gravity* apontou para nós uma direção diferente a seguir com o novo disco, então eu posso dizer que sem ele o *Bullet for My Valentine* não teria acontecido. Além disso, eu adoro o contraste entre os dois. É muito interessante, e espero que, assim como você, que não esperava por essa mudança de rumo, outras pessoas gostem do que vão ouvir.

E o impacto acontece logo de cara. Por causa dos 90 segundos iniciais de *Parasite*, eu cheguei a pensar que o link de streaming que a gravadora enviou estava errado... (risos)

Michael: (rindo) Eu entendo muito bem o que você quer dizer!

> "Acredito que o porquê de muitas pessoas não terem gostado se deve ao fato de que é um trabalho experimental"
> Michael "Padget" Paget
> (sobre Gravity)

... Mas depois daquele minuto e meio, só deu para dizer 'puta merda!' (risos).

Michael: E esse era o plano! Assim que fizemos a demo de *Parasite* e finalizamos a música, eu quis que ela fosse a faixa de abertura do disco porque, novamente, pareceu a coisa certa a ser feita. Eu realmente queria que fosse como um soco no estômago. Perguntei ao Matt se ele concordava, ele topou, e então fomos para cima com tudo. Era pra atingir todo mundo com uma tonelada de tijolos, mesmo. E *Parasite* é um baita desafio, mas muito divertida de tocar.

O mais interessante é que *Bullet for My Valentine* tem elementos que podem atrair o fã mais convencional de heavy metal. Uma música como *Knives*, por exemplo, tem riffs que adicionam peso mais até do que os vocais agressivos. O trabalho de guitarras, aliás, é bem inspirado.

Michael: De fato, a pandemia nos deu tempo de trabalhar melhor os detalhes de cada música, especialmente os riffs. Nós reescrevemos um monte de músicas, e, ao fim das sessões de trabalho, elas não estavam nem um pouco parecidas com o que eram. De toda essa desgraça que tem sido a pandemia, é mesmo verdade que ao menos isso teve de bom para a banda. Na verdade, acredito que não somente conosco, mas que aconteceu da mesma forma para todos os músicos e bandas por aí, então creio que viveremos um momento incrível de músicas maravilhosas sendo lançadas. E vou além da música, porque apostaria que esse retorno será incrível na arte em geral, porque é isso que o ser humano faz: somos seres criativos e precisamos de canais para dar vazão a essa criatividade. Quando temos que estar isolados 24 horas por dias, sete dias por semana, começamos a buscar dentro de nós mesmos

Divulgação

Divulgação

Michael "Padge" Paget, Jason Bowld, Matthew "Matt" Tuck e Jamie Mathias: de volta às raízes

o que temos de melhor. Teremos tempos interessantes adiante, acredito.

Ótima ou realista, não importa. É uma perspectiva realmente interessante, ainda mais depois de a saúde mental de todos nós, ou de quase todos, ter sido colocada à prova durante quase dois anos.

Michael: Em 42 anos de vida, eu nunca vivi nada assim. São tempos verdadeiramente difíceis estes que estamos vivendo e enfrentando. E tempos assim nos empurram com força, junto com as questões emocionais que surgem, para criar algo. De alguma forma, eles nos movem para fazermos alguma coisa. A arte se alimenta disso, ou seja, da necessidade de o ser humano expressar, de alguma forma, tudo por que esta passando. Seja através da música, da pintura, do desenho ou qualquer outra forma de arte. E o ser humano se expressa assim para conseguir alguma paz. Ironicamente, tudo tem sido bastante positivo no mundo do Bullet for My Valentine. Lançamos o novo disco e agora esperamos voltar aos palcos.

Para terminar, já que nosso tempo se esgotou, vamos voltar à música. Particularmente, e porque citei o *Gravity* anteriormente, estou curioso para ver como os fãs vão reagir ao novo álbum. Músicas como *My Reverie* e *Can't Escape the Waves* poderiam estar naquele disco ou, pelo menos, poderiam ter sido a nova direção musical do Bullet for My Valentine...

Michael: Essa é uma linha de raciocínio bem interessante. Acho que algumas pessoas não gostam de mudanças, sabe? Infelizmente, não podemos agradar a todos, e sempre haverá alguém que não gostou de alguma coisa, e fico feliz pela maneira como você parece se relacionar com o *Gravity*, porque não se trata de um disco ruim. Acredito que o porquê de muitas pessoas não terem gostado se deve ao fato de que é um trabalho experimental. Definitivamente, ele não soa como Bullet for My Valentine tradicional, mas essa era a intenção do Matt. Ele sempre quer testar coisas novas, justamente porque não quer compor o mesmo álbum duas vezes. Matt gosta de mudanças, e eu acho que mudar é bom.

> "(...) esse retorno será incrível na arte em geral, porque é isso que o ser humano faz: somos seres criativos e precisamos de canais para dar vazão a essa criatividade"
> **Michael "Padget" Paget**
> **(sobre o pós-pandemia)**

O Dia do Metal no Rock in Rio

A essa altura, acredito que você já tenha conferido o line-up da edição 2022 do Rock in Rio – aquela que deveria ter rolado em 2021, mas acabou adiada por causa da pandemia. Cabe a pergunta: e aí, gostou? Cabe, também, uma constatação: tudo bem que há os sócios de carteirinha (Iron Maiden e Sepultura), e talvez o Dream Theater devesse tocar antes do Megadeth ou pudesse estar no Palco Sunset, mas o fato é que, assim como em 2019, quando o Dia do Metal foi uma lindeza só, a curadoria do festival não deu bola fora. E a escalação do Bullet for My Valentine como headliner do Sunset reforça isso: a saudável mistura de subgêneros do metal dá na cara do preconceito, mas a entrada do BFMV também pode atrair uma considerável parcela de fãs para o mundo de Living Colour, Steve Vai e dos músicos que compõem o Metal Allegiance, todos eles nomes mais palatáveis ao público regular do heavy metal. Para completar, a escalação do Black Pantera foge tanto do lugar-comum quanto também dá voz a uma fundamental questão social, especialmente em tempos tão difíceis. O dia promete, e todo mundo sai ganhando.

Daniel Dutra

MANIFESTO: O MELHOR POINT ROCK DO BRASIL!
CONFIRMADO POR QUEM MAIS ENTENDE DE ROCK NO MUNDO!

RUA IGUATEMI, 36C - ITAIM BIBI - SÃO PAULO/SP - FONE: (011) 3168-9595 www.manifestobar.com.br

facebook.com/manifestobaroficial
youtube.com/user/ManifestoBar666
instagram.com/manifestobar
twitter.com/manifesto_bar

JD UARTE® DESIGN

Serviços de ***design*** e ***web design***
para produtoras, bandas e músicos em geral.

Criação de sites responsivos
cartazes • flyers • banners • anúncios
artes mídias sociais • CD/DVD

www.JDuarteDesign.com

SCAN ME

EXPERIMENTAL, OUSADO E PRONTO PARA CORRER O RISCO

Em seu novo disco *Sleep Society*, a banda britânica aprofunda o espírito experimental de *So What?* (2019), mas sem perder a base metalcore

Por Valtemir Amler

Formada em 2006 na Inglaterra, a banda While She Sleeps apenas lançou seu primeiro álbum completo (*This Is the Six*) em 2012, muito tarde para aproveitar a era em que o metalcore era uma tendência no mundo da música pesada. Se isso poderia ser um problema para os negócios eles nunca se preocuparam, pois eram motivados pela paixão e liberdade oferecidas pelo estilo, como nos contou o vocalista Lawrence Taylor, nosso entrevistado. Com o novo álbum, *Sleep Society*, saindo do forno, eles continuam apostando numa música ousada, universal e desafiadora, como revela o vocalista.

São quinze anos de While She Sleeps. Sei que este não é o momento mais adequado para celebrações, mas ainda assim isso é algo realmente digno de menção.

Lawrence "Loz" Taylor: Muito obrigado pela lembrança. Pois é, este é um tempo realmente longo, durante o qual muitas coisas aconteceram. Coisas boas e ruins, mas felizmente mais coisas boas, e é por isso que ainda estamos aqui. Veja, esta banda foi formada por velhos amigos, Aaran (McKenzie, baixo), Adam (Savage, bateria), Mat (Welsh, guitarra) e Sean (Long, guitarra) são amigos desde sempre e estão juntos desde antes de 2006, já tocavam juntos em outras bandas. Enquanto isso, eu ia seguindo o meu caminho, tinha meus projetos musicais até que em 2009 fui convidado para integrar o grupo (N.R: o vocalista original, Jordan Widdowson, abandonou a banda em 2009, para focar em sua carreira profissional; ele gravou apenas o EP *And this Is Just the Start*, de 2006). Desde então, estamos completamente focados na banda, na música que queremos fazer e na mensagem que queremos levar. Chegar a quinze anos de carreira, especialmente nos dias de hoje, é um grande feito, e isso realmente merece uma comemoração. Com responsabilidade, distanciamento, provavelmente via internet, mas merece (risos). É um tempo difícil, mas a música nos ajuda nesses momentos e aí estamos com um álbum novo, que é também uma maneira de celebrar esses anos todos em atividade.

Como você disse, muitas coisas boas aconteceram ao longo desses anos, algumas conquistas importantes. Vocês, por exemplo, alcançaram posições impressionantes nas principais paradas ao redor do mundo, incluindo um primeiro lugar no Reino Unido com seu terceiro álbum, *You Are We* (2017).

Lawrence: Pois é, isso foi definitivamente bem impressionante, especialmente se você pensar que nós não fazemos exatamente o tipo de música que domina as paradas de sucesso... Quer dizer, o metalcore já não era mais a tendência nem mesmo dentro do gênero metal, como havia sido alguns anos antes, então foi algo completamente inesperado para uma banda como nós. Sei que é mais ou menos o que todos dizem em situações como essa, mas é a verdade: nós sabíamos que tínhamos ótimas músicas em mãos, sabíamos que *You Are We* era um álbum muito bom, mas não tínhamos como imaginar que ele chegaria ao topo da UK Rock & Metal Albums e tampouco fizemos o disco pensando em alcançar algo assim. De fato, acho que se tivéssemos planejado isso, teríamos falhado na missão, pois duvido que conseguiríamos o mesmo resultado sendo guiados por algo além da pura intuição... No fim das contas, aquele foi um álbum incrível, que nos impulsionou demais, e que nos dá um orgulho enorme, com certeza.

Você concorda que o trabalho seguinte, *So What* (2019), acabou indo por um lado muito mais experimental?

Lawrence: Sim, com certeza, não teria como discordar.

Pois bem, isso é interessante. Vocês vinham de um resultado incrível com *You Are We* e então simplesmente mergulharam em um universo muito mais abrangente no disco seguinte. O que os levou a correr este risco?

Lawrence: Bem, isso merece um mergulho de volta no tempo (risos). Quando entrei para o While She Sleeps, eu já vinha de experiências anteriores, com outras bandas, como disse antes. A verdade é que sempre gostei de muitos tipos diferentes de música e isso também é uma verdade em relação aos outros caras da banda, todos somos muito abertos a diferentes experiências e gêneros musicais além do metal, que é a nossa base, por assim dizer. Bem, sempre quisemos experimentar com a música e ter uma banda de metalcore já foi como se disséssemos que queríamos algo diferente, sem os limites tradicionais da música pesada, entende? Então, era apenas questão de tempo até começarmos a experimentar mais com a nossa fórmula, precisamos ganhar experiência, aprender mais coisas e então sim começar a fazer algo maior, mais abrangente. Nosso terceiro álbum tinha garantido para nós uma atenção que até então não tínhamos tido, então aquele era o momento certo para mostrarmos algo novo e foi nessa onda que veio *So What?* Veja, não estou dizendo que tudo lá foi planejado, que ele é um disco puramente cerebral e sem emoção, é justamente o contrário. Sinto que nele nós realmente nos sentimos livres para criar aquilo que queríamos, soltar todas as nossas amarras e tentar algo completamente novo, diferente daquilo que vínhamos fazendo até então. Entendo que ele não é um disco fácil para boa parte das pessoas, existem muitas coisas diferentes lá, coisas de música eletrônica, muitos elementos que afastam certa parcela do público, e eu entendo isso. Mas quero que entendam que nós nunca desejamos ser uma banda igual às outras, nunca desejamos ser apenas uma banda de metalcore e nunca quisemos também deixar o metalcore de lado, então é daí que vem essa mistura. *So What?* Foi um disco experimental e, sim, foi um risco que corremos, mas ele realmente foi necessário para chegarmos até aqui.

Faz sentido, até porque muitos daqueles elementos permanecem em *Sleep Society*. Quer dizer, não acredito que alguém que ouviu o álbum anterior vá se assustar com *Systematic*, por exemplo.

Lawrence: Também acho isso. A verdade é que, depois que nos sentimos livres para criar e que encontramos a maneira de encapsular a experimentação e a nossa música tradicional em uma mesma estrutura, não tinha motivo para abandonar a fórmula, desde que nos sentíssemos à vontade com ela. Realmente, acreditamos

que encontramos um ótimo resultado no álbum anterior, encontramos mais elementos para agregar à nossa música e sabemos como fazer isso, então *Sleep Society* é um passo adiante. *Systematic* é uma música curta e com muitos elementos eletrônicos, especialmente naquele início, que vem seguido de um riff muito forte, sólido.

Sim, é um contraste realmente chamativo e que aparece de novo em *Sleeps Society*, que é quase a faixa-título do álbum...

Lawrence: É, ela deixou de ser a faixa-título por uma letra, mas podem chamar de faixa-título se quiserem, é como a vemos também (risos). Essa música ganhou um vídeo e foi a primeira mostra desse novo álbum, pois já queríamos que as pessoas tivessem uma visão real do que ele seria. Quando estávamos trabalhando nessa música, eu só pensava em como seria incrível tocar nos grandes festivais, esses que misturam todos os tipos de música, tipo Lollapalooza, Pink Pop, essas coisas... Eu ficava imaginando como seria estar no palco enquanto aquela overdose de elementos eletrônicos estivesse saindo dos alto-falantes, aquele público todo se voltando para ver o David Guetta e encontrando no lugar dele uma banda de metal (risos). Por isso essa overdose de guitarras pesadas em seguida, justamente para conseguir esse contraste (risos). Mas, claro, isso não resume o disco, gosto de dizer que tem algo para todos os gostos nele.

SLEEP SOCIETY
Spinefarm - Imp.

Faz sentido, já que as duas primeiras, *Enlightenment(?)* e *You Are All You Need*, vão bem na linha mais tradicional do metalcore.

Lawrence: E é aí que está o ponto: como disse, não queremos ser apenas uma banda de metalcore, mas nunca deixaremos o metalcore de lado. Antes de tudo, somos uma banda de metalcore, temos orgulho disso, pois fazemos algo que amamos, e não por seguir uma tendência. A tendência já tinha passado quando começamos, inclusive (risos). Concordo plenamente com o que disse, essas canções são metalcore tradicional: ótimas linhas de guitarra, melodias fortes nos vocais, tudo o que pede a receita do estilo.

Além disso, ainda existem outras surpresas, como os teclados presentes no interlúdio *PYAI* e na longa *DN3 3HT* (lê-se 'The End').

Lawrence: É como gostamos de trabalhar a música: com muitas ideias, muitas variações e zero amarras. Amo *DN3 3HT*, ela tem um significado muito legal para nós e que não tínhamos atentado no primeiro momento. Ela tem esse clima calmo e relaxante, e é a música que encerra o disco. Por isso a chamamos de *The End*. Porém, da maneira como está escrito, ela se referre a um antigo código postal, que é do local exato onde a banda estava quando me uni a ela.

Um detalhe bem interessante, o tipo de coisa que os fãs vão adorar.

Lawrence: Tomara que sim, pois esperamos muito tempo para ver todos vocês em turnê de novo! Estamos ansiosos por esse momento, então, cuidem-se, e esperem pelo While She Sleeps aí no Brasil!

O metalcore é a base, mas não o único elemento na música de Sean Long, Adam Savage, Lawrence Taylor, Aaran McKenzie e Mat Welsh

IT'S ONLY ROCK'N'ROLL

Por Antonio Carlos Monteiro

Antonio Carlos Monteiro é redator da Roadie Crew, produtor e apresentador do Rock'n'Brasil (MKK Web Radio) e Vamos Tomar Uma? (YouTube)

O GOLPE E EU

Cada vez que nos dedicamos a uma matéria com maior nível de aprofundamento, acabamos tomando um verdadeiro "banho de imersão" no tema em questão. É o caso do que aconteceu comigo para fazer o Background do Golpe de Estado, que começa nesta edição. E, no caso do Golpe, a coisa acaba sendo ainda mais profunda, já que sempre tive grande proximidade com seus músicos e tive oportunidade de entrevistá-los a cada novo lançamento, sem exceção, para as revistas Metal, Rock Brigade e ROADIE CREW. Fiz até uma jam com eles no extinto Black Jack! (já contei essa história aqui na edição # 222)

Mas lembro muito bem de quando vi a banda pela primeira vez, lá em meados dos anos 80. O saudoso guitarrista Rubens Gioia, d'A Chave do Sol, certo dia promoveu uma enorme festa em sua casa. Praticamente todo mundo que tinha alguma relação com rock e com o metal estava lá, tanto que alguém comentou, lá pelas tantas: "Se cair uma bomba nessa casa acaba o rock de São Paulo!"

Brincadeiras à parte, o negócio foi sério... Havia até um equipamento no meio da sala, com bateria e PA, e bandas se revezavam e rolavam várias jams. Até que alguém anunciou que "a nova banda de Hélcio Aguirra" ia tocar algumas músicas. Hélcio havia lançado não muito tempo antes o saudado EP *A Ferro e Fogo* com o Harppia e havia muita curiosidade sobre como seria aquele seu novo trabalho. Moçada, todo mundo levou um susto! Além de ser uma banda muito boa, ela mostrava algo que poucos tinham naqueles tempos em que o rock pesado ainda engatinhava por aqui: personalidade! Hélcio mostrava que não era apenas um guitarrista de metal, mas de rock; a cozinha formada por Nelson Brito e Paulo Zinner era intensa e entrosadíssima; e Catalau era um verdadeiro frontman, algo que pouquíssimos vocalistas brasileiros eram naqueles tempo. Inclusive, ele chamava a atenção pela semelhança física com Lobão, que experimentava um ponto alto na carreira naquela época. A mistura de referências/influências da banda deixava o negócio meio difícil de definir e acabei cunhando um termo que até Hélcio passou a usar: hard'n'roll.

A partir daquela que foi a primeira apresentação do Golpe, passei a acompanhar a banda, profissional e pessoalmente. Foram dez entrevistas entre 1986 e 2019.

A morte de Hélcio em 2014 foi um choque, mas acabou sendo superada e o grupo está na ativa até hoje. E bem agora que estamos começando a série biográfica da banda, eles lançam um novo disco, o primeiro de estúdio sem o guitarrista. Dá uma sensação de que a missão ainda está longe de acabar e que o quarteto ainda tem muito a mostrar. Pelo jeito, ainda tenho muitas entrevistas a fazer com o Golpe.

BROTHERHOOD

Por Luiz Cesar Pimentel

Luiz Cesar Pimentel é jornalista, escritor

IMAGINE TODAS AS PESSOAS

A guerra na Ucrânia é oportuníssima.

Dito isso, garanto:

1) Não se trata de frase em tentativa lacradora de início de argumento; é justamente o contrário.

2) Chegarei à música, que é o que nos concerne e une por aqui.

Vamos lá.

A guerra na Ucrânia é oportunista porque o mundo está cada vez mais chato, burro, preconceituoso, pois binário.

As pessoas parecem só conseguir raciocinar se colocadas sob duas opções. Doce ou salgado, seco ou molhado, eletrônico ou orgânico, Rússia ou Ucrânia, zero e um.

Lembra muito a nós mesmos, adolescentes headbangers nos anos 80, quando dividíamos a esfera musical entre true e false metal. Mas éramos crianças (ou quase), tremendamente apaixonados por um gênero recém-descoberto e tentando criar matrizes de onde tudo partiria.

Mea-culpa feita, estamos falando de nós como bilhões de seres humanos em sociedade, algo um tanto maior do que o Eric Adams definia como merecedores de viver ou morrer. Aí chegamos ao segundo ponto prometido: e o que é que a música tem a ver com isso tudo?

Tem tudo a ver. Basta observarmos a história. Aposto um rim que nem a soma de todos os cultos carismáticos neopentecostais (bastante populares no Brasil) até hoje inspirou e fez mais pela paz do que John Lennon com Imagine.

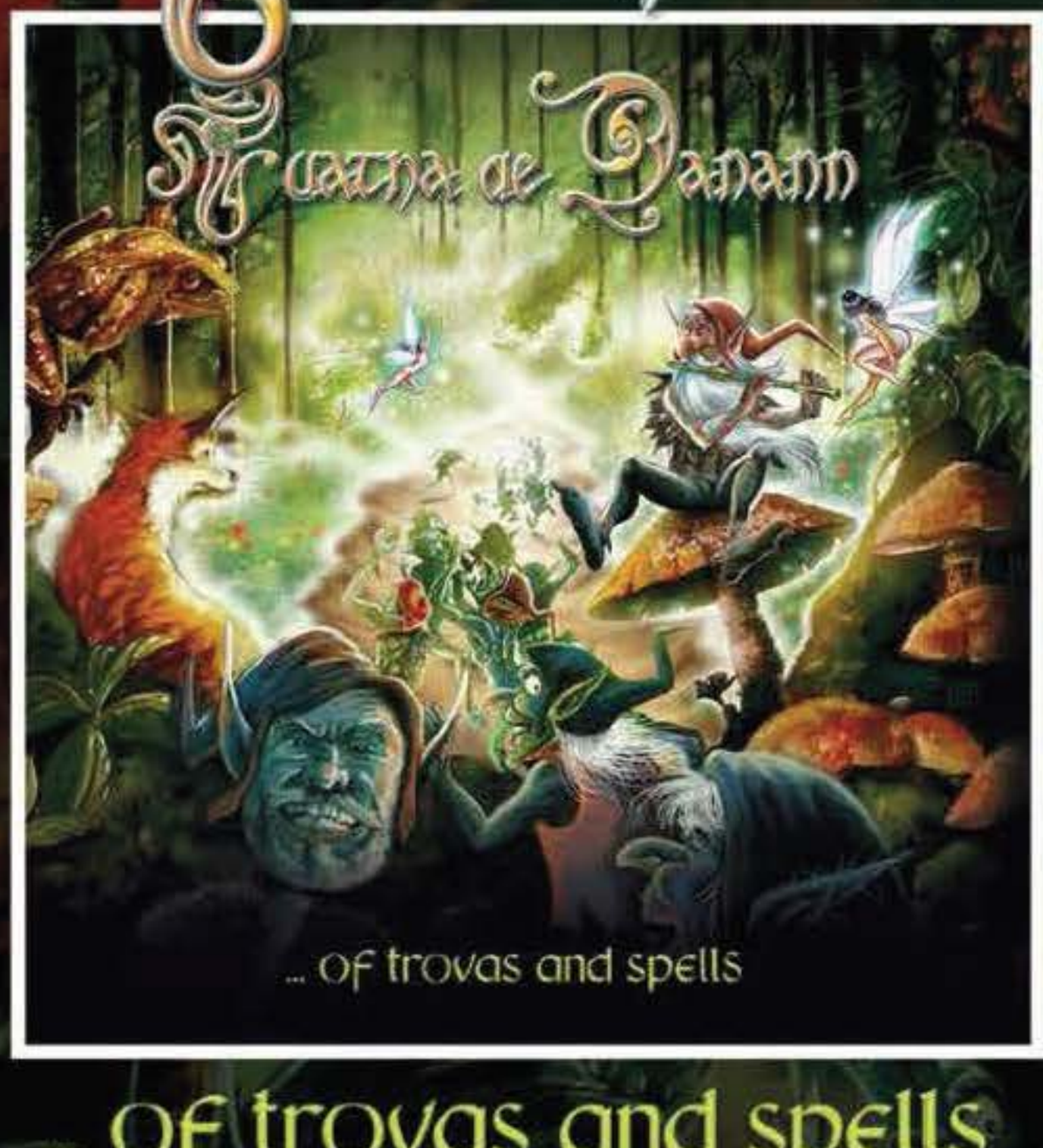
A condição não é apenas contemporânea. Na Revolução Francesa, entre 1789 e 99, as canções de protesto conduziram a La Marseillaise ("Allons enfants de la Patrie / Le jour de gloire est arrivé"; "Avante, filhos da pátria/ O dia da glória chegou") a hino não-oficial do movimento, à vitória sobre a monarquia e a hino oficial da nova república.

Foi assim na Estônia (situação até parecida com a atual), quando as canções nacionalistas motivaram o festival "Song of Estonia", de oposição e pela liberdade à União Soviética - ¼ da população do país compareceu (umas 300 mil pessoas) e se uniram até virarem república. Não à toa, o movimento foi batizado de "Singing Revolution".

Ou a Rádio B92 como principal instrumento de protesto ao governo de Slobodan Milosevic na Iugoslávia. Tem um livro bem legal sobre a emissora chamado "B92. Rádio Guerrilha. Rock e Resistência em Belgrado".

Ou a geração hippie paz e amor, que nasceu na festiva Haight-Ashbury (área ao redor da esquina dessas duas ruas), em São Francisco, a promover o Verão do Amor e o fim da guerra do Vietnã. Há mais exemplos, mas o espaço aqui é finito. Que a música seja utilizada para nos livrar de uma ameaça nuclear e de um mundo cada vez mais em preto-e-branco.

Tuatha de Danann



... of trovas and spells

ANTOLOGIA QUE CELEBRA OS 25 ANOS DOS PIONEIROS DO FOLK METAL
COM 16 FAIXAS DE SEUS 7 PRIMEIROS ÁLBUNS

In Nomine Éireann

ÚLTIMO ÁLBUM DOS BARDOS MINEIROS HOMENAGEANDO
A CULTURA E MÚSICA TRADICIONAL IRLANDESA.
Uma obra singular! Participações especiais de Keith Fay
(Cruachan), Daísa Munhoz (Vandroya e Soulspell),
John Doyle (Solas), entre outros. Em CD e vinil.

OUÇA AGORA NAS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify DEEZER MUSIC Google Play

foto: Rodrigo Barbieri ad: www.JDuarteDesign.com

PROFILE

FELIPE ANDREOLI (SOLO, ANGRA, MATANZA RITUAL)

Por Ricardo Batalha • Fotos: Raony Correia

Primeiro disco que comprou:
"*Kill 'Em All* - Metallica".

Melhor disco de heavy metal:
"*Ride the Lightning* - Metallica".

Último disco que comprou:
"*Small Moments* - Michael Manring".

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"*Terria* - Devin Townsend".

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Devin Townsend, Tesseract, Meshuggah e Dream Theater".

Música que mais gosta de tocar:
"*ØMNI Silence Inside* - Angra".

Disco que mudou sua vida:
"*Rebirth* - Angra".

Disco que mais ouviu na vida:
"*Awake* - Dream Theater".

Melhor capa de disco:
"*Arise* - Sepultura".

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Algum da Valesca Popozuda".

Disco que gostaria de ter gravado:
"*Moving Pictures* - Rush".

Música que gostaria de ter composto:
"*Fool's Overture* - Supertramp".

Disco dos anos 70 que recomenda:
"*Can't Buy a Thrill* - Steely Dan".

Disco dos anos 80 que recomenda:
"*90125* - Yes".

Disco dos anos 90 que recomenda:
"*Sex and Religion* - Vai".

Música que melhor define sua carreira:
"*Driven*, do meu álbum solo".

Três hinos do rock/metal:
"*Sad but True* (Metallica), *No More Tears* (Ozzy Osbourne) e *Judgment Day* (Whitesnake)".

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"*Pira Pira Pirô* - Coração Melão".

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Fates Warning".

Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Devin Townsend".

Site:
www.felipeandreoli.com

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"*Laid so Low* - Tears for Fears".

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Lou Reed".

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Piano".

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Meu despertador é *Tears in Rain* do Vangelis".

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Fusion, prog e pop".

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Piloto de protótipos L1".

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Em Manaus, um subiu no palco e queria me arremessar pra baixo".

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Faço o que amo e consigo viver disso".

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

ONLINE FESTIVAL

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

1ª EDIÇÃO

2ª EDIÇÃO

3ª EDIÇÃO

4ª EDIÇÃO

5ª EDIÇÃO

6ª EDIÇÃO

7ª EDIÇÃO

8ª EDIÇÃO

9ª EDIÇÃO

10ª EDIÇÃO

11ª EDIÇÃO

12ª EDIÇÃO

13ª EDIÇÃO

14ª EDIÇÃO

15ª EDIÇÃO

16ª EDIÇÃO

17ª EDIÇÃO

18ª EDIÇÃO

19ª EDIÇÃO

20ª EDIÇÃO

21ª EDIÇÃO

22ª EDIÇÃO

23ª EDIÇÃO

24ª EDIÇÃO

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

CURADORIA
SOM DO DARMA
Management, Booking, Press & Promotion

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM @ELI-TONTOMASI

arte: www.jduartedesign.com

IRON MAIDEN

THE Killers

L to R: Steve Harris, Clive Burr, Paul Di'anno
Eddie, Dave Murray, Adrian Smith

Side One

1. RUNNING FREE
2. REMEMBER TOMORROW

Side Two

1. KILLERS
2. INNOCENT EXILE

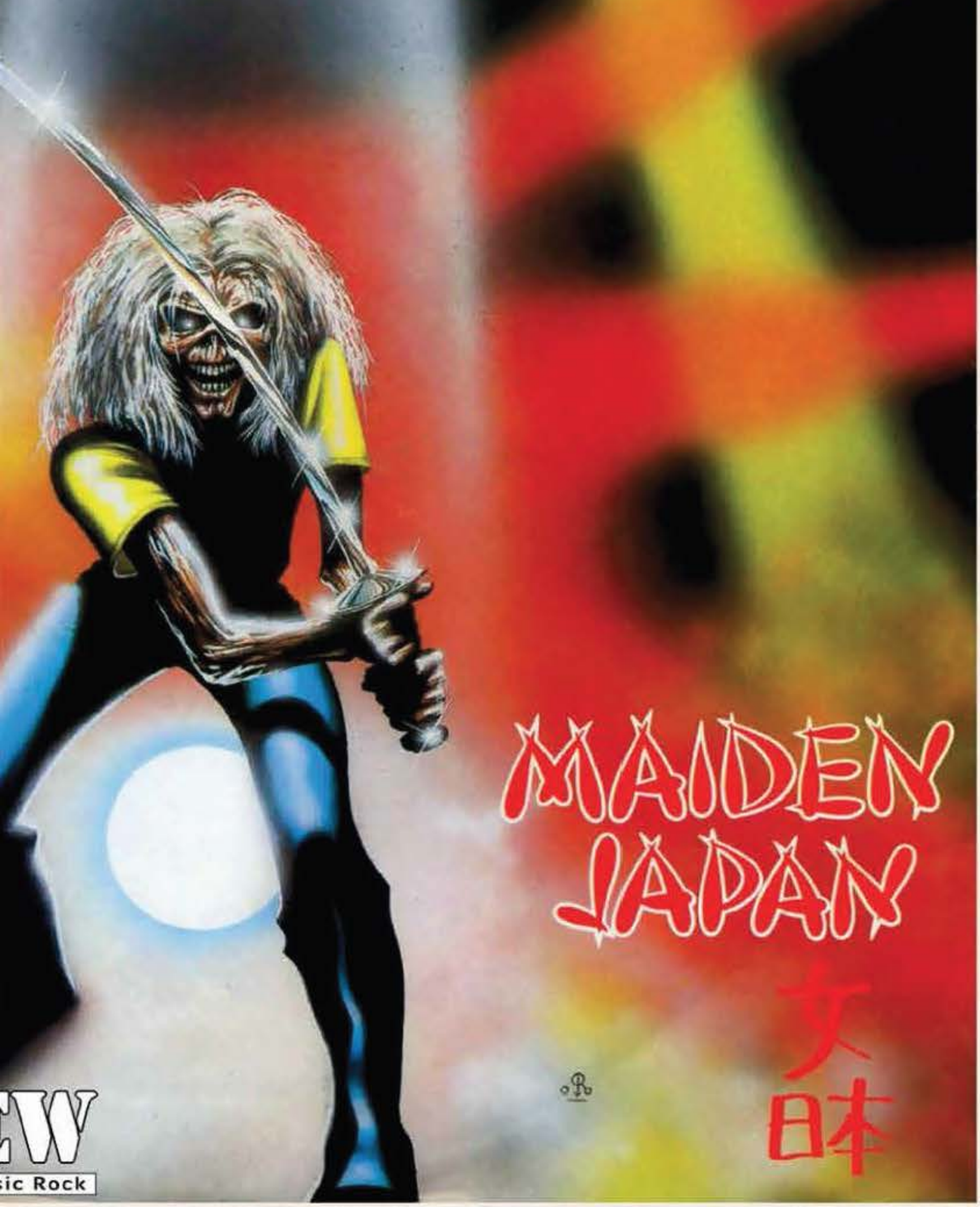
THIS RECORD IS DEDICATED TO ALL THE HEAD BANGERS,
EARTHDOGS AND METAL MERCHANTS AROUND THE WORLD.

IRON

ROADIE CR

Heavy Metal & Cla

IRON MAIDEN



MAIDEN JAPAN

日本

EW

sic Rock

Cristina Machetti

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock